

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE**

MARCELA FERREIRA MARINHO

**UNIVERSO HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TURISMO E
INTERDISCIPLINARIDADE: RELEITURAS DE PRÁTICAS DOCENTES NA
FORMAÇÃO SUPERIOR EM TURISMO**

CAXIAS DO SUL

2019

MARCELA FERREIRA MARINHO

**UNIVERSO HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TURISMO E
INTERDISCIPLINARIDADE: RELEITURAS DE PRÁTICAS DOCENTES NA
FORMAÇÃO SUPERIOR EM TURISMO**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Turismo e Hospitalidade. Linha de pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Maria Cappellano dos Santos

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Todeschini Ferreira.

CAXIAS DO SUL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M338u Marinho, Marcela Ferreira

Universo histórico-conceitual do turismo e interdisciplinaridade:
releituras de práticas docentes na formação superior em turismo /
Marcela Ferreira Marinho. – 2019.

234 f.: il.; 30 cm

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2019.

Orientação: Marcia Maria Cappellano dos Santos.

Coorientação: Luciane Todeschini Ferreira.

1. Turismo - Estudo e ensino (Superior). 2. Ensino superior. 3.
Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 4.
Hospitalidade. I. Santos, Marcia Maria Cappellano dos, orient. II.
Ferreira, Luciane Todeschini, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 338.48:378

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o) Michele
Fernanda Silveira da Silveira - CRB 10/2334

MARCELA FERREIRA MARINHO

**UNIVERSO HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TURISMO E
INTERDISCIPLINARIDADE: RELEITURAS DE PRÁTICAS DOCENTES NA
FORMAÇÃO SUPERIOR EM TURISMO**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Aprovado(a) em 25/10/2019

Banca Examinadora

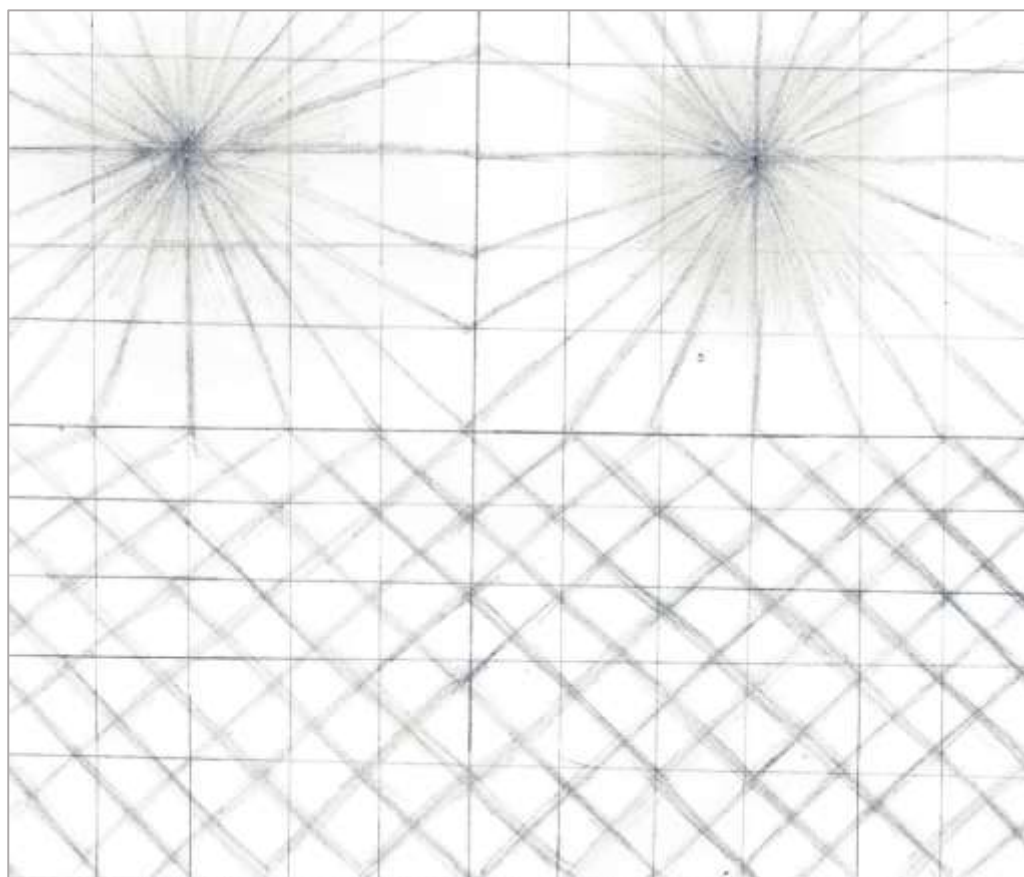
Prof.^a Dr.^a Marcia Maria Cappellano dos Santos (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Dr.^a Carla Beatris Valentini
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Dr.^a Tânia Maris de Azevedo
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr.^a Ana Paula Garcia Spolon
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr.^a Isabel Maria de Carvalho Baptista
Universidade Católica Portuguesa, Porto/Portugal – UCP



LEO
13/10/19

"NO TECIDO E NO TECER"

Minha inscrição no mundo das ideias, dos escritos científicos e poéticos herdei dele, Sizino Ferreira da Silva (*in Memoriam*), meu avô materno! E do mundo dos afetos e dos sorrisos, trago comigo poesia simples do cotidiano que aprendi com ela, Eleuza Ferreira Rego (*in Memoriam*), minha avó materna! Aos meus queridos avôs, eternos e inspiração primeira, dedico a realização de mais este sonho, me tornar Doutora em TURISMO e HOSPITALIDADE, minha outra grande paixão.

AGRADECIMENTOS

“As grandes paixões preparam-se em grandes devaneios”
Gaston Bachelard

Como um retorno ao passado e, ao mesmo tempo, momento em que respiro profundamente, me permito retornar afetivamente a Cancun, lugar de ternura, saudades e gratidão. Foi nesta cidade icônica e turística que, aos 15 anos, decidi que estudaria e construiria minha carreira no turismo. Vinte anos separam minha primeira visita como turista e meu retorno como pesquisadora doutoranda em 2018. Percorro mentalmente minha formação acadêmica, atuação profissional e vida pessoal, com emoção. Percebo que sempre fui fiel e me dediquei com esmero aos meus sonhos. Agora, em vista da face mais amadurecida e experiências de todas as ordens vividas ao longo dessa trajetória é possível múltiplos reconhecimentos.

Para além das obras diurnas de Bachelard, iniciei pequenas incursões no mundo noturno desse filósofo pelo qual fui “fiscada”. Suas obras poéticas estimularam o desencadear de meu imaginário criativo, devaneios felizes que me encaminharam, já durante o doutorado, ao compartilhamento de ideias e sentimentos com o autor, com os dilemas entre razão e imaginação. Leituras que me levaram, em várias ocasiões, a perguntar como convergir a imaginação racional do sujeito diurno com a imaginação criadora da Marcela noturna, como unir e desbravar os meus mundos interior e exterior.

Entre grandes paixões e devaneios pelo/por turismo, marco uma trajetória de abandonos, conquistas, lágrimas e sorrisos com/entre pessoas, instituições e lugares infinitamente especiais – pelo que tenho a agradecer.

Agradeço aos meus pais, Nilma e Benedito, e irmãos, Flávio e Maicon, pelo suporte incondicional e afetoso nos momentos de luta, angústia e lágrimas. Sobretudo, pelo acolhimento a distância, presentes na ausência, e por não terem me deixado desistir de mais este sonho.

Agradeço à família e aos amigos de Maceió e de Caxias do Sul que me apoiaram antes, durante e agora. Vocês são minha alegria, motivação e esteio. Minha paz de espírito e sanidade. Gratidão sempre.

Ao Leonardo, que presenteou este trabalho com sua expressão artístico-afetuosa. A ele, que se torna companheiro, amigo, amor na alegria e na tristeza, na

dúvida do que vem pelos caminhos da vida compartilhada, mas que, generosamente, divide comigo os afetos de Dona Ieda, Bruna, Rafaela, André, Celsinho, Ricardo, Helena e Sandra. Em especial, Celso Adami! (*in memoriam*), que criou, ao lado de dona Ieda, alguém íntegro, único, de coração imenso.

À família Lucena, que nos percursos iniciais do doutorado, foi esteio e porto seguro e para sempre o será. Gratidão!

À Prof. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos, que mais uma vez esteve comigo nesta trajetória acadêmica e pessoal incrível! Aquela que por mais de dez anos, ao seu/nosso modo, construiu relações acadêmicas, afetivas, carinhosas e de respeito e amizade. Como orientadora, me ilumina caminhos e reflexões; como mãe postiça cede colo nos momentos tristes e dá “puxões de orelha” nos momentos oportunos. Por extensão afetiva, ao seu Paulo Quadros, Fabrício, Letícia e “Dudinha”, agradeço pela possibilidade de vivências, diretas e indiretas, que, para mim são tão importantes e únicas.

Ao Prof. Dr. José Carlos Köche, meu grande incentivador! amigo, parceiro de ideias e devaneios acadêmicos, confidente. Quem estimula e alimenta meu lado mais filosófico e questionador, meu lado mais humano e cognoscível, meu lado poético e responsável enquanto me apaixono ainda mais pelo Turismo e pela Hospitalidade.

À prof. Luciane Todeschini, que esteve comigo em muitos momentos de afeto, viagens acadêmicas no Brasil e em Portugal. Seu apoio me fez sentir segurança e entender que é possível sim! A senhora é uma grande inspiração.

À Prof. Dra. Isabel Baptista, meu agradecimento especial! Me oportunizou e me instigou a busca pelas vivências em Portugal. A cidade do Porto representa reconhecimento, felicidade, conquista e extrema gratidão pelos aprendizados de todas as ordens. Com seu olhar afetivo, estímulos firmes e lugar humano de reconhecimentos que me são inspiradores até hoje, creio poder ousar dizer: sou cientista do Turismo.

Aos professores participantes das minhas oficinas em Portugal e no Brasil, por cederem espaços e tempo, olhares e escutas atentos e afetuosa acolhida para quem era “apenas” uma doutoranda com muitas inquietações e esperanças.

Ao nosso grupo de pesquisa Dimensões Relacionais e Psicopedagógicas da Hospitalidade, ao qual faço parte e compartilho experiências desde o período do mestrado, em especial a prof. Olga Perazzolo sempre com olhar atento, escuta

acolhedora e conselhos teóricos importantes em momentos cruciais de minhas investigações.

Aos professores do PPGTURH–Universidade Caxias do Sul. Minha eterna gratidão pelos aprendizados e afetos.

À Regina Mantesso, anjo da guarda de todos nós, sempre sorrindo e disposta ao acolhimento afetuoso das questões mais difíceis e com o sorriso mais doce, que por si só, já diz: “vai dar tudo certo”!

A todos os amigos e amigas que deixei pelo mundo. Fosse no Brasil, Portugal, Espanha, fosse no Perú, México. Em especial aos amigos mexicanos Eduardo, Alberto, Diana Ximena e dona Lucy. Também, os “tugas” que despertaram em mim o amor pelas terras lusitanas (Pedro e vasquinho, Isabel, Debora, Carlos e Ana Camões – “Amo-te”). Cada um representou energia, vida, experiências. Cada um deixou um pouco de si tornando possível que eu completasse minha jornada.

À CAPES pelas bolsas de estudos concedidas, no Brasil e em Portugal, viabilizando a efetivação deste estudo investigativo.

Aos amigos de vida pessoal e acadêmica, presentes nessa jornada insana, que ganhei na Universidade de Caxias do Sul: Maicon, Renato, Cristiane, Carlos, Eduardo, Samara, Francielle, Helena, Silvana, Juliana, Letícia Franzen, Letícia Bisol, Natália, Almeida, Duda (e Karen), Geovana Bacin, Aline, Paloma, Bruna Tronca, Jasmine, Mateus. Agradeço a boa escuta, a cumplicidade e a parceria.

Aos colegas da primeira turma do Doutorado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul: Cristiane, Helena, Silvana e Eduardo. Somos os desbravadores! Reconhecimento e celebração por sermos os primeiros.

À Universidade de Caxias do Sul, à Universidade Católica Portuguesa/Porto e, por extensão, ao Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo/Porto, como espaços de reconhecimento de mim, na relação com o Outro, aproximados pela investigação. Obrigada por possibilitarem minha construção como uma cidadã do mundo! Com “Pés na região e olhos no mundo”.

Como devota agradeço! Oremos a Nossa Senhora de Fátima: Santíssima Virgem, que nos montes de Fátima vos dignastes revelar aos três pastorinhos os tesouros de graças que podemos alcançar, rezando o santo Rosário, ajudai-nos a apreciar sempre mais esta santa oração, a fim de que, meditando os mistérios da nossa redenção, alcancemos as graças que insistentemente peço/agradeço (paixão, garra e dedicação para seguir forte no propósito íntimo).

“Imaginar é subir um tom na realidade”.

Gaston Bachelard

“A prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo”.

Paulo Freire

“[...] el anfitrión se convierte en un mercader de la luz, que tiene la ocasión de adquirir la claridad de inteligencia del otro, capaz de ilustrar y guiar. Y esto es así por causa de que el otro, el huésped... el viajero [...], también es mercader de la luz; gracias a su encuentro ambos se intercambian sus mercancías y se enriquecen acumulando ilustración, iluminación, esclarecimiento”.

Félix Tomillo Noguero

RESUMO

A questão-problema da presente investigação é: Apropriação do universo histórico-conceitual do turismo associada à reflexão sobre conceitos de interdisciplinaridade e respectiva prática e à vivência, por docentes de graduação em Turismo, de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por uma matriz pedagógica relacional, contribuem no repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface, disso derivando movimentos reflexivos no sentido de releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos? Esta investigação visa contribuir com a construção de subsídios de cunho epistemológico-pedagógico envolvendo o universo histórico-conceitual do turismo, no sentido de favorecer o repensar da prática pedagógica de/por docentes de outras áreas atuando em cursos de graduação em Turismo. O suporte teórico para as reflexões é balizado pelas relações entre Turismo – sua perspectiva histórica e sua abordagem teórico-epistemológica – e Interdisciplinaridade – movimentos históricos iniciais e desenvolvimento do pensamento científico. Como cerne do *modus operandi* metodológico da pesquisa, elaborou-se o *corpus* do referencial teórico com base na epistemologia de Gaston Bachelard – pedagogia científica – e na abordagem psicopedagógica de Lev Vygotsky – relações sociointeracionistas –, como parte fundamental para identificar os rumos do estudo, suas possíveis lacunas ou aspectos que mereceriam maior atenção. A investigação foi de natureza ensaística, qualitativa e de nível exploratório-experimental, com o intuito de estabelecer possíveis interfaces teórico-metodológicas entre as abordagens da pedagogia científica bachelardiana e da pedagogia sociointeracionista de Vygotsky, na análise da questão-problema. Essa abordagem metodológica possibilitou construção de teste exploratório qualitativo, como oficina-piloto realizada em Portugal, cuja análise crítica processual e de resultados propiciou subsídios para o planejamento e implementação da oficina-alvo realizada no Brasil, com o intuito de avaliar os movimentos reflexivos desenvolvidos pelos docentes, via mediação da pesquisadora, na direção de construções de relações entre suas áreas de conhecimento e o Turismo. Embora tenham ocorrido diferentemente para cada sujeito, observaram-se, nas interações promovidas pela pesquisadora, não só relações estabelecidas processualmente pelos professores em suas vivências (psicopedagógicas) e experiências (epistemológicas, via pedagogia científica), fomentadas pelas sessões da oficina, como também movimentos de superação dos obstáculos epistemológicos que acontecem em tempos, modos e formas diferentes para cada professor. Isso significou possibilitar um espaço facilitador de interação, de escuta e de fala: um espaço de abertura para o Outro, espaço de hospitalidade instituído na dinâmica do acolhimento, gerador de modificações e de aprendizagens cognitivas, afetivas e relacionais: espaço, metaforicamente, denominado de hospitalidade científica. Destaca-se o reconhecimento da interdisciplinaridade nesse processo, e a reiteração da possível contribuição do docente de cada área na formação do sujeito do Turismo, do profissional do Turismo. De outra parte, deixa marcada a clareza que tem sobre a inevitável possibilidade de releitura (repensar) da prática pedagógica a partir do que fora desenvolvido na oficina.

Palavras-chave: Turismo e Ensino Superior. Epistemologia e Inter/transdisciplinaridade. Sociointeracionismo. Pedagogia científica. “Hospitalidade científica”.

ABSTRACT

The problem question of the present investigation is: The appropriation of the historical-conceptual universe of tourism associated with the reflection on concepts of interdisciplinarity and respective practice and the experience, by professors of graduation in Tourism, of a pedagogical dynamics guided by a contemporary and epistemological approach through a relational pedagogical matrix, do they contribute to rethinking interdisciplinary relations between tourism and other areas of knowledge that establish an interface with it, resulting in reflective movements towards the re-reading of pedagogical practices developed in these courses? This investigation aims to contribute to the construction of subsidies of an epistemological-pedagogical nature involving the historical-conceptual universe of tourism, in order to favor the rethinking of the pedagogical practice of / by teachers from other areas working in undergraduate courses in Tourism. Theoretical support for reflections is guided by the relationship between Tourism - its historical perspective and its theoretical-epistemological approach - and Interdisciplinarity - early historical movements and the development of scientific thought. As the core of the methodological *modus operandi* of the research, the corpus of the theoretical framework was elaborated based on the epistemology of Gaston Bachelard - scientific pedagogy - and on the psychopedagogical approach of Lev Vygotsky - sociointeractionist relations -, as a fundamental part to identify the direction of the study, possible gaps or aspects that deserve more attention. The investigation was an essayistic nature, qualitative and of an exploratory-experimental level, in order to establish possible theoretical-methodological interfaces between the approaches of Bachelardian scientific pedagogy and Vygotsky's sociointeractionist pedagogy, in the analysis of the problem-issue. This methodological approach enabled the construction of a qualitative exploratory test, as a pilot workshop held in Portugal, whose critical procedural and results analysis provided subsidies for the planning and implementation of the target workshop held in Brazil, in order to assess the reflective movements developed by teachers, through the researcher's mediation, in the direction of building relationships between their areas of knowledge and tourism. Although they occurred differently for each subject, it was observed, in the interactions promoted by the researcher, not only relationships established procedurally by teachers in their experiences (psychopedagogical) and experiences (epistemological, via scientific pedagogy), fostered by the workshop sessions, but also movements to overcome the epistemological obstacles that happen in different times, ways and forms for each teacher. This meant enabling a space that facilitates interaction, listening and speech: a space of opening for the Other, a space of hospitality established in the dynamics of welcoming, which generates changes and cognitive, affective and relational learning: space, metaphorically, called scientific hospitality. We highlight the recognition of interdisciplinarity in this process, and the reiteration of the possible contribution of the professor of each area in the formation of the subject of Tourism and the professional of Tourism. On the other hand, it leaves a mark on the clarity it has about the inevitable possibility of re-reading (rethinking) the pedagogical practice based on what was developed in the workshop.

Keywords: Tourism and Higher Education. Epistemology and Inter / transdisciplinarity. Sociointeractionism. Scientific pedagogy. "Scientific hospitality".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bordado Filé de Alagoas	110
Figura 2 – Representação gráfica referente à atividade solicitada na Sessão 3	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Marcos Históricos do Turismo segundo Barretto (2003), Rejowski (2002), Acerenza (2002) e Molina (2003)	34
Quadro 2 – Referentes epistemológico-pedagógicos sob a ótica bachelardiana	85
Quadro 3 – Ferramenta de gerenciamento estratégico de oficina-alvo Canvas	102

LISTA DE SIGLAS

A3ES	Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior
ANPTUR	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo
CES	Câmara de Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Comuns Curriculares
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ISCET	Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo
MEC	Ministério da Educação
NDE	Núcleo Docente Estruturante
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPGTURH	Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade
SEMINTUR	Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UIOOT	Unión Internacional de Organismos Oficiales de Turismo
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1	SITUANDO O LEITOR: DE VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS PESSOAIS AO PROBLEMA DE PESQUISA	17
2	SUPOSTOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA	33
2.1	PERSPECTIVA HISTÓRICA DO TURISMO	33
2.2	ABORDAGENS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS DO TURISMO	41
2.2.1	Positivismo	44
2.2.2	Marxismo	48
2.2.3	Sistemismo	49
2.2.4	Fenomenologia	49
2.2.5	Hermenêutica	50
2.2.6	Epistemologia Crítica do Turismo	52
2.3	INTERDISCIPLINARIDADE	55
2.3.1	Movimentos históricos iniciais: 1970, 1980 e 1990	60
2.3.2	Desenvolvimento do pensamento científico e a contribuição de Gaston Bachelard	65
3	PERCURSO METODOLÓGICO	82
3.1	REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	82
3.1.1	Pedagogia científica – Bachelard	82
3.1.2	Sociointeracionismo – Vygotsky	87
3.2	REVISÃO DE LITERATURA	96
3.3	OFICINA-ALVO: HOSPITALIDADE CIENTÍFICA E RELEITURA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO	99
3.3.1	Oficina-piloto	100
3.3.2	Implementação da oficina-alvo	101
3.3.2.1	Autorização institucional: Canvas	101
3.3.2.2	Do diálogo com a Coordenação do curso de graduação em Turismo à formação do grupo de professores participantes	106
3.3.2.3	Dinâmica pedagógico-metodológica	106
3.3.2.3.1	<i>Sessão 1: Conhecendo os participantes com suas respectivas experiências no curso (01/10/2018 a 05/10/2018)</i>	<i>107</i>
3.3.2.3.2	<i>Sessão 2: Reconhecendo dimensões do fenômeno turístico, a partir de complexa rede histórico-conceitual (09/10/2018)</i>	<i>107</i>
3.3.2.3.3	<i>Sessão 3: Complexa rede histórico-conceitual do Turismo (15/10/2018 à 19/10/2018)</i>	<i>109</i>

3.3.2.3.4	<i>Sessão 4: Ensino e aprendizagem em Turismo: da perspectiva epistemológico-metodológica à prática pedagógica (22/10/2018 à 26/10/2018)</i>	110
3.3.2.3.5	<i>Sessão 5: Repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface (13/11/2018)</i>	112
4	ANÁLISE DAS SESSÕES	114
4.1	SESSÃO 1: CONHECENDO OS PARTICIPANTES COM SUAS RESPECTIVAS EXPERIÊNCIAS NO CURSO	114
4.2	SESSÃO 2: RECONHECENDO DIMENSÕES DO FENÔMENO TURÍSTICO, A PARTIR DE COMPLEXA REDE HISTÓRICO-CONCEITUAL	119
4.3	SESSÃO 3: COMPLEXA REDE HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TURISMO	123
4.4	SESSÃO 4: ENSINO E APRENDIZAGEM EM TURISMO – DA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICA À PRÁTICA PEDAGÓGICA	128
4.5	SESSÃO 5: REPENSAR DE RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE TURISMO E OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO QUE COM ELE ESTABELECEM INTERFACE	135
4.6	NA DIREÇÃO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: HOSPITALIDADE CIENTÍFICA – MAIS QUE A DENOMINAÇÃO DE UMA OFICINA	144
	REFERÊNCIAS	154
	APÊNDICE A – CONJUNTO DE DISCIPLINAS DE ESTRUTURAS CURRICULARES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO, POR REGIÃO DO BRASIL, ORGANIZADAS EM SINTAGMAS	159
	APÊNDICE B – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE REVISÃO DE LITERATURA	167
	APÊNDICE C – OBJETIVOS DAS INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS DA REVISÃO DE LITERATURA	185
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	224

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	226
APÊNDICE F – PLANO DE ESTUDOS: OFICINA PILOTO – PORTO/PT	228
ANEXO A – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO	230

1 SITUANDO O LEITOR: DE VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS PESSOAIS AO PROBLEMA DE PESQUISA

O desejo de discutir aspectos de base epistemológico-pedagógica envolvendo o complexo universo conceitual do turismo e o da interdisciplinaridade, na direção de favorecer o repensar da prática pedagógica de docentes de outras áreas que atuam em cursos de graduação em Turismo, nasce de vivências pessoais empíricas e reflexivas. Como Bacharel em Turismo sempre me preocupei com questões humanas-sociais e aproximações entre os saberes em Turismo e outras áreas de conhecimento. Elas me encaminharam, inicialmente, para a pesquisa sobre as Representações Sociais do Turismo Sexual, como trabalho final de curso. As incursões reflexivas na Psicologia Social e um orientador psicólogo me possibilitaram ampliar vivências acadêmicas e profissionais via pós-graduação em Psicologia Jurídica. Estudos referentes ao Tráfico de seres humanos e a ampliação do espectro teórico para além do Turismo, me impulsionaram a buscar na Educação Superior ambientes que proporcionassem reflexões interdisciplinares entre alunos e professores, sobre a influência dos paradigmas científicos em programas de pós-graduação stricto sensu. Foi nesse momento que cursei pós-graduação em Metodologia da Pesquisa e Ensino Superior. Já atuando no mercado acadêmico e profissional do Turismo tomei a decisão de “abandonar” minhas atividades na cidade de Maceió/AL e ingressar no mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul/RS. Com o estudo intitulado “o conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção como objeto de estudo na graduação em turismo” aproximei reflexões conceituais sobre o turismo sexual, sexualidade e educação de nível superior. Esta trajetória culminou em minha atuação em diversos cursos nas cidades de Maceió/AL e Olinda/PE, desde o de Turismo, passando pelos cursos de Marketing, Psicologia, Educação Física (Bacharelado e Licenciatura), até Enfermagem, Administração e o Ensino à distância. Os estímulos epistemológicos ao qual me exigia a docência e a pesquisa em múltiplas áreas de conhecimento, possibilitaram e desencadearam processos cognitivos e metacognitivos. Tal cenário viabilizou aos alunos ambientes e propostas interdisciplinares em vista de favorecer espírito científico, a dimensão humana e social, etc. Me aproximei, desse modo, de distintas Diretrizes curriculares, professores e coordenadores de diferentes formações, pois era necessário estabelecer diálogos com eles e suas áreas. Diante desse contexto ainda era necessário de minha parte

releituras de minhas próprias práticas docentes. Eis que havia oportunizado ambiente gestacional ideal para estabelecer incursões de natureza epistemológica e pedagógica no mundo do ensino de nível superior e relações de interdisciplinaridade.

As inquietações teóricas para o doutorado nascem, quando desenvolvi atividades profissionais como professora de curso de graduação em Turismo, ministrando disciplinas específicas e participando do Núcleo Docente Estruturante (NDE). Na oportunidade, nos foi dado, a mim e a alguns colegas, a tarefa de elaborar, para posterior implementação, projetos interdisciplinares, em função do que deveríamos realizar encontros com professores do curso no sentido de dar-lhes a conhecer as propostas e possibilitar um espaço de discussão sobre concepções teóricas e práticas pedagógicas que poderiam dali advir.

Entre elementos pontuais depreendidos nesses contatos, estão a dicotomia que se estabelecia entre disciplinas/atividades teóricas e práticas, bem como a dificuldade de nelas identificar modelos pedagógicos e vinculá-los a pressupostos epistemológicos. Independentemente do entendimento da sempre provisoriedade do conhecimento produzido, chamou a atenção, de modo especial, por tratar-se de discussões sobre projetos interdisciplinares, uma contraposição difusa entre disciplinaridade e interdisciplinaridade, esta, não raras vezes circunscrita à ideia de justaposição de áreas presentes na “grade” curricular.

Para além dessas constatações de não alinhamento teórico, emergiu, nos encontros, insuficiente percepção, por parte de professores atuantes no curso com formação em diferentes áreas de conhecimento, de que a interdisciplinaridade – como o prefixo “inter” denota –, requer diálogo entre as áreas em relação, ou entre os campos teóricos envolvidos. Dito de outra forma, no presente caso, requereria, numa perspectiva dialógica, incursões conceituais na área do Turismo, e, por decorrência, o repensar de práticas pedagógicas usuais, nas quais, via de regra, o turismo, como atividade ou conceito, torna-se, numa via de mão única, apenas objeto de análise pelas lentes teóricas dessas áreas.

O trabalho na perspectiva de trazer à reflexão esses aspectos com os respectivos desdobramentos pedagógicos apresentou dificuldades, e, em alguns momentos, a consecução dos objetivos pareceu ser inviável.

Uma variável, porém, nesse quadro, não poderia aqui ser desconsiderada, como o fato de estarem sendo propostos aos professores encontros e reflexões não

derivados de construção prévia conjunta de um projeto pedagógico que já as tivesse contemplado com seus referenciais epistemológicos, pedagógicos e metodológicos.

Outra situação vivenciada empiricamente, e numa perspectiva oposta, foi minha atuação como docente de um curso de graduação em Educação Física, em disciplina afeta ao lazer, área que faz interface com o Turismo e outras áreas de conhecimento. Assumindo a condição de professor pesquisador, que, metacognitivamente, como referem Becker e Marques (2007), torna seu fazer docente objeto de pesquisa; desconhecendo, no grau desejável, o quadro conceitual da área de Educação Física e, dentro deste, o de recreação e lazer; e, ao mesmo tempo, não querendo reproduzir o que havia identificado quando de minha atuação na outra instituição, procurei me apropriar, numa certa medida, dos respectivos quadros conceituais e, a partir disso, buscar aproximações com a área do Turismo, para então planejar e implementar práticas pedagógicas não territorializadas pela ótica da disciplinarização. Isso facilitou a diversificá-las, construir vínculos com a pragmática profissional da Educação Física e, em algum grau, contribuir para o desenvolvimento de aprendizagens significativas. Aos resultados alcançados e ao retorno positivo de alunos – o que se converteu em critério avaliativo das práticas pedagógicas efetivadas – vieram ainda contrapor-se estranhamentos manifestos de colegas de outras áreas, potencializados pelo fato de eu ter “apenas” formação em Turismo. Novamente emergiu a prevalência subliminar da abordagem disciplinar e da não dialogização científica entre áreas de conhecimento.

Entretanto, se essas vivências foram catalisadoras de inquietações, elas não poderiam, per se, estar na base de qualquer pretensão de generalizações. Por outro lado, elas sinalizavam para a dimensão epistemológico-pedagógica da interdisciplinaridade referida, direta e indiretamente, nas próprias Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Turismo, instituídas pela Resolução MEC/CNE/CES n. 13, de 24 de novembro de 2006 (Anexo A).

No texto legal, tem-se explicitamente, no inciso IV do parágrafo 1º, artigo 2º, que, entre os elementos estruturais dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Turismo, deverão constar formas de realização da interdisciplinaridade. O processo de desenvolvimento do perfil de egresso ali traçado (art. 3º) pressupõe a apropriação, pelo curso, da abordagem interdisciplinar, o que também se identifica no conjunto das 19 competências e habilidades elencadas no art. 4º, entre elas: domínio de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas,

históricas, artísticas, esportivas (X); capacidade de integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais (XVI); compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem (XVII); profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico (XVIII).

A presumida observação das características do perfil e das competências e habilidades reflete-se na própria concepção do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), como expresso nas Portarias relativas às quatro edições de aplicação da prova, em que são definidos os conteúdos sobre os quais versarão as questões e, também, indicadas as competências que, se supõe, tenham sido desenvolvidas ao longo do processo formativo. Conteúdos e competências estão alinhados com o disposto nas DCN.

Face a isso, o percurso reflexivo levou a perguntar: Como em outros cursos essa dimensão estaria sendo contemplada? Que elementos, no âmbito da graduação, seriam indiciais de relações dialógicas de outras áreas com a área do Turismo, as quais via de regra compõem a estrutura curricular nesses cursos? Desenhava-se assim o primeiro esboço de problematização científica, para cuja resposta se apresentou como um caminho prévio a ser trilhado, ampliar o quadro de informações, buscando-as em outros cursos. Procurei fazê-lo, num primeiro momento, mediante levantamento via internet de projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Turismo à época em andamento no país. Embora tivesse clareza de possíveis defasagens entre proposições constitutivas de projetos e a forma como são operacionalizadas na cotidianidade (currículo escrito e vivido), – variável que não poderia controlar – entendi ser pertinente identificar como a interdisciplinaridade vinha sendo documentalmente contemplada nos projetos pedagógicos, quer conceitualmente, quer em proposições de práticas pedagógicas, metodológicas, ou até mesmo, avaliativas. A partir dos dados que viriam a ser obtidos, seriam definidos os rumos pelos quais a investigação iria trilhar.

Antes, porém, de apresentar os dados obtidos, faço uma ressalva de ordem conceitual relativa à interdisciplinaridade. Seria extrapolar o escopo destas reflexões introdutórias aqui aprofundar o conceito de interdisciplinaridade reportando a múltiplas

definições que lhe são conferidas pelos estudiosos e, em decorrência, a múltiplas perspectivas de correspondentes repercussões na prática pedagógica. Operacionalmente, tendo em conta os referenciais empíricos e reflexivos que deram origem aos primeiros questionamentos, bem como as primeiras incursões documentais para levantamento de dados, restrinjo-me ora a abordá-la na perspectiva de identificação de possíveis indicadores de processos de “dialogização científica” “inter” campos conceituais específicos (do Turismo e de outras áreas de conhecimento chamadas a integrar estruturas curriculares nos âmbitos governamental e institucional relativos a cursos de graduação em Turismo), buscando identificar, via leitura sintático-semântica da denominação das disciplinas, possíveis simetrias e/ou assimetrias relacionais entre essas áreas. Para uma possível definição operacional de referência, faço uma aproximação teórica a partir de Charaudeau (2010), para quem a interdisciplinaridade

[...] consiste em estabelecer verdadeiras conexões entre conceitos, ferramentas de análise e modos de interpretação de diferentes disciplinas. Não basta agrupar disciplinas em torno de um mesmo objeto de análise; é preciso confrontar diversas competências disciplinares a fim de tornar mais pertinentes esses conceitos e ferramentas de análise, ou estender o campo de interpretações a partir de resultados, eles próprios, provenientes de protocolos de análise comuns. (p. 197, Tradução nossa).

Penso ser aqui interessante e oportuno assinalar que, coerentemente com o objetivo e objeto iniciais propostos para o estudo, a própria opção pela leitura sintático-semântica como ferramenta de análise originária de competências da Linguística do Texto e de linguísticas enunciativas propiciou estender o campo de interpretações dos resultados, concorrendo para estabelecer, interdisciplinarmente, outras/novas conexões conceituais.

O levantamento, inicialmente realizado em outubro de 2015, não logrou surtir o efeito esperado, uma vez que o número de projetos pedagógicos disponíveis, na íntegra, era reduzido. Do total de 340 cursos em funcionamento (desconsiderando ofertas do mesmo curso em outras localidades), apenas 6 projetos estavam disponíveis online (1,7%). De outra parte, teve-se acesso a 74 matrizes (aqui, inversamente, considerando que uma mesma matriz de curso era mantida em diferentes ofertas). As informações limitavam-se praticamente ao rol de disciplinas que as integravam, distribuição em semestres, números de créditos. Foram mínimas as ocorrências de acesso a ementas e respectivos planos de ensino.

Buscar um outro caminho mostrou-se assim necessário. E este foi perspectivado tomando como um novo objeto factual desencadeador de novas reflexões o próprio título das disciplinas presentes nas matrizes curriculares, nas quais a área do Turismo e outras áreas eram postas sob alguma forma em relação.

Essa decisão pautou-se por dois supostos básicos. O primeiro diz respeito à concepção de currículo e à relação intrínseca entre as dimensões intangível e documental, aquela, no presente caso, materializada no documento Projeto Pedagógico de Curso (PPC), do qual a estrutura curricular e os componentes curriculares são elementos constitutivos. Por tratar-se de documento elaborado no âmbito da Educação superior, apostei no cuidado com que deveriam ter sido feitas as designações das disciplinas, de modo a que estivessem coerentemente aneladas ao intrincado de pressupostos subjacentes norteadores do PPC, entre eles, aqui, particularmente, os epistemológicos e pedagógicos e, por decorrência, encerrando indiciadores de concepções de interdisciplinaridade.

O segundo suposto foi o de que a linguagem não é neutra; ela contém em si marcas discursivas afetas aos diferentes contextos de enunciação, nos quais se instituem os sujeitos enunciador (aquele que enuncia) e enunciatário (a quem se dirige na enunciação) e os vínculos com o objeto enunciado. A considerar o papel norteador do PPC e o entendimento de que estruturas e funções gramaticais/linguísticas assumem matizes significativos quando reportados ao âmbito do discurso, a descrição e análise sintático-semântica das denominações dos componentes curriculares que colocavam em relação a área do Turismo e outras áreas do conhecimento poderiam vir a indiciar possíveis configurações de diálogo entre elas.

Somos seres de linguagem. Imersos nela, dizemo-nos e dizemos do mundo que nos cerca. E como dizemos o que queremos ou podemos dizer? Através de textos, pois, como diz Bakhtin e Volochinov (1986) “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada [...] mas pelo fenômeno da interação verbal [...]” (p. 123). Ou seja, o texto é o lugar da interação de sujeitos sociais que, por meio de ações linguísticas, cognitivas e sociais, constroem sentidos.

Na concepção de texto, evidencia-se a natureza interativa da linguagem, pois o texto é uma unidade de sentido em uso. Falamos para alguém, em função de algum objetivo e, para tal, fazemos opções de natureza linguístico-social.

Se nos comunicamos e interagimos por textos, as estruturas curriculares, (referidas também como matrizes ou grades curriculares) são igualmente textos que circulam em uma esfera de atividade humana, a acadêmica. Aqui, uma observação faz-se pertinente: a de que estruturas curriculares são fruto de uma construção social, historicamente circunscrita. Elas, estruturas, nascem de uma forma de se pensar a apresentar componentes curriculares em uma instância de ensino, no caso, a superior. Portanto configuram-se como tipo relativamente estável de enunciado, um gênero textual, que apresenta unidade composicional, estilo e conteúdo temático (BAKHTIN, 1979).

Em relação à unidade composicional, reconhece-se uma estrutura curricular pela sua forma: visualmente o leitor desse gênero depara-se, tradicionalmente, com um quadro em linhas verticais e horizontais, em cujas lacunas disponibilizam-se informações sobre semestre, denominações de disciplinas, créditos (ou número de horas), pré-requisitos, entre outros critérios que possam ser adotados pela instituição (informações essas que correspondem ao conteúdo temático). Visualmente, a forma ainda predominante da estrutura curricular de diferentes instituições é de uma “grade”, tanto que foi (ou é) assim que as estruturas curriculares popularmente ficaram conhecidas. Alinhadas a concepções outras pedagógicas, encontram-se também estruturas com desenhos outros, como em módulos, unidades de ensino, representando uma forma de pensar o curso – todas elas, formas marcadas ideologicamente.

Por fim, no tripé da constituição do gênero, tem-se o estilo, que diz respeito às escolhas linguísticas que fazemos para dizer aquilo que queremos (vontade enunciativa) dizer, ou que podemos dizer. Essas escolhas são lexicais (vocabulário), sintáticas e também semânticas. As designações das disciplinas pressupõem essas escolhas, o que permite levantar hipóteses, a partir dos sintagmas identificados, de como estaria sendo concebido ou dado forma ao diálogo científico entre as áreas. Claro está que são hipóteses construídas com base no documento escrito, sem que haja obrigatória correspondência com o currículo/projeto em ação/real/vivido – o que foge ao âmbito do estágio atual de desenvolvimento desta pesquisa.

Com o horizonte de descrever e analisar tais designações, recorri inicialmente a elementos linguísticos-discursivos, com o entendimento de que estruturas e funções gramaticais/linguísticas assumem matizes significativos quando reportados ao âmbito do discurso. Foi identificado um conjunto de 139 disciplinas, do contexto das 74

matrizes curriculares, cujo mapeamento, detalhado no Apêndice A, levou à constituição de cinco estruturas básicas formais relacionais, expressas nos seguintes sintagmas:

125 incidências: X **do** Turismo

65 incidências: X **no** Turismo

107 incidências: X **em** Turismo

53 incidências: X **e** Turismo

221 incidências: X **aplicado** ao Turismo

Totalizando 571 incidências entre todos os sintagmas

Diferentes leituras sintáticas e semânticas podem ser feitas dessas estruturas tendo em conta seus elementos constitutivos. Um exercício analítico ilustrativo poderia ser realizado pela substituição de X por Geografia, termo que assim aparece relacionado ao termo Turismo nas designações das disciplinas: 31 incidências com a combinação **do**; três incidências com a contração **no**; quatro incidências com a conjunção coordenativa **e**; 18 incidências com a expressão **aplicado a**.

De acordo com Cunha e Cintra (1986), por exemplo, nos dois primeiros casos, a relação entre os termos se dá por meio da combinação de **de** + **o** e da contração **em** + **o**, em ambas as situações, portanto, por meio de preposições. Nessa relação, o sentido do primeiro termo (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente). Conforme os autores,

[...] embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada por expressão de movimento, ou por situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial [Volta da Universidade; insistência na ideia], temporal [Trabalho de sol a sol] e nocional [Carro de corrida/ fim; olhar do teórico/posse]. (CUNHA e CINTRA, 1986, p. 544).

Considerada essa significação fundamental dos elementos de relação, em X **do** Turismo, se poderia identificar uma significação aplicada ao campo nocional de posse: Turismo detém a posse de X; já em X **no** Turismo, se poderia identificar uma significação aplicada ao campo nocional espacial: Turismo como espaço (virtual) de X.

Sob outros caminhos de sistematização, com apoio de Neves (1999) e ainda a título ilustrativo, outras leituras relacionais similares ou complementares se tornaram possíveis:

- a) Geografia **aplicada ao** Turismo: Sintaticamente, há uma transitividade do primeiro (regente) para o segundo termo (regido), este, objeto da ação daquele. A transitividade estaria assim conferindo ao termo Turismo a conotação de objeto/exemplo/campo de aplicação da Geografia.
- b) Geografia **do** Turismo: O artigo definido “o”, na combinação **de + o**, particulariza a área Turismo, a partir do que diferentes leituras relacionais poderiam ser depreendidas:
 - Existe uma área própria da Geografia que estuda o Turismo (este estaria delimitando essa área); ou
 - O Turismo pode estar funcionando como um termo classificador da Geografia (Das tantas Geografias, como física, a política, a econômica, a humana, por exemplo, a do Turismo institui-se como mais uma outra: A Geografia do Turismo estuda o turismo como...); ou ainda,
 - A Geografia assume a conotação de uma das dimensões do Turismo, com a ideia de “todo” recaindo sobre o turismo.
- c) Geografia **no** Turismo: O Turismo se mostra como um objeto, determinado, com suas especificidades, quer delimitando ou definindo o termo que o precede (A Geografia que é afeta ao Turismo), quer se constituindo em objeto do olhar da Geografia.
- d) Geografia **em** Turismo: Diferentemente do sintagma anterior, Turismo, precedido pela preposição “em”, assume um sentido genérico, não específico, instaurando-se, de certo modo, uma vaguidade relacional, na aproximação da Geografia ao Turismo. Não poderia estar a Geografia “em atividade turística”, sentido que seria cabível em sintagmas como “grupos em turismo”.
- e) Geografia **e** Turismo: A conjunção coordenativa “e” marca uma relação de adição, o que poderia levar a supor uma simetria relacional entre os termos envolvidos. No entanto, como observam Cunha e Cintra (1986, p.568), “[...] certas conjunções coordenativas podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras ou orações) coordenados”. Os autores incluem entre

elas a conjunção “e”, trazendo exemplos desses matizes, tais como: introdução de explicação enfática, finalidade, consequência, valor adversativo, entre outros. Nesse sentido, tendo em conta a própria posição do termo Geografia no sintagma, a formulação da coordenação poderá estar implicitamente expressando algum dos sintagmas mencionados, particularmente, Geografia no Turismo ou Geografia aplicada ao Turismo.

Chama também a atenção a ocorrência, em cinco incidências, da adjetivação “turística” ao termo Geografia compondo a designação da disciplina. Essa se mostra como uma qualificação minimamente discutível, uma vez que “próprio ao turismo”, “que apresenta/encerra propriedades afetas ao turismo” são sentidos a que adjetivo, via de regra, remete como em: cidade turística, roteiro turístico, empreendimento turístico – os quais não se aplicariam ao termo Geografia.

Enfim, seja por significação marcada por expressão de movimento ou de situação, esses elementos de ligação aplicados em diferentes campos nocionais, como os analisam Cunha e Cintra (1986), ou encerrando relações sintáticas e semânticas, às quais reporta Neves (1999), eles trazem a questionamento a configuração da relação dialógica entre o Turismo e as demais áreas, no escopo de refletir sobre possíveis concepções de interdisciplinaridade aí presentes, bem como sobre conceitos e respectivos vieses teóricos de turismo que estariam sendo contemplados nessas designações.

Numa primeira leitura dos dados, chamo a atenção para as incidências do sintagma **X aplicado ao Turismo**, o mais elevado dentre os demais, no qual, em termos de transitividade, o turismo se institui como objeto de X, indiciando um direcionamento de olhar em mão única a partir de X e uma assimetria relacional (o turismo olhado sob a perspectiva de X). Considerando ainda as observações anteriores sobre o sintagma **X no Turismo**, uma das leituras possíveis passa a ser a de que aí também está implícita uma transitividade, conferindo ao termo “turismo” a conotação de objeto/exemplo/campo de aplicação da Geografia. E, nesse sentido, estaria aí o entendimento do turismo como “atividade”. O conjunto dessas incidências, que chega a 50% do total, traz a questionamento a perspectiva de diálogo das áreas.

Associando esse cenário à incidência do sintagma **X do Turismo** e as leituras sintático-semânticas precedentes que dele foram feitas, emerge um outro mapeamento relacional, a partir do qual o turismo poderia estar rompendo a unidirecionalidade do olhar de X (novos caminhos “inter”disciplinas?).

Volto agora o foco para o menor número de incidências referente ao sintagma **X e Turismo**. Em se tratando de uma conjunção coordenativa, fica aberta a perspectiva de mutualidade de olhar, numa relação dialógica de caráter simétrico, em que X e Turismo podem instituir-se tanto como sujeito, quanto como objeto. E, nesse caso, não seria de todo uma inferência não autorizada estar a denominação da disciplina refletindo a ótica de duas “áreas” postas em relação simétrica. No entanto, essa simetria relacional também não pode ser assegurada, face a conotações outras que a mesma conjunção pode assumir e à própria posição de X no sintagma, conforme antes mencionado.

Finalmente, com Turismo precedido da preposição “em” (X em Turismo), o traçado do trânsito entre X e Turismo torna-se mais difuso, abrindo-se, porém, a perspectiva de estarem, ambos, sinalizando duas “áreas” que a denominação da disciplina estaria pondo de algum modo em relação.

Ora, se considerado que, no e do ato enunciativo emanam vozes dos sujeitos que se instituem como enunciador e enunciatário em vínculo com o objeto enunciado, que vozes seriam então passíveis de depreender na análise das denominações das disciplinas?

Não se pode ter respostas categóricas a essa pergunta. Entretanto, lembremos de que se trata de componentes de estruturas curriculares documentalmente inseridas no Projeto Pedagógico do Curso, e, como tal, carregando em si a propriedade de constituir-se em uma das formas de materialidade de um currículo pensado, em sendo posto ou a ser posto institucionalmente em ação, em suas múltiplas dimensões.

Reitero: a palavra não é neutra. Isso implica também dizer que essas denominações encerram enunciados impregnados de marcas explícitas ou implícitas das vozes dos sujeitos que as formularam e marcas retonalizadas por outras vozes instituídas quando do contato com essas mesmas denominações, em diferentes espaços e tempos. Enfim, vozes marcadas ideológica e socialmente, circunscritas na história, compondo a história de cada um. E, sob uma outra perspectiva, alargando o âmbito interpretativo, também se encontraria nas denominações dos componentes curriculares uma trilha para buscar divisar indiciadores de possíveis status que estariam sendo conferidos ao Turismo por outras áreas de conhecimento. Assim, a elas eventualmente se possa recorrer quando estiver na pauta de reflexões a consolidação do Turismo como área científica.

Os resultados apontados vêm igualmente reforçar a ideia de que a denominação de um componente curricular não se esgota quando do seu registro formal. No e pelo ciclo interativo da linguagem, ela se faz sempre processo de produção de sentido e, como tal, requer atenção especial desde sua formulação. No caso específico das denominações constituídas por sintagmas envolvendo duas áreas de conhecimento, pôde-se constatar o papel nodal que aí exerce a escolha do elemento verbal de ligação, influenciado pelo, ou influenciando o valor conceitual dos termos antecedente e subsequente. Mas não só. Por esse mesmo ciclo interativo, para além do “trânsito” entre as áreas, com esses elementos, estariam, ao mesmo tempo, sendo acionados movimentos interpretativos entre o currículo escrito e o vivido.

Em síntese, se o exercício de leitura analítica sintático-semântica realizado entrevista, no horizonte, a possibilidade de buscar respostas a perguntas sobre sinalizações que poderiam vir a ser depreendidas da denominação de componentes curriculares, tendo em foco o trânsito conceitual entre as áreas (no presente caso, uma delas, o Turismo) numa perspectiva de interdisciplinaridade, ou, até mesmo, a indagações sobre indícios de conceitos ou vieses teóricos de Turismo que poderiam daí emergir, algumas respostas foram dadas, outras ensaiadas. E, outras vezes, como não poderia ser diferente, restaram perguntas.

Se, contudo, para essas não se logrou alcançar respostas imediatas, pareceu-me que elas vieram a revigorar o suposto de que, se a formação geral e básica do turismólogo requer os contributos de outras áreas, estas, por sua vez, também poderiam encontrá-los na área do Turismo, em seu campo conceitual, gerando para ambos os polos, sob a perspectiva da interdisciplinaridade, possibilidades de releitura relacional, de aprendizagens mútuas, num contexto de “hospitalidade científica”¹.

¹ “Hospitalidade científica” aqui compreendida como espaço facilitador de interação, de escuta e de fala. Como um espaço de abertura para o Outro, espaço de hospitalidade instituído na dinâmica do acolhimento, gerador de modificações e de aprendizagens cognitivas, afetivas e relacionais. Espaço, metaforicamente, denominado de “hospitalidade científica”, em vista dos enlaces teóricos via ensaio sobre interdisciplinaridade, por meio da epistemologia bachelardiana. Relevante destacar que tal expressão é sinalizada inicialmente entre aspas, em vista da compreensão decorrente do ensaio que a considera por meio de ideias, teorias e metodologias de áreas de conhecimento em relação, ou seja, relação de acolhimento em nível de abstração, teorização científica. Cientificidade que conferiu ao acolhimento distinta compreensão entre as formas “hospitalidade científica” e “hospitalidade acadêmica”. Assim, no momento em que a hospitalidade científica perde as aspas é aquele em que percebo que a expressão sinaliza para uma categoria de análise posterior as reflexões intencionadas pelo problema de pesquisa. Dessa forma, a Hospitalidade científica inicia como título de oficina-piloto e finaliza como categoria analítica a ser estudada em proposições futuras, como reflexão final do estudo.

Entretanto, como requer o processo de investigação científica, fazia-se necessário proceder a uma revisão de literatura no sentido de identificar se/como essas questões teórico-metodológico-pragmáticas, sob a ótica com que vinham sendo abordadas, estariam sendo contempladas em publicações disponíveis em diferentes canais de acesso.

Mapeamentos dessa natureza são imprescindíveis para situar uma pesquisa dentro do campo de estudos. Nesse sentido, o caminho que se apresentava como inicial era o de consultas a bases de dados, uma vez que são repositórios confiáveis que possibilitam acesso facilitado ao conhecimento produzido em determinada área, bem como proporcionar conhecimento/informação sobre o que vem sendo objeto de discussão.

Como ressalta Motta-Roth e Hendges (2010), o pesquisador, ao proceder à revisão de literatura, dá crédito à produção intelectual de outros autores; qualifica-se como membro de uma comunidade científica, ao indicar familiaridade com produção de conhecimento prévia na área; abre espaços para evidenciar o campo de conhecimento escolhido e também empresta às reflexões (produção de artigos acadêmicos, por exemplo) uma voz de autoridade intelectual.

Nessa direção, as primeiras incursões foram na base de dados “Scopus”, que faz parte do grupo Elsevier, uma das mais antigas e conceituadas editoras do mundo. Tal seleção deu-se por ser ela a maior base de dados de resumos e de citações da literatura *peer-reviewed* (revistas científicas, livros e anais de conferências), o que possibilita uma análise abrangente da produção de pesquisas mundiais, no que se refere às áreas de ciências, tecnologia,

Como palavras-chave, ou termos de busca, foram inicialmente articulados *Tourism*, *Education* e *Interdisciplinarity*, resultando da pesquisa apenas três artigos, a partir dos quais foram feitos desdobramentos em novas articulações. Ao termo *Tourism* foram então primeiramente articulados, um a cada vez, os termos *Higher Education*, *Concept of tourism*, *Pedagogical Practices* e *Interdisciplinarity*. Das combinações resultaram 354 artigos, número que, após procedimento de refinamento da pesquisa, reduziu-se para 92. As produções encontradas não tinham como foco principal, ou mesmo, como abordagem tangencial, o diálogo interdisciplinar na forma que desencadeou as reflexões no âmbito desta pesquisa. Mais ainda. Na sequência, ao serem articuladas conjuntamente as palavras-chave, o número de produções foi zerado. Detalhamento da análise encontra-se no Apêndice B.

Prosseguindo o percurso metodológico, a revisão de literatura abrangeu ainda teses de doutorado e dissertações de mestrado de programas nacionais de pós-graduação em Turismo, periódicos científicos abrigados por esses programas e outros nacionais, na área, e os anais dos eventos Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SEMINTUR) e Seminário da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em turismo (ANPTUR). O resultado dessas incursões foi similar aos encontrados na base de dados *Scopus*.

Assim sendo, assumindo que o diálogo científico entre Turismo e outras áreas do conhecimento, na ótica interdisciplinar, era fundamental à prática pedagógica em cursos de graduação em Turismo para a formação do turismólogo, mostrava-se como perspectiva analítica submeter esse suposto à pesquisa.

Some-se a isso o fato de se estar falando de ensino de nível superior, universitário, portanto, congruente com um processo formativo que desborde a dimensão meramente técnica e o viés restritamente funcionalista reativo a demandas mercadológicas. Estou me referindo a um processo formativo centrado prioritariamente na dimensão humano-social e na reflexão crítica sobre a relação entre saberes, fazeres e respectivos contextos, pondo em questionamento teorias, conceitos, suas aproximações, convergências, divergências, complementaridade, aplicabilidade – no presente caso, o foco recaindo sobre o turismo e suas relações com outras áreas do conhecimento, cujas repercussões se fazem sentir na concepção, estruturação e execução curriculares.

Emerge assim desse contexto a questão-problema de pesquisa:

A apropriação do universo histórico-conceitual do turismo associada à reflexão sobre conceitos de interdisciplinaridade e respectiva prática e à vivência, por docentes de graduação em Turismo, de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por uma matriz pedagógica relacional, contribuem no repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface, disso derivando movimentos reflexivos no sentido de releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos?

Como um caminho metodológico no sentido de buscar corroboração a esses supostos, pensei então na possibilidade de promover experiências pedagógicas, na forma de oficina, a partir das quais fosse oportunizado a docentes de disciplinas de outras áreas que atuam em cursos de graduação em Turismo, refletirem, num

processo coletivo e colaborativo, sobre interdisciplinaridade, fazerem incursões conceituais na área do Turismo, se apropriarem desses conceitos, buscarem o diálogo com suas áreas de atuação, tomarem-no como possível lente teórica analítica e, metacognitivamente, refletirem sobre práticas pedagógicas já realizadas em suas atividades docentes nesses cursos, perspectivada sempre a formação de nível superior. Nessa proposição estava a hipótese/tese de que, por esse caminho, se poderia contribuir para uma releitura dessas práticas.

A oficina institui-se como *modus operandi* nodal da investigação, por sua vez, requerendo procedimentos metodológicos e avaliativos para seu desenvolvimento, os quais deverão ser definidos.

De outra parte, conceber, implementar e avaliar a oficina requer obrigatoriamente pensar referenciais epistemológico-pedagógicos – o que, inicialmente, reporta, numa perspectiva histórica, aos paradigmas científicos (sendo levados em conta, de modo particular, critérios de cientificidade e validação do conhecimento) – e à consideração da congruência e pertinência dos pressupostos da ciência denominada contemporânea (em oposição aos da ciência moderna) com a experiência pedagógica a ser desenvolvida, congruência essa que também deverá constituir-se, em algum momento e em algum grau, objeto de reflexão.

Situa-se nos itens correspondentes deste projeto a especificação da oficina proposta e de seus referenciais teórico-metodológicos.

OBJETIVOS

Na busca de resposta ao problema de pesquisa, para o que se direciona o presente trabalho, são estabelecidos os seguintes objetivos:

GERAL

Construir subsídios de cunho epistemológico-pedagógico envolvendo o universo histórico-conceitual do turismo, no sentido de favorecer o repensar da prática pedagógica de/por docentes de outras áreas que atuam em cursos de graduação em Turismo.

ESPECÍFICOS

- a) Contextualizar e sistematizar os paradigmas epistemológicos moderno e contemporâneo;

- b) Contextualizar e relacionar matrizes pedagógicas aos respectivos pressupostos epistemológicos;
- c) Sistematizar concepções de interdisciplinaridade em relação aos paradigmas científicos;
- d) Contextualizar e sistematizar a evolução conceitual do turismo em sua historicidade e respectivos vieses epistemológicos;
- e) Conceber, desenvolver e avaliar uma prática pedagógica (oficina) na modalidade de extensão, dirigida a docentes de outras áreas, atuantes na graduação em Turismo, metodologicamente construída com base nas contextualizações e sistematizações referidas;
- f) Depreender sinalizadores de movimentos reflexivos que possam expressar releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos

Um outro aspecto ainda a ser mencionado nestas considerações introdutórias é a relevância científico-pedagógica que a pesquisa permite perspectivar, pois aborda teórica e pragmaticamente domínios que não obrigatoriamente se circunscrevem à área ou aos cursos de graduação em Turismo. Essa relevância se mostra também significativa a considerar os resultados advindos da revisão de literatura que antecedeu a proposição deste projeto, conforme será posteriormente descrito.

Em assim sendo, compondo o presente projeto, dão sequência a esta Introdução os seguintes itens: 2 Supostos Teóricos de Referência (Perspectiva histórica do Turismo, Abordagens teórico-epistemológicas do Turismo, Interdisciplinaridade); 3 Percurso Metodológico (Referenciais teórico-metodológicos, Revisão de literatura, Oficina-alvo: hospitalidade científica e releitura de práticas pedagógicas em cursos de graduação em Turismo); 4 Análise das Sessões (Sessão 1: conhecendo os participantes com suas respectivas experiências no curso; Sessão 2: reconhecendo dimensões do fenômeno turístico, a partir de complexa rede histórico-conceitual, Sessão 3: complexa rede histórico-conceitual do turismo, Sessão 4: ensino e aprendizagem em turismo – da perspectiva epistemológico-metodológica à prática pedagógica, Sessão 5: repensar de relações interdisciplinares entre turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface, Na direção de considerações finais); 5 Considerações finais: hospitalidade científica – mais que a denominação de uma oficina; Referências; Apêndices; e, Anexo.

2 SUPOSTOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA

No percurso reflexivo a partir do qual ficou estabelecido o problema de pesquisa, conforme já descrito, estariam subjacentes, para além da prática pedagógica de docentes provindos de outras áreas do conhecimento atuantes em cursos de Turismo, o entendimento da importância de compreender, para esse diálogo – sempre consideradas variáveis temporais, espaciais e institucionais afetas à oficina pretendida –, o universo histórico conceitual do turismo, cuja historicidade extrapola a ideia de simples linearidade, nela estando imbricadas injunções contextuais (emaranhamento de fatos de diferentes naturezas: econômica, social, cultural, tecnológica, entre outras) e racionalidades que emergem na relação com esse processo histórico, reflexão esta que se compreende também no cenário do campo da interdisciplinaridade. Assim, seguindo adiante, tecemos as principais reflexões.

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO TURISMO

A construção e a evolução dos saberes turísticos são historicamente marcadas por leituras advindas de outras áreas do conhecimento – que constituem significativo corpo teórico –, as quais, por sua vez, acabam por incitar leituras pelo crivo epistemológico. É possível discutir a complexidade do mundo do turismo partindo, de um lado, de aspectos históricos marcadamente elucidativos de fatos relevantes, no que diz respeito ao desenvolvimento do turismo como atividade ou fenômeno; de outro lado, partindo de aspectos conceituais que possibilitam focalizar caminhos teóricos, epistemológicos e metodologicamente percorridos, referentes aos saberes turísticos.

Pires (2002, p. 1) elucida que houve muitos pesquisadores que se empenharam em descrever viagens e viajantes nos mais diversos períodos históricos, sob as mais diversas condições de vida. Entretanto, a esse cenário, não caberia o emprego do termo “turismo”, face ao que hoje se compreende por turismo, marcado pelo “[...] fenômeno mundial que se delineou de forma cristalina no ato de viajar a partir da segunda metade do século XIX”.

Porém, certas circunstâncias são elucidativas e importantes marcos desse processo de desenvolvimento e auxiliam a perspectivar o processo evolutivo e a

compreender algumas das transformações que marcaram profundamente as sociedades.

Reportando à historicidade do turismo, de modo particular, retomo aqui a organização de alguns autores brasileiros e estrangeiros, como critério para demarcar períodos e fatos históricos, como: Rejowski (2002), Barretto (2003), Acerenza (2002) e Molina (2003), de forma panorâmica mais ampla, para apresentar alguns dos fatos basilares. E, recorremos a Panosso Netto (2013) pontualmente, com algumas complementações. Vejamos:

Quadro 1 – Marcos Históricos do Turismo segundo Barretto (2003), Rejowski (2002), Acerenza (2002) e Molina (2003)

REJOWSKI (2002)	ACERENZA (2002)	BARRETO (2003)	MOLINA (2003)
• Antecedentes das viagens e do turismo; • Desenvolvimento do turismo; • Turismo em um cenário de mudanças.	• Antecedentes remotos; • O turismo a partir do século XVI; • O turismo a partir de meados do século XIX; • O turismo depois da Primeira Guerra Mundial; • O turismo depois da Segunda Guerra Mundial; • O turismo nas últimas décadas.	• Proto-história do turismo; • Viagens obrigatórias (séculos II-X d.C.); • Antecedentes do turismo moderno (séculos XVI-XVIII); • Turismo moderno (século XIX); • Turismo contemporâneo; • Turismo na América Latina e no Brasil.	• Pré-turismo (o <i>grand tour</i>); • O turismo (as concepções industriais); • O pós-turismo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Para explicar sobre a “Proto-história do turismo”, Barretto (2003) refere-se à Antiguidade Clássica, destacando à Grécia, através das viagens com objetivo de assistir aos jogos Olímpicos. Ainda pelas considerações de McIntosh (1972), ela esclarece que os fenícios inventaram a moeda e o comércio, sendo considerados por alguns autores como os primeiros viajantes, devido às relações de produção e consumo da época, que auxiliaram a caracterizar o turismo como conhecemos na atualidade.

Sobre os “Antecedentes das viagens e do turismo”, Rejowski (2002) menciona ainda as viagens motivadas por religião e lazer, as quais se realizavam basicamente por via marítima. Quanto a Roma, a autora pontua o estímulo ao comércio, o surgimento da classe média, que detinha recursos para viajar (surgem as segundas residências), as moedas romanas, as excelentes estradas e meios de transporte (terrestre e aquático).

Referente aos “Antecedentes remotos”, Acerenza (2002), indo ao encontro do que as autoras já mencionaram, baseia-se nos escritos da *Odisseia*, um dos principais poemas épicos da Grécia antiga, o qual relata a grande vocação dos gregos para viagens. O autor também ressalta a participação simultânea em festas de caráter religioso e atléticas em diversas cidades como Atenas e Olímpia, esta última onde se originaram as Olimpíadas. Ainda, complementando, ele discorre sobre o auge do Império Romano, quando havia movimentos de pessoas a partir de Roma em direção ao campo e a lugares de veraneio.

Ao abordar as “viagens obrigatórias” dos séculos II a X d.C., Barretto (2003) elucida que, com a queda do Império Romano e o domínio das terras pelos “povos bárbaros” (visigodos, ostrogodos, vândalos e burgúndios), houve uma interrupção das viagens e, assim, seu registro. Especificamente, sobre os séculos II e III, destaca as peregrinações a Jerusalém; no século VI, as peregrinações a Roma; no século IX, a descoberta da tumba de Santiago de Compostela, e, na Idade Média, a preocupação das pessoas em fixarem-se à terra para desenvolver a agricultura. Por fim, relativamente a esse período, chama atenção para as Cruzadas (séculos XI a XIII) com abertura para viajantes, peregrinos e mercadores, para o restabelecimento dos transportes e, a partir do século XIII, para o desenvolvimento da hospedagem como atividade lucrativa, e não mais relacionada à caridade cristã. Completa o panorama com as viagens transoceânicas das grandes descobertas.

Rejowski (2002) acrescenta, a partir do que Feifer (1985) expõe, que as peregrinações durante as cruzadas marcam o início do fenômeno de massa, quando fala sobre “Desenvolvimento do turismo”.

No que diz respeito aos “Antecedentes do turismo moderno” (séculos XVI-XVIII), Barretto (2003) pontua o incremento das viagens particulares, não oficiais. Destaca a ausência de meios de comunicação, a não ser a escrita, sendo a viagem a forma de conhecer o mundo. Assim, reporta-se ao *Grand Tour* (viagens maiores de estudo) e ao *Petit Tour* (viagens de estudo mais curtas) como meio pelos quais os

jovens conheciam as sociedades, suas políticas, suas economias, suas culturas. Rejowski (2002) exemplifica a experiência de Adam Smith, que, ao retornar de viagem no período dos *Grand Touries*, publica seu clássico livro “A riqueza das nações”. Molina (2003) situa em sua proposta para classificar o desenvolvimento do turismo a partir do que intitula “pré-turismo”, justamente com o *Grand tour*, o que confere ao autor experiências de vivências intensas da vida social e educacional, presentes até os dias de hoje coexistindo com outras formas de turismo.

Sobre o “Turismo a partir do século XVI”, Acerenza (2002) explica que, a partir desse século, iniciaram-se as viagens da nobreza e classe média Inglesa pelo continente europeu, com intuito de adquirir conhecimento e experiência pessoal. As viagens se tornaram cada vez mais comuns e tinham duração em média de 3 anos. Na segunda metade do século XVII, mais precisamente em 1.670, é datado o registro mais antigo do termo “*Grand tour*”. Nesse sentido, podem-se perceber muitos registros em cartas e em relatos desses viajantes sobre itinerários, distâncias percorridas, lugares visitados e alojamentos. Também, puderam ser elaborados alguns mapas. Outro fato relevante no final do século XVI é o interesse em especial pelos banhos termais, devido às propriedades curativas. Entretanto, esses espaços ganharam conotação de entretenimento e popularidade entre as pessoas, quando da introdução de atividades de lazer e diversão.

Barretto (2003) elucida que, no século XVII, há melhorias nos transportes com a utilização de diligências para serviços postais e deslocamento de pessoas. A autora refere ainda o surgimento, no século XVII, do turismo “romântico” associado à natureza, ao ar, às montanhas, ou seja, à natureza como bela e não como selvagem. Destaca que a motivação para esse turismo são o prazer de descansar e a contemplação da paisagem. É possível acrescentar, remetendo a Inskeep (1991), citado por Rejowski (2002), quando a autora continua a discorrer sobre o “Desenvolvimento do turismo”, que, no período entre os séculos XIV e XVII, efetivou-se uma melhoria da produtividade agrícola, o renascimento das cidades com a expansão do comércio, as descobertas europeias e o florescimento das artes e da literatura. Assim como ocorre com o turismo, o lazer surge a partir do advento das sociedades industriais, reforça Barretto (2003).

Retomando Acerenza (2002), ele ainda explica outro fato importante, a partir da publicação e da vulgarização de ideias de uma tese. Sugere a presença de princípios curativos na água do mar e faz com que o autor perceba a repetição do

padrão de comportamento em relação às termas, de tal modo que, no fim do século XVIII, os centros a beira mar eram mais populares que os centros termais. Ainda discorrendo sobre o desenvolvimento do século XVIII e metade do século XIX, o autor destaca o desenvolvimento econômico e social relativo à Revolução Industrial. Esse contexto levou ao surgimento da classe média, que se fazia grande e próspera, com gostos e necessidades diferentes, e que se beneficiava pelo desenvolvimento dos meios de transporte, por exemplo, dos barcos a vapor e dos trens, que possibilitavam às pessoas viajarem por prazer. Nesse sentido, o crescimento populacional nas zonas dos balneários era maior e crescente em comparação com as cidades.

Considerado esse panorama, Barretto (2003), versando sobre o Turismo moderno (século XIX), explica que podem ser identificados dois grupos de fatores que confluem para o desenvolvimento das viagens: de um lado, as transformações sociais, culturais e econômicas a partir do modo de produção, e, por outro, os de cunho tecnológico, com o surgimento da máquina a vapor, que possibilita a utilização do transporte ferroviário e marítimo e o início da organização do turismo como negócio, como, por exemplo, os empreendimentos de Thomas Cook, conhecido como o primeiro agente de viagem ou, ainda, como pai do turismo moderno.

Igualmente destacando/complementando características do cenário de ascensão do fenômeno do Turismo (fortalecimento comercial das cidades, da economia urbana, surgimento da classe média, migração do campo para as cidades com vistas ao trabalho nas indústrias e, com isso, a necessidade de evasão), Panosso Netto (2013) situa a origem do turismo entre os séculos XVIII e XIX. As condições de trabalho exigem redução do tempo laboral, abrindo espaço para o tempo livre, o tempo de lazer e tempo de consumo. Nesse momento histórico, surgem as reivindicações sindicais por férias remuneradas, redução de carga horária e descanso dominical.

Esses fatores ratificam a compreensão do turismo como um fenômeno social, que se imbrica profundamente com outros fenômenos, apresentando, nessas épocas, características específicas.

Já o turismo a partir de meados do século XIX é reforçado por Acerenza (2002) com a consolidação das bases do turismo moderno, bem como seus efeitos econômicos benéficos. Além disso, o autor destaca o desenvolvimento das comunicações, do sentimento de paz e prosperidade, a disponibilidade de tempo livre para viajar e a influência dos avanços tecnológicos, especificamente mencionando os transportes, como um todo. Nesse sentido, o autor situa Thomas Cook e Henri Wells

como importantes precursores do turismo, como conhecemos na atualidade. Eles começaram suas atividades na área do turismo. Thomas Cook, por exemplo, organizou uma viagem para um congresso antialcoólico, que transportou 570 pessoas, via transporte ferroviário, de Leicester até Loughborough, na Inglaterra. Em 1845, Cook iniciou também, em tempo integral, suas atividades como agente de viagem, com a elaboração do que conhecemos hoje como guia turístico. Foi o primeiro a organizar o que denominamos de famtur; criou o voucher, um tipo de cupom, e o atual traveler's check, etc.. Sua agência de turismo funciona até hoje e ele é conhecido como sendo um dos maiores contribuintes para construção do conceito de "excursão organizada". Acerenza (2002) destaca a importância dos benefícios da organização das viagens, pois contribuíram para o desenvolvimento do turismo no mundo, permitindo que a população tivesse acesso às viagens de férias.

Esses fatores ratificam a compreensão do turismo como um fenômeno social, que se imbrica profundamente com outros fenômenos, apresentando, nessas épocas, características específicas. Rejowski (2002) e Panosso Netto (2013) marcam a valorização da natureza, repercutindo em novas alternativas para o turismo, as termas, os Alpes, as montanhas, as paisagens bucólicas. Paralelamente, ressaltam o movimento crescente do turismo de massa.

Dois grandes eventos marcam a história do mundo e do turismo: a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais. Acerenza (2002), sobre o turismo depois da Primeira Guerra Mundial, chama atenção sobre o auge do transporte automobilístico e da aviação civil. Relativamente ao primeiro, assinala a adaptação dos carros aos civis e dos ônibus, ao transporte de passageiros e a excursões; quanto ao segundo, destaca que o transporte aéreo sofreu expansão comercial. Também, aparece em 1924 a União Internacional de Organizações Oficiais para a Propaganda Turística, que antecede a *Unión Internacional de Organismos Oficiales de Turismo* (UIOOT), o que se transformou em 1974 na Organização Mundial do Turismo (OMT). Surgem novas técnicas de marketing no setor do turismo mudando o enfoque da sua comercialização; nasce na Europa ocidental o conceito de produto turístico e, com ele, a padronização da oferta turística. Ressalta ainda que os acordos e organizações multilaterais dos direitos comerciais dos serviços aéreos não regulares possibilitaram a contratação em bloco de serviços de transporte, alojamento, alimentação, fazendo surgir as operadoras e os organizadores de turismo.

O autor elucida que, com o término das guerras, há um estado de paz; um aumento do nível de vida da classe média trabalhadora; uma generalização das férias remuneradas e uma desvalorização de algumas moedas europeias, como da Alemanha e da Itália. Esses eventos corroboraram para o crescimento das viagens de férias (ACERENZA, 2002).

Aproximando Molina (2003) a essas ideias, o autor reconhece o século XIX até 1950 como “turismo industrial”, subdividindo em três categorias: o turismo industrial primitivo, o turismo industrial maduro e o turismo pós-industrial. O primeiro compreende o período entre o século XIX até o início da Segunda Guerra Mundial, o segundo a partir de 1950 até 1990 e o terceiro em meados da década de 1980. Nesse sentido, marca o surgimento de hotéis, desenvolvimento de balneários, surgimento dos primeiros destinos turísticos da América Latina, expansão dos transportes de superfície, estruturação organizacional de empresas e diversificação de serviços turísticos. Ainda, elucida sobre o crescimento ininterrupto a partir de 1950 até 1990, tendo auferido o turismo de sol e praia o status de “enclave tradicional” no mundo e, também, de fenômeno de deslocamento massivo, possibilitando a percepção e constatação de consequências sociais, políticas, culturais, entre outras. Por fim, destaca que o modelo de turismo se estrutura por meio de movimentos sociais e culturais, apresenta-se por meio de novos requisitos baseados na desmassificação, no ecologismo, em estratégias de desenvolvimento sustentável, em novas tecnologias.

Nesse sentido, Barretto (2003) faz alusão ao que denomina Turismo contemporâneo, compreendido entre 1945 e 1999, abrangendo o período pós-segunda guerra mundial. É marcado por ela, a exemplo de Acerenza (2002), como o período da aviação comercial, da manifestação do fordismo (sistema de produção em massa), da intensificação na organização do turismo como negócio, do aparecimento de organismos governamentais do turismo, assim como, das primeiras preocupações com o meio ambiente, do aparecimento do automóvel como meio de transporte e dos primeiros programas de turismo social. Ressalta o turismo como um fenômeno em cenário de mudanças, Rejowski (2002) menciona as interrupções por que o turismo passou entre os períodos de guerras e sinaliza para um Boom turístico entre os anos de 1950 e 1973, provocado pelo processo de massificação, com a criação/qualificação de infraestrutura, a diversificação dos transportes, a diversificação de atrações, os novos perfis de turistas e de turismo.

Na sequência de fatos históricos, Acerenza (2002) discorre sobre o turismo nas últimas décadas (1970 ao começo do século XXI) quando põe em relevo a intensificação, pelos países, do fomento ao desenvolvimento de centros turísticos planejados e não planejados, entre 1970 a 1990, com apoio de organismos internacionais, pois o setor passara a ser visto pelos evidentes benefícios econômicos. O autor aponta o incentivo do setor privado ao turismo e, em paralelo, o aparecimento de importantes pontos turísticos. Ainda, nesse período, põe em destaque o turismo consolidando-se como direito adquirido pela sociedade, por sua expansão econômica mundial. Sem dúvidas, esse processo histórico, social, cultural possibilita trazer a discussão o que Molina (2003) intitula como “pós-turismo”. O autor reconhece o período entre 1990 e os dias atuais como um “novo paradigma”, como o momento em que o turismo, influenciado pelas tecnologias e a dinamicidade da informação, as reconhece como recurso estratégico fundamental. Esses “enclaves” são estruturados, na ótica do autor, através da relação com o lazer quando associa e estende, por exemplo, através de reflexões sobre parques temáticos, ao que chama de “*tecnópolis*” à “*lúdopolis*”, cidade lúdica.

Cabe aqui remeter às reflexões de Trigo (1998) em seu trabalho *A educação e os novos tempos*, contemplando alguns aspectos que caracterizam sociedades no século XX, denominadas por ele de “pós-industriais”. O autor chama atenção para o estilo de vida pós-industrial e como as pessoas vivenciavam espaços privados (casas e espaços de lazer comuns) e públicos (hotéis, cinemas, shoppings).

Influenciando esse estilo de vida, estão os meios de comunicação de massa, com a construção de espaços virtuais, os quais possibilitavam o conhecimento de produtos turísticos, de ideias, ampliando condições de “consumo cultural” e hedonista, ao lado do surgimento de lugares destinados ao lazer e ao consumo (públicos ou privados). Desse modo, segundo Trigo (1998), surge uma nova economia, com uma nova cultura, criando condições para que as massas consumam algum tipo de prazer, real ou virtual. Ele ainda destaca as tecnologias para o simulacro do prazer. Outra característica desse período poderia ser resumida no que aponta como “discurso triunfalista da sociedade pós-industrial capitalista”, ou seja, o dinheiro e a tecnologia como meios para atingir estilos de vida que essa sociedade vê como ideais, triunfando assim a eficiência dos números e da produtividade, não excluindo, porém, correlativamente a possibilidades de crises e fracassos, a busca de melhorias do ser

humano, de seu recentramento no discurso sobre o turismo e aprendizagens daí decorrentes.

Refletir sobre o turismo a partir desses cenários, particularmente o das sociedades pós-industriais, remete à dimensão educacional na formação profissional em turismo e, ao mesmo tempo, à produção científica a respeito. Lembremo-nos que é nesse século, estendendo-se aos dias atuais, que surgem diferentes concepções sobre a área, embasadas em várias disciplinas e especialidades, como também surgem as principais organizações e periódicos.

2.2 ABORDAGENS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS DO TURISMO

Tendo em vista o panorama com alguns fatos históricos, agora, Barretto (2003), Rejowski (2002) e também Panosso Netto (2013) discorrem sobre discussões a respeito da evolução das definições de turismo. Concordam que o modo como o turismo é conhecido hoje, nomeado “turismo moderno”, foi estabelecido a partir do século XVIII e consolidado no século XIX, sobretudo no que tange à organização do turismo como negócio, com potencial de lucro e de incremento das economias das sociedades. Panosso Netto (2013) reafirma essas considerações, destacando a Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, como o principal marco catalisador para a criação/disponibilização de condições necessárias ao desenvolvimento do turismo, fossem elas tecnológicas (propiciadas pelos meios de comunicação, transportes), fossem elas sociais, culturais ou econômicas.

Cada um desses momentos vem associado a circunstâncias contextuais destacadas pelos autores. Rejowski (2002) discorre sobre a atribuição do termo “turismo”, no século XVII, na Inglaterra, a um tipo especial de viagem. De igual modo, refere a palavra “tour” como de origem francesa, estando ligada à riqueza e às classes privilegiadas, entre os séculos X e XIV. Barretto (2003) igualmente compreende viagem e turismo como elementos distintos. Ainda, é datado dessa época, o primeiro guia de viagem, voltado à Grécia, escrito por Pausânias da Lídia (Turquia) (PANOSSO NETTO, 2013).

Na convergência entre os fatos históricos e as discussões sobre a evolução das definições de turismo, tendo como enredo os aspectos históricos e também os conceituais, parece, então, que estamos lidando com o início de um conhecimento particular, de um campo particular do saber: o saber turístico.

Nesse sentido, foi com o reconhecimento das humanidades como ciências, com o princípio da relatividade e com as revoluções da física quântica que, na segunda metade do século XX, iniciou-se o processo de ruptura da ciência contemporânea com a ciência moderna, colocando em discussão a certeza dos fatos dados, sustentada pelos modelos cartesiano e científico-experimental newtoniano, cedendo espaço para a instauração de um novo modo de pensar o conhecimento científico. A ciência passou a construir-se sobre a procura crítica da verdade, sobre o contínuo questionamento das teorias e dos processos de investigação, “[...] consciente de todas as suas limitações e do esforço crítico de submeter à renovação constante seus métodos e suas teorias. A atitude científica [...] passou a ser atitude crítica” (KÖCHE, 1997, p. 79).

Nesse cenário, propício ao desenvolvimento teórico no campo do Turismo, fica marcado, no início do século XIX, o surgimento da preocupação com o estudo do turismo, como assinala Rejowski (2002), referindo-se a trabalhos datados de 1870 na Alemanha, na área de Geografia. Panosso Netto (2011) explicita, nessa direção, que, a partir das primeiras publicações, o turismo passou a ser visto por duas vertentes específicas: a econômica e a social, tendo em conta as obras “*fremdenindustrie*” (“Indústria de forasteiros”) e “*fremdenverkehr*” (“tráfego de forasteiros”). A aparente dicotomia foi rompida com a escrita da obra de Hunziker e Krapf (1942), *Fundamentos Gerais do Turismo*. Panosso Netto (2011) complementa ressaltando que o turismo vem, com o tempo, a ser estudado pelas mais diversas disciplinas, mesmo tendo em suas etapas iniciais estudos centrados na Economia, na Geografia e na Sociologia.

Estendendo esse diálogo ao campo da formação do conhecimento, compreendendo o nascimento do turismo como o conhecemos hoje e seus estudos iniciais durante o florescer da ciência moderna, com seus rescaldos positivistas e seu desenvolvimento durante o processo de ruptura com esse modo de ver e viver a ciência, Panosso Netto (2011) observa que, em relação ao turismo, é possível constatar problemas e carências no cenário das pesquisas, bastando ler e analisar a configuração e compreensão diversas da realidade turística, do turismo como objeto de estudo, de diferentes investigadores e seus distintos critérios epistemológicos e metodológicos – o que pode ser potencializado pelo distanciamento ainda não minimizado desses estudiosos.

Reconhecer, pois, a trama das relações entre teoria e método, entre condições, processo, produção e construção de conhecimentos quando se recorre à

reflexão epistemológica, acaba por repercutir na compreensão do complexo universo conceitual do turismo e no reconhecimento do estatuto epistemológico da própria área. Essas repercussões se estendem à proposição de projetos de pesquisa, como também à proposição e ao desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizagem para essa área de conhecimento.

Alguns são os pesquisadores que se debruçam sobre estudos teóricos e epistemológicos numa comparação com o cenário da produção de 20 anos atrás: Tribe (1997), Moesch (2002), Gaxiola (2010), Panosso Netto (2011), Nechar (2011), Kadri (2012). Eles representam um universo próprio de experiências teóricas e práticas originárias de suas próprias áreas de conhecimento, que são refletidas em seus estudos e pesquisas, desde a concepção de ciência que, explícita ou implicitamente, se manifesta do respectivo discurso, até a relação que estabelecem com o turismo.

Pensando sobre o conjunto de ideias desses autores e a teia de relações que se forma, ultrapassando o domínio de práticas e estatísticas não suficientemente elucidativas da complexidade do fenômeno turístico, mostra-se relevante e como questão fundamental voltar a atenção para teorizações que possibilitem desvelamentos de faces/interfaces do turismo, sinalizando o intento da pesquisadora de estabelecer relações com outras áreas de conhecimento, promover discussões epistemológicas e metodológicas e reflexões sobre o alcance de suas pesquisas. Para tanto recorro a Bachelard (1996, p. 10), para quem, diferente do papel do historiador, o epistemólogo tem o intuito de destacar, entre conhecimentos de um determinado período, ideias fecundas, ideias que devem existir para além de uma prova de sua existência, expressando “um destino espiritual”.

Nesse sentido, dois contextos merecem destaque ao refletirmos sobre os saberes turísticos: o primeiro diz respeito às abordagens teóricas em turismo e, o segundo, às influências das áreas de conhecimento na formação dos saberes turísticos.

Reporto-me, então, a Panosso Netto e Nechar (2014) para quem essas abordagens teóricas, principalmente de natureza histórica e epistemológica, se fizeram presentes nos estudos sobre turismo, a partir do que propõem o que denominam “escolas temáticas do turismo”. Numa perspectiva sintética e panorâmica, põem em destaque as escolas: positivista (cientificista), sistêmica, marxista, fenomenológica, hermenêutica e a da teoria crítica. Observam ainda que a visão

positivista foi por muito tempo um dos paradigmas científicos no turismo e que as outras perspectivas lhe são posteriores, constituindo-se em tentativas de superação de seus pontos deficientes. Vejamos.

2.2.1 Positivismo

Auguste Comte nasceu em Montpellier, França, em 19 de janeiro de 1798. Com a idade de dezesseis anos ingressou na escola Politécnica de Paris, o que aparentemente influenciou sua forma de pensar e seus escritos posteriores. Explicou que a politécnica foi a primeira comunidade verdadeiramente científica e que deveria servir de modelo para o ensino superior. Em 1817 tornou-se secretário de Saint-Simon, filósofo e economista, do qual recebeu grande influência filosófica e política. No entanto, de temperamento discordante, Comte não aceitava que Saint-Simon, interessado em questões mais práticas, não se dedicasse aos pontos mais teóricos, o que o levou à publicação, em 1822, do livro *Plano de trabalhos científicos necessários à reorganização da sociedade* (GIANNOTTI; MARX, 1978).

Outras obras surgiram em 1830 o *Curso de Filosofia Positiva* em seis volumes, e em 1844 o *Discurso sobre o Espírito Positivo*. Ainda, após a influência profunda de uma grande paixão, publicou entre 1851 e 1854, a *Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade e Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal*.

Os temas básicos de Comte estão associados à ideia de que a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através de uma completa reforma intelectual do homem, ou seja, quando novos hábitos de pensar forem adquiridos de acordo com o estado da ciência de seu tempo. Essas mudanças estariam alinhadas a três temas básicos: a) uma filosofia da história, b) uma fundamentação e classificação das ciências e c) uma sociologia que permitisse a reforma prática das instituições.

Nesse sentido, quando explica a filosofia da história, a sistematiza a partir da lei dos três estágios: teológica, metafísica e positiva. A primeira, a teológica, diz respeito à imaginação como primeiro plano na vida dos sujeitos; a segunda, a metafísica, busca explicar “a natureza interna” das coisas, sua origem e seu destino; a terceira, a positiva, versa sobre a subordinação da imaginação e da argumentação

à observação, ou seja, a cada enunciado deve corresponder a fatos observáveis, particular ou universal.

Para efeito do presente estudo de tese, interessam os aspectos epistemológicos que classificam as ciências e fundamentam sua natureza enquanto conhecimento diferenciado das outras formas de conhecer. Para Comte os fundadores da filosofia positiva foram Bacon, com a valorização do empirismo e da indução, Galileu, com a matematização da ciência pelo uso do método experimental quantitativo, e Descartes, com sua visão essencialista e racionalista das teorias científicas, quando buscavam estabelecer as leis quantitativas imutáveis da natureza por meio de um processo de investigação científica. Deve-se, no entanto, acrescentar a esses o nome de Newton, o mais renomado cientista da ciência moderna, que consolidou o uso do processo de investigação científica no desenvolvimento da física moderna.

No entanto, é Galileu que, ao enunciar seu princípio de que as leis da natureza estavam escritas em uma linguagem matemática e por ser o primeiro a utilizar o método científico quantitativo-experimental, é considerado o responsável pela “revolução científica moderna” (KÖCHE, 1997, p. 53), estabelecendo por meio dele o diálogo da razão com a realidade.

O desejo de conduzir a “filosofia da natureza” a um patamar científico estabeleceu o requisito da introdução da experimentação científica no seu processo de investigação, entendida como o ingresso de métodos matemáticos experimentais. Bacon com seu método indutivista e empirista, influenciou o pensamento científico moderno. Köche (1997, p. 51) destaca que muitos de seus seguidores, e entre eles esteve Newton, ratificavam a ideia de que “[...] a ciência deveria fundamentar-se na pura observação dos fatos e não se deixar levar por hipóteses apriorísticas para alcançar a objetividade no conhecimento”. Para o autor,

[...] o *sujeito do conhecimento* deveria ter a mente limpa, livre de preconceitos para que recebesse e se impregnasse das impressões sensoriais recebidas pelos canais da percepção sensorial. As hipóteses seriam decorrentes do processo indutivo da meticulosa observação das relações quantitativas existentes entre os fatos, e o conhecimento científico seria formado pela certeza comprovada pelas evidências experimentais de alguns casos experimentados (KÖCHE, 1997, p. 56).

A perspectiva positivista se amparava em alguns pressupostos e princípios. O primeiro pressuposto era o do mecanicismo, baseado na analogia do funcionamento

dos fenômenos da natureza como o de uma máquina, que segue invariavelmente as leis que definem previamente o seu mecanismo. O segundo era o do determinismo universal, que afirmava que todas as coisas da mesma natureza e espécie obedeciam às mesmas leis que comandavam sua existência e funcionamento. Logo, ao se descobrir a lei de um fenômeno particular, a sua generalização universal poderia ser efetivada. Além desses pressupostos, três princípios fundamentavam a adoção do método científico indutivista e confirmabilista. O primeiro, o empirismo, que acreditava que a observação empírica, desprovida de ideias pré-concebidas e feita com rigor metodológico, era a forma confiável de acessar os fenômenos e obter as informações, fonte e origem do conhecimento científico. O segundo, a indução, tida como um processo lógico válido de generalizar universalmente os resultados obtidos pela observação dos fatos ou fenômenos particulares. O terceiro, a matematização das observações, pelo registro quantitativo das manifestações dos fenômenos observados, estabelecendo a quantificação como ferramenta de rigor e exatidão dos registros das observações. A conjugação positivista desses pressupostos e princípios gerou a visão positivista, dogmática e cientificista da ciência moderna que impregnou a chamada pesquisa científica nas diversas áreas de conhecimento, inclusive no Turismo. Para Köche (1997, p. 51-52)

A certeza da validação da explicação não poderia ser fornecida através da simples demonstração utilizando argumentos lógicos (*verdade sintática*), de acordo com o modelo aristotélico, mas pelas provas construídas e elaboradas de forma matemática com as evidências quantitativas dos fatos produzidas pela experimentação. O critério da verdade, para a ciência moderna passaria a ser o da correspondência entre o conteúdo dos enunciados e a evidência dos fatos (*verdade semântica*).

Köche (1997) esclarece que Newton defende a ideia que o experimento científico se constitui no modelo de acesso ao real, permitindo descrever, com a exatidão quantitativa da ciência moderna, como a realidade funciona.

O método científico se apresentava, assim, como indutivista e confirmável, tomado como modelo de investigação para a ciência moderna.

Desse paradigma científico derivam o dogmatismo e o cientificismo da ciência moderna, que ocasionaram uma atmosfera de pretensa objetividade e verdade, tão desejada desde a contestação da subjetividade, aceita e admitida desde o período grego e aceita até o início do século XVII. Concebido dessa forma, o conhecimento

era visto como um produto de uma constatação empírica, confirmado pela experimentação quantitativa, como um meio de confirmação, ou “comprovação”.

E é essa visão de ciência e de processo de investigação científica que é apresentada como fundamento para desenvolver a pesquisa científica no Turismo, com objeto de estudo e metodologia igualmente definidos. Cada um desses aspectos é destacado como fundamental para a segurança da investigação e como critério de garantia da cientificidade.

Quando se afirma que o Turismo não é uma ciência, porque não atende aos requisitos de cientificidade, está implícito nesse conceito de ciência a concepção positivista. E é lógico que o estudo do turismo não possa se modelar conforme os pressupostos analíticos de cientificidade utilizados nas ciências clássicas. E nesse sentido o Turismo não é uma ciência.

Cabe, então, aproximando o Turismo à reflexão primeira de que, como Köche (2005) apresenta, não será uma ciência se considerado dentro dessa visão positivista, pois, além de não apresentar uma teoria unificada e não possuir um método próprio de investigação, seu objeto de estudos é também domínio de estudo de outras áreas de conhecimento.

Como conclusão, depreende-se que os estudos sobre o turismo, inseridos nessa visão positivista de ciência, tiveram as seguintes características:

[...] 1. Fundamentos na ciência clássica, como base do desenvolvimento da atividade. 2. Os avanços tecnológicos foram os grandes propiciadores do nascimento do turismo contemporâneo. 3. O estudo do turismo não pode ser elevado à categoria de ciência ou disciplina científica. 4. O turismo constitui-se num avanço da sociedade como parte de um valor universal. 5. Os estudos estatísticos, que apresentam cifras dos deslocamentos de pessoas pelo mundo, são provas de que o fenômeno turístico está crescendo. 6. A grande quantia de dinheiro gerada pelo turismo confirma o sucesso da atividade. 7. Quanto mais passa o tempo, mais cresce o turismo. (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016, p. 37)

E por fim, compartilhando e mencionando Dencker (1998) há o entendimento de que a abordagem metodológica nos estudos sobre o turismo deverá ser consonante com as das ciências em que o turismo é objeto de estudo, não sendo, pois, possível analisar esse fenômeno com um único método.

2.2.2 Marxismo

A aproximação entre turismo e marxismo deriva da compreensão de que o turismo é impulsionado por fatores econômicos de produção, uma produção capitalista, de bens e serviços turísticos. O turismo existe porque há o interesse do lucro, a partir da ótica da produção capitalista. Surge assim a mais-valia, que representa um excedente na produção, contabilizado como lucro do empresário que investe nesse setor produtivo (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014). É a visão marxista aplicada ao turismo. Esses são alguns pressupostos teóricos que podem fundamentar investigações na área do Turismo, na linha marxista, que permitem e direcionam as interpretações dos dados dessas pesquisas, visto que são as teorias que permitem a observação e que precedem a interpretação dos dados, e não o contrário (KÖCHE, 2005).

Nesse sentido os autores ainda chamam atenção para o fato de que nem todas as pessoas têm acesso ao turismo, apenas aquelas que possuem condições financeiras, configurando um cenário, à luz desse viés marxista, no qual o homem explora o homem.

Talvez cabe aqui uma ressalva de que a produção de estudos dentro desta linha parece ainda incipiente para se afirmar que há limitações que se concentram muitos nos estudos sobre a relação entre capital/trabalho ou sobre os meios de produção e exploração da mão de obra.

Panosso Netto e Nechar (2014, p. 12) reportando-se a Krippendorf (1984) e Nash (1977), assinalam a visão desses estudiosos para quem o turismo é uma forma de imperialismo e colonialismo. Na menção às abordagens de Cohen (1972) e Young (1973) destacam o relevo que conferem aos problemas que os destinos receptores de turistas sofrem. Ainda na aproximação do turismo ao marxismo referem outros estudiosos que aí se situam, segundo os quais o turismo nasceu a partir do surgimento do capitalismo e que são as leis econômicas que determinam, por exemplo, para onde e quando os turistas devem viajar.

2.2.3 Sistemismo

A teoria geral de sistemas teve como seu principal divulgador o biólogo Bertalanffy (1975), partindo da visão de que tudo poderia ser analisado como sendo e fazendo parte de um sistema.

Segundo essa teoria, é possível desenvolver estudos de sistemas abertos, analisando-os como um todo ou as suas partes, unidos ou divididos em partes, verificando suas unidades, seu meio ambiente, relações, atributos, seus *inputs* e *outputs*, modelo e *feedback* (BERTALANFFY, 1975).

Nos dizeres de Panosso Netto e Marcelino Nechar (2014), a teoria geral de sistemas se consolidou como um paradigma nos estudos turísticos, sobretudo na América Latina, com destaque para Argentina, Brasil e México. Se, no mundo anglo-saxão, o sistema de turismo mais conhecido é o de Leiper (1979; 1995), na Latino-América, os autores apontam Cuervo (1967) como o primeiro autor a transportar e aplicar o pensamento sistêmico ao turismo. Para Cuervo, compunham o grande sistema do turismo os meios de comunicação, estabelecimentos de hospedagem, agências de viagens, guias de turismo, estabelecimentos que oferecem alimentos e bebidas, fabricantes de produtos típicos vendidos aos turistas e os centros de diversão. Somam-se ainda a esses, outros sistemas, como o de Sessa (1985), Molina (1991) e o de Boullón (2002), para exemplificar. No Brasil Beni (1998) foi o seu principal divulgador.

De acordo com Lohmann e Panosso Netto (2012), embora haja fortes críticas ao uso dessa forma de investigação, principalmente por não proporcionar um aprofundamento de aspectos relevantes que permitem compreensões mais amplas do fenômeno turístico. A Teoria Geral dos Sistemas é uma das teorias mais empregadas aos estudos turísticos no mundo.

2.2.4 Fenomenologia

Panosso Netto e Nechar (2014) afirmam que a utilização da abordagem fenomenológica no turismo é decorrente das limitações das demais abordagens na tarefa de compreender e definir os principais conceitos envolvidos no turismo, a começar pela própria compreensão do que seja turismo. As investigações desse campo de estudo concentraram-se mais nas relações de consumo e de mercado. O

uso da abordagem fenomenológica objetiva a busca da compreensão da essência do turismo, do que ele representa para o ser humano, em suas diferentes dimensões.

Panosso Netto e Nechar (2014, p. 13) dizem que “Autores têm afirmado que as teorias não refletem de forma completa o que é o fenômeno turístico em sua essência” e continuam explicando dizendo que

Até os dias atuais alguns investigadores da temática ainda se perguntam o que é o turismo, quais são seus fundamentos, suas características principais. [...] A fenomenologia, para esse grupo de autores, pode ajudar a criar uma teoria do turismo. Ela permite a interpretação do fato em si, ou da coisa. Com a interpretação do fato em si a fenomenologia propõe a reflexão a respeito do conhecimento acumulado sobre a temática (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 13).

Como movimento filosófico que surge no século XX, a Fenomenologia se distingue das outras escolas temáticas de investigação, destacando-se, entre outros aspectos, o estudo da experiência humana. Em sendo a experiência um dos elementos centrais no estudo do turismo, a fenomenologia ganhou muitos adeptos entre seus estudiosos. Para Panosso Netto (2011, p.117):

A descrição fenomenológica baseia-se na observação e na percepção do turismo como um fenômeno altamente dinâmico, desenvolvido no tempo e no espaço por um indivíduo ou um grupo. Fenômeno turístico, portanto, seria algo que se mostra a si mesmo, tal como é, do modo que é.

Expondo dessa maneira, esse olhar possibilita ampliar as perspectivas teóricas do turismo. Alguns mencionados e mais conhecidos, por esses dois estudiosos, são: Cohen (1979), Molina (1991) e Panosso Netto (2011).

Os autores, tomando emprestado afirmações de Barreto (2000), ressaltam que, na aplicação da fenomenologia ao turismo, seria possível “[...] um estudo das razões essenciais e do significado transcendente do turismo para os seres humanos, em função de seu próprio mundo interior, e não apenas na perspectiva da sociedade de consumo” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 42).

2.2.5 Hermenêutica

A hermenêutica consiste nos estudos desenvolvidos a partir da interpretação de textos. E por textos entende-se tanto os visuais, escritos, quanto os acústicos, falados e outros sonoros.

Sem apresentar de forma mais aprofundada os supostos teóricos da Hermenêutica – não pertinente a esta finalidade – parece importante aqui explicar, com Ricoeur (1978, p. 8), que:

[...] o trabalho da interpretação revela um desígnio profundo: o de superar uma distância, um afastamento cultural, o de equiparar o leitor a um texto que se tornou estranho e, assim, incorporar seu sentido à compreensão presente que um homem pode obter dele mesmo.

O autor, reportando-se a Aristóteles, afirma haver hermeneia, “[...] porque a enunciação é uma apreensão do real mediante expressões significantes, e não uma obtenção de pretensas impressões provenientes das coisas mesmas” (RICOEUR, 1978, p. 8). Referindo-se a Schleiermacher e Dilthey, lembra que os textos, os documentos, os monumentos são expressões da vida fixadas pela escrita. Nesse sentido, diz ele que a “[...] interpretação é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal” (RICOEUR, 1978, p. 15), e o campo hermenêutico passa a ser a circunscrição das expressões de duplo sentido.

Rohden (2003, p. 234), após mencionar que, para o filósofo Gadamer “a linguagem é um nós, no qual estamos encadeados um-como-outro e no qual o indivíduo não tem limites fixados, salienta que tanto a semântica como a hermenêutica estudam com seu próprio método a totalidade do acesso ao mundo que representa a linguagem, contudo “[...] a hermenêutica considera a linguagem como um princípio que aponta sempre mais além de si mesma e do que diz explicitamente, isto é, não se esgota nem se conserva no que se expressa, no que verbaliza” (ROHDEN, 2003, p. 238).

Tal entendimento sobre a hermenêutica conduz a reflexão à metodologia da interpretação. Ricoeur (1978, p. 16) considera que:

[...] a interpretação parte da determinação múltipla dos símbolos [...]. Mas cada interpretação, por definição, reduz essa riqueza, esta multivocidade, e traduz o símbolo segundo uma grelha de leitura que lhe é própria. A tarefa dessa criteriolgia é a de mostrar que a forma da interpretação é relativa à estrutura teórica do sistema hermenêutico considerado.

A função da hermenêutica é a interpretação de textos. Ela pode ser entendida como teoria e como metodologia, como afirmam Panosso Netto e Nechar (2014), que destacam como seu principal representante Napoleón Conde Gaxiola, sendo,

inclusive, a hermenêutica dialética transformacional por ele utilizada no estudo do turismo. Com o uso dessa abordagem, focaliza o ser humano não apenas no sentido metonímico, mas igualmente em sentido metafórico, proporcionando: “[...] elementos para aproximar-se de uma interpretação, evitando os enfoques descritivos típicos do funcionalismo turístico e do culturalismo”. Acrescentam ainda os autores que a hermenêutica dialética transformacional visa romper com a univocidade positivista, funcionalista, condutivista, “[...] partidária da explicação superficial da compreensão, da literalidade [...]” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 14).

Para os autores dessa linha, é importante a aplicação da hermenêutica nos estudos turísticos. Panosso Netto e Nechar (2014, p. 133), nessa ótica, por meio da explicação de Gaxiola (2008) explicam que ela “proporcionaria elementos para aproximar-se de uma interpretação dos fatos turísticos, evitando os enfoques descritivos, típicos do funcionalismo turístico e do culturalismo”.

2.2.6 Epistemologia Crítica do Turismo

A Teoria Crítica surge na Escola de Frankfurt, com Walter Benjamin, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Max Horkheimer e Jürgen Habermas. Esses autores, em sua crítica à concepção de ciência positivista, reconhecem que a forma de construir conhecimentos é influenciada pelos valores morais e sociais. Há por trás da investigação científica interesses relacionados com os seus fins e/ou resultados, geralmente associados a determinados grupos de poder. Como consequência, essas interferências agem sobre o pesquisador influenciando sua pesquisa. Cabe à Teoria Crítica “desnudar e mostrar que há inúmeros interesses que estão relacionados com os fins e resultados finais de qualquer investigação” (PANOSSO NETTO; NOGUERO; JÄGER, 1984, p. 554).

Especificamente no Turismo, há a menção, entre outras, de Tribe (2008, p. 253), segundo o qual “[...] a crítica em turismo ainda é marginal em relação a todo o esforço da pesquisa em turismo”. Panosso Netto e Nechar (2014), reforçam a proposição de Nechar e Lozano (2006) e Nechar (2011) sobre a pertinência do exercício da crítica reflexiva e interpretativa do turismo, por meio da edificação de conteúdos críticos e não somente da crítica a conteúdos. Afirmam os autores:

[...] Esta proposta crítica põe em evidência muitos vícios de lógica que têm se convertido num hábito em amplos setores da vida acadêmica, e, sobretudo, denuncia a falta de racionalidade na qual se tem caído em muitos outros segmentos ao se avaliar o nível de certeza, rigorosidade e medida do conhecimento turístico nas investigações, pelo simples “uso correto” das regras metodológicas preestabelecidas, sem se buscar examinar a lógica, o significado e as implicações do conhecimento construído (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 134-135).

Panosso Netto e Nechar (2014, p. 135), ainda reportando-se a Nechar (2011), expõem que essa perspectiva crítica – a que vai ao encontro da tendência histórica – busca:

[...] Primeiro, tirar a carga positivista da ciência que tem um interesse pragmático, mecânico-casual e funcionalista. Segundo, buscar reconhecer a concepção da ciência e da epistemologia que existe sobre a construção do conhecimento produzido. Terceiro, compreender o termo ciência, em sua dimensão ampla, a partir do vocábulo *scientia*, na concepção de conhecimento, prática, doutrina e erudição. (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 1)

Considerando essas buscas, sinalizadas pelos autores, como sendo pouco discutidas na área do Turismo, em vista de construção de uma perspectiva crítica para ela, parece relevante reconhecer que tais características são identificadas via atitudes de pesquisadores e de seus produtos reflexivos. Seus sistemas de produção e de conhecimento permitem demarcar sinalizadores e marcos teóricos, epistemológicos e metodológicos que, ora podem significar marcos estáveis e seguros, ora podem indicar marcos que provoquem a desestabilização e o seu questionamento crítico e racional, transformando seus resultados em hipotéticos e interpretativos.

A Teoria Crítica e o Turismo, quando em relação, podem promover mudanças de ordem epistemológica e metodológica na direção de as investigações romperem com a produção pragmática, fragmentada, funcionalista, mecanicista e casual, pela ausência de sustentação teórica e metodológica rigorosa, não balizadas por sistemas de conhecimento.

Para atingir essas condições ideias é necessário alicerçar os saberes em Turismo na Filosofia e na Epistemologia.

Em síntese, as breves incursões reflexivas até aqui realizadas vêm corroborar a abordagem histórico-conceitual do turismo para a qual confluem o dinâmico diálogo com os fatos marcados historicamente e os saberes turísticos de cunho teórico-epistemológico construídos nessa trajetória.

Essas construções temáticas desenvolvidas pelos autores marcam as influências das áreas de conhecimento na formação dos saberes turísticos. Exemplificando. Quando se pergunta quem viaja, como foram possibilitadas as viagens, por onde viajam as pessoas, é possível perceber dois cenários: de um lado, os ganhos econômico-financeiros, a organização de negócios que atraíram os olhares de áreas de conhecimento como a Economia e a Administração; de outro lado, por sua vez, deslocamentos e efeitos territoriais, os quais se tornam objeto de estudo da Geografia. Preferências e escolhas que seduziram psicólogos e profissionais que fazem das percepções motivações e representações sociais e coletivas objeto relacionado ao turismo. Encontramos, ainda, os filósofos, com estudos epistemológicos das produções de conhecimento e os sociólogos, atentos às práticas sociais. O turismo, assim, paulatinamente, deixa de se circunscrever ao âmbito e características de uma atividade, sendo percebida sua natureza de fenômeno, objeto de investigação científica.

Nessa perspectiva, aliando as construções históricas, as construções conceituais e temáticas, as influências das áreas de conhecimento, às transformações por que passam as sociedades em vários âmbitos, tem-se, por conseguinte, que, ao mesmo tempo em que as diferentes áreas de conhecimento aproximaram-se do turismo, ele se aproximou dessas áreas, no intento de ampliar e compreender a sua própria complexidade. Entende-se que, a partir dessa relação, os próprios saberes do turismo se formam e formam outros conhecimentos dentro dessas áreas mencionadas. Identifica-se a formação de teias de relações que encaminham desvelamentos/desenvolvimentos teóricos, metodológicos e discussões epistemológicas, reportando à compreensão da complexidade desse universo, com a via da interdisciplinaridade podendo inserir-se como atitude investigativa no campo do turismo.

Importa, pois, pensar, a partir do quadro esboçado até então, a interdisciplinaridade como estatuto de “componente” epistemológico e conceitual do turismo, como marca significativa desse fenômeno quando abordado cientificamente, uma vez perspectivada a construção de saberes que sobre ele e a partir dele se voltem. Por via de consequência, importa igualmente levá-lo a objeto de estudo em práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de formação profissional em Turismo, no caso deste trabalho, com foco no ensino de nível superior, para o que

cumpra buscar maior embasamento teórico sobre interdisciplinaridade, no sentido de pautar a busca de resposta à questão de pesquisa aqui proposta.

2.3 INTERDISCIPLINARIDADE

As discussões sobre a mundialização, a sobrevivência das sociedades em tempos de terrorismo e de migração, a garantia da vida, a escassez da água potável e dos alimentos, os patrimônios culturais materiais e imateriais, o poder econômico das nações, a qualidade e desenvolvimento da vida, a educação e a formação dos cidadãos e dos profissionais, o avanço da ciência e da tecnologia, os mares e as lagoas, os processos religiosos e as implicações do gerenciamento das informações são algumas das recorrentes preocupações em um mundo cada vez mais complexo. A percepção dessas condições pode, marcadamente, impulsionar a busca por formas mais integradoras e compreensivas da realidade atual.

Algumas alternativas aparecem nos discursos, por exemplo, da Organização das Nações Unidas (ONU), quando se fala em ações desenvolvidas no âmbito da paz, dos Direitos Humanos, do desenvolvimento, do meio ambiente, da Sociedade Civil, das empresas, entre outras. Líderes mundiais buscam acompanhar essas premissas e implementar ações para efetivar essas diretrizes. Nesse sentido, algumas áreas são mais integradoras e basilares e elaboram ou recuperam abordagens dessa natureza.

Entretanto, justificar preocupações e complexidades das mais diversas naturezas e relações por meio de abordagens de organismos internacionais não viabiliza, com o pretexto de servir-se impositivamente, crescimento econômico e respeito pela existência humana, na forma em que é proposto por autoridades de nações, como chama atenção Gusdorf (1975), no prefácio do livro *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, de Japiassu (1976). Reflexões concernentes ao triunfo das especializações, dos contextos vividos pelas sociedades até a década de 1970 e das responsabilizações aos experts pela busca de soluções aos problemas enfrentados pela humanidade, são pontos sinalizados por Gusdorf (1975) ao apresentar a referida obra.

Como primeiro ensaio no Brasil, o estudo de Japiassu (1976, p. 23), de acordo com o prefaciador, traz o desafio de ultrapassar o domínio epistemológico de natureza positivista, porquanto “[...] As ciências em migalhas são a consciência de uma humanidade esfacelada, vítima, em nossos dias, de uma confusão ontológica”. O

autor ressalta ainda que não apenas existe uma “patologia do saber”, mas uma “patologia da existência individual e coletiva” (JAPIASSU, 1976, p. 23). Para ele, as disciplinas fragmentam o saber e o conhecimento, descentralizando-os dos seres humanos e centralizando-os nos fatos.

Para que haja uma superação dessa patologia de natureza positivista, Gusdorf (1975) entende como necessária – o que é endossado por Japiassu (1976) – a aproximação entre disciplinas, conferindo-lhes sentido humano. Entretanto, poder-se-ia questionar se essa aproximação não seria “artificial” e “superficial”, tendo em vista que o cerne da investigação científica contemporânea se constitui como um processo interdisciplinar. Não se percebe ainda, na análise da referida obra, uma proposta de reflexão teórica de integração interdisciplinar que conduza a construções metodológicas que, em essência, ultrapassem ranços positivistas. Nesse sentido, faz-se possível perguntar se essa proposta teórica direcionaria a um salto para uma fundamentação metodológica da relação interdisciplinar entre saberes.

Contudo, é discorrendo sobre “Metodologia interdisciplinar” que Japiassu (1976, p. 117) transita teoricamente entre concepções positivistas e pós-positivistas. Ele direciona sua análise para o processo de pesquisar a partir de disciplinas “*operantes e cooperantes*”. Por operantes e cooperantes são compreendidas as disciplinas que contribuem de forma articulada para a construção de definições operacionais dos conceitos envolvidos na pesquisa científica, na construção do problema comum, para ela se configure como interdisciplinar, explicitando principalmente “[...] dizer *de quê* se fala, *o quê* se faz, *como* se faz e com que *objetivo* [...]” (JAPIASSU, 1976, p. 117), e, assim, construir uma metodologia de pesquisa interdisciplinar.

No horizonte epistemológico, revela-se aí terreno fecundo para desenvolver compreensões sobre interdisciplinaridade e situar epistemologicamente sua “metodologia interdisciplinar”. Japiassu (1976; 1979) não discute bases ontológicas que suscitem rupturas significativas no decurso do pensamento filosófico. Atuando científica e pedagogicamente como um provocador, sistematizador de ideias em termos teóricos e metodológicos no Brasil. Provoca, suscita e ensaia relações de aplicabilidade de estudos epistemológicos, metodológicos e interdisciplinares.

Nesse sentido, é possível localizar no tópico “Etapas do método” elementos que caracterizam marcas positivistas dos procedimentos prescritivos-chave de

metodologia interdisciplinar². Ponto chave, por exemplo, é quando Japiassu (1976, p. 119, grifo nosso) se questiona sobre a orientação geral para pesquisa de natureza interdisciplinar: “deve-se dar prioridade à orientação dirigida para os *problemas*, ou à orientação dirigida para os *métodos*?”.

Essa questão é fundamental. A preocupação do autor recai sobre o rigor metodológico. De um lado, questiona se o problema interdisciplinar pode ser estudado por meio de procedimentos metodológicos mais rigorosos de cada uma das disciplinas envolvidas, ou, de outro lado, se a partir de uma nova metodologia construída de forma interdisciplinar, menos rigorosa, enquanto não se constitui uma “teoria do interdisciplinar”, uma “metodologia mais propriamente científica” (JAPIASSU, 1976, p.120). Caberia, aqui, porém, questionar que compreensões Japiassu (1976) possui de ciência, de critérios de cientificidade, verdade, metodologia, entre outros aspectos, compreensões essas ainda contaminadas de ranços positivistas. Seu modelo de projeto para uma metodologia interdisciplinar não atinge propriamente os princípios essenciais de um processo de pesquisa interdisciplinar, que serão sustentados a partir dos fundamentos epistemológicos de Bachelard, nos tópicos seguintes desta tese.

Ultrapassando os discursos, e aproximando reflexões sobre turismo e interdisciplinaridade, seja por meio de apontamentos sobre a importância do papel que o turismo pode desempenhar na conservação da diversidade da vida no planeta e na ajuda à redução da pobreza (UNICRIO, 2010a); seja sobre questões sobre a compreensão do turismo como um grande gerador de empregos e uma das maiores “indústrias” do planeta, com investimentos que chegam a 50% em alguns países em desenvolvimento, em função de seu forte efeito multiplicador (UNICRIO, 2010b), mostra-se possível pensar cenários “disciplinares” menos fragmentados da realidade. A mudança de postura frente aos problemas imperativos e a busca por soluções para uma vida mais equilibrada, justa e com sentido, parece possível alcançar/recuperar, mediante a prática derivada do discurso da interdisciplinaridade, aqui introduzida como recorte na relação do turismo em suas aproximações com os discursos histórico, filosófico, científico e disciplinar.

² No tópico *Etapas do Método*, Japiassu (1976) elencou procedimentos prescritivo-chave de metodologia interdisciplinar: constituição de uma equipe de trabalho, estabelecimento dos conceitos-chave e definições operacionais, estabelecimento da problemática da pesquisa, repartição das tarefas, colocação em comum dos dados ou resultados parciais dos diferentes especialistas e análise dos resultados obtidos para obtenção e aprofundamento suscetível de uma generalização.

Nesse sentido, refletindo acerca do território histórico-filosófico da própria interdisciplinaridade, faz-se possível estabelecer esforços para assimilar suas características, seu valor intelectual e a produção que a tematiza. Ainda, é possível analisar as condições nas quais nascem algumas das discussões que sobre ela se fazem, bem como o recente surgimento de áreas de conhecimento com essa natureza. Assim, mostram-se pertinentes reflexões à luz da epistemologia de um dos principais filósofos contemporâneos e de suas reflexões ontológicas, para aproximar o turismo de suas perspectivas teóricas.

Portanto, quando retomadas bases conceituais ou históricas sobre o turismo, como já posto anteriormente, muitos aspectos são relevantes para refletir sobre sua relação com a interdisciplinaridade. Observa-se, por exemplo, entre pesquisadores, diversidade de pensamento sobre o nascimento do turismo do ponto de vista histórico e acadêmico. Alguns o explicam pelo movimento de pessoas e pela respectiva permanência nos destinos, segundo Burkart e Medlink (1974), citados por Barreto (2003); outros destacam o turismo como fenômeno decorrido do desenvolvimento do capitalismo (MOESCH, 2002), ou do período da Revolução Industrial, como esclarece Panosso Netto (2011). Desse modo, há uma fusão de múltiplos fenômenos que parecem permitir situar o surgimento do turismo na modernidade. Sob o prisma teórico, acadêmico, científico, apenas a partir do século XIX tem-se a preocupação de pesquisadores da área de Geografia sobre estudos do turismo, na Alemanha, datados de 1870, como já referido por Rejowski (2002).

Panosso Netto (2011) registra ainda que as primeiras publicações sobre o turismo se preocupavam com duas vertentes específicas: a econômica e a social, e complementa ressaltando que o turismo vem a ser estudado pelas mais diversas disciplinas, mesmo tendo suas etapas iniciais estudos centrados na Economia, na Geografia e na Sociologia. Portanto, parece possível compreender o turismo na qualidade de fenômeno, ou prática social, econômica e cultural.

Mas o que esse cenário diz sobre o turismo quando pensado na relação com a interdisciplinaridade? É exatamente a percepção da confluência de fenômenos, de disciplinas científicas, de pesquisadores que se preocupam com o turismo, com olhares sociais, culturais, econômicos, teóricos múltiplos, que imprime marcas em compreensões do que hoje conhecemos como turismo, seu desenvolvimento e sua forma. Assim sendo, não seria forçado ressaltar que essa integração de fatores e formas confere ao turismo natureza interdisciplinar.

Discussões em torno do tema “interdisciplinaridade” advêm de várias áreas de conhecimento e estão presentes na atualidade como tema emergente e emergencial. Alguns debates ganham destaque focalizando a dimensão epistemológica ou a pedagógica, a metodológica, ou ainda como uma forma de intervir no mundo, como uma colaboração entre professores e pesquisadores em busca de soluções para problemas complexos (PAVIANI, 2005). Diversos são os olhares e as abordagens, assim como é perceptível o uso indiscriminado do termo, podendo conferir algumas possíveis superficialidades, ou miopias teóricas. Também é possível perceber que há um certo “modismo” em discutir o assunto.

Torna-se relevante, quando se toma como suposto a natureza interdisciplinar conferida ao próprio turismo, rever alguns desses pontos e algumas marcas históricas e filosóficas que são atribuídas ao corpo teórico da interdisciplinaridade. Nessa linha de raciocínio, recorre-se às ideias de Paviani (2005) e Fazenda (2011) para percorrer caminhos, históricos e filosóficos, considerando que não há uma única teoria da interdisciplinaridade, como destaca Fazenda (2011). Alguns olhares e percursos teóricos pessoais de pesquisadores, que se debruçaram e se debruçam sobre a temática, sinalizam múltiplas perspectivas. Eles conferem ao tema, necessidade de reflexões de natureza epistemológica, complexa, pois, como a autora ainda chama atenção, é necessário atentar aos movimentos epistemológicos vivenciados pelos estudiosos no momento de suas pesquisas, e os porquês dessas escolhas. “A origem da interdisciplinaridade está nas transformações dos modos de produzir a ciência e de perceber a realidade”, explica Paviani (2005, p. 14). Nesse sentido, para o filósofo, pensar a própria interdisciplinaridade é pensá-la interdisciplinarmente, porquanto “[...] exige a interferência da lógica, da filosofia, da história e de outras disciplinas” (PAVIANI, 2005, p. 16).

Há necessidade, ainda, de organização de alguns pontos históricos fundamentais que possibilitem elencar pontos-chave para aproximação da interdisciplinaridade a discussões epistemológicas – aspecto destacado como “questão primeira” entre os teóricos estudados por Fazenda (2011). Desse modo, com base na autora, faz-se uma revisão histórico-crítica de estudos sobre a interdisciplinaridade, cujos percursos organizou didaticamente em três décadas: 1970, 1980 e 1990.

2.3.1 Movimentos históricos iniciais: 1970, 1980 e 1990

Como antes mencionado, em tentativa de organização de alguns pontos históricos nodais que possibilitem elencar pontos-chave, para aproximação de discussões entre aspectos históricos e epistemológicos, Fazenda (2011) desenvolve revisão histórico-crítica de estudos sobre a interdisciplinaridade, organizando, didaticamente, percursos em três décadas, englobando 1970, 1980 e 1990. Explica, em síntese que, nos anos de 1970, os estudiosos buscaram uma construção epistemológica da interdisciplinaridade; em 1980 partiram para explicitação de contradições epistemológicas, a partir do período anterior; e, em 1990, os pesquisadores tentaram construir uma outra epistemologia, como eles intitularam “uma nova epistemologia, a própria da interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2011, p. 17).

Na década de 1970, o movimento da interdisciplinaridade surge na Europa como tentativa de elucidação e de classificação temática de propostas educacionais, como um compromisso de professores em romper com a ideia de uma “educação por migalhas”, ou seja, em oposição ao conhecimento que privilegia certas ciências em detrimento de outras, a organizações curriculares com excessiva especialização, favorecendo olhares restritos e limitados – contra o que se insurgiram movimentos estudantis reivindicando novo estatuto para a universidade e para a escola. É marcadamente o período de estruturação conceitual básica, mesmo que inicialmente, nessa fase, sejam explicitadas terminologias, inclusive sobre a escrita da palavra “interdisciplinaridade”, esta que, por influência teórica francesa e inglesa (interdisciplinaridade), foi questionada (FAZENDA, 2011).

Ainda, nesse período, o ponto forte eram as discussões teóricas a respeito do papel humanista do conhecimento e da ciência. Nesse sentido, Fazenda (2011) aponta Georges Gusdorf como um dos precursores nas discussões sobre interdisciplinaridade, girando, particularmente, em torno da categoria “totalidade”. Em 1961, apresenta à Unesco projeto interdisciplinar nas ciências humanas, cuja tônica recaía sobre a orientação das ciências humanas para a “convergência”, para a unidade humana. Em outras palavras, tinha em vista a diminuição da distância teórica entre as ciências humanas. Na esteira desse projeto, sucederam estudos, patrocinados pela Unesco, realizados por equipes constituídas por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, buscando “[...] indicar as principais tendências da pesquisa nas ciências do homem [...]” com a pretensão de levantar “[...] questões para

a construção da ciência do amanhã, no dizer de Levi Strauss” (FAZENDA, 2011, p. 20). Desse trabalho resultou importante publicação em 1968.

Chama a atenção a observação da autora, na década de 90, sobre a importância desse estudo, no qual já se encontravam hipóteses e orientações de trabalho para as ciências humanas apenas esboçadas à sua época – cujas premissas, no entanto, não ficaram ali circunscritas. Nesse sentido, entende-se ser pertinente retomar algumas dessas orientações destacadas pela autora:

- A proposição do estudo da arte numa dimensão antropológica nos induz hoje a refletir sobre a superação da dicotomia ciência e arte.
- A indicação da necessidade de estudar-se antropológicamente as matemáticas nos induz hoje a refletir sobre a dicotomia cultura e ciência.
- A ideia de estudar aspectos não tecnológicos das proposições técnicas nos reforça atualmente a importância do embate objetividade/subjetividade.
- Os resultados dos estudos da cibernética no desenvolvimento da neurofisiologia e da psicologia nos conduzem hoje à superação da dicotomia percepção/sensação.
- Estudos de geografia humana para o desenvolvimento da antropologia nos convidam a investigar a superação da dicotomia espaço/tempo. (FAZENDA, 2011, p. 20)

Outro fato a destacar, nos dizeres da autora, foi o estabelecimento, em 1971, de um comitê de especialistas, os quais construíram e redigiram documento sobre os problemas do ensino e da pesquisa nas universidades, na tentativa de refletir sobre nova forma de conceber a universidade. As reflexões tinham por objeto a minimização de barreiras disciplinares, com estímulo às atividades de pesquisa coletiva e inovação no ensino, assim como a distinção conceitual entre os níveis de relação multi, pluri, inter e transdisciplinar. Essa atitude demonstra uma tentativa de organização do ensino, não apenas baseada na disciplina, mas a partir da revisão de outras relações existentes entre elas, os possíveis sentidos que esses prefixos sinalizavam. Portanto, pensar a interdisciplinaridade, nesse momento, era sinônimo de assumir princípios de reflexão aprofundada e crítica, como um ensaio para enfrentar algumas dicotomias vivenciadas pelas universidades. Ao mesmo tempo, em 1977, Guy Palmade, mencionado por Fazenda (2011), revela sua preocupação com os perigos de a interdisciplinaridade converter-se em ciência aplicada, em ciência das ciências, insistindo assim sobre a necessidade de explicitação conceitual.

No Brasil, fruto de repercussões desses estudos, foi o modismo que levou o termo “interdisciplinaridade” à educação aprioristicamente: “Impensadamente tornou-

se a *semente* e o *produto* das reformas educacionais empreendidas entre 1968 e 1971 (Nos três graus de ensino” – observa Fazenda (2011, p. 24), ao mesmo tempo em que a autora assinala avanços conceituais quando pesquisadores brasileiros passam a fazer da interdisciplinaridade seu objeto de estudo, a exemplo, principalmente de Hilton Japiassu (1976), cuja obra, antes referida, *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, possibilitou não só rever principais diferenças conceituais propostas por pesquisadores da época, como também apresentou pressupostos para uma “metodologia interdisciplinar”.

O exemplo mencionado pela autora é significativo. Japiassu (1976) o discute em seu livro nas duas partes fundamentais: o *domínio do interdisciplinar* e a *metodologia interdisciplinar*.

Na primeira parte, considerando a problemática do domínio vasto e complexo do interdisciplinar, focaliza-se quão é difícil se estabelecer projetos dessa natureza devido a “ignorância” dos especialistas, às fronteiras das disciplinas, “[...] à força de conhecer cada vez mais sobre um objeto cada vez menos extenso, [com o que se] acaba por saber tudo sobre o nada” (JAPIASSU, 1976, p. 40-41), ou seja, a especialização exagerada sem limites das disciplinas científicas, o que conduz ao que o autor chama de esmigalhamento do saber, um estado de carência da interdisciplinaridade. Japiassu (1976) chama atenção para a exigência de reflexões mais profundas e inovadoras dos conceitos de ciência e filosofia e de reformulações de estruturas mentais. Nesse sentido, reconhecendo que há crise entre as ciências humanas e, com isso, impasses metodológicos, o autor sinaliza motivações, dos objetivos e das justificações, para invocar um projeto de metodologia interdisciplinar. Entretanto, quando Japiassu (1976) inicia sua fala sobre sua metodologia, no primeiro parágrafo, já discorre sobre disciplinas operantes e cooperantes o que possibilita compreender sua posição epistemológica.

Japiassu (1976) contribuiu imensuravelmente em seu tempo, no que diz respeito à imposição da interdisciplinaridade aos ditos especialistas, *experts*, no sentido de transcenderem suas especialidades e tomarem consciência de suas próprias limitações. Igualmente, chamou atenção para o reconhecimento de esboços teóricos para uma outra epistemologia, para além das marcadas pelo positivismo, com tentativa para encaminhar para a uma outra pedagogia.

É de Gusdorf (1983) e outros autores a obra *Interdisciplinaridade e Ciências Humanas*, referida por Fazenda (2011), que aportou destacada contribuição, na

década de 1980, ao retomar questões relativas à busca de epistemologias que explicitassem o teórico, o abstrato, a partir do prático, do real. Abordando pontos de encontro de disciplinas constitutivas das ciências humanas, influências recíprocas sob o prisma teórico e filosófico, encaminhou conclusões relevantes sobre a natureza e alcance da interdisciplinaridade, avançando na compreensão de que:

- A atitude interdisciplinar não seria apenas resultado de uma *síntese*, mas de sínteses imaginativas e audazes.
- Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação.
- Interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar.
- Entre as disciplinas e a interdisciplinaridade existe uma diferença de categoria.
- Interdisciplinaridade é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem traçado e flexível.
- A interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas. (FAZENDA, 2011, p. 28-29).

A partir dessa visão, os autores marcam “dicotomias” que precisam ser enfrentadas, sobretudo entre: teoria e prática, verdade e erro, certeza e dúvida, ciência e arte, processo e produto, entre outras.

Na década de 1990, o cenário brasileiro traz à tona contradições entre estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade e o desenvolvimento de projetos baseados na intuição e não por exigência de uma nova consciência em relação ao conceito revisado de ciência, que assume a subjetividade e o erro (FAZENDA, 2011). Muitos projetos na área de educação, que se pretendiam interdisciplinares, surgem com base em modismos. Na educação, a palavra de ordem no final do século é “interdisciplinaridade”. Múltiplas mudanças que o mundo vivencia indicam novas formas de pensar e influenciam o ensinar, a escola e ao que Fazenda (2011) alude como caminhos da forma disciplinar para a interdisciplinar. O movimento é inegável mesmo longe de constituir-se em unanimidade.

Discussões teóricas e metodológicas voltadas à interdisciplinaridade adentram o século XXI. Unidade e multiplicidade, continuidade e descontinuidade, complexidade e emergência, considerados, segundo Paviani (2005), princípios da interdisciplinaridade ou razões que a justificam epistemologicamente, são trazidos à reflexão. Sobre o princípio da unidade e multiplicidade, afirma:

A unidade e a multiplicidade estão presentes nas interações entre as ciências e suas múltiplas disciplinas. O objetivo da interdisciplinaridade não é o de

diminuir ou de retirar a especificidade das ciências ou disciplinas, mas de possibilitar elos comuns no intercâmbio entre os conhecimentos e a realidade. [...] Sem unidade teórica, a multiplicidade é apenas um conjunto de partes isoladas e desordenadas. A unidade sem multiplicidade reduz a realidade a um estado inerte, esconde a complexidade processual dos problemas científicos (PAVIANI, 2005, p. 40-43).

Ao referir-se ao princípio da continuidade e descontinuidade, o autor alerta para o fato de que “[...] a própria complexidade crescente nas inter-relações que invadem as ciências e as disciplinas” repousa sobre esse princípio, de modo que “o problema do contínuo e do descontínuo inaugura uma nova condição epistemológica que a interdisciplinaridade deve considerar” (PAVIANI, 2005, p. 43-44).

Na sequência, Paviani (2005), destaca a existência de uma relação entre a crise do papel do observador externo e os conceitos de emergência e de fenômeno no sentido de aparecer. Mesmo os fenômenos podendo fascinar o pesquisador nas disciplinas tradicionais, eles são construídos. Para ele, “O impacto dos fenômenos sobre os observadores é o mesmo impacto da observação que altera o fenômeno, O conhecimento teórico uma coemergência do fenômeno e de seu observador” (PAVIANI, 2005, p. 46).

Relativamente ao terceiro princípio, assinala Paviani (2005, p. 48):

O processo de determinação e de interdeterminação de cada ciência ou disciplina, enquanto sistema de conhecimentos, faz com que tanto a organização como a produção teórica estejam abertas ao seu “meio ambiente”, às necessidades da sociedade. O conceito de complexidade propõe um novo conceito de autonomia às ciências e às disciplinas. Seus limites tornam-se ao mesmo tempo horizontes que se refazem permanentemente.

As considerações do filósofo vão ao encontro das de Morin (2002, p. 107), para quem “[...] se a história oficial da ciência é a da disciplinaridade, uma outra história, ligada e inseparável, é a da inter-poli-transdisciplinaridade”. Segundo o autor, novos esquemas cognitivos estão na base de rupturas de fechamentos disciplinares e, por via de consequência, de avanços e transformações das disciplinas. Morin (2002, p. 112-113) tem presente que, “Intelectualmente, as disciplinas são plenamente justificáveis, desde que preservem um campo de visão que reconheça e conceba a existência das ligações e das solidariedades. E mais: só serão plenamente justificáveis se não ocultarem realidades globais”. Lembrando ainda que não se pode

demolir o que as disciplinas criaram, ou romper todo fechamento, “é preciso que uma disciplina seja ao mesmo tempo aberta e fechada” (MORIN, 2002, p. 115).

Essas mudanças pelas quais a ciência passou e passa, e que consequentemente influenciam saberes e fazeres dos pesquisadores e cientistas, recolocam nossos olhares na direção daquilo para o que a própria história da ciência chama atenção: os processos de justificação, de validação da própria ciência. Esta poderia ou deveria ser a “questão primeira” entre os teóricos que se detêm no estudo da interdisciplinaridade.

Assim, considerando questões epistemológicas como centrais para pensar o a interdisciplinaridade, desde as primeiras décadas em que estudiosos se debruçaram sobre essa temática, emerge como mais outro caminho a seguir trazer à pauta uma ontologia da interdisciplinaridade, voltando o foco para aquelas que poderiam ser suas propriedades determinadas e determinantes. Como principal veio analítico, perspectivando elucidar, para este estudo, a compreensão de interdisciplinaridade, recorreremos às ideias de Gaston Bachelard, com base em três de suas obras: *O novo espírito científico* (1968), *A formação do espírito científico* (1996) e *Epistemologia* (1977).

2.3.2 Desenvolvimento do pensamento científico e a contribuição de Gaston Bachelard

Aproximar proposições teóricas de Gaston Bachelard à discussão sobre interdisciplinaridade vem ao encontro de possibilitar outros aportes teóricos que ensejem olhares diferentes dos já existentes. Pontualmente, recorreremos ao filósofo na pretensão de fazer emergir questões e reflexões que possibilitem construção de referencial teórico-metodológico e pedagógico norteador da oficina proposta pelo projeto, como apresentado no item 3.1.

Antes, porém, de adentrar no mundo das ideias de Bachelard, faz-se oportuno situar o porquê dessa escolha. Nesse sentido, reporta-se a Japiassu (1979) em sua obra *Introdução ao pensamento epistemológico*.

Bachelard é considerado um revolucionário da epistemologia contemporânea e situado como representante importante da corrente epistemológica de análise da história da ciência, de natureza crítica e racionalista. Japiassu (1979, p. 63) destaca que o projeto bachelardiano consistia em “dar às ciências a filosofia que elas

merecem”. O filósofo introduziu alguns conceitos-chave no campo científico, como por exemplo: a recorrência, a vigilância, os obstáculos epistemológicos. Essas discussões possibilitaram mudanças significativas entre os pensadores e seus saberes e fazeres científicos.

Uma das questões fundamentais está centrada nos poderes da ação racional e, ao mesmo tempo, no poder da atividade criadora e poética. Suas obras dividem-se em científica e poética. Há um forte componente poético entre os escritos de Bachelard, compreendendo o homem como sendo, ao mesmo tempo, razão e imaginação.

O filósofo faz discussões fecundas sobre o pensamento científico, opondo-se às tradições positivistas: a incerteza generalizadora em oposição à questão dos dogmas evidentes; a verdade como não absoluta, mas construída, criada, produzida, retificada; o juízo crítico em equilíbrio com a criação poética; o positivismo ingênuo que limita a prática e a interpretação da investigação científica; a reflexividade dos atos necessária pela razão, pelos conceitos e não só pela indução empírica; a epistemologia balizada pela história, pela ciência e pela filosofia (JAPIASSU, 1979).

Tem-se o entendimento de que, por um lado o projeto de Bachelard possibilita reflexões, por meio da “gênese do real” que não pode ser narrada, mas descrita (JAPIASSU, 1979, p. 80), aí possibilitando um diálogo com o cenário do campo da interdisciplinaridade; por outro, permite ponderações referentes à “Pedagogia Científica”. A rigor, aqui se fazem ensaios de aproximações de ordem epistemológica entre o conhecimento em Bachelard e a interdisciplinaridade. São considerações que se encontram a seguir.

A história da ciência mostra que, desde os antigos gregos até o início do século XVII, os parâmetros implícitos presentes no que se denomina paradigma aristotélico diziam respeito à organização lógica e justificada de um corpo teórico, do seu discurso, que demonstrasse, com argumentos concatenados coerentemente, as conclusões apresentadas. Conhecimento válido era o justificado pelas evidências da experiência e pelos argumentos lógicos que demonstravam a sua coerência interna com as verdades universalmente aceitas (KÖCHE, 2005).

Posteriormente, a partir do século XVII, além da exigência da coerência lógica dos argumentos utilizados na demonstração de uma teoria, a ciência moderna introduziu o experimento quantitativo, desenvolvido para a obtenção de provas

“objetivas”, pretensamente isentas de subjetividade, tidas como evidências “comprovadas” pelos experimentos científicos controlados.

Conhecimento válido, nesse paradigma cartesiano-newtoniano, portanto, era o justificado com provas experimentais que demonstrassem sua veracidade, isto é, a total adequação objetiva das teorias às manifestações dos fatos ou dos fenômenos da realidade investigada.

Esses requisitos da ciência moderna, no entanto, principalmente a crença positivista e empirista da possibilidade de haver um experimento crucial, que dirimiria decisivamente a dúvida sobre falsidade ou veracidade de uma hipótese testada experimentalmente, bem como a possibilidade de o conhecimento teórico estar isento de interferências subjetivas e de suas teorias serem cópias fiéis da realidade, são colocados em crise (SCHMID, 1998) com o surgimento da ciência contemporânea, a partir do final do século XIX.

Desde esse período, essa visão cientificista do paradigma cartesiano-newtoniano é progressivamente questionada e substituída. A nova visão sobre o caráter conjectural do conhecimento científico e a constatação da impossibilidade de um experimento crucial, a inversão epistemológica afirmando que as observações sempre estão impregnadas de teoria, e não o inverso, a natureza das teorias científicas como uma das formas possíveis de representação do real, o reconhecimento do pluralismo teórico e metodológico e a natureza inter e transdisciplinar das investigações científicas, gradativamente foram tomando forma e retificando gradualmente a significação do conceito de ciência, de método e de conhecimento científico, elucidado por Duhem (1993), apresentado por Köche (2005), iniciando-se a construção de uma nova base epistemológica para a ciência contemporânea.

Essas considerações vêm ao encontro do que Bachelard (1996) destaca como períodos históricos no desenvolvimento da ciência: o período do estado pré-científico, o do estado científico e o do estado do novo espírito científico.

Segundo Bachelard (1996), o estado pré-científico engloba todo o período do surgimento da filosofia da natureza, desde o século VI a.c., até o século XVI, principalmente com o predomínio do paradigma aristotélico. Esse período se caracteriza pela produção do conhecimento centrado na descrição dos dados empíricos, das imagens materiais concretas e sensíveis dos fenômenos ou dos objetos de investigação. Para Bachelard (1996), nesse estado, o do *concreto*, “o

espírito se entretém com as primeiras imagens do fenômeno e se apóia [sic] numa literatura filosófica que exalta a Natureza [...]" (p. 11).

O estado científico surge a partir da revolução da ciência moderna, meados do século XVI e século XVII, com a introdução do experimento científico e da matemática como linguagem da ciência. No estado científico, começa a se estabelecer o estágio concreto-abstrato, "em que o espírito acrescenta à experiência física esquemas geométricos e se apóia [sic] numa filosofia da simplicidade" (BACHELARD, 1968, p.11). Agrega ao concreto percebido a representação abstrata, principalmente por meio de leis e teorias representadas numa linguagem matemática. Essa é a característica básica do período do paradigma cartesiano-newtoniano, já descrito anteriormente, durante o predomínio da ciência moderna.

O estado do "novo espírito científico", que começa a surgir no início do século XX, a partir da crise da ciência moderna – o que Bachelard (1968) denomina de "estado científico" e de seu paradigma cartesiano-newtoniano –, é o abstrato, que surge a partir da física quântica e da einsteiniana, caracterizado como uma epistemologia não-cartesiana, que é a que avaliza o novo espírito científico contemporâneo. Para autor, nesse estado abstrato, "o espírito adota informações voluntariamente subtraídas à intuição do espaço real, desligadas da experiência imediata e até em polêmica declarada com a realidade primeira, sempre impura, sempre informe" (BACHELARD, 1968, p. 11-12).

O novo espírito científico valoriza a imaginação e o elevado poder de crítica. O progresso científico é resultante da permanente correção de seus erros históricos, da superação, negação ou eliminação das impressões primeiras e do conhecimento estabelecido.

Em oposição às filosofias do imobilismo, atreladas ao paradigma cartesiano-newtoniano, que divulgam a ideia de uma ciência imutável e acumulativa, o epistemólogo apresenta o que compõe o novo espírito científico, a partir da explicitação sobre o pensamento contemporâneo baseado na flexibilidade, mobilidade, no esforço de uma cultura científica, como também no duplo sentido da prova metafísica, no vetor epistemológico, no realismo técnico e na hipótese como síntese.

Ao referir o *duplo sentido da prova metafísica*, explica que há impureza metafísica quando da escolha, pelo estudioso, do modo de pesquisar, ou seja, tanto na experiência como no raciocínio, há interpretação ao mesmo tempo na linguagem

realista e na linguagem racionalista. Se a atividade científica experimental, terá de raciocinar e se ela raciocina, terá de experimentar. Há uma espécie de jogo dialético crítico entre o raciocinar e o experimentar. Qualquer que seja o caminho metodológico, ele sempre estará contaminado pelo caráter interpretativo da base teórica e sempre necessitará da prova da experiência, por sua vez, com sua interpretação também impregnada do fundo teórico que a precede. Ao abordar a noção do *vetor epistemológico*, o filósofo deixa claro que, no momento de sua aplicação, o pensamento científico segue a direção essencialmente realizadora, ou seja, a direção é do racional para a realidade, e de modo algum inversamente. Toda observação e todo teste sempre serão precedidos de pensamento teórico.

Quanto ao *realismo técnico*, expressa a compreensão de que o conhecimento não provém de uma extensão de algo adquirido do real ou da impressão de quem observa via organização formal esquemática, mas da realização do racional na experiência. A experiência científica é uma razão confirmada, o real é construído pelo racional. O pensar teórico precede a organização observacional e o teste experimental. Assim, há o ingresso normativo da teoria na execução da experiência, ou, dito de outra forma, a experiência é planejada e executada a partir da normatização estabelecida pela teoria que for utilizada. Na menção à *hipótese como síntese*, baseia-se na oposição entre a hipótese construída a partir da experiência, e a hipótese construída por meio do racional (BACHELARD, 1968).

A ciência foi compreendida por Bachelard (1996) como um momento de “clareza provisória”, inerente a cada período histórico destacado, marcado por suas formas de conceber o conhecimento científico. Isso ratifica seu entendimento da não fixidez desse conhecimento. Tendo como referência o esgotamento da concepção positivista de ciência, as proposições bachelardianas, de ordem epistemológica, surgem assim em meio a revoluções do pensamento científico contemporâneo e repercutem em vários campos do saber e da sociedade.

Algumas noções, consentâneas com o que se propõe neste estudo, são fundamentais para compreensão de suas ideias:

- a) a noção de que há um “novo homem” [pesquisador], embora permaneçam vestígios do “homem velho”, no sentido de que, nele, o século XVIII e seus conhecimentos desenvolvidos continuam latentes e fortemente presentes;
- b) a crença na descontinuidade entre conhecimento científico e senso comum - o objeto que surge dessa nova ciência não é mais dado pela natureza,

mas construído pelos sujeitos a partir da razão e testado na experiência (Bachelard, 1996);

- c) *o reconhecimento, não de oposição, mas de complementação entre o a priori e o a posteriori* - ou seja, a racionalidade e a empiria são polos que enriquecem o conhecimento científico, quando aproximados;
- d) *a teoria do aproximismo*, que discorre sobre a indefinição do objeto, visto que o conhecimento científico é provisório, inconcluso, incompatível com certezas, como se compreendia no “período de estado científico”(século XIX e início do XX) - ou seja, o objeto não se expõe em sua plenitude, porque ele não pode ser apreendido em sua totalidade, tornando-se possível apreender o que emerge entre o pesquisador e o fenômeno observado (BACHELARD, 1994);
- e) *a ruptura epistemológica entre a observação e a experimentação*, sendo a observação primeira um obstáculo para a cultura científica;
- f) *os questionamentos e os problemas* como elementos centrais no processo de investigação científica, visto que não se formulam de modo espontâneo, mas, sim, derivam de questionamento do conhecimento teórico racional;
- g) *o conhecimento baseado em perguntas e respostas constituindo o espírito científico* - porquanto nada é evidente, mas sim, uma construção;
- h) *a necessidade de ruptura com a falsa explicação obtida com a ajuda de uma palavra explicativa sem a compreensão e a discussão do conceito que lhe está subjacente*.

Sendo assim, o novo espírito científico, em Bachelard (1967), reside, de forma geral, na construção do conhecimento teórico em oposição ao do senso comum, estabelecendo com este uma ruptura epistemológica; assenta-se na razão como renovação do espírito científico e na vigilância quanto a essa nova forma de captar e conceber o pensamento científico.

Na obra “A formação do espírito científico”, Bachelard (1996) traz a noção de “obstáculo epistemológico” (que ele desdobra em dez) como elemento norteador para refletir sobre o pensar e o fazer científico contemporâneos:

Quando se procuram as condições psicológicas do progresso da ciência, logo se chega à convicção de que *é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado*. E não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano: é no

âmbito do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos.

É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectaremos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos. (BACHELARD, 1996, p. 17)

Assim, falar em obstáculo epistemológico é falar em obstáculo interno, no conjunto das dificuldades psicológicas de quem busca o ato de conhecer, as quais bloqueiam, no processo de construção de um novo conhecimento científico, o acesso ao considerado conhecimento objetivo. Somente superando essas dificuldades já apontadas por Bachelard (1996) como causas da estagnação, da regressão e da inércia do conhecimento, o conhecimento científico progride.

Os dez obstáculos epistemológicos do ato de conhecer são destacados pelo autor. O sujeito, livre desses obstáculos, deveria estar em contraposição a um conhecimento anterior, opondo-se à opinião do senso comum e estabelecendo uma ruptura com o conhecimento mal estabelecido, assim, superando-o. São eles: experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista, obstáculo animista, o mito da digestão, obstáculo da libido e conhecimento quantitativo.

A **experiência primeira** é um conhecimento produto do contato direto e primeiro com a realidade, que fornece dados empíricos claros, nítidos e seguros e produto do “espírito” aberto para recebê-los. É um conhecimento muito próximo ao do senso comum e, como tal, desprovido de crítica e inseguro (BACHELARD, 1996).

Assim, parece ser mais fácil assumir uma atitude própria do pensamento pré-científico, que “oferece satisfação imediata à curiosidade” (p. 36), preocupando-se apenas com as aparências primeiras:

[...] multiplicar as ocasiões de curiosidade, em vez de benefício pode ser um obstáculo à cultura científica. Substitui-se o conhecimento pela admiração, as ideias pelas imagens. Ao tentar reviver a psicologia dos observadores iludidos, vamos constatar a implantação de uma era da facilidade que retira do pensamento científico o *sentido de problema*, logo a mola do progresso (BACHELARD, 1996, p. 36).

O autor, ainda reforça a partir de exemplo no cenário do ensino da disciplina da Física que:

É tão agradável para a preguiça intelectual limitar-se ao empirismo, chamar o fato de fato e proibir a busca de leis! Ainda hoje os maus alunos de física “compreendem” as fórmulas empíricas. Aham que todas as fórmulas,

inclusive as que decorrem de uma teoria bem organizada, são empíricas (BACHELARD, 1996, p. 37)

Na direção de discutir esse obstáculo, Bachelard (1996) apresenta a tese de que, para esse obstáculo ser superado e posto de lado, “o espírito científico deve formar-se contra a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro” (p. 29). Assim, o que significa superar? Significa reformar aquele conhecimento que foi elaborado subjetivamente pela experiência primeira, quando da aquisição de hábitos intelectuais baseados no instinto formativo, em conhecimento como resposta a uma pergunta, baseado em argumentos e vetores de abstração.

Cabeças pensantes, sem dúvida, possibilitam descobertas científicas no nível racional, ou seja, o investigador deve buscar a variação e não a variedade, o que quer dizer que o espírito científico procura analisar metodicamente variáveis de um objeto de pesquisa em vez de ir de um objeto para outro sem método (BACHELARD, 1996).

Nesse percurso, recorremos ao segundo obstáculo a ser explicitado pelo autor, o **obstáculo generalista**. Ele se sustenta no que Bachelard (1996) explica como uma “sedução das facilidades” (p. 69), ou seja, um prazer perigoso de natureza intelectual, centrado na generalização apressada e fácil; o modo simples ao qual se apresenta o raciocínio indutivo, baseado em fatos particulares, levados pelos investigadores à ideia de lei científica geral. Entretanto, a questão que o autor coloca centra-se na busca apressada pela generalidade que leva a generalizações mal formuladas ou à inércia do pensamento. Diz ele “[...] no limiar de cada ciência, estariam grandes verdades primeiras, definições intocáveis que esclarecem toda a doutrina” (BACHELARD, 1996, p. 7). Ainda complementa, questionando se essas grandes leis constituem pensamentos efetivamente científicos. “A pedagogia aí está para provar a inércia de pensamento que se satisfaz com o acordo verbal das definições.” (BACHELARD, 1996, p. 71).

Nesse cenário epistemológico, o autor aponta a importância da eficácia dessas verdades primeiras, sobretudo aos filósofos, em seus esforços para a construção de definições preliminares, embora ainda não suficientes para a substituição de conhecimentos falhos (BACHELARD, 1996).

Pedagogicamente, o autor ressalta que “[...] os estágios pedagógicos não são inteiramente homólogos aos estágios históricos. É possível constatar que essas leis gerais *bloqueiam* atualmente as ideias” (BACHELARD, 1996, p. 71). O fascínio por

respostas rápidas; a definição por palavras e não por coisas; a identificação breve do significado das palavras; a inércia; o imobilismo do pensamento pelo “ciclo de ideias exatas” (BACHELARD, 1996, p. 72) não possibilitam o avançar de concepções. Na contemporaneidade, o epistemólogo ressalta algumas mudanças que são fundamentais, por exemplo, quando traz explicações sobre a “*zona das perturbações*” e a “*inversão dos valores da explicação*” (BACHELARD, 1996, p. 73). O primeiro caso diz respeito à importância das variações que podem ser percebidas no decorrer de uma lógica estabelecida e, assim, conseqüentemente, romper com as ideias primeiras. O segundo, recai sobre a mudança referente à interpretação, deslocando-se do método indutivo baconiano, que generaliza para o universo o que é constatado com primeiras impressões do particular. Esses olhares possibilitam perceber o “esclerosado conceito formado pelo método baconiano” (BACHELARD, 1996, p. 75) e reconhece a necessidade do pensamento inventivo.

Em síntese, esse obstáculo compreende a apropriação das características de conhecimento do objeto estudado como realidade e verdade a ser generalizada para o universo dos outros objetos, em oposição à construção racional que possibilita a discussão e um aprofundamento crítico, tornando o conhecimento, um conhecimento científico.

Outro obstáculo ao pensamento científico, o terceiro, explicitado por Bachelard (1996) é o **Obstáculo Verbal**. Neste ponto, o foco recai sobre a ideia de que uma única imagem ou palavra concebe, substancializa toda a explicação sobre um fenômeno. Aqui, na menção à palavra “substancializa”, aproxima-se o obstáculo verbal ao **Obstáculo Substancialista**, pois “tratar-se-á de uma explicação verbal com referência a um substantivo carregado de adjetivos, substituto de uma substância com ricos poderes” (BACHELARD, 1996, p. 91).

Nesse sentido, o autor exemplifica situações pré-científicas servindo-se da palavra “esponja” utilizada por Réaumur, no século XVIII, para dar a entender, por analogia, a possibilidade de o ar ser rarefeito, comprimido ou ser embebido pela água, ou seja, essa única palavra funciona como uma imagem que ocupa o lugar de uma explicação, aparentemente, como um objeto com funções e significados já conhecidos. Afirma ele:

Por uma tendência quase natural, o espírito pré-científico condensa num objeto todos os conhecimentos em que esse objeto desempenha um papel, sem se preocupar com a hierarquia dos papéis empíricos. Atribui à substância

qualidades diversas, tanto a qualidade superficial como a qualidade profunda, tanto a qualidade manifesta como a qualidade oculta". (BACHELARD, 1996, p. 121)

Há nesse tratamento das substâncias um descuido com o "movimento epistemológico" (BACHELARD, 1996, p.121), que alterna do interior para o exterior das substâncias, prevalecendo-se da experiência externa e resistindo à crítica interna. Recorrendo novamente à relação entre o obstáculo verbal e o substancialista, "[...] tal substancialização permite uma explicação breve e peremptória" (BACHELARD, 1996, p.127): quando há ausência de percurso teórico, discursivo, não se compreendem contradições que pode haver entre interior e exterior dos fenômenos. Quando se dá lugar à imaginação e à percepção em detrimento da compreensão profunda, as relações entre sujeito e objeto para constituir o espírito científico, se perdem.

Desse modo, correções são exigidas do pensamento para que se superem esses obstáculos. Em síntese, o *obstáculo verbal*, o terceiro obstáculo a ser ultrapassado, abrange a falsa explicação pela palavra explicativa, não inserido num conjunto particular que possibilite uma síntese lógica, ou seja, um discurso recursivo justificado com o conhecimento passado. O *obstáculo substancialista*, o quinto, pela organização do autor, baseia-se na explicação das propriedades de um objeto de estudo a partir de suas propriedades.

O ***obstáculo realista***, o sexto, aproxima-se do obstáculo substancialista, na medida em que aponta o fascínio pela ideia de substância, sendo necessário procurá-lo o princípio, até no inconsciente (BACHELARD, 1996).

A substância de um objeto, por exemplo, é aceita como um bem pessoal, como uma experiência clara, pouco discutida e íntima de quem pesquisa.

[...] Siga a argumentação de um realista; *imediatamente* ele está em vantagem sobre o adversário porque tem, acha ele, o real do seu lado, porque *possui a riqueza* do real, ao passo que seu adversário, filho pródigo do espírito, persegue sonhos vãos. Em forma ingênua, em sua forma afetiva, a certeza do realista provém de uma alegoria avarenta. (BACHELARD, 1996, p. 164)

O que estaria aí pontuado, de forma geral, é a ingenuidade dos realistas, uma vez que há um *sentimento de ter*, sentimento esse que diz respeito ao fascínio pela apropriação das substâncias dos objetos e ao sentimento de acesso ao real e de sua posse. Espiritualmente, o realista se apossa do domínio de substâncias do objeto, o que passa a configurar o sentimento de posse direcionado ao reconhecimento de que

nada pode ser perdido, como uma prescrição normativa, o que torna, na sequência, uma ação descritiva em afirmativa (BACHELARD, 1996).

Em síntese, o *obstáculo realista* envolve a compreensão a partir do que a impressão pessoal e afetiva do pesquisador permite apreender. Esse se mantém nos dados e estudos empíricos das coisas concretas e impede a evolução para uma análise mais racional e abstrata própria ao pensamento científico.

O conhecimento unitário e pragmático é um obstáculo ao desenvolvimento do pensamento científico em função da crença de que existe um princípio geral da natureza que unifica e regula de forma homogênea as manifestações de qualquer fenômeno ou de qualquer atividade natural. Assim é que há o princípio da perfeição com que tudo foi criado e o princípio da harmonia. E essa crença é de fundo filosófico e não de constatação empírica.

Para Bachelard (1996), “Foi assim que, no século XVIII, a idéia [sic] de uma natureza homogênea, harmônica, tutelar, apagou todas as singularidades, todas as contradições, todas as hostilidades da experiência” (p. 103). Dessa forma, todas as dificuldades eram resolvidas diante dessa visão geral de mundo. Como a busca desse princípio se realiza sem esforço, transformou-se em um grande obstáculo para o pensamento científico.

Junto ao princípio unitário há também o pragmático:

Procura-se atribuir a todas as minúcias de um fenômeno uma utilidade característica. Se uma unidade não caracteriza um traço particular, parece que este aspecto não fica explicado. Para o racionalismo pragmático, um aspecto sem utilidade é um irracional. (BACHELARD, 1996, p. 115)

A partir dessa visão utilitarista, comum no século XVIII, os objetos deveriam ser vistos e explicados pela sua utilidade, em decorrência da finalidade de sua existência. Construíam-se sistemas explicativos inteiros a partir da utilidade, pois “o verdadeiro deve ser acompanhado do útil” (BACHELARD, 1996, p. 117). Bachelard (1996) destaca que esse poder sedutor e perigoso de deixar-se levar por um único conceito que conduz a ideias sintéticas com uma única característica foi muito forte no século XVIII e serviu com um forte obstáculo para o desenvolvimento do pensamento científico.

Em síntese, o autor chama atenção para o fato de que, para o investigador, tudo pode ser explicado como uma manifestação variada de uma só e única Natureza.

Ao discorrer sobre o **obstáculo animista**, Bachelard (1996) se questiona: “[...] como foi possível fazer com que a intuição da vida, cujo caráter invasor vamos mostrar, ficasse restrita ao seu próprio campo? Em especial, como as ciências físicas se livraram das lições animistas?” (p. 185).

O desenvolvimento da física, da química e dos outros campos do conhecimento, até o século XVIII, esteve muito impregnado do que Bachelard (1996) denomina de obstáculo animista, isto é, da crença no “caráter universal da vida” (p. 190), na intuição do princípio universal vitalista, copiado da biologia e derivado de concepções pré-científicas da Antiguidade e do período medieval, generalizado também para todos os seres e fenômenos físicos e químicos. Acreditavam que, à semelhança dos objetos e fenômenos biológicos, isto é, dos seres vivos, animais ou vegetais, os outros fenômenos químicos ou físicos também teriam um princípio vital de sustentação de sua existência, como “uma espécie de matéria *viva* que comanda a matéria *morta*” (BACHELARD, 1996, p. 191).

Durante um longo período fecundo do desenvolvimento da biologia, inclusive do uso do microscópio, a física e a química, no seus estágios pré-científicos, se valeram desse princípio animista, utilizado para explicar os fenômenos biológicos, como meio de explicação dos seus objetos e fenômenos.

O uso desse princípio animista na química e na física, transformou-se num obstáculo epistemológico para essas duas áreas de conhecimento retardando seu avanço do estágio do pré-científico para o científico. Ele é entendido como um obstáculo à objetividade, percebido por Bachelard (1996) quando as ciências ditas puramente materiais se unem à intuição do princípio vitalista, “que reconhece a vida como algo dado claro e geral” (p. 185).

Nesse sentido, o autor esclarece que as ciências que obtiveram dados positivos, buscaram apoio naquela que possibilitasse “vida”, relação entre o vital e o material, consequentemente conferindo animosidade ao objeto.

Em síntese, o uso de princípios animistas na química e na física é um obstáculo, porque o princípio vitalista confere proximidade da ideia sobre vida e concreto, na figura de matérias, compreendida de forma ingênua e como obstáculo à objetividade.

Nesse ponto, um outro obstáculo, “**o mito da digestão**”, requer explicitações. Bachelard (1996) apresenta uma analogia com a ideia de alimento e de bebida. Discorre sobre a digestão como uma função privilegiada na medida em que, para um

realista, o real é o alimento sólido, consistente, enquanto que a bebida quase nada representa diante da valorização do concreto que alimenta o estômago com o sólido. O centro da questão é que, na analogia entre a fome e o conhecimento, se “mata” a fome quando se satisfaz a necessidade de “possuir o alimento sólido, durável, integrável, assimilável, verdadeira reserva de força e de poder” (BACHELARD, 1996, p. 210), a inteligência, desse modo, residindo no ato de possuir o concreto, o tangível. Para o período pré-científico, essa analogia leva a refletir sobre o que é o real, o que, no período científico e no novo espírito científico ganha novos contornos teóricos.

Alguns experimentos ou formas de “digerir” determinado conhecimento dependem do sistema de valor assumido, para uns pode ser algo detestável ou repugnante; para outros, algo desejável, ou mesmo admirável. Vale assim, a analogia explicativa sobre a digestão. No reino dos valores e antivalores podem se tornar um obstáculo para a própria concepção do real (BACHELARD, 1996).

Em síntese, esse obstáculo diz respeito à analogia do realista como um “comedor”, pelo olhar de textos pré-científicos, olhar que valorizava de forma imediata e sólida um tema explicativo, saciando, dessa forma, sua curiosidade e sua avidez de conhecer. O alimento é o real, o estômago o que processa, assim a digestão corresponde ao “tomar posse” de algo, da máxima presente no objeto de estudo.

O penúltimo obstáculo intitulado “**libido e conhecimento objetivo**” é exposto por Bachelard (1996) por meio do que chama de “mito da geração” (p. 225). A partir da ideia de *devir*, o autor explica que o espírito passa a desejar *tornar-se* no lugar do *ter*. Na analogia criada entre o mito da geração e o mito da digestão, o epistemólogo esclarece que: o apetite é brutal, imediato e se extingue no estômago quando é saciado; a libido é poderosa, a longo prazo, e quando satisfeita, reaparece.

Desse modo, aqui se retoma a concepção de “repressão” da libido para Bachelard (1996), no sentido de mobilizar a intelectualidade, quando ela impulsiona o desenvolvimento do conhecimento científico. Exemplo significativo e elucidativo dessa passagem, na figura do “malcasado”, “[...] Cabe na boca do sábio que sai de casa e vai para o laboratório buscar, junto às ‘belezas da ciência’, o êxtase que a esposa pouco interessante não lhe oferece” (BACHELARD, 1996, p. 229).

Em síntese, o *obstáculo da libido* baseia-se na canalização da energia da libido, reprimida, na direção da construção do conhecimento científico pelo processo de intelectualização.

O último, e não menos importante obstáculo, “**os obstáculos do conhecimento quantitativo**”, refere-se à atração da matematização precisa na construção do conhecimento. Este conhecimento seduz pelo caráter imediato, pela imaginária explicação objetiva, e que, sem o devido cuidado, pode cogitar escapar do conhecimento qualitativo, tido como vago e demasiado subjetivo (BACHELARD, 1996).

O autor faz uma analogia sobre o pensamento do realista e do cientista. Para o primeiro, o que interessa é pegar o objeto de estudo, pois o possui, descreve e mede, também, esgota a medição. O segundo, se aproxima do objeto ainda não definido, prepara-se para medir, analisa as condições de estudo, determina até onde chega seu instrumento e, por fim, para além do objeto de mensuração, o método de medir é descrito (BACHELARD, 1996).

Em síntese o *obstáculo do conhecimento quantitativo* é aquele que considera como conhecimento de valor o produzido pela análise das relações quantitativas de causa/efeito. A determinação exclusiva da relação quantitativa faz perder outras possíveis conexões do objeto investigado, tornando-se assim um obstáculo ao pensamento científico.

Esses conceitos resumem a abrangência da epistemologia bachelardiana. Em síntese, as ideias presentes tanto em *O novo espírito científico*, quanto em *A formação do espírito científico*, estabelecem uma outra forma de leitura e de atitude científicas frente às áreas de conhecimento.

Todos esses supostos epistemológicos, com efeito, chamam a atenção para as crises referentes ao pensamento científico e, sobretudo, ao que o autor intitula de “reorganização total do saber”, destacando a forma como o cientista pensa e organiza esse saber, ou seja, agora a “cabeça bem feita” precisa ser refeita. Para ele:

Ela muda de espécie. Opõe-se à espécie anterior por função decisiva. Pelas revoluções espirituais que a invenção científica exige, o homem torna-se uma espécie mutante, ou melhor dizendo, uma espécie que tem necessidade de mudança, que sofre se não mudar. Espiritualmente o homem tem necessidade de necessidades. (BACHELARD, 1996. p. 20)

Entretanto, do conjunto de reflexões, há dois pontos desenvolvidos pelo filósofo que parecem cruciais para debater epistemologicamente a interdisciplinaridade. São eles: negligência e pretensões, aos quais se refere no tópico “A ‘preguiça’ da Filosofia”, do livro *Epistemologia* (1977). Antes de abordá-los, porém,

vale aqui ressaltar ser possível, com o concurso das proposições de Bachelard, uma interpretação sobre o desenvolvimento da interdisciplinaridade, cujo início se situa muito antes da década de 1970, como mencionado por Fazenda (2011). Embora o filósofo não tenha abordado de forma direta a interdisciplinaridade, esta, implicitamente, se faz aí presente.

“Terá sentido absoluto o conceito de limite do conhecimento científico? Acaso será até mesmo possível traçar as fronteiras do pensamento científico?”, diz Bachelard (1977, p. 20). A busca e o encontro de respostas a essas questões postas pelo filósofo implicam, primeiramente, trazer à reflexão o que denomina de “negligência”, considerado o papel que aí representa voltar-se à filosofia da ciência. O debate está no fato de que os pesquisadores reservam pouco ou nenhum lugar para ela e que, de forma mais ampla, renegam a relevância de refletir sobre filosofia do conhecimento, restando saberes e atitudes utilitaristas e fechados (circunscritos a eles próprios) entre os estudiosos. A experiência e descrição pessoal ganham, nesse cenário, valorização e *status* de quem dá sentido universal ao que é descrito, um “existencialismo imediato”, em detrimento de um pensamento cognoscente baseado em esforços teóricos.

Na referência às “pretensões” de estabelecimento de fronteiras no conhecimento científico, Bachelard (1977) questiona o sentido absoluto do conceito de limite do conhecimento:

De fato, para provar que o conhecimento científico é limitado não basta mostrar sua incapacidade para resolver certos problemas, a incapacidade de fazer certas experiências ou concretizar certos sonhos humanos. Deveria poder circunscrever inteiramente o campo do conhecimento, esboçar um limite *contínuo* insuperável, assinalar uma fronteira que *afete* verdadeiramente o domínio limitado. Sem esta última cautela, pode-se já dizer que a questão de fronteira do conhecimento científico não tem interesse algum para a ciência. (BACHELARD, 1977, p. 21)

E continua advertindo que o fracasso de muitas pesquisas e estudos está na construção de um problema insolúvel, porque, na verdade, ele foi enunciativamente mal formulado, mal proposto. A pergunta mal desenvolvida, mal racionalizada conduz a proposições limitadas e, por conseguinte, a resoluções imperfeitas.

Cabe aqui retomar outro fragmento do pensamento bachelardiano constante da mesma obra, no que tange a reflexões sobre interdisciplinaridade: “[...] insistamos nesta questão e veremos que a verificação de uma *impossibilidade* nada mais é que

sinônimo de limitação do pensamento [...]” (BACHELARD, 1977, p. 21). Por exemplo, é necessário que o pesquisador tenha mais cuidado ao enunciar suas questões, muitas vezes intuitivamente mal formuladas e a ele seja possibilitada a retificação do problema, a percepção racional de suas escolhas e de suas dificuldades.

Ainda, na mesma direção, o autor esclarece que, para o espírito científico, “traçar nitidamente uma fronteira é já ultrapassá-la” (BACHELARD, 1977, p. 22) e que ela “não significa tanto um limite, senão uma região de pensamentos sobremodo ativos, um domínio de assimilação” (BACHELARD, 1977, p. 22). Assim sendo, sempre que retomados os discursos da interdisciplinaridade, mesmo aquele mais simples que remetem a uma prática de aproximação de áreas de conhecimento, eles se estabelecem como prerrogativas do âmbito institucional ou de tempos e diretrizes positivistas.

Do ponto de vista filosófico, “[...] toda fronteira absoluta proposta à ciência é sinal de problema mal formulado. É impossível pensar fecundamente uma impossibilidade” (p. 22). Na ótica de Bachelard (1977), “Do ponto de vista científico, a fronteira do conhecimento não parece assinalar senão uma parada momentânea do pensamento” (p. 22).

Assim, a perda da fecundidade do método de pesquisa é sinal que a racionalidade deu lugar à intuição, o ilimitado ao limitado, o pensamento mais complexo e completo possível ao pensamento estreito. Nesse sentido, institui-se prerrogativa essencial para uma “pedagogia científica”: formular racionalmente enunciados problematizadores, desenvolver reflexões capazes de ilimitar o pensamento científico e o alcance da pesquisa, ou seja, lograr renunciar ao real imediato e, sobretudo, às fronteiras ilusórias, para utilizar as palavras bachelardianas.

Desse modo, o pesquisador é o centro do processo aqui apresentado, aquele que, considerando todos esses aspectos elencados por Bachelard (1996), é compreendido como “cabeça bem feita” sempre em se refazendo (BACHELARD, 1996). O sujeito pesquisador necessita de hábitos intelectuais que dizem respeito ao instinto formativo ao invés do conservativo; precisa saber melhor questionar a organização do sistema de saber, sistema esse que precisa ser refeito a partir dos novos critérios; precisa compreender que ele é/deveria ser uma “espécie mutante” (BACHELARD, 1996, p. 19) e não fixa, que ele tem necessidade de necessidades, que precisa se desprender da ideia de unidade e, sobretudo, que seu pensamento seja inventivo e inquieto (BACHELARD, 1996).

Nesse ponto, toca-se mais uma vez no que o filósofo discute implicitamente, quando se pensa nas questões de interdisciplinaridade. Esta, para além dos prefixos e dos modismos, tem seu sentido ressignificado quando estão em pauta pressupostos e critérios epistemológicos da ciência contemporânea. À luz bachelardiana, interdisciplinaridade implica uma *atitude científica*, essencial ao devir de uma “cabeça bem feita”.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Pensar o percurso metodológico desta tese implica primeiramente definir referências teórico-metodológicas para balizar a edificação dos processos, procedimentos e recursos a serem utilizados. Nesse sentido, recorreu-se ao universo epistemológico de Bachelard, relativamente ao que propõe como estado científico e estado do novo espírito científico, obstáculos epistemológicos, fronteira como região do pensamento – a que se aproximou a ideia de interdisciplinaridade – e, particularmente, ao que cunhou de pedagogia científica. Sob essa perspectiva, *macro sensu*, desenhou-se, como cerne do *modus operandi* metodológico da pesquisa, a realização de uma oficina no escopo do problema a ser investigado e dos objetivos traçados (descrita e analisada no item 3.3).

Conforme já referido, verifica-se uma espécie de jogo dialético crítico entre o raciocinar e o experimentar. Qualquer que seja o caminho metodológico, ele sempre estará contaminado pelo caráter interpretativo da base teórica e sempre necessitará da prova da experiência, por sua vez, com sua interpretação também impregnada do fundo teórico que a precede. O pensamento científico segue a direção essencialmente realizadora, ou seja, a direção é do racional para a realidade, e de modo algum inversamente. De igual modo, a pedagogia científica bachelardiana pautou a elaboração e implementação, *micro sensu*, do projeto da oficina-alvo e de suas respectivas sessões.

Quanto às bases psicopedagógicas, foram estabelecidas relações com proposições teóricas sociointeracionistas de Vygotsky (1979; 1984), sintetizadas no item 3.1.2.

3.1 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1.1 Pedagogia Científica – Gaston Bachelard

As proposições epistemológicas de Bachelard (1968, 1977, 1996), inicialmente apresentadas neste estudo, fizeram emergir a discussão sobre interdisciplinaridade. Igualmente, a partir desses pressupostos epistemológicos, foi possível a construção de referencial pedagógico e teórico-metodológico, suporte para a organização do experimento em formato de oficina. Desse referencial deriva sua

concepção de pedagogia científica, que, associada à do novo espírito científico, apresenta contribuições relevantes para repensar o modelo pedagógico positivista-empirista sustentado pelo paradigma cartesiano-newtoniano. Há de se ter presente que a análise crítica desse modelo a partir das contribuições epistemológicas do autor escancara a crise do cartesianismo e do modelo pedagógico nele fundamentado.

Era necessário estabelecer uma ruptura radical com esse modelo e construir uma “pedagogia científica” coerente com o novo espírito científico apresentado por Bachelard (1968). E é dessa nova concepção que derivam importantes repercussões metodológicas referentes à prática científico-docente e às aprendizagens almejadas. Eis onde se situa um dos elementos hipotetizados e contemplados textualmente na questão de pesquisa que se entendeu relacionado ao desencadear de movimentos reflexivos na direção de releituras de práticas pedagógicas: *vivência, por docentes de graduação em Turismo, de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea*. Pensava-se em ações formativas considerada a pesquisa como atividade crítico-criativa e como fecundo instrumento pedagógico.

O conhecimento científico, ao compreender, na proposição bachelardiana, processos dialéticos contínuos de retificação do conhecimento, de superação dos obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996), e o que ele intitula “pensamento complexo”, conduz a que a tarefa do professor adquira outro papel na formação do aprendiz: “[...] o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento” (BACHELARD, 1968, p. 120), diz o filósofo, ao que ele acrescenta: “Toda a vida intelectual da ciência move-se dialeticamente sobre este diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão é compreender que não se tinha compreendido. (BACHELARD, 1968, p. 120).

Um dos axiomas fundamentais da epistemologia bachelardiana – já destacado anteriormente – é o da primazia da teoria do erro. Nessa concepção, há erros primeiros, e não verdades. A descoberta desses erros, estabelecendo uma ruptura com o conhecimento anterior, é que oportuniza novas investigações e, conseqüentemente, o progresso da ciência. A descoberta desses erros, pela superação dos obstáculos epistemológicos, adquire um sentido positivo, pois oportuniza a criação dos objetos da investigação científica.

O conhecimento científico se aproxima da verdade não por um processo contemplativo da realidade, mas construindo subjetivamente e racionalmente essa

realidade. O conhecimento do real não é imediato e pleno. É no processo dialético do confronto das teorias com a experiência que ocorre a identificação das contradições resultantes da inadequação entre os conhecimentos e a experiência e a constatação dos erros decorrentes da superação dos obstáculos epistemológicos.

Ainda com relação a vínculos epistemológico-pedagógicos e correspondentes desdobramentos metodológicos tendo em conta o escopo teórico do filósofo, há que se considerar:

Enquanto que a ciência de inspiração cartesiana fazia, muito logicamente, o complexo como simples, o pensamento científico contemporâneo procura ler o complexo real sob a aparência simples fornecida por fenômenos compensados; esforça-se por encontrar o pluralismo sob a identidade, por imaginar ocasiões de quebrar a identidade para além da experiência imediata, resumida demasiado cedo num aspecto de conjunto. (BACHELARD, 1968, p. 124)

Complementa ainda o filósofo:

Na realidade não há fenômenos simples; o fenômeno é um tecido em relação. Não há *natureza* simples, substância simples; a substância é uma textura de atributo. Não há ideia simples, porque uma ideia simples, como muito bem viu Dupréel, deve estar inserida, para ser compreendida, num simples complexo de pensamento e das experiências. A aplicação é complicação. As ideias simples são hipóteses de trabalho, conceitos de trabalho, que deverão ser revistos para receberem o seu justo papel epistemológico. As ideias simples não são de modo nenhum a base definitiva do conhecimento; aparecerão, por conseguinte, com um aspecto inteiramente diverso quando forem colocadas numa perspectiva de simplificação a partir das ideias completas. (BACHELARD, 1977, p. 130)

Indo ao encontro dessa perspectiva, o cientista [professor/pesquisador] que se entrega a uma “pedagogia fracionada”, que analisa apenas as partes não integradas com o todo na sua complexidade, impossibilita transformações nos próprios princípios do conhecimento, somente alcançadas quando ocorre a visão total. (BACHELARD, 1977).

Poder-se-ia então afirmar que o novo espírito científico configura o pensamento complexo e, por via de consequência, a pedagogia científica seria uma pedagogia do pensamento complexo.

Nesse sentido, emergem questionamentos mais pontuais no que se refere ao processo de ensinar e aprender quando se toma como base a Pedagogia Científica: O que é objeto de estudo? Como se estruturam os processos de ensinar e aprender? Que atitude se espera de professores e alunos? O que se entende por ensino e

aprendizagem? Por conhecimento, ciência e conhecimento científico? Como se dá o planejamento pedagógico? Como se dá o processo de mediação entre professor e aluno?

Esse cenário, com efeito, chama a atenção sobre a problematização de dois aspectos: o ato pedagógico e, pontualmente, a própria problematização como recurso pedagógico.

O *ato pedagógico* envolve múltiplas dimensões, as quais deveriam ser consideradas pelos professores quando do desenvolvimento da prática pedagógica. Entretanto, nem sempre eles a têm de forma consciente/explicita, como, por exemplo, o caso da dimensão epistemológica que estaria pautando as respectivas propostas e decisões pedagógicas e metodológicas. Concepções científicas, consciente ou inconscientemente, têm influências sobre os processos de ensino e aprendizagem. Quando consideradas no planejamento, apresentam repercussões na ação docente e, por extensão, na formação dos discentes. Isso reportado aos estados científico e do novo espírito científico, etapas históricas do pensamento científico propostas por Bachelard (1996), permite, de modo sintético, pontuar elementos e processos a serem considerados na tentativa de responder às questões antes formuladas, como apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 – Referentes epistemológico-pedagógicos sob a ótica bachelardiana
(continua)

REFERENTES	CONCEPÇÃO DO ESTADO CIENTÍFICO	CONCEPÇÃO DO ESTADO DO NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO
Conhecimento	Conteúdo que se acessa e está pronto, já estabelecido, dado ao sujeito.	Compreensão racional e crítica construída pelo sujeito, com mediação.
Ciência	Conjunto de conhecimentos sistematizados, comprovados por experimentos quantitativos controlados, desenvolvidos para a obtenção de provas “objetivas”, pretensamente isentas de subjetividade e tidas como evidências objetivas comprobatórias. Visão de ciência dogmática, imutável e com progresso acumulativo	Processo crítico e criativo de investigação de problemas, o qual valoriza a imaginação e o elevado poder de crítica. O progresso científico é resultante da permanente correção de seus erros históricos, da superação, negação ou eliminação das impressões primeiras e do conhecimento estabelecido. Ciência mutável e não acumulativa.
Foco da ciência	Resultados já consolidados	Processo de conhecer e resultados analisados de forma crítica

(conclusão)

Forma de ensinar	Impositiva, baseada nos resultados das ciências, no conhecimento já sistematizado	Flexível, baseada na investigação científica, no conhecimento a sistematizar
Organização do processo de ensinar	Disciplinar	Interdisciplinar
Concepção de organização de disciplinas	Por conteúdos (produtos da ciência)	Por problemas
Processo de Aprendizagem	Reprodução do conhecimento já desenvolvido.	Experiência do processo de investigação de problemas, de forma crítica e criativa, acessando criticamente o conhecimento já produzido como um conhecimento hipotético a ser superado.
Produto da aprendizagem	Domínio do conhecimento que é dado, o que é estabelecido pelo professor como conhecimento verdadeiro.	Desenvolvimento do processo de construção do conhecimento passível de retificação permanente.
O professor	Detentor de todo conhecimento válido, o transmissor do que deve ser aprendido.	Mediador do processo de pesquisar e conhecer.
O aluno	Sujeito que recebe e reproduz o conhecimento já sistematizado e pronto.	Sujeito que produz o conhecimento, sistematiza, organiza, critica, relaciona constantemente de forma flexível.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O quadro legitima e torna relevantes aproximações entre as reflexões pedagógicas e a epistemologia bachelardiana, no horizonte da pedagogia científica, na qual a problematização se inscreve como um de seus principais recursos. Nessa “crise do pensamento científico”, no dizer de Bachelard (1996), faz-se necessária a “reorganização total do saber” pelo cientista (professor/ pesquisador/mediador e o aprendiz), para o que a “cabeça bem feita” precisa ser refeita.

Aquele que analisa, reflete, sistematiza, interpreta, problematiza como recurso pedagógico, possibilita retomar o debate interdisciplinar, como já referido na menção ao tópico “A preguiça da filosofia”, particularmente ao que aporta sobre negligência e pretensões.

3.1.2 Sociointeracionismo – Vygotsky

Sempre que retomadas as narrativas e análises introdutórias a este trabalho, novamente vêm à tona inquietações e questionamentos no que tange ao diálogo que estaria sendo estabelecido entre o Turismo e outras áreas de conhecimento na prática pedagógica de docentes dessas áreas em cursos de bacharelado em Turismo. Experiências empíricas, como as ali narradas, associadas aos resultados advindos da análise das denominações de componentes curriculares desses cursos, levaram a depreender sinalizadores da prevalência de uma unidirecionalidade de movimento: das áreas para o Turismo. Face a isso e ao entendimento da importância de dar lugar, na prática pedagógica dos referidos docentes, a um efetivo diálogo interdisciplinar e, por conseguinte, de buscar construir subsídios no sentido de contribuir para que isso viesse a ocorrer, as reflexões encaminharam à formulação do problema desta pesquisa, cujos supostos de ordem epistemológica, teórica e metodológica que lhe eram subjacentes viriam a pautar, posteriormente, a oficina a ser realizada do ponto de vista pedagógico.

O problema colocava em questão uma dinâmica pedagógica a ser desenvolvida no espaço delimitado por uma triangulação desenhada em torno dos vértices (a) *apropriação do universo histórico-conceitual do turismo*; (b) *apropriação de conceitos de interdisciplinaridade*; (c) *dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por uma proposição pedagógica relacional*, dinâmica essa potencialmente contributiva para efetivação de movimentos reflexivos, por parte desses professores, abrangendo relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento, disso vindo a derivar possíveis releituras de práticas pedagógicas por eles desenvolvidas em seus cursos de atuação.

Como visto em itens anteriores, encontrou-se em Bachelard, referente principal para tessituras teóricas de cunho epistemológico e suas relações com a interdisciplinaridade, redundando nas bases para uma “pedagogia científica”. A esta, são agora associadas, no marco de uma pedagogia relacional focalizada sob o viés sociointeracionista, proposições teóricas do psicólogo Lev Semyonovich Vygotsky, particularmente via incursões em suas obras *Pensamento e linguagem* (1979) e *A formação social da mente* (1984) e em contribuições de pesquisadores que as tornaram objeto de estudo.

Vygotsky é considerado um dos pensadores mais influentes na área da Psicologia e de relações desta com a Educação. Nasceu em 1896, em Orsha, uma cidade da Bielorrússia. Quando estudante universitário, foi um ávido leitor e frequentemente acessava os campos da Linguística, das Ciências Sociais, da Psicologia, da Filosofia e das Artes. A partir de 1924, deu início aos estudos psicológicos, o que marcou intensa produção até sua morte, dez anos depois, de tuberculose, aos 38 anos. Tornou-se uma das pessoas mais influentes e distintas na psicologia soviética do século XX. Suas publicações foram proibidas por Joseph Stalin, acusadas de terem caráter idealista. Apenas em meados de 1956, suas obras voltaram a ser publicadas e estudadas outra vez na Rússia. Nos Estados Unidos, suas produções chegam por volta de 1960 e, no Brasil, as primeiras publicações datam de 1980 (VIGOTSKI, 1979; ANDRADE; SMOLKA, 2009).

Nos dizeres de Pozo (1998), Vygotsky dera-se conta de que, à época, dois projetos separavam os estudos psicológicos: o idealista, de base filosófica, representado particularmente pela fenomenologia alemã, e o naturalista, por seu caráter associacionista e mecanicista, assentado no acúmulo de reflexos ou associações entre estímulos e respostas. Neste último caso, a psicologia aproximava-se da fisiologia – contra o quê se posicionava Vygotsky, porquanto entendia haver aspectos especificamente humanos, como a consciência e a linguagem que não poderiam ser reduzidos a associações e que, portanto, não poderiam deixar de integrar os estudos da psicologia. Ainda conforme Pozo (1998), para o psicólogo, havia uma inter-relação indissociável entre os fenômenos psíquicos e a conduta. Em assim sendo, estudar a conduta do homem sem o psíquico era tão impossível como estudar o psíquico (que, fora do espaço e das causas não existe) sem a conduta (como pretendido pela reflexologia, que estaria operando como a psicologia idealista). Nesse sentido, não haveria lugar para duas ciências diferentes, mas a necessidade e fecundidade da completa fusão de ambas. Para Pozo (1998, p. 192) “No ‘caldo de cultura’ da revolução de 1917, Vygotsky compreendia que a única solução para a elaboração de uma psicologia científica consistia em uma reconciliação integradora [...] entre ambas as culturas psicológicas”. Essa compreensão terá reflexos em sua teoria sobre aprendizagem, como será abordado ulteriormente.

Expressão de seu projeto de integração, propõe, com originalidade, uma psicologia baseada na atividade, diversa da associação clássica “estímulo-resposta”, da ideia reativa do conceito de reflexo, considerando que, graças à mediação de

instrumentos que se interpõem entre o estímulo e a resposta, o homem não se limita a responder aos estímulos, mas atua sobre eles, transformando-os.

Para Vygotsky (1979), uma realidade só passa a existir na medida em que o sujeito interage com ela e a organiza internamente. Em outras palavras, o objeto ou a realidade, são construídos pelo sujeito. Nesse processo, põe em destaque a interação entre as condições sociais em transformação e os substratos biológicos do comportamento. De acordo com que ressaltam as organizadoras da obra *A formação social da mente* (1984) que assinam o Posfácio (Vera John-Steiner e Ellen Souberman), os textos de Vygotsky evidenciam qualidades únicas da espécie humana, suas transformações e realizações ativas nos diferentes contextos culturais e históricos, ou seja, entrelaçando-se fatores externos e internos e processos adaptativos. Nesse sentido, chamam a atenção para sua observação sobre a necessidade de compreender, no desenvolvimento da criança – e isso se estende a outros estágios de desenvolvimento – a unidade dialética das linhas principais e distintas, a biológica e a cultural.

Vale aqui sublinhar a referência que Oliveira (1992, p. 24) faz a respeito do contexto em que Vygotsky produziu seus trabalhos, ou seja, dentro das concepções materialistas predominantes na União Soviética pós-revolução de 1917, o que estaria associado a seus pressupostos básicos de que o ser humano se constitui como tal na sua relação com o outro social. Sob essa ótica, é no processo histórico, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, que a cultura torna-se parte da natureza humana, moldando seu funcionamento psicológico. Nessa direção, ainda acrescenta: “Na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação que o distinguem de outros animais” (OLIVEIRA, 1992).

A menção acima remete à relevância da mediação para a compreensão do desenvolvimento humano como processo sócio-histórico. Segundo o mesmo autor, a mediação refere-se, primeiramente, ao processo de representação mental, que permite ao sujeito operar mentalmente sobre o mundo com sistemas simbólicos, tornando-se possível transcender espaço e tempo presentes, desbordar limites postos pelo mundo fisicamente perceptível e pelas ações motoras abertas. Essas operações, que repercutem no desenvolvimento da abstração e da generalização, fazem-se catalisadoras dos processos (ou funções) psicológicos(as) caracterizados(as) como superiores, ou seja, processos que, no dizeres de Oliveira (1992) se distinguem por

apresentar maior grau de autonomia em relação aos fatores biológicos do desenvolvimento, sendo, por conseguinte, marcados pela inserção do indivíduo num determinado contexto sócio-histórico. Para a autora, tais sistemas simbólicos de representação da realidade, que se colocam entre o sujeito e o objeto de conhecimento, têm origem social, de sorte que o sujeito internaliza formas culturalmente dadas de comportamento: funções interpessoais transformam-se em atividades intrapsicológicas. “A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos” (VYGOTSKY, 1984, p. 65).

A respeito da internalização das formas culturais de comportamento, Vygotsky (1984, p. 64) argumenta que aquela envolve reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos (mediadores). Nesse processo, distingue algumas transformações, aqui retomadas textualmente: (a) “Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente” (processo particularmente importante para o desenvolvimento de processos mentais superiores); (b) “Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal”; (c) “A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento”.

A linguagem humana assume então papel fundamental na mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, tendo como funções basilares o intercâmbio social e o pensamento generalizante, este favorecendo processos de abstração: “[...] a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando as instâncias do mundo em categorias conceituais, cujo significado é compartilhado pelos usuários dessa linguagem” (OLIVEIRA, 1992, p. 27). Sob essa ótica, a utilização da linguagem passa a ser fator de favorecimento à realização de processos de abstração e generalização.

[...] Todas as funções psíquicas de grau mais elevado são processos mediados, e os signos são os meios fundamentais utilizados para os dominar e orientar. O signo mediador é incorporado na sua estrutura como parte indispensável, a bem dizer, fulcral do processo total. Na gênese do conceito, esse signo é a *palavra*, que, a princípio, desempenha o papel de meio de formação de um conceito, transformando-se mais tarde em símbolo. (VYGOTSKY, 1979, p. 80)

A isso se vincula o suposto vygotskyano de que a linguagem (via palavra), quando internalizada, assume a prerrogativa de, ao mesmo tempo, designar

categorias culturalmente organizadas e funcionar como instrumento de organização do conhecimento.

A formação dos conceitos é resultado de uma complexa atividade em que todas as funções intelectuais fundamentais participam. No entanto, este processo não pode ser reduzido à associação, à tendência, à imagética, à inferência ou às tendências determinantes. Todas essas funções são indispensáveis, mas não são suficientes se não se empregar o signo ou a palavra como meios pelos quais dirigimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e o canalizamos para solução do problema com que nos defrontamos. [...] O desenvolvimento dos processos que acabam por gerar a formação dos conceitos começam durante as fases mais precoces da infância, mas as funções intelectuais que, em determinadas combinações, formam a base psicológica da formação dos conceitos, amadurecem, tomam forma e desenvolvem-se apenas durante a puberdade. (VYGOTSKY, 1979, p. 82-83)

Sob esse ângulo, seria possível afirmar que a linguagem se torna ferramenta fundamental nos processos de interação com o mundo físico e humano, portanto, na aprendizagem, conduzindo ao entrecruzamento da linguagem e do pensamento com mútua influência.

Vygotsky (1979) distingue o desenvolvimento de conceitos espontâneos e científicos. Os conceitos espontâneos são aqueles que vão do concreto ao abstrato, desenvolvidos no decurso da atividade prática da criança, em suas interações sociais imediatas, diferentemente dos científicos. Ressalte-se que, aqui, o termo “científico” não está sendo associado ao seu sentido cotidiano, isto é, relativo à ciência.

Os conceitos científicos, como diferencia Oliveira (1992, p. 31) são aqueles “[...] adquiridos por meio do ensino, como parte de um sistema organizado de conhecimentos, particularmente relevantes nas sociedades letradas, onde as crianças são submetidas a processos deliberados de instrução escolar”. Os conceitos científicos estão inter-relacionados e suas concepções formam o que Vygotsky (1979) entende por “sistemas de conhecimento articulados” pelas disciplinas científicas, ou pirâmides de conceitos. Como explicita o psicólogo:

Um conceito só pode cair sob a alçada da consciência e do controle deliberado quando faz parte de um sistema. Se a consciência significa generalização, a generalização significa, por seu turno, a formação de um conceito de grau superior que inclui o conceito dado como seu caso particular. Um conceito de grau superior implica a existência de uma série de conceitos subordinados e pressupõe também uma hierarquia de conceitos com diversos níveis de generalidade. (VYGOTSKY, 1979, p. 122)

Na continuidade, acrescenta:

Nos conceitos científicos que a criança adquire na escola, a relação entre esse conceito e cada objeto é logo de início mediada por outro conceito. Assim, a própria noção de conceito científico implica uma certa posição relativamente aos outros conceitos, isto é, um lugar num sistema de conceitos. Defendemos que os rudimentos da sistematização começam por entrar no espírito da criança através do contato que esta estabelece com os conceitos científicos, sendo depois transferidos para os conceitos quotidianos, alterando toda a sua estrutura psicológica de cima até baixo. (VYGOTSKY, 1979, p. 122-123)

Em outras palavras, Vygotsky (1979, p. 142) enfatiza que “[...] uma vez atingidos a consciência e o controle em determinado tipo de conceitos, todos os conceitos previamente formados são reconstruídos em conformidade com essa consciência e esse controle”, passando esses a ingressar nas operações intelectuais de nível superior. Ou, como reitera em outra passagem do texto, quando uma nova estrutura é incorporada ao pensamento (neste caso, tendo por foco processos de aprendizagem de conceitos desenvolvidos na escola), “[...] essa estrutura espalha-se imediatamente pelos outros conceitos, à medida que estes são arrastados para as operações intelectuais de tipo mais elevado” (VYGOTSKY, 1979, p. 152).

Ainda a esse respeito, caberia aqui colocar em destaque as considerações de Vygotsky (1979), segundo o qual o pensamento de nível superior é regido por níveis de generalidade entre os conceitos, em que se estabelecem relações ausentes da percepção e da memória.

Diz o psicólogo:

Wertheimer demonstrou que o pensamento produtivo está dependente da transferência do problema da estrutura em que foi apreendido pela primeira vez para um contexto ou estrutura completamente diferente. Mas, para transferir um objeto de pensamento da estrutura A para a estrutura B, temos que transcender as conexões estruturais dadas, e isto, como mostram os nossos estudos, exige um deslocamento para um plano de maior generalidade, para um conceito que subsume e rege tanto A como B. (VYGOTSKY, 1979, p. 153)

Em sua abordagem sobre os conceitos científicos na ótica vygotskyana, Oliveira (1992) observa que, estando inclusos num sistema e, desde o início de sua construção, envolvendo uma atitude mediada, os conceitos científicos requerem uma atitude metacognitiva, o que significa dizer, de consciência e de deliberado por parte do indivíduo, implicando o domínio do conteúdo de sua definição e, ao mesmo tempo, de sua relação com outros conceitos. As considerações precedentes trazem à reflexão

a relação entre aprendizagem e desenvolvimento e o papel da intervenção pedagógica nesse processo.

Para Vygotsky (1984), referindo-se à criança, o curso do desenvolvimento caracteriza-se por uma alteração radical na própria estrutura do comportamento. Além de mudar suas respostas, a criança as realiza de novas maneiras, processos em que estão implicados novos instrumentos de comportamento e substituição de funções psicológicas por outras. Segundo o autor, “[...] o desenvolvimento da criança é um processo dialético, complexo, caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra” (VYGOSTSKY, 1984, p. 83), no que estão compreendidos processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra, como também imbricação de fatores internos e externos.

Quando se remete ao desenvolvimento no âmbito escolar (relacionado à instrução), na perspectiva vygotskyniana, “[...] a curva do desenvolvimento não coincide com a curva do ensino escolar; o ensino precede de muito o desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1979, p. 135). Essa leitura é construída a partir da análise dialética de outras posições teóricas, as quais, resumidamente, estão assim configuradas: (a) a aprendizagem segue a trilha do desenvolvimento, e esta sempre se adianta à aprendizagem, ou seja, os ciclos de desenvolvimento precedem os ciclos de aprendizagem, e a maturação precede a aprendizagem, devendo a instrução seguir o processo do crescimento mental; (b) a aprendizagem é desenvolvimento, isto é, os dois processos ocorrem simultaneamente; (c) o desenvolvimento se baseia em dois processos inerentemente diferentes, embora relacionados, influenciando-se mutuamente.

Em havendo relação entre aprendizagem e desenvolvimento, é tido como tácito que a aprendizagem deve ser combinada de alguma maneira com o nível de desenvolvimento, o qual, consoante Vygotsky (1984), desdobra-se em: (a) nível de desenvolvimento real – afeto a ciclos de desenvolvimento já completados; (b) nível de desenvolvimento proximal, assim definido:

[...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOSTSKY, 1984, p.97)

Dito de outra forma, “[...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estágio embrionário” (VYGOTSKY, 1984, p. 97). Nesse sentido, aqui emerge a relevância dos processos de ensino, com a participação de um mediador, cujo papel poderia ser conferido ao professor com vistas a contribuir para a consecução de aprendizagens e a apropriação do conhecimento.

Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado, resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1984, p. 101)

É nesse contexto de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas, que se abre espaço, no contexto educacional e pedagógico, à concepção construtivista da aprendizagem anelada ao desenvolvimento cognitivo como construção individual ou social do conhecimento (vieses teóricos piagetiano e vygotskyano, respectivamente), na forma como os demarca Pozo (2002). Trata-se de concepção que se alicerça no caráter dinâmico da construção, que implica envolvimento ativo marcado pela reflexão e tomada de consciência por parte do sujeito aprendente.

Na perspectiva construtivista, o conhecimento é sempre um devir, uma vez que constituído por interações que o sujeito estabelece com o meio físico e social, aliado à sua capacidade simbólica. Consoante assinalam Perazzolo, Santos e Pereira (2011, p. 89), a capacidade de pensar configura-se por meio de “[...] movimentos crescentes, intermináveis e espiralizados, permitindo que elementos já transformados retomem tantas vezes ao mesmo ponto e progridam em complexidade, amplitude, abstrações”.

A concepção construtivista, situada no escopo teórico do sociointeracionismo vygotskyano, implica, pois, um repensar do ato pedagógico, que passa a assumir uma dimensão essencialmente relacional, refletidas em ações mediadas, cunhadas pela presença e interação com o outro e o ambiente. Nesse sentido, tem-se que:

[...] o conhecimento se faz, não apenas pelo prisma do sujeito que busca conhecer, tampouco pela perspectiva do objeto a ser conhecido/apropriado, nem mesmo ainda pelo fato de alguém o deter e poder dispô-lo para ser “consumido”, numa concepção essencialmente empirista. O conhecimento da realidade não se encontra pronto e, ainda que em certo sentido ele assim estivesse, não poderia ser dado ao outro, uma vez que o conhecimento é resultante de uma construção que se efetiva na relação que o sujeito desenvolve com o objeto a ser conhecido e pela mediação daquele que ensina, na dialética entre dois polos: um sujeito histórico-social que busca conhecer uma dada realidade, e outro sujeito que é também histórico-social e que dispõe de um conhecimento que, *per se*, não explica/traduz a realidade, pois que esta, o objeto/realidade, requer um olhar que só se realiza na interlocução de diferentes perspectivas, as quais são complementares entre si e, por isso mesmo, conduzem contínua e incessantemente a novos e incompletos olhares, dado que o objeto de conhecimento se transforma a partir da e na apreensão da realidade. E, além disso, o apreender/construir a realidade, que sob esse ângulo se constitui num ato histórico-social, ocorre sempre num contexto que é específico e singular e que serve de malha de sustentação para essa apreensão. Daí resulta que o contexto, o qual também é continuamente resignificado, assume papel relevante e decisivo nos destinos da aprendizagem (SANTOS, 2009, p. 16-17).

Instituindo-se como um corolário dessa concepção, analisar o trânsito por caminhos processuais de construção de conhecimento de uma dada realidade, requer que se tenha em foco o caráter dinâmico e social desses processos, identificando sinalizadores de movimentos reflexivos na direção da realização de aprendizagens.

Lacasa (1991) e Lave e Wenger (1991), referidos por Pozo (2002, p. 86), consideram que caberia analisar “[...] o processo social mediante o qual se constrói o conhecimento, mais do que os processos internos do sujeito”, uma vez que esses estariam entrelaçados com os contextos sociais em que se originam, deles podendo dificilmente desvincular-se. Lembre-se aqui, estendendo-se a todo sujeito aprendente, o preconizado por Vygotsky (1984, p. 99): “O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”. É também Pozo (2002) que põe em relevo a contribuição substantiva que pode aportar o enfoque sociocultural no planejamento de condições práticas para a aprendizagem, posto que ressalte, como contraponto, posições de outros estudiosos, para quem os processos de aprendizagem, mesmo se influenciados ou modulados culturalmente, respondem a uma dinâmica peculiar do sistema cognitivo humano, a de ocorrer de dentro para fora.

3.2 REVISÃO DE LITERATURA

É sabido que estudos panorâmicos das produções de conhecimento são relevantes e/ou auxiliares quando se trata de situar uma pesquisa dentro do campo de conhecimento. De igual forma, a revisão de literatura, além de ser parte fundamental para identificar que rumos as pesquisas tomam e quais são as tendências investigativas, também se revela um ótimo recurso para identificar lacunas em uma área, permitindo, assim, que novos estudos possam ser desenvolvidos. Ou seja, estudos panorâmicos permitem ao pesquisador uma visão clara do que vem sendo produzido na área, ao mesmo tempo que possibilitam uma visão sob qual aspecto tal assunto merece maior atenção científica.

Em outras palavras, esse processo de busca, descrição e sistematização, que recebe diferentes denominações como “revisão de literatura”, “revisão bibliográfica”, “estudo bibliométrico”, entre outras, conduz ao estado da arte. Ressalte-se, porém, que, embora essas denominações possam indicar diferentes procedimentos investigativos, esses não podem prescindir, pelo papel importante que desempenham, de efetivo rigor metodológico na sua elaboração, uma vez que suas marcas tonalizarão, desde o início, o conjunto das atividades investigativas. Para além disso, trata-se de processo que dá crédito à produção intelectual de outros autores; qualifica o pesquisador como membro de uma comunidade científica ao indicar familiaridade com a produção de conhecimento prévia na área; empresta às suas reflexões uma voz de autoridade intelectual, como também abre espaços para evidenciar o campo de conhecimento escolhido (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010).

Desse modo, este tópico deriva de processo de revisão de literatura do que há produzido academicamente sobre a relação entre Turismo, Ensino Superior e Interdisciplinaridade. Inicialmente o foco recaiu na base de dados internacional *Scopus*; na sequência foram analisadas algumas dissertações e teses de programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* do Brasil; também, foram analisados periódicos *qualis* vinculados aos programas de pós-graduação em Turismo; e, por fim, foram analisados os eventos científicos Seminário Internacional de Turismo do Mercosul (Semintur) e Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (Seminário da ANPTUR). Tal processo analítico descrito pode amplamente ser acessado no Apêndice B. Vejamos neste momento síntese do processo de revisão.

Na base de dados *Scopus* foram articuladas as palavras-chave concernentes às grandes áreas Turismo, Educação e Interdisciplinaridade. Diante de resultados obtidos não expressivos (três artigos), outros termos apontados e abordados nesses textos foram empregados no acesso à base, sempre articulados com “Turismo”: Ensino superior, Prática Pedagógica e Interdisciplinaridade, resultando desse processo 295 artigos. Na sequência, refinando os critérios de seleção, buscaram-se aqueles que continham a palavra “turismo” no título, assim como no resumo e nas palavras-chave, refletindo, coerentemente, a temática do texto. Foram identificados 78 artigos com esse processo de clivagem, ao qual sucedeu a leitura inspecional dos respectivos resumos. O descompasso entre título, palavra-chave e resumo levou à exclusão de dois trabalhos, restando para constituir o corpus de análise 76 artigos. Apesar da constatação de expressiva diversidade temática, não se encontraram estudos focalizando a relação conceitual dentro do escopo da pesquisa, o que lhe confere, assim, um espaço singular na produção acadêmica na área.

Entre as dissertações e teses, de acordo com a Plataforma Sucupira (BRASIL, 2016), no Brasil estão em funcionamento sete mestrados acadêmicos e dois profissionais; e quatro doutorados. Sua maior representatividade está localizada na região Sul do país, com a Universidade de Caxias do Sul (mestrado e doutorado), a Universidade do Vale do Itajaí (mestrado e doutorado) e a Universidade Federal do Paraná (mestrado). Na sequência vem a região Sudeste, com a Universidade Anhembi Morumbi (mestrado e doutorado), a Universidade de São Paulo (mestrado) e a Universidade Federal Fluminense (mestrado). A região Nordeste possui quatro programas, sendo eles oferecidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (mestrado e doutorado), Universidade Estadual do Ceará (mestrado), Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado) e pelo Instituto Federal de Sergipe (Mestrado). A região Centro-Oeste possui apenas um programa na Universidade de Brasília (mestrado). A região Norte não possui, ainda, programas *Stricto Sensu* em turismo. Entre os programas, até o final do ano de 2016, foram identificadas 03 teses de doutorado, pois os programas são recentes. Nenhuma tese se aproxima do escopo da presente pesquisa. Entretanto, foram identificadas 18 dissertações de Mestrado, cujo objeto de estudo, mesmo vinculado à educação não abarca igualmente a problemática ora em discussão.

Entre periódicos *qualis* vinculados aos programas de pós-graduação em Turismo São identificados um total de 07 periódicos em 2016. Eles desenvolvem

diversos olhares sob a influência dos docentes dos programas, linhas de pesquisa e seus respectivos editores chefes. Os programas e revistas são: Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade (B2) – Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul, RS); Turismo em Análise (B1) – Mestrado em Turismo, Universidade de São Paulo (São Paulo, SP); Revista Visão e Ação (B1) – Mestrado e doutorado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí (Balneário Camboriú, SC); Revista Cenário (B4) – Mestrado em Turismo (Profissionalizante), Universidade de Brasília (Brasília, DF); Revista Turismo e Sociedade (B4) – Mestrado em Turismo, Universidade Federal do Paraná (Curitiba, PR); Revista de Turismo Contemporâneo (B4) – Mestrado e doutorado em Turismo, Universidade do Rio Grande do Norte (Natal, RN); Caderno Virtual de Turismo (B1) – COPPE/ Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ). Dos 63 artigos acessados e selecionados mediante utilização de palavras-chave alinhadas com os objetivos desta pesquisa, da mesma forma em que ocorreu com relação às dissertações e teses, não foram encontrados trabalhos que correspondessem, ainda que de forma tangencial, ao escopo de inter-relacionar Turismo, Ensino Superior, Prática Pedagógica e Interdisciplinaridade na formação superior em Turismo, envolvendo docentes de diferentes áreas atuantes nesses cursos.

Entre os eventos científicos Semintur e o Seminário da ANPTUR – principais eventos em Turismo do país – os achados da revisão de literatura (9 artigos decorrentes da aplicação das palavras-chave) não houve correspondência com as variáveis atinentes ao problema posto para a presente investigação. Igualmente encontram-se em Apêndice C os respectivos objetivos. O primeiro está vinculado à associação e foi fundado em 8 de novembro de 2002, em encontro promovido na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), em Balneário Camboriú (SC), onde reuniu docentes e pesquisadores das seguintes universidades com programas de pós-graduação stricto sensu na área: Universidade do Vale do Itajaí, Universidade de Caxias do Sul, Universidade Anhembi Morumbi, Universidade Estadual de Santa Cruz e Universidade de São Paulo. Sua sede funcionou até 2005 na UNIVALI, sendo transferida a seguir para a cidade de Caxias do Sul (RS), na Universidade de Caxias do Sul, funcionando atualmente na cidade de São Paulo. Está na XIII edição. O segundo, promovido e organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul - PPGTURH, reúne pesquisadores

de instituições brasileiras e estrangeiras que buscam socializar o conhecimento produzido sobre turismo e hospitalidade, a fim de contribuir para o amadurecimento do Turismo como campo de estudo interdisciplinar. Em 2017 realizou-se sua edição IX.

3.3 OFICINA-ALVO: HOSPITALIDADE CIENTÍFICA E RELEITURA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

As interfaces teórico-metodológicas estabelecidas via pedagogia científica e sociointeracionismo, a partir da questão-problema, conferem natureza qualitativa à pesquisa. Esses pressupostos possibilitaram construção de teste exploratório qualitativo, primeiramente na forma de uma oficina piloto, cuja análise crítica processual e de resultados propiciou subsídios para o planejamento e implementação da oficina-alvo. Como elucida Köche (2005), a teoria “[...] não aparece mais como consequência e como uma simples tradução dos dados experimentais, mas como uma interpretação desses dados, sob a forma de representação [...]” (p. 133), destacando ainda que a teoria é elaborada antes mesmo do teste experimental – tal como se deu com relação à oficina piloto. As construções teóricas passaram assim por processos de ajuste desde a fase de problematização até de implementação da oficina e de sua interpretação.

Um experimento, nos dizeres de Köche (2005), deve ser uma interpretação teórica de um fenômeno e não uma simples observação que confere confiabilidade. É a interpretação teórica que traduz rigor científico, que orienta a elaboração de instrumentos e fornece caminhos para construção de resultados baseados na avaliação de um enunciado que apresenta uma interpretação teórica da realidade. Nesse sentido, foi possível a partir da avaliação da oficina piloto, como substrato epistemológico, pedagógico e metodológico, planejar a oficina-alvo.

Reportando à própria construção da tese, esta, tendo como referencial teórico a epistemologia de Gaston Bachelard, caracteriza-se como de conteúdo ensaístico no que tange às aproximações feitas via discussão sobre interdisciplinaridade, e também como de caráter experimental exploratório, nos termos já descritos. Não se teve a pretensão de esgotar o tema abordado, tampouco apresentar resultados conclusivos e generalizantes.

3.3.1 Oficina-piloto

O estudo piloto nasceu quando de proposta de estágio doutoral na Universidade Católica Portuguesa (UCP), Porto/Portugal, com a supervisão da Professora Dr.^a Isabel Baptista, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação. Ele marca a proposta dinâmica crítico-criativa, estabelecida para oficina piloto em vista da oficina-alvo.

Ressalta-se que, compreendendo a hospitalidade como um fenômeno que emerge no espaço “entre”, constituído por dois sujeitos (singular e/ou coletivo), no qual os envolvidos se alternam no tempo e no espaço em uma dinâmica de acolher e ser acolhido (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013), a proposta metaforizou as relações interinstitucionais e interdisciplinares na expressão “hospitalidade científica”, com foco nas relações entre turismo e outras áreas de conhecimento.

O estágio intencionou: aprofundar reflexões teóricas compreendendo os universos conceituais envolvidos (Turismo, Interdisciplinaridade, Relações epistemológico-pedagógicas e psicopedagógicas); desenhar, a partir do referencial teórico, as etapas de realização da oficina com as respectivas atividades “docente” e “discente”; operacionalizar e avaliar o estudo piloto.

No que diz respeito ao corpo teórico construído, teve como objetivo principal possibilitar discutir a própria orientação teórica e, como reflexo, o desenho das etapas que conduzem a uma orientação metodológica.

Conjuntamente com a professora supervisora local, decidiu-se pelo desenvolvimento de uma oficina piloto, como “ensaio”, no intuito de tecer as primeiras análises, em condições reais de trabalho de campo, de consonâncias entre aportes teóricos, logística e prática pedagógica. Dois objetivos básicos aí estavam presentes: de um lado, a obtenção de alguns sinalizadores de corroboração ou não da hipótese construída que originou a formulação do problema de pesquisa; de outro, a apreensão de sinalizadores do saber-fazer-saber empreendido (desde a implementação dos processos de ensino/aprendizagem, considerados os referenciais norteadores, até a avaliação processual das aprendizagens desenvolvidas) via processo de metacognição, promover possíveis/necessários ajustes ao longo do processo-piloto e tendo em vista o planejamento e a implementação da oficina prevista no projeto.

A oficina não ocorreu na Universidade Católica Portuguesa – Porto/PT, mas no Instituto Politécnico, devido à não existência de curso de Turismo naquela instituição. A decisão pelo local de realização se deu após consultas no site da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) no sentido de localizar cursos de Turismo oferecidos na cidade do Porto. Considerando algumas variáveis como disponibilidade de tempo, professores que se mostraram interessados, optamos pelo Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET).

O estudo piloto ocorreu no período letivo, no mês de novembro 2017, e com a participação voluntária inicialmente de três professores, cujos nomes não serão aqui indicados, conforme acordado via o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), firmado por mim e pelos docentes (Apêndice D).

3.3.2 Implementação da oficina-alvo

A oficina-alvo aconteceu na Universidade de Caxias do Sul/RS. Essa decisão se deu devido a alguns pontos importantes percebidos no decorrer do planejamento da oficina e já vivenciados durante a oficina piloto tais como: a localização geográfica, a posição acadêmica da instituição no cenário nacional, a colaboração da coordenação do curso de Turismo e a operacionalização e o acompanhamento das orientadoras.

O estudo ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2018, com a participação voluntária de três professores, cujos nomes não serão aqui indicados, conforme acordado via o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), firmado por mim e pelos docentes (Apêndice E).

3.3.2.1 Autorização institucional: Canvas

Após conversa inicial com o Coordenador do curso de graduação em Turismo – o qual se manifestou favoravelmente à realização da oficina - contatou-se a Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação, buscando informações sobre os devidos trâmites para oficializá-la e assim convidar os professores do curso de Turismo. Foi solicitado um documento em formato CANVAS, ferramenta de gestão e avaliação, com o qual se deu o devido conhecimento acerca da proposta. Esta foi autorizada.

Quadro 3 – Ferramenta de gerenciamento estratégico de oficina-alvo Canvas

(continua)

Cliente	Métodos e Procedimentos	Objetivos	Justificativa	Referencial Bibliográfico
(1) Professores vinculados ao curso de Turismo sem formação na área (2) Professores de outros cursos de graduação NOTA: As atividades previstas e as reflexões concernentes podem ser estendidas a professores de outras áreas/cursos, uma vez que o Turismo se constitui como um case de estudo. O foco está na perspectiva relacional e nas práticas pedagógicas correspondentes.	O caminho metodológico encontra sua sustentação teórica e epistemológico-pedagógica nos supostos teóricos de referência, os quais compreendem (Perspectiva histórica do Turismo, Bases teórico-epistemológicas do Turismo, Interdisciplinaridade); Formação Profissional de Nível Superior em Turismo, Dimensão pedagógico-educacional e o conhecimento científico, Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos, referentes legais e institucionais. Linhas diretrizes da dinâmica pedagógica a) Levantamento de informações acadêmico-profissionais dos professores participantes, com base no CV Lattes e outras informações do coordenador para melhor equacionamento na escolha de situações-problema, na proposição das atividades pedagógicas;	Modus operandi de pesquisa de doutorado em andamento no PPGTURH, a oficina a ser realizada com professores de outras áreas que atuam em cursos de graduação em Turismo, mostra-se como uma oportunidade de vivência de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por um modelo pedagógico relacional. Desse modo, assumindo a importância, no âmbito do ensino superior em Turismo, do diálogo científico do Turismo com outras áreas do conhecimento e destas com o Turismo tem-se como objetivos: Geral Contribuir para o repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface, disso derivando, via processo metacognitivo, releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos.	(1) A presente oficina apresenta-se como um caminho metodológico no sentido de promover experiências pedagógicas oportunizando, a docentes de disciplinas de outras áreas de conhecimento que atuam em cursos de graduação em Turismo: (1) processo reflexivo coletivo e colaborativo, sobre interdisciplinaridade; (2) incursões conceituais na área do Turismo e consequente apropriação desses conceitos; (3) diálogo com suas áreas de atuação; (4) reflexão, metacognitiva, sobre práticas pedagógicas já realizadas em suas atividades docentes nesses cursos, perspectivada sempre a formação de nível superior. (2) A oficina institui-se ainda como uma forma privilegiada de integração da graduação com a pós-graduação <i>stricto sensu</i>, envolvendo professores e, indiretamente, os alunos.	ACERENZA, Miguel A. Administração do Turismo. v. 1. São Paulo: EDUSC, 2002. BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do pensamento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. BACHELARD, Gaston. Epistemologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 196. BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968. BARRETTO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. 15.ed. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção turismo) BRASIL. Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. Brasília:

	b) Análise do Projeto Pedagógico do Curso (PPC); c) Análise dos Planos de Estudo dos professores (documento); d) Exposição pelos participantes de como trabalham suas disciplinas; e) Identificação de conhecimento prévio dos participantes sobre os conceitos envolvidos (Turismo, Interdisciplinaridade, Perspectiva da ciência contemporânea/atitude científica); f) Apresentação de situações-problema (cases extraídos da cotidianidade turística no Brasil e no exterior), envolvendo diferentes vertentes conceituais do Turismo e questionamentos que permitam aos participantes refletirem e formularem suas próprias questões sobre relações, em “dupla direção”, entre o Turismo e suas áreas de atuação; g) Construção de sínteses teórico-práticas; h) Questionamentos para promover,	Específico f) operacionalizar e avaliar uma prática pedagógica (oficina) na modalidade de extensão, dirigida a docentes de outras áreas, atuantes na graduação em Turismo.	Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf>. Acesso em: 20 de ago de 2010. CHARAUDEAU, Patrick. Pour une interdisciplinarité “focalisée” dans les sciences humaines et sociales. Questions de communication, v.17, n. 31, 2010. p. 195-222. GAXIOLA, Napoleón C. Hacia una epistemologización del discurso turístico. In: NECHAR, Marcelino Castillo; NETTO, Alexandre Panosso. Epistemología del Turismo: Estudios críticos. México: Trillas, 2010. p. 41-52. KADRI, Boualem. La question du statut scientifique du tourisme: présentation. Téoros, v. 27, n. 1, 2012. p.1-84. Disponível em: <http://journals.openedition.org/teoros/345>. Acesso em: 4 mai. 2017. VIGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos
--	--	--	--

	metacognitivamente, releitura das práticas docentes dos professores em suas disciplinas expressas oralmente ao longo das atividades, ou, por escrito após sua realização, e retomadas sempre que oportuno; i) Metacognitivamente, análise do processo metodológico desenvolvido na oficina do ponto de vista epistemológico e pedagógico e novos questionamentos para releitura das práticas docentes dos professores em suas disciplinas. A avaliação, de caráter formativo, será processual.			processos psicológicos superiores. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 191 p. (Psicologia e pedagogia). VIGOTSKY, Lev. S. Pensamento e linguagem. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Psicologia e pedagogia).
	Recursos Necessários Com intenção de promover a oficina alguns recursos são elencados: a) recursos pedagógicos: • Textos científicos • Matérias jornalísticas • Vídeos b) recursos físicos: • Sala de aula c) recursos materiais: • Marcador para quadro branco • Quadro branco		Capítulos e Seções	Serão 05 sessões, sendo, em princípio, 02 individuais e 03 coletivas com os professores engajados na oficina.

	d) Recursos tecnológicos: • Projetor de imagem e computador conectado à internet • Dispositivo de áudio; • App para mapa conceitual			
Cronograma proposto Pretende-se desenvolver a oficina nos meses de julho e agosto, com data e período a serem definidos com a Coordenação e os professores.		OBS. A OFICINA SERÁ SUPERVISIONADA PELA ORIENTADORA E PELA COORIENTADORA DA DOUTORANDA, PROFESSORAS MARCIA M. CAPPELLANO DOS SANTOS E LUCIEANE T. FERREIRA, RESPECTIVAMENTE.		

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

3.3.2.2 Do diálogo com a Coordenação do curso de graduação em Turismo à formação do grupo de professores participantes

Como já descrito, após conversa inicial com o Coordenador do curso de graduação em Turismo, o contato com a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e a respectiva oficialização da possibilidade de convidar os professores do curso de Turismo, o convite por e-mail foi encaminhado pelo Coordenador da graduação aos professores para participar da oficina-alvo, explicando seus objetivos. Foram quatro retornos positivos. Na sequência, a pesquisadora contactou individualmente os professores para agendamento dos encontros, com a expectativa de realizá-los, todos, presencialmente. No entanto, isso não se mostrou viável, razão pela qual os encontros ocorreram três individuais e dois, coletivos.

Assim, serão descritas as etapas planejadas da oficina desenvolvida.

3.3.2.3 Dinâmica pedagógico-metodológica

O desenho das atividades teve por referência aquele desenvolvido para na oficina-piloto (Apêndice F) efetivada durante o estágio doutoral, para o que foram necessárias adaptações sobre os contextos de desenvolvimento da oficina, compreendendo particularidades relativas aos objetivos, perfis dos sujeitos-alvo e aos recortes espacial e temporal.

Numa visão sintética, esse desenho compreendeu:

- a) levantamento de informações sobre a inserção do docente no curso e na disciplina por ele ministrada; sobre ensinar e aprender; sua prática pedagógica; suas concepções sobre turismo, ciência e interdisciplinaridade;
- b) implementação de processos de ensino/aprendizagem previstos para as diferentes sessões, tendo em conta os referenciais norteadores para a prática pedagógica antes apontados;
- c) Avaliação processual das aprendizagens desenvolvidas tendo por horizonte o problema de pesquisa.

As cinco sessões da oficina foram desenvolvidas pela pesquisadora, com a supervisão da orientadora, Prof.^a Dr.^a Marcia Maria Cappellano dos Santos e da coorientadora, Prof.^a Dr.^a Luciane Ferreira Todeschini.

3.3.2.3.1 Sessão 1: Conhecendo os participantes com suas respectivas experiências no curso (01/10/2018 a 05/10/2018)

Essa sessão, individual, teve duração, com cada um dos três participantes, em média, de uma hora e ocorreu nas instalações da sede da UCS. Inicialmente seriam quatro docentes, mas um deles, por motivos de ordem pessoal, não pôde participar.

A sessão teve como objetivo geral identificar elementos concernentes a vivências docentes no curso de graduação em Turismo e sinalizadores de concepções teóricas e pedagógicas, com vistas a subsidiar o direcionamento pedagógico da oficina. Especificamente, buscou-se obter: informações sobre sua inserção como docente na Instituição e no curso de Turismo e sobre a inserção de suas disciplinas no projeto pedagógico do curso; sinalizadores das respectivas concepções de turismo e de relações estabelecidas entre suas áreas de conhecimento e o Turismo, bem como de seus referenciais pedagógicos.

Sequência de atividades:

- a) Apresentação do Plano da oficina;
- b) Questionamento sobre autorização para gravar o áudio das sessões;
- c) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme requisitos institucionais de ordem ética (apêndice E);
- d) Apresentação do objetivo daquela sessão;
- e) Formulação de questões a partir de um *script* semiestruturado, pautado pelos objetivos da sessão, acrescido de outras questões que surgiram livremente no decorrer do diálogo;
- f) Indicações de leitura para a sessão seguinte via *Google Drive*;
- g) Explicação sobre o processo avaliativo contínuo, por meio de atividades de sínteses e participação individual e coletiva.

3.3.2.3.2 Sessão 2: Reconhecendo dimensões do fenômeno turístico, a partir de complexa rede histórico-conceitual (09/10/2018)

Essa sessão, coletiva, foi realizada no dia 09/10/2018, teve duração de 1h26min e, igualmente, ocorreu nas instalações da sede da UCS. Contou com a

participação dos três professores e da orientadora. Teve como objetivo geral contribuir para a identificação, pelos participantes, de diferentes dimensões do fenômeno turístico. Como recurso didático, foram utilizadas as matérias jornalísticas disponibilizadas via *Google Drive*, visando especificamente a que os participantes identificassem o entrelaçamento de aspectos de cunho histórico, social, cultural, econômico, ambiental, entre outros, afetos à complexa rede conceitual do Turismo.

Sequência de atividades:

- a) Apresentação do objetivo da sessão.
- b) Retomada da sessão 1 – Foi apresentada síntese das informações colhidas durante a primeira sessão, no intento de fomentar interação entre os professores, o que possibilitou que agregassem, coletivamente, informações/explicitações. Questionados sobre a leitura dos materiais recomendados e o desenvolvimento das tarefas solicitadas, os docentes sinalizaram a dificuldade de realizá-las, devido à escassez de tempo. Ato contínuo, deu-se tempo para efetivá-las durante a própria sessão, reduzindo-se de cinco para três matérias jornalísticas.
- c) Leitura individual e discussão coletiva sobre as matérias jornalísticas sobre o case “Barcelona/ES”:
 - Texto 1: *CiU aboga por un “crecimiento sostenible” del turismo en Barcelona;*
 - Texto 2: *El vandalismo contra el turismo en Barcelona llega a la prensa extranjera;*
 - Texto 3: *Ayuntamiento calcula que Barcelona recibió 14,5 millones de turistas en 2017.*

As leituras foram seguidas de discussão sobre os textos, tendo por foco percepções sobre dimensões do fenômeno turístico. Construiu-se uma síntese oral, coletiva, da qual derivou um mapa mental dos principais tópicos identificados e de relações entre eles, tendo o turismo como ponto de convergência.

- d) Indicação de material complementar, compartilhado pelo *drive* (*The travel & tourism competitiveness report 2017: paving the way for a more sustainable and inclusive future*), disponibilizado pelo *World Economic Forum*, relativo a indicadores de competitividade atrelados a

desenvolvimento cultural, infraestrutural, político, entre outras dimensões, os quais reiteram a liderança da Espanha como destino turístico.

3.3.2.3.3 Sessão 3: Complexa rede histórico-conceitual do Turismo (15/10/2018 à 19/10/2018)

Essa sessão foi individual e teve duração média de uma hora. Duas delas ocorreram nas instalações da sede da UCS e uma, no Campus da Região dos Vinhedos em que atuava um dos docentes participantes. Teve como objetivo geral contribuir para a compreensão, pelos participantes, de processos histórico-conceituais do Turismo, assim como propiciar subsídios para o desenvolvimento de uma melhor compreensão da complexa rede conceitual do Turismo, “nós” conceituais tecidos na inter-relação das dimensões identificadas na sessão anterior atreladas a diferentes áreas de conhecimento. Fruto dessas reflexões, buscou-se desencadear a ampliação da percepção da complexidade conceitual do turismo associada à perspectiva histórico-conceitual; a construção de um conceito de turismo perspectivando-o como ciência (aspecto a ser retomado na sessão seguinte) e no trânsito multidirecional entre diferentes áreas científicas, reconhecendo “nós” conceituais inerentes à rede.

Sequência de atividades:

- a) Apresentação do objetivo da sessão;
- b) No que se refere ao panorama histórico-conceitual, sempre buscando interlocução com o professor, foi apresentada uma sistematização em forma de linha do tempo no sentido de, para além da linearidade histórica, contribuir para que, nela, fossem identificadas imbricações e injunções contextuais, relações teórico-práticas envolvendo diferentes áreas de conhecimento e racionalidades epistemológicas (Formas de organização do processo histórico do turismo: antecedentes do Turismo Moderno, Turismo Moderno, Pós Turismo Moderno; Relação da História do turismo com a dimensão conceitual e educacional; o Turismo como ciência ou o estatuto epistemológico do Turismo);
- c) Retomou-se o mapa mental elaborado conjuntamente, ilustrativo da concepção de rede conceitual do Turismo, seguida de uma atividade individual de representação gráfica da rede e de discussão a respeito;

- d) Fez-se a apresentação dialogada, pela pesquisadora, de processo de metaforização da rede, via o filé, (renda alagoana), a partir de diferentes dimensões e áreas de conhecimento identificadas (Cada “nó” **na** rede é um “nó” **da** rede, que se reconfigura **pela** rede).

Figura 1 – Bordado Filé de Alagoas



Fonte: Acervo da autora (2019)

3.3.2.3.4 Sessão 4: Ensino e aprendizagem em Turismo: da perspectiva epistemológico-metodológica à prática pedagógica (22/10/2018 à 26/10/2018)

Essa sessão, individual, teve duração média de uma hora. Ocorreu nas instalações da sede da UCS. Teve como objetivo geral contribuir para o reconhecimento de processos de ensino e aprendizagem a partir das discussões sobre o conceito de Turismo, assim como propiciar subsídios para a identificação de dimensão epistemológica-metodológica contemporânea (bachelardiana) que influencia a prática pedagógica na perspectiva interdisciplinar. Especificamente objetivou-se, assim, considerar:

- a) o processo realizado de construção do conceito de turismo (complexa rede histórico-conceitual);
- b) concepções de ciência contemporânea ou de uma pedagogia científica, à luz do pensamento bachelardiano;
- c) o processo de formação do turismólogo com vistas à sua atuação no mundo do trabalho.

Sequência de atividades:

- a) Apresentação do objetivo da sessão.
- b) Retomada da sessão 3
- c) Reexaminaram-se as representações gráficas da rede de relações do Turismo com outras áreas de conhecimento elaboradas pelos colegas e pela pesquisadora. Para desencadear novas reflexões, foram formuladas questões, como: Que saber-fazer o estudante do curso de Turismo deverá ter desenvolvido para atuar no mundo do trabalho na área do Turismo? Que processos formativos poderiam favorecer os alunos? O professor precisa de conhecimento pedagógico para atuação profissional como docente de nível superior? Que formação pedagógica seria necessária para isso? Que processos de ensinar e aprender possibilitariam contemplar aspectos de interdisciplinaridade e o complexo histórico conceitual do Turismo? Ainda, nesse âmbito do universo histórico conceitual, como concorreriam processos de ensinar e aprender balizados por concepções de ciência contemporânea ou de uma pedagogia científica?
- d) Com base nas respostas a que o diálogo conduziu e colocando o foco na relação entre saberes e fazeres e nos objetivos da sessão, perguntou-se se haveria uma possibilidade de esboçar proposta de implementação de um processo pedagógico de ensino/aprendizagem associado a uma atitude científica balizada pela ciência contemporânea (pergunta não restrita apenas à área do Turismo)?
- e) No sentido de propiciar a revisita das questões primeiras ensejando a percepção de outras/novas relações, conduziu-se à exposição dialogada sobre ciência, conhecimento científico e interdisciplinaridade à luz de Bachelard.
- f) Introduziu-se, por fim, a questão a ser retomada na quinta sessão: Caberia ao professor avaliar e repensar suas práticas pedagógicas e mudar a

cultura experimental que privilegia a transmissão dos conhecimentos já estabelecidos e propor outras metodologias ativas de aprendizagem que oportunizem ao aluno condições de superar seus obstáculos epistemológicos e desenvolver uma atitude de investigação voltada à identificação de problemas, à convivência com o processo crítico-criativo da construção dos saberes?

3.3.2.3.5 Sessão 5: Repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface (13/11/2018)

Essa sessão, coletiva, foi realizada no dia 09/10/2018, teve duração de 1h26min e ocorreu nas instalações da sede da UCS. Contou com a participação de três professores, da pesquisadora e da orientadora.

Tendo presente o objetivo geral da oficina, a presente sessão objetivou depreender possíveis sinalizações de movimentos reflexivos no sentido de uma releitura da prática pedagógica e, para tanto, promover uma síntese crítico-criativa da oficina, revisitando sessões individuais e coletiva.

A sessão visou ainda obter uma avaliação oral da oficina considerando os objetivos traçados e a respectiva consecução.

Sequência de atividades:

- a) Retomada das sessões anteriores - Voltou-se à proposta da oficina, desencadeada a partir da identificação de aspectos relativos à “história” profissional e de inserção na Universidade e no curso de graduação em Turismo (Sessão 1). Sempre com o recurso didático da formulação de questões, na continuidade, retomaram-se o título, os objetivos e objetos de reflexão de cada sessão, no sentido de refazer o percurso realizado, buscando reiterar relações estabelecidas entre: dimensões do fenômeno turístico (Sessão 2); a construção do universo histórico-conceitual do turismo em suas relações com outras áreas do conhecimento (Sessão 3); a proposição bachelardiana de ciência, conhecimento científico e interdisciplinaridade (Sessão 4); pontos esses, todos, considerados como substrato para movimentos reflexivos no sentido do repensar de práticas pedagógicas efetivadas pelos docentes participantes;

- b) Sob uma perspectiva suplementar afeta a processos pedagógicos específicos da UCS, solicitou-se se era possível identificar aproximações entre eles e aquele desenvolvido na oficina (de modo especial, o Trabalho Discente Efetivo);
- c) Solicitação de uma avaliação oral da oficina considerando os objetivos traçados e a respectiva consecução.

4 ANÁLISE DAS SESSÕES

4.1 SESSÃO 1: CONHECENDO OS PARTICIPANTES COM SUAS RESPECTIVAS EXPERIÊNCIAS NO CURSO

Esta sessão, que intencionava conhecer os sujeitos da pesquisa no que diz respeito ao perfil acadêmico docente, transcorreu por meio de *script* semiestruturado com questões orientadoras e outras que surgiram livremente no decorrer do diálogo.

Inserção na UCS e no curso de graduação em Turismo

Inicialmente, conhecendo as respectivas formações, os professores foram questionados sobre como se dera sua inserção na UCS e no curso de Turismo. O professor 1 (P1) leciona há mais de 20 anos na Instituição; o professor 2 (P2) ministra aulas na Universidade há pouco mais de três anos; o terceiro professor (P3), a exemplo do primeiro, tem mais de 20 anos de atuação na UCS. Todos reforçam que entraram na Instituição através de suas respectivas áreas, mas foram convidados a atuar em diferentes cursos de outras áreas. Vejam-se os seguintes fragmentos³:

(P1) *Na verdade eu dou aula aqui na Universidade, já vai fazer 23 anos. Desde 1995, então, eu trabalhei num programa de extensão da UCS e nos cursos de graduação que têm disciplinas da minha área, que atualmente está sobrando só dois cursos.*

(P2) *Comecei a trabalhar aqui na UCS no segundo semestre de 2016. É bem recente. E aí eu comecei dando três disciplinas: uma na minha área para licenciaturas, outra na Psicologia e uma no curso de Turismo. Foi aí que eu entrei, né?*

(P3) *Eu comecei a ministrar aula no curso de Turismo no final da década de 90, portanto já vão muitos anos. O professor que ministrava disciplina no curso do Turismo que naquela ocasião era ofertado em Canela, núcleo de Canela, não sei por que motivo, não estava mais na universidade. Eu nunca tinha ministrado aula no curso de Turismo, já tinha ministrado aula em disciplina de outros cursos. Então, o meu departamento foi chamado para indicar, na ocasião chamava o departamento. O Chefe de departamento indicou meu nome, e eu fui, então, ministrar a aula em Canela, se não me falha a memória. Isso foi em 88, perdão, 98. Então, desde aquela ocasião, eu ministrei aula lá em Canela por muitos anos, depois, quando o curso começou em Bento Gonçalves. Foram uns 3 ou 4 anos, pois eu tinha outras atividades, estava fazendo meu doutorado, tinham disciplinas no meu curso etc., eu não podia ministrar disciplina aplicada no Turismo.*

³ Nos fragmentos, visando manter sigilo absoluto sobre a identidade dos participantes, conforme exigido do pesquisador relativamente ao compromisso ético assumido, omitem-se ou substituem-se dados que possam identificá-los. Exemplificando: disciplina da minha área, em vez do nome da disciplina.

Em outras verbalizações, identifica-se uma busca inicial para construção de relações (com docentes, leituras e/ou alunos) entre a área de formação dos professores e a da(s) disciplina(s) no curso de Turismo. P1, no entanto afirma ter encontrado algumas dificuldades na interlocução com professores. Uma ressalva é importante. Dentre os participantes, P3, para além das leituras iniciais, ao ministrar disciplina em subárea do Turismo, envolve-se em novas leituras, as quais culminam com pesquisa e publicação científica.

(P1) Sim, eu acho que se deu assim mais pela convivência com os alunos. Por aquilo que eles falavam sobre as outras disciplinas, as atividades que a gente participava junto. Por exemplo, tinha uma Semana Acadêmica, eu sempre participava com eles e eu via o que que eles ficavam falando, eles ficavam fazendo nas outras disciplinas e daí eu fazia as aproximações, mas nada assim muito teórico. Daí, sempre tive curiosidade, daí eu lia algumas coisas. Eu trabalhei também com aluno sênior, da terceira idade, e daí, também, tem essa questão do turismo bem presente, né? Então, eu já tinha lido algumas coisas a esse respeito também. Então, é mais por um interesse pessoal, que eu gosto. Daí, aquilo que eles falavam, que eles estavam estudando, daí eu pesquisava, ouvia alguma relação e trazia para a aula [...] Aqui na UCS não cheguei a ter interlocução com outras disciplinas, acho um pouco mais difícil, em função de muitos professores, às vezes, a gente nem conhece os professores.

(P2) Das três, essa disciplina era a que eu tinha menos traquejo, que eu conhecia menos o assunto e tal, mas aí, com o auxílio de um professor, mais antigo da Universidade, também da minha área, me passou o programa, bibliografia e leituras e, no final das contas, naquele semestre, acabou sendo a disciplina que eu mais gostei. Era um tema diferente, eu pude explorar o tema de paisagem, território, que era algo que eu já tinha desenvolvido no doutorado sob outra forma.

(P3): Então, eu penso que li menos do que poderia, digamos assim, fosse o desejável. Lembro de, por exemplo, ter lido texto da... agora os nomes que eu não lembro. Uma... do Turismo, da Margarida Barreto, o primeiro livro que eu li. Depois por exemplo li fui buscar ... fui buscar Bení, fui buscar Rodrigues... de São Paulo, da USP. Se não me falha a memória, é Rodrigues o sobrenome dela. Ela, naquele conjunto de livros, que no início dos anos 2000, final dos anos 90, foram publicados diversos livros, muitos. Mas enfim, então, li alguns desses livros, algumas dessas coisas. Como na minha pesquisa, no meu trabalho, eu desde os anos 90 fui trabalhando com uma subárea do Turismo, então em função disso, que eu fui atrás, fui procurar também, essa literatura. Então, quando eu comecei a trabalhar com a disciplina da minha área aplicada ao Turismo, eu tinha tido um contato, não muito, mas, aí, realmente comecei a ler mais, e eu fiz a primeira pesquisa e publiquei lá em 2000, 2000, 2001.

Na sequência, quando questionados sobre o contato inicial com as ementas das disciplinas por eles ministradas, as respostas dos três participantes coincidem no fato de ser utilizada aquela que estava em vigor. Já, quando se lhes perguntou sobre sua participação em eventuais ajustes ou reformulações posteriores, P1 afirma ter sido chamado para colaborar quando da reformulação do curso - o que não se aplica a P2. Diz ele: “agora houve reformulação curricular e essa disciplina se manteve no currículo, só que eu não participei disso”. Por outro lado, P3 ressalta ter proposto

ampliação do número de créditos (o que já ocorreu quando ministrou a disciplina pela segunda vez): *“Considerarei que, em função das leituras que fui me apropriar do Turismo, não dominava o Turismo, dominava e domino a minha área, então, pensar aplicado ao turismo, eu precisava me apropriar do turismo para saber como fazer a transposição do conhecimento da minha área para o turismo”*.

Esse tema conduz a questionamento sobre prática docente. Cada professor refere atividades práticas desenvolvidas com os alunos, a partir das quais cabem alguns destaques:

a) Experiências com atividades de campo:

(P1) *Uma questão que foi bem relevante foi a viagem (para o Uruguai), porque como eles estão empolgados, entusiasmados, que eles iam viajar, foi bem significativo fazer aquela pesquisa e saber **qual era o lugar que eles iam visitar, quanto custava umas coisas, que distância ficava**, então isso aí foi bem uma coisa assim que deu para eles fazerem uma avaliação mais estreita. (grifo nosso)*

(P3) *Sempre faço um **trabalho de campo** ou quase sempre faço um trabalho de campo com eles. Faço um exercício de observação de paisagem, onde eu faço um exercício de percepção, de potenciais atrativos turísticos, ou, assim, são dois objetivos específicos. Um outro objetivo é que eles identifiquem no território onde se passa, aspectos da minha área que foram tratados em aula. (grifo nosso)*

b) Experiências com debate:

(P2) *Tem uma disciplina que eu dou no Comércio Internacional que é muito semelhante e que se discute muito globalização e aí eu fiz já uma atividade que deu muito certo. que é debate, debate estruturado no modelo que é utilizado em universidades americanas, debate Oxford. E a minha ideia é esse semestre também aplicar com essa turma, fazer com que eles defendam duas posições sobre o impacto do turismo de massa, se é positivo ou se é negativo, para as culturas locais.*

c) Verbalizações que referem explicitamente interdisciplinaridade ou apontam para ações dessa natureza:

(P1) *Seriam coisas mais dia a dia, mas, na minha matéria, eu tentava levar eles mais pra leitura, uma coisa mais aprofundada. E daí, na minha disciplina, eles têm um aproveitamento melhor nesse sentido, para fazer uma interdisciplinaridade, para pensar outras coisas.*

(P3) *Geralmente, muitos anos eu fiz sozinho, agora e alguma vezes eu fiz junto com um outro professor no Turismo. O objetivo é diferente e nem sempre desenvolvo o que gostaria.*

(P3) *A minha leitura é que poderia ter no Turismo uma apropriação maior dos conceitos da minha área, e isso não é possível, não consigo fazer uma prática pedagógica que leve os alunos a se apropriarem efetivamente de todos esses conceitos, e, além disso, aplicá-los no conhecimento, no Brasil, em 2 meses. Considero inexecutável.*

No segundo caso, é possível perceber que há intenção de desenvolver trabalhos interconectados, mas cada professor tem um objetivo para atividade de campo, o que parece não contribuir suficientemente para a percepção de integração

das disciplinas. Já o terceiro fragmento sinaliza preocupação com apropriação de conceitos da área de formação do professor.

d) Referências a abordagens pedagógicas:

(P2) *Eu acho que aí é talvez como um facilitador da construção do conhecimento que propriamente um transmissor. Eu acho que a estratégia (debate) permite com que eles mais autonomamente construam o conhecimento e ao que parece têm tentado fazer aqui na Universidade.*

e) Adaptação das práticas ao perfil do aluno:

(P1) *Então todas essas atividades que a gente faz em sala de aula, e promove e incentiva, só [Pausa] não oferecem a ementa, né, são de cada professor, da turma, do momento. Então eu vejo de uma turma para outra varia muito, né, a forma de trabalhar e tudo, apesar da ementa ser a mesma.*

Na sequência, foram questionados sobre o contato teórico com a área de Turismo. Todos sinalizaram suas primeiras relações: de um lado, a participação em palestras; de outro, leituras iniciais sobre a área.

(P2) *Eu me inseri muito com essa bibliografia que inclusive é produzida aqui, na editora da UCS, da Margarita Barreto. Muitas coisas um professor da minha área me passou também. [Pausa] primeiro contato teórico que eu não estava acostumado, mas que eu acho interessante.*

Esclarece ainda:

(P2) *Eu me lembro que quando eu estava estudando, óbvio quando percebi a disciplina, peguei um texto que ajudou na discussão do conceito de turismo. Eu nunca tinha parado muito para pensar como que é que a gente define o que é turismo. Eu achei bem interessante. E eu tenho que situar o turismo como uma parte da indústria dentro das discussões da minha grande área do conhecimento. Então, lá no início da disciplina, quando eu penso no turismo como prática cultural, me refiro a uma construção que é da minha grande área, como desenvolvimento industrial, individualismo, tema de lazer, bem-estar social.*

(P3) *Eu penso que leio menos do que poderia, digamos assim [Pausa], fosse o desejável. Lembro de por exemplo ler texto da [Pausa] agora os nomes que eu não lembro. Uma [Pausa] do Turismo [Pausa], é da Margarida Barreto, o primeiro livro eu li.*

Sob o prisma teórico-conceitual, indagou-se acerca de sua percepção quanto à relação entre suas áreas de formação e a área do Turismo. Para dois dos professores, a relação é evidente e potencialmente forte e esforçam-se para identificar pontos em comum entre as áreas.

(P1) *Eu acho que uma **relação quase que evidente**, porque minha área permeia tudo, né, e na área do Turismo acho que é fundamental, tanto para quem vai estudar quanto para quem vai trabalhar, é bem importante, e os alunos percebem isso, né, em geral. (grifo nosso)*

(P3) *Eu acho que é uma relação que ela é potencialmente muito forte, porque o Turismo e minha área [Pausa] de certa maneira, se baseiam em deslocamento. Minha área vem de um trabalho de campo, que tem como, digamos assim, a sua pré-história, os relatos dos viajantes, as curiosidades, as coisas novas, mas, evidentemente, com um propósito que é diferente do turismo. Mas ainda assim, tem uma similaridade de prática, de postura, eu acho, de olhar. A minha área discute muito o estranhamento cultural das diferenças culturais, que é algo que o turismo hoje em dia proporciona às pessoas. E eu acho que toda vez que alguém está se deslocando turisticamente, acaba exercendo de alguma maneira, as habilidades que são próprias de minha área: colocar no lugar do outro, se surpreender e se deixar levar pelo que ocorre no contexto, ou ainda, de outra forma [Pausa]. Mas eu acho que tem uma relação potencial muito forte que acaba sendo pouco explorada.*

Ainda, nessa linha de análise, P3, posto que concorde com a potencialidade de relações, diversamente dos outros professores, destaca que, na prática, essa relação não se efetiva a contento, particularmente a considerar que o Turismo é um curso que tem aporte de muitas áreas do conhecimento, não sendo compatível com a duração de três anos. Assim, se poderia depreender do discurso, sinalizações de contraposição da perspectiva interdisciplinar com a organização disciplinar do curso. Também assinala que seria possível o aproveitamento teórico-metodológico entre as áreas de conhecimento, mas situa seu domínio insuficiente sobre a área de Turismo como fator limitador.

(P3) *Eu vejo que há uma possibilidade maior ainda do que existe de aproveitamento, de uso de conhecimentos, de aporte teórico, metodológico, **da minha área no turismo, mas não domino suficiente o Turismo para avaliar a contribuição teórico-metodológica que o Turismo teria para outras áreas do conhecimento, inclusive a minha.*** (grifo nosso)

Em síntese, as verbalizações, no que diz respeito ao turismo, marcam-no, prioritariamente, sob o viés do deslocamento, da atividade turística, ou do ato de viajar. Por outro lado, o conjunto das respostas parece encerrar, em alguns momentos, um hibridismo ou deslizamento conceitual entre o turismo como área de conhecimento e como atividade.

No que concerne a concepções sobre interdisciplinaridade, apesar de serem identificadas aproximações entre suas áreas de conhecimento e a do Turismo, esta se configura, predominantemente, como objeto de aplicação de conhecimentos das outras áreas, ampliando-lhes o território de estudos. Dessas aproximações, emerge a prevalência de uma “via de mão única” (das áreas para o Turismo), mas, ao mesmo tempo, um processo, mesmo que incipiente, de movimentos reflexivos na direção de diálogos entre as áreas.

Faz-se pertinente destacar a realização, pelos professores, de práticas pedagógicas já não restritas àquelas vinculadas normalmente a uma abordagem pedagógico-metodológica tradicional. Isso, independentemente do tempo da atuação na Universidade.

4.2 SESSÃO 2: RECONHECENDO DIMENSÕES DO FENÔMENO TURÍSTICO, A PARTIR DE COMPLEXA REDE HISTÓRICO-CONCEITUAL

Como esboçado na descrição precedente, na direção de desencadear o processo de construção do conceito científico de Turismo, para além de seu entendimento como uma atividade e, para tanto, contribuir para a identificação de entrelaçamentos de aspectos de cunho histórico, social, cultural, econômico, ambiental, entre outros, afetos à complexa rede conceitual do Turismo, esta sessão, após síntese das informações colhidas individualmente na sessão anterior e dadas a conhecer ao grupo de professores, parte da solicitação de leitura de três matérias jornalísticas⁴, a saber:

- a) Texto 1: *CiU aboga por un "crecimiento sostenible" del turismo en Barcelona* (CIU... 2017);
- b) Texto 2: *Ayuntamiento calcula que Barcelona recibió 14,5 millones de turistas en 2017* (AYUNTAMIENTO... 2018);
- c) Texto 3: *El vandalismo contra el turismo en Barcelona llega a la prensa extranjera* (CONCEJO, 2017).

Apresentação e discussão, pelos professores, das matérias jornalísticas

As matérias jornalísticas faziam parte do que foi chamado “*Case Barcelona*”. A P1 coube a matéria que focalizava a dimensão econômica; a P2, a matéria versando sobre turismofofia, e por fim, a P3, a matéria referente à dimensão da sustentabilidade.

P3 destacou situações e realidades brasileiras conhecidas, pois o tema central relaciona turismo e sustentabilidade. Selecionou a passagem que abordava o excesso de carga do espaço turístico de Barcelona, já considerado superior à

⁴ Inicialmente eram cinco matérias, as quais foram disponibilizadas para leitura na Sessão 1, via *Google Drive*. Como a leitura não ocorreu, na sessão 2, três dessas matérias foram disponibilizadas durante o encontro, impressas.

capacidade do próprio espaço. Nesse sentido, a matéria posiciona dois pensamentos ideológicos: de um lado, pessoas associadas direta ou indiretamente ao turismo que desejam limitar o número de turistas; de outro, representante da prefeitura que não quer limitar o número de viajantes.

(P3) Rapidamente eu fiz uma análise intertextual [Pausa] O quê que eu pensei nessa aqui que eu vou falar especificamente? Essa aqui eu já havia pensado [Pausa] fiz aqui umas anotações [Pausa] situações brasileiras. Então esse aqui é o tema central: é relacionado com o turismo e sustentabilidade. A questão é a carga do espaço turístico de Barcelona já considerada superior à capacidade do espaço. Então, eu vi que tem dois posicionamentos. Aqui, inclusive, se percebe no texto os aspectos ideológicos, né? [...] Então, são diferentes associações, entidades, tendo uma postura: limitar o número de turistas, e a postura da prefeitura, depois de ouvi-los, é não. Lembrei da situação brasileira, com duas cidades. [...] Nas duas situações eu lembrei de duas cidades brasileiras: Gramado e Camboriú. Então, Gramado, porque já está ficando insustentável, vamos supor em dezembro.

(P3) Tu comentaste a respeito da situação imobiliária. Se eu tenho um espaço, uma capacidade limitada. Não se multiplica terra, a não ser, nós estamos falando aqui, multiplicar para cima.

(P2) identifica relações com a referida matéria, apontando aproximações com a turismofobia, esta vista como efeito colateral do suposto excesso de turistas na cidade ou, ainda associada a discussões políticas que abrange. Explica que a matéria fala sobre a organização política de extrema esquerda, que tem como “bandeira” o combate ao turismo excessivo e traz ações diretas violentas, vistas como “terroristas” pela imprensa inglesa, gerando problema diplomático.

(P2) Eu acho que eu tenho bastante a ver ... muito relacionadas. Isso é um caso que eu gosto de tratar bastante em aula que é a turismofobia que acaba sendo um efeito colateral disso, né?. Da sobrecarga, da capacidade de carga, enfim... E aqui, no caso, relata que uma organização política de extrema esquerda no, que tem em sua bandeira o combate ao turismo excessivo e que tem feito uma série de ações pontuais do tipo ação direta: o cara no ônibus, furar os pneus daquelas bicicletas, atacar pessoas, atacar hotéis e isso acabou gerando uma reação da imprensa inglesa, porque boa parte desses turistas nesse ataque, nesse ônibus, especificamente, eram ingleses. Eu acho interessante entender o porquê que ocorre também essa reação [Pausa] prejuízo moral pensando nessas externalidades negativas aí da atividade turística. [Pausa] A questão imobiliária que puxa bastante, que a exploração turística fez com que os preços dos imóveis [...] Outra coisa também que se relaciona lá e aqui, a crise financeira da Espanha, teve uma reforma trabalhista que precarizou muitos trabalhos.

P1 discorre sobre o que que centralmente sua matéria focaliza: a economia como aspecto principal, com dados sobre recordes absoluto e análises apenas dessa natureza.

(P1) O meu texto também veio sobre essa questão econômica [Pausa] porque parece que só a economia é que importa. A prefeitura calcula que Barcelona recebeu 14 milhões e meio de turistas em 2017 [Pausa] muita gente [...] Fazem uma análise desse número... porque em 2016 tinha sido muito melhor, esse número diminuiu... em 2016 tiveram recordes absolutos e foi um ano positivo e extraordinário. E agora então, desses 14 milhões e meio que visitaram Barcelona em 2017, 7 milhões e 600 mil se hospedaram em

estabelecimentos de hospedagem. Eu achei esse número meio distante... e eles fazem então uma análise ... Então eles fazem uma análise ali... só econômica...

Observam-se na interação promovida pela pesquisadora, quando são apresentados e comentados os textos lidos, *links* que vão sendo construídos entre eles e entre o Brasil e a Espanha, como denotam expressões dos fragmentos: *Eu acho que eu tenho bastante a ver ... **Muito relacionadas**. Isso é um caso que eu gosto de tratar bastante em aula que é a turismofobia, que acaba sendo um **efeito colateral disso**, né?; O **meu texto também** veio sobre **essa questão econômica**. Outra coisa também **que se relaciona lá e aqui**, a crise financeira da Espanha, teve uma reforma trabalhista que precarizou muitos trabalhos. **Tu comentaste a respeito da situação imobiliária** (grifo nosso).*

Os três professores, ao descreverem suas matérias, vincularam-nas a realidades do Brasil e a leituras pautadas por referenciais teóricos atrelados às suas áreas de conhecimento. Ao mesmo tempo, perceberam, analiticamente, relações entre as matérias jornalísticas e o turismo como cerne daquelas situações, discutindo o turismo na relação direta com as diversas temáticas e dimensões.

Nesse processo coletivo, a pesquisadora, na figura de Mediador, solicita que destaquem os tópicos e dimensões abordados, assim como articulações entre eles, os quais vai registrando no quadro branco, esboçando um mapa mental. Assim, a partir de elaboração de síntese oral coletiva, algumas dimensões foram pontuadas, como: ambiental, social, linguística, geográfica, cultural, psicológica, entre outras.

Uma nova intervenção da pesquisadora mediadora busca ampliar a identificação de relações entre o turismo e as dimensões focalizadas: *Retomando os textos, que outras dimensões vocês eventualmente poderiam depreender das matérias e desta discussão?*

O que se mostra interessante é que trazem à tona a dimensão educacional e se voltam então para suas disciplinas e respectivas práticas, para o perfil do aluno, atrelando-os às matérias jornalísticas por eles analisadas individualmente e em conjunto.

(P3) Então claro, eu olho para esse texto, eu identifico diversos elementos de conexão com a disciplina, não só com elementos de sustentabilidade, mas também a questão ideológica. Eu lembro que em aula tem um fator da minha disciplina que é muito significativo. Difícil, às vezes, os alunos perceberem que eu preciso entender, preciso conhecer o nível educacional de um lugar, pra pensar o turismo, né? Eu preciso perceber qual é a infraestrutura de esgoto, de água, de serviços, enfim, coleta de lixo, não é? O que

tem a ver com o turismo, né? Já recebi essa pergunta, mas quando vou falar de Brasil, o tema é Brasil, o foco é Brasil. Não faço essa análise em relação a outros países a não ser quando eu faço uma comparação como exemplo, mas é pontual, citação.

(P1) Eu não tenho alunos esse semestre no Turismo. Agora, se para nós, já é difícil fazer as aproximações, imagine para eles. Não preparados ou não estão acostumados com a interdisciplinaridade, então, se na minha disciplina eu falar em capacidade de carga, eles dizem “ah prof! Isso aí é da disciplina do outro professor, não da sua disciplina” [...] Bastante dificuldade até para fazer um trabalho. Vocês vão pensar, por exemplo, sobre hotelaria, “mas professora isso aí é da disciplina de agência”, “isso aí é do fulano”, eu não sei, eu acho que falta muito nesse sentido. [...] Eles se sentem como que vão trabalhar, mas que vão trabalhar em uma agência, que vão trabalhar no receptivo, mas aí quando diz que precisa de uma análise mais aprofundada, aí, eles já se perdem.

(P2) Eu acho que é mais ou menos nesse sentido que eu falei da autoridade de sentir que os alunos, muitas vezes, têm mais demanda de ensino impresso da disciplina do que do atual conhecimento interdisciplinar.

(P3) Não sei se tens essa percepção. Uma das ideias que eles demonstram ter do turismo é que eles estão ali para fazer turismo, eles serão os turistas e não, que eles serão os profissionais. [...] Quando eu penso na minha disciplina na linha do curso, os alunos querem saber o que há na grade do curso. Então, todas aquelas atividades, que têm pelo menos no primeiro mês, são justamente para eles se apropriarem da intenção da disciplina no curso, da importância da disciplina no curso. Nisso, eu considero que há uma contribuição na formação de um sujeito universitário, que eu imagino, tenho a compreensão, seja um ser pensante, crítico. Mas, no curso de Turismo, mais do que vender passagem, eu considero que seja um sujeito de planejamento [...]. Então, minha disciplina que eu penso no curso de Turismo é uma disciplina que o ajude a pensar relações do ponto de vista turístico, então sim, esse texto (o que aborda turismo e sustentabilidade) tem uma relação com minha disciplina, vejo nesse sentido, a educação, a formação universitária que contribua para que ele seja um cidadão capaz, competente para fazer o seu objeto, e, nesse sentido, não é ser turista.

Nesse momento, P2 interfere dizendo que quer trazer um pouco de sua disciplina enfatizando a dimensão cultural.

(P2) O que eu tento fazer um pouco na disciplina também vai um pouco nessa linha. Do aluno tentar se apropriar de discussões que vem da minha área, principalmente de contato cultural, que o turismo é hoje, talvez, um dos principais vetores que fazem com que haja um lado cultural, mas, dentro do processo de globalização, que se desenvolva uma percepção crítica em relação a isso. O turismo é um dos grandes vetores da globalização e que tem essa contrapartida do mundo cultural e que nem sempre é uma coisa que se dá de forma positiva, positiva para ambos os lados. Tentar desenvolver essa compreensão crítica da questão. [...] E aí acho esse tipo de exemplo aqui muito emblemático para pensar como o turismo tem consequências políticas, aí às vezes, eu tenho a sensação de que as pessoas pensam que turismo é lazer e não têm outras percepções.

Em síntese, chamam a atenção movimentos reflexivos que remetem à prática pedagógica, tecidos a partir da materialidade dos textos jornalísticos, em que se reconhecem contextos relacionais envolvendo interdisciplinaridade e dimensões do fenômeno turístico. Parece ainda que a materialidade dos eventos tematizados nos textos jornalísticos e as diferentes dimensões percebidas e analisadas a eles

associadas e ao turismo, conotam uma ampliação do campo definitório. Mesmo sem marcações discursivas explícitas, a concepção de turismo construída coletivamente já aparenta expressar deslizamentos conceituais a partir dos quais o turismo estaria sendo caracterizado como fenômeno, desbordando os limites do viés do deslocamento, ou da atividade turística. Ressalta-se assim a presença de verbalizações referindo o turismo como atividade.

Diversamente das interpretações a que o uso do termo “interdisciplinaridade” reportou na primeira sessão, nesta, ainda que esteja presente a perspectiva disciplinar, têm-se sinalizações de alargamentos de territórios de relação conceitual entre o turismo e suas dimensões e entre o turismo e outros fenômenos.

Encerrando as atividades, na direção de, estrategicamente, marcar vínculos com aquela sessão e a seguinte, a pesquisadora retomou o objetivo da que se encerrava (*Propiciar, por meio de matérias jornalísticas, a identificação de diferentes dimensões do fenômeno turístico imanentes à sua complexa rede conceitual: dimensões histórica, social, cultural, econômica, ambiental, entre outras*) e anunciou o objetivo da subsequente (*Contribuir para o reconhecimento de processos histórico-conceituais do Turismo e Propiciar subsídios para a identificação de “nós” conceituais que configuram a complexa rede conceitual do Turismo*).

4.3 SESSÃO 3: COMPLEXA REDE HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TURISMO

No intento de continuar o processo de construção do conceito científico de Turismo, para além de sua compreensão como atividade; possibilitar reconhecimento de trânsito multidirecional entre áreas de conhecimento; e reconhecer a complexa rede histórico-conceitual do Turismo, foi desenvolvida apresentação dialogada, individualmente, com os professores. Ainda, foram retomadas as sessões anteriores, para subsidiar mediação entre as dimensões identificadas na sessão dois, referente às matérias jornalísticas, e os “nós” conceituais possivelmente percebidos após explanação dialogada do processo histórico-conceitual, anelados aos diferentes cenários e às áreas de conhecimento.

Foram desencadeadas reflexões voltadas a, desde processos históricos, que sinalizam aspectos associados à política, ao social, à economia, à educação, por exemplo, até a convergência desses fatos históricos com as discussões sobre a evolução das definições de turismo e possíveis repercussões de natureza conceitual.

Participação dos professores durante a exposição dialogada

a) Interação durante a exposição

A mesma construção didática foi desenvolvida com os três professores, entretanto, apenas um deles (P3), naquele momento, interagiu com a pesquisadora como o almejado. Contribuições conjunturais, com outros fatos e análises para além do que estava sendo explanado e trazido à reflexão por P3, se mostraram relevantes devido a, sobretudo, ao que parece, sinalizar para outros movimentos reflexivos acerca da ampliação da compreensão sobre o conceito científico do Turismo. Vale lembrar, que a trajetória no curso de Turismo é marcada pelo desenvolvimento de pesquisa científica aproximando sua área de conhecimento e o Turismo.

(P3) [Na abordagem, pela pesquisadora, de Thomas Cook, considerado o pai do turismo moderno, reconhecido como negócio, e a existência da Abreu Turismo, desde 1840] *Eu só faria um parêntese aqui, para entender inclusive essa postura, mais do que essa postura, estou me referindo a essa classificação, a essa importância. Eu diria que Portugal sofreu também do imperialismo britânico, dessa época, com a economia que não estava com foco no turismo, mas em outros elementos.*

P3: [Na abordagem, pela pesquisadora, entre outros elementos referentes ao final do século XX, do boom do turismo no Brasil – acesso a viagens e a expansão do turismo de massa] *Muito antes de chegar em 99, mas, então, esse processo começa antes economicamente, eu tenho uma mudança significativa nas, porque, eu faço questão de usar a palavra internet, na década de 90. Ela passa a mudar os acessos e as perspectiva dos processos de viagens, então, eu considero que o tempo real, fazer negócio em tempo real, fazer viagem em tempo real, uma viagem virtual, então, acho, que ali, enfim, eu que não sou do turismo, estou questionando, isso é um processo.*

Enlaces sociais, políticos e tecnológicos culminam assim em uma análise sobre possível produto dessas relações: a viagem virtual, o mundo virtual associado ao Turismo.

b) Convite ao diálogo por meio da atividade de metaforização do Filé:

No que diz respeito à atividade cujo objeto principal era a representação gráfica do Turismo relacionado a outras áreas de conhecimento, foi apresentada e discutida uma definição de turismo, tendo em conta, de um lado, o panorama histórico-conceitual traçado; de outro, as múltiplas relações dimensionais do turismo identificadas na sessão anterior.

Turismo é um fenômeno que se institui no tecido e no tecer de uma rede de inter-relacionamentos de “nós” conceituais e pragmático-contextuais, os quais não se definem apenas de per se, mas se reinstituem/retonalizam como “nós” em uma relação complexa em rede.

Tendo sido solicitada a elaboração de uma representação gráfica da referida definição, chamam a atenção alguns questionamentos que se sucederam: P2, perguntando se deveria estruturar sua representação estabelecendo relações com o turismo como campo de conhecimento, como ciência ou como “conhecimento como ciência”; e P3, como proceder para execução da representação gráfica, pois se sentia desconfortável se tivesse de partir do ponto de vista do Turismo e não de sua área de conhecimento.

(P1) *Então, é, tem a **perspectiva econômica**, que eu acho que, ainda que a gente não goste e não [...] Eu gosto. Por chamar o Turismo de indústria, de pensar o turismo só como uma forma de obter ganhos, do desenvolvimento só econômico, [...] eu vejo até pela apresentação que tu fizeste a perspectiva econômica, sempre, a gente não querendo puxar o resto, **isso sem pensar a questão epistemológica, pensar na educação, então...*** (grifo nosso)

(P2) *Aí eu pergunto que definição é possível para o turismo? Para o turismo? Como campo de conhecimento? como ciência? O conhecimento como ciência? **Isso que acontece, é curioso. Turismo, talvez tenha um problema de definição conceitual geral** do que é o turismo, quanto uma prática, o turismo das pessoas que fazem turismo e [Pausa] turismo como indústria, o turismo como um negócio.* (grifo nosso)

(P3) *Talvez começando com uma pergunta. Nessa perspectiva de uma construção teórica, e tu fizeste um relato de um processo histórico de condições que levam ao fenômeno e que, depois, também se torna objeto de reflexão de ciência, de conhecimento. Então, a minha pergunta é? Se, o que tu queres aqui é a minha perspectiva da minha área de conhecimento ou como eu vejo o turismo dentro do turismo? Porque eu parto da perspectiva da minha área, mas quando [pausa] eu penso que sou um pouco melhor se eu me expressar a partir da minha construção, então vou olhar isso a partir da minha área. Eu não tenho a competência de olhar a partir do turismo, então, é nessa perspectiva que eu vou, quem sabe [Pausa] vamos ver.* (grifo nosso)

Os fragmentos encerram movimentos reflexivos tendo como elemento catalisador o relato histórico-conceitual, os quais remetem ao estatuto epistemológico do Turismo: ciência? campo de conhecimento? prática? indústria? negócio? o que faz o turista? fenômeno? Destaque particular, nessa direção, assume a verbalização de P2: *Isso que acontece, é curioso. Turismo, talvez tenha um problema de definição conceitual geral.*

De outra parte, identificam-se dúvidas ou hesitações referentes aos “nós” na elaboração da representação gráfica, tendo em conta relações entre Turismo e o processo histórico-conceitual e entre outras áreas, incluindo a de cada um.

(P2) *Vamos então, de repente, fazer pelas áreas. Acho que um elemento comum assim que perpassa muito, vai ser um conhecimento que **é construído por uma experiência de deslocamento**. O turismo envolve isso, né? [...] experiência de deslocamento. **Acho que outra coisa que dá para colocar aqui, é a prática cultural**. [...] É, eu acho que aqui bem no meio dá para colocar a questão da prática cultural, sociabilidade, formas de sociabilidade. Acho que é um interesse comum de todas essas áreas aqui. [...] O Turismo tem o caráter mais aplicado, talvez subsidiar políticas turísticas, mas cada uma puxa para um lado [as áreas]. Mas acho que o centro, o “nó” que une todas me parece muito evidente que é a ideia de uma prática cultural. (grifo nosso)*

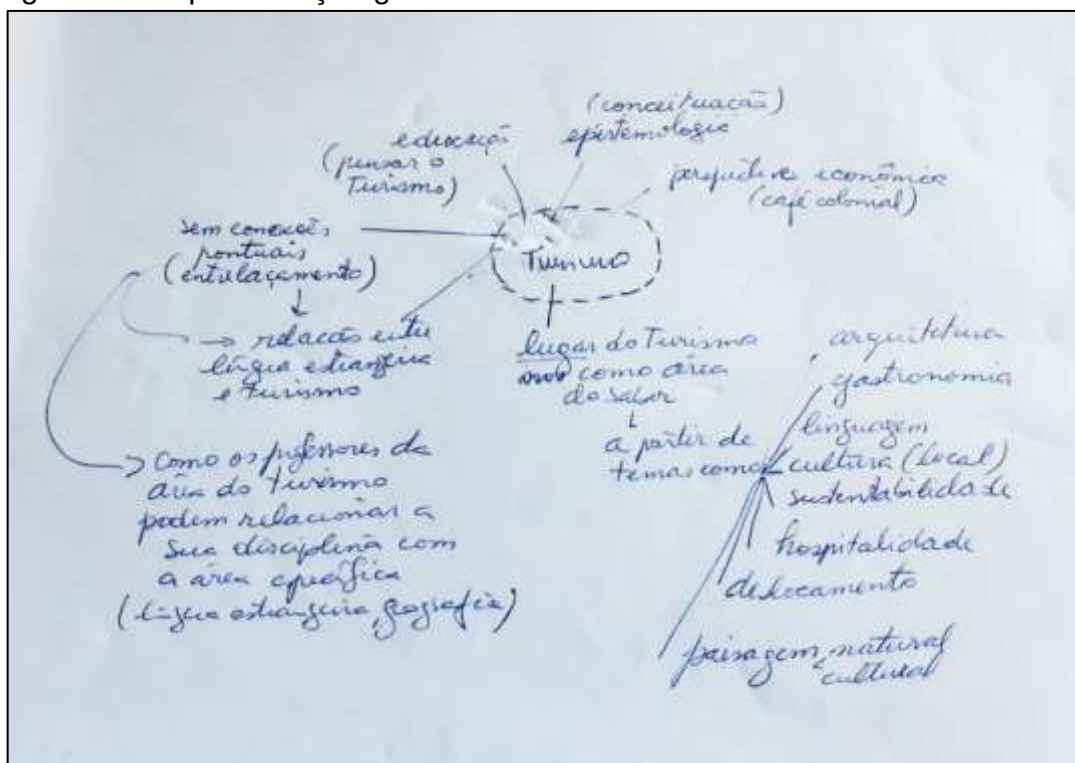
(P3) *Quando eu olho a partir da minha área de conhecimento e do turismo, como eu comentei no nosso primeiro encontro, eu considero que **existe uma relação de duas vias entre as duas áreas**, portanto, e não vou colocar nem embaixo, nem em cima, nem no lado, nada, mas, e, é construir a relação da minha área com o turismo. (grifo nosso)*

Observa-se, a menção inicial à relação de duas vias entre as duas áreas, seguida, contudo, de um “deslizamento” relacional, passando o Turismo a ser perspectivado a partir da área de formação do professor.

(P3) *É, então, a minha área enquanto uma ciência que mantém ou fornece, ou – olha o verbo aqui, são muitos verbos nessa relação - para o turismo, mas [...] **Quando eu olho a partir da minha área eu entendo que o turismo é um fenômeno**. Se tu usar a palavra que tu usaste antes, ele ocorre espacialmente, e esse espaço é, nos nossos tempos, ele eu entendo que ele seja físico, concreto, mas também virtual. (grifo nosso)*

Em síntese: a considerar os objetivos traçados para a sessão, verifica-se, por parte dos professores, uma ampliação da percepção da complexidade histórico-conceitual do Turismo (que se buscou figurar na metáfora do filé), em um trânsito multidirecional entre diferentes áreas científicas. Como evidenciado, a título de exemplo, na Figura 2 elaborada por P1.

Figura 2 – Representação gráfica referente à atividade solicitada na Sessão 3



Fonte: Elaborado por P1 (2018)

Cabe, por outro lado, também assinalar movimentos reflexivos de aproximações do Turismo à prática pedagógica: *É porque eu acho o Turismo ... seria algo, próximo da Educação (pausa), que a minha área não tem tanto*, afirma P2.

A própria utilização da metáfora do filé, na qualidade de recurso pedagógico, é percebida e enunciada positivamente por P2:

(P2) **Eu acho uma estratégia interessante** você pegar, a partir de um ponto do todo, você vê como ele espelha o complexo de relações e não tentar, sei lá, seria como se eu pegasse esse nó aqui e fizesse uma análise detalhada desse nó pra mostrar do que ele é composto, esse entrecruzamento de linhas (pausa). **Acho que essa metáfora é interessante.** (grifo nosso)

Igualmente, cabe sublinhar que as reflexões caminharam também para a prática docente, conforme pondera P1 (na qual ele também se situa), trazendo ao diálogo dificuldades originadas, quer pelo desconhecimento do curso de Turismo, quer pela complexidade conceitual e relacional da área.

(P1) *Porque eu sei que tem muito professor que dá aula no Turismo, assim como em outros cursos, e não conhece o curso (de Turismo), não é? Ou não tem ideia. [...] Então, nesse sentido, porque não têm uma visão macro. [...] E eu acho que [pausa] a questão é do lugar do turismo, [pausa], o lugar do turismo [pausa] como [pausa], não diria como ciência, como uma área do saber, não é? [Pausa]. Eu tive dificuldade quando comecei a*

trabalhar no Turismo em especificar esse lugar, porque o Turismo está em tudo, não é? Porque o turismo, de todas as áreas, até nós vimos outro dia quando conversamos, que todas as áreas estão entrelaçadas e se a gente vai a fundo, vai achar uma conexão, mas, ao mesmo tempo, o lugar específico do turismo, não é? Como uma área do conhecimento, uma área de estudo, ele fica muito aberto e, às vezes é difícil a gente conseguir entrar. (grifo nosso)

Em momento posterior, P1, invertendo o objeto da própria oficina, amplia seus questionamentos problematizando, por sua vez, a atuação de turismólogos professores do curso: *Uma questão de educação: como os professores da área do Turismo veem o Turismo para ensinar as diferentes disciplinas do curso?* Saberes e fazeres docentes incluindo professores de outras áreas e da própria área do Turismo são assim tematizados.

De modo geral, pode-se dizer que os fragmentos analisados antecipam o objeto da sessão 4, isto é, subsídios para a identificação de dimensão epistemológica-metodológica contemporânea (bachelardiana) que influencia a prática pedagógica na perspectiva interdisciplinar.

4.4 SESSÃO 4: ENSINO E APRENDIZAGEM EM TURISMO – DA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICA À PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nesta sessão, igualmente individual, foi retomada a sessão três a partir da discussão sobre a definição possível de Turismo apresentada aos professores pela pesquisadora, como também se retomou a que eles mesmos haviam construído. Todos puderam conhecer as representações gráficas de todos. No intuito de aproximar o histórico-conceitual do Turismo às reflexões sobre ciência e interdisciplinaridade, a sessão quatro teve como objetivo contribuir para o reconhecimento de processos de ensino e aprendizagem a partir das discussões sobre o conceito de Turismo, assim como propiciar subsídios para a identificação de dimensão epistemológico-metodológica contemporânea (bachelardiana) que influencia a prática pedagógica na perspectiva interdisciplinar.

Balizando algumas reflexões iniciais, foram feitos alguns questionamentos no cenário do ensino e da aprendizagem: O que o estudante do curso de Turismo deveria estar apto a saber/fazer para atuar no cenário da área do Turismo? Que processos formativos poderiam favorecer os alunos para sua futura atuação? O professor precisa de formação/conhecimento pedagógico para atuação profissional como docente de

nível superior? Que formação pedagógica? Que processos de ensinar e aprender nos possibilitaram, enquanto docentes, contemplar aspectos de interdisciplinaridade e o complexo histórico conceitual do Turismo? Ainda no âmbito do universo histórico-conceitual, os processos de ensinar e aprender poderiam estar balizados por processos de investigação científica?

Os professores articularam de formas diferentes os questionamentos, conforme denotam os fragmentos que seguem.

(P1) *Eu acho que a primeira pergunta o que que o estudante deve estar apto a saber fazer, eu acho que ali é bem importante a conceituação que têm que entender o conceito de turismo como um todo, e aquelas questões que a gente conversou, né, sobre os tecidos e os “nós” e todo o contexto para ele poder, por exemplo, não se recusar a fazer um trabalho em minha disciplina sobre uma questão, um tema de outra área, por exemplo. [...] Se consegue entender qual o cenário que o turismo é, ele não vai ter esse questionamento, esse problema, então, talvez, isso levaria a ampliar a visão e até ser mais receptivo, né?*

Vale ressaltar a referência feita à sessão anterior, novamente acentuando os nós conceituais e o turismo como o nó central da rede, o que favoreceria o trabalho interdisciplinar e a ampliação de visão do estudante.

(P2) *Eu acho que sim, e considerando que eu não dou só aula no curso de Turismo, eu acho que são questões que eu me coloco para minha atividade em relação a outros cursos, né?. O que eu acho em relação ao Turismo assim com essas questões que tu colocas aqui, assim como acontece um pouco com a outra área que eu trabalho. **A pesquisa e o que a gente pode fazer para desenvolver a formação do aluno, para que ele tenha uma formação que não seja só técnica naquela área, para ele virar um operador daquela atividade econômica pura simplesmente: no caso do turismo, sei lá, um operador de agência, para que ele consiga eventualmente ter uma visão crítica e até científica.** [...] E, nesse sentido, a contribuição da minha área para a formação em Turismo é um pouco isso aí. (grifo nosso)*

(P2) *E eu acho que, em termos de processos formativos, eu acho que, de alguma maneira, atividades que **contemplem tanto teoria como a prática** e que consigam ver uma aplicabilidade desses nossos conteúdos (que no caso da minha disciplina são muitas vezes teóricos e reflexivos) dentro da atividade deles, o desafio, eu acho, é tentar fazer que o conceito lá que se apresenta seja operacionalizado pelo aluno na sua área, e aí eu acho que várias estratégias nos ajudam. (grifo nosso)*

Ganha destaque a menção à relação teoria-prática e ao papel da área do professor para o desenvolvimento da reflexão crítica e científica do aluno, para além do olhar técnico, estando aí igualmente presente uma marca de interdisciplinaridade.

Ainda relativamente às questões iniciais, obtiveram-se outras respostas, desta feita evidenciando processos favorecedores à formação do aluno e a importância da formação pedagógica:

(P1) *Tem um potencial para gente trabalhar junto até pela própria característica de ser um fenômeno amplo que abrange várias áreas e vários fazeres digamos, né? O que seria tranquilamente possível de trabalhar em conjunto, com projetos [...] Eu acho que sim, né, seria bem interessante que eles tivessem esse objetivo na investigação científica, acho que seria até motivador para os alunos, né? Um aprender de outro modo, de forma mais prática, fora da sala de aula, contato com outros alunos, talvez, que não só aqueles da sua turma específica, e com outros professores, talvez professores de mestrado, para que eles possam se interessar.*

Na referência ao trabalho conjunto por meio de projetos e à definição do turismo como fenômeno amplo compreendendo diferentes áreas e saberes, torna-se possível apreender um elo com a afirmação precedente acerca dos nós conceituais, estes, por sua vez, trabalhados especificamente na sessão 3.

(P2) *E quanto a essa terceira questão, se o professor precisa de formação de conhecimento pedagógico para atuação como docente de nível superior. [...] o que acontece é que o sujeito acaba virando um professor do ensino superior, mas ele vem com uma formação pedagógica inexistente, trazendo uma abordagem muito do conteúdo, do conteudismo. Assim não se tem muita discussão de como aquele conteúdo deve ser trabalhado e transmitido. Eu acho que isso é uma deficiência. Felizmente aqui isso é uma coisa que percebi [...] E perceber que o nosso papel não é só de transmissão de conteúdo, mas de envolvimento em outras competências e habilidades, então, de certa maneira, são duas lacunas que eu tive no início da formação pedagógica [...] Aqui, com as atividades que oferecem de formação de professores, eu acho que tem sim que ter um tipo de formação pedagógica. Isso eu contrasto com os colegas que entraram no magistério superior na universidade pública. Eles dizem: Olha eu entrei na universidade e não teve nada disso. [...] Tem dois níveis, talvez, uma formação pedagógica mais teórica, não sei se teórica, mais reflexiva, e uma segunda, na ordem de pensar novas estratégias de ensino.*

Explicitamente, fica expressa, na voz de P2, o vínculo entre visão conteudística e ação de professores que não têm acesso a atividades de formação pedagógica voltadas ao ensino superior, sejam elas de caráter teórico ou prático.

(P3) *Especificamente em termos de Turismo, eu acredito que, é possível fazer, nesse conjunto de questões que tu levantaste, é [Pausa] sim, eu posso pensar em aspectos, em elementos que o aluno, que o estudante, o profissional de Turismo precisa saber, portanto, deve desenvolver, e que o curso deve proporcionar, né? E também tem a forma de fazer isso... Então, se eu, como eu comentei anteriormente, o aluno, ele chega ainda num certo estágio de imaturidade pessoal e científica e, portanto, o curso deve proporcionar as condições dele evoluir, claro que também eu percebo, que... perdão, não é claro. Eu percebo que o sujeito professor desses alunos, sim, tem que conhecer pedagogia. Há muita diferença o sujeito que tem leitura, formação pedagógica e aquele que nunca passou por uma leitura, por uma reflexão sobre processos cognitivos de jovens, como é que se dá esses processos, mas também que estratégias eu posso usar para proporcionar condições de desenvolvimento de...das habilidades, das competências que o curso, que o formado em Turismo tem que ter. Não é o curso de Pedagogia, mas é o fazer pedagógico. Tô me referindo, especificamente, à habilidade. Resolve ser professor, ele tem que ter outra postura. Então, é isso.*

Como ocorre com os demais professores, nota-se, no que tange a P3, a valorização da formação pedagógica para o processo de formação do aluno e do desenvolvimento do perfil almejado pelo curso. Ela é vista como inerente à função profissional de professor. Em outras palavras, fica demarcada a diferenciação entre o saber profissional na docência e o saber do docente especialista.

De outra parte, quando questionados sobre se haveria uma possibilidade de esboçar proposta de implementação de um processo pedagógico de ensino/aprendizagem, associado a uma atitude científica balizada pela ciência contemporânea, P1, P2 e P3 manifestaram-se positivamente.

*(P1) Eu acho que sim, que **seria** interessante. Eu acho que até para os professores seria um desafio tão interessante. Porque a gente **poderia** trabalhar no sentido de produzir também talvez, produção científica, por exemplo. O professor em interação com o aluno, ao incentivar o aluno a ter essa atitude científica, a gente **poderia** também se engajar junto para produzir: **Poderia** ser o professor também refletindo sobre o processo pedagógico do aluno e o nosso próprio também. Sim, porque ali **daria** para explorar também, por exemplo, um tema qualquer, né? E, além do tema, como o aluno se apropriou, como é o processo dele, aquela caminhada e como o professor também acompanha, se insere nessa caminhada, juntos. **E a atitude científica, supponho, uma produção, uma pesquisa.** Eu acho que, talvez, o professor tenha até mais que o aluno a aprender ali, porque não é fácil levar o aluno a pesquisar, a ter uma atitude científica balizada pela ciência. (grifo nosso)*

Um aspecto a ser sublinhado concerne ao emprego da forma verbal no futuro do pretérito (“seria”, “poderia”, “daria”), que, como a própria designação gramatical denota, estabelece, no movimento reflexivo, uma projeção de ação futura tendo em conta outras, diferentes, já realizadas. A relação dialética estabelecida entre professor e aluno também aponta para essa perspectiva, a esta associando-se o desafio de incentivar o aluno, de desenvolver atitude científica (“balizada pela ciência”), o engajamento conjunto para a pesquisa, com aprendizagens mútuas.

(P2) Eu acho que sim, eu acho que é isso que se tenta, pelo menos no campo da educação. Eu acho que sim. porque a pesquisa auxilia a ver a realidade como um conjunto complexo que os conceitos tentam abarcar ou simplificar metodologicamente. Eu acho que a pesquisa, assim, coloca contato com a realidade, e é interessante trazer exemplos. Eu acho que discussões [pausa] gosto de fazer atividades de debate, elas são bem interessantes também [...] É uma atividade interessante, porque se fixa o conteúdo, envolve habilidades de debater e desenvolver argumentos, de reagir. E como são sorteadas as posições, eu acho que também desenvolve a questão da empatia, de você se colocar no lugar do outro, já que, às vezes, eventualmente, tu tira no sorteio uma posição que não concorda [...] E os argumentos que eles apresentam, não são argumentos, lógicos, você tem uma premissa de que são argumentos factuais, mas você traz exemplos e, nessa questão de trazer exemplos, que vem muito interdisciplinaridade.

Aqui, novamente, tendo em conta as verbalizações de P2, a pesquisa vem associada à atitude científica mencionada na pergunta, entretanto, faz-se pertinente chamar a atenção para o fato de que, entendida como uma estratégia pedagógica, ela propicia, por sua vez, outras estratégias pedagógicas, como o debate, por exemplo, ensejando possibilidade de desenvolvimento do processo argumentativo (mesmo que ainda tecido sobre fatos).

(P3) Eu acho que é possível. Só vejo uma dificuldade em função do perfil do aluno. A questão [Pausa] Não, o sujeito não é o entrave, não pode ser considerado um entrave, é o contrário. É [Pausa] as dificuldades, características das condições de estudo é que são o entrave. Eu acho que é o tempo [Pausa] É [...] eu vejo que o aluno, fora as duas horas e meia que ele está na Universidade, ele estuda muito pouco. Então, assim, você considerar [...] é [...] eu já fiz o cálculo em certa ocasião. É [...] existem umas diretrizes e na legislação ...] bom, o curso é de x horas, no total, quantas horas ele está na Universidade? X horas. Quantas horas ele tem que estudar fora? E aí, ele se dedica essas horas fora, eu vejo, aqui na Universidade de Caxias no Sul, no curso de Turismo, poucas horas. [...] E pensando ainda, que, que profissional eu quero? Quando eu tiver, quando a equipe que constitui um programa ou um projeto para formação em Turismo, quando ela definir, né, o que é um profissional, quem é o sujeito do turismo, quem é o sujeito profissional em Turismo, fazendo, né, esse processo de uma forma reflexiva, em conjunto, então, profissionais do Turismo e outros profissionais poderão aportar, ao turismo, conhecimento, informações, processos. Porque se eu não tiver isso claro, na minha opinião, é difícil.

A aspectos diversos conduz a resposta de P3, ao ser perguntado sobre a possibilidade de esboçar proposta de implementação de um processo pedagógico de ensino/aprendizagem associado a uma atitude científica balizada pela ciência contemporânea: de um lado, dificuldades dos alunos decorrentes de situações extra-aula (pouco tempo de estudo, por exemplo); de outro, a necessidade de pensar, planejar o curso, por meio de um trabalho em equipe integrada por professores do Turismo e de outras áreas, todos aportando informações, conhecimento, processos. Cabe observar, contudo, que o emprego do termo “equipe”, a ter em conta apenas este fragmento, não assegura a presença da perspectiva interdisciplinar, podendo, estar referindo um trabalho multidisciplinar.

Uma observação geral compreendendo o conjunto de respostas nesse último segmento de verbalizações diz respeito à expressão “ciência contemporânea”. Delas se depreende uma aproximação entre pesquisa, interdisciplinaridade e atitude científica, sem que se possa delinear, nessa aproximação, clareza, por parte dos professores, sobre ciência contemporânea e processos pedagógicos na formação em Turismo – o que aponta para a sequência da sessão quando os professores foram convidados a uma exposição dialogada sobre ciência, conhecimento científico e

interdisciplinaridade à luz de Bachelard (1968; 1977; 1996) na qual a atenção voltou-se para os seguintes pontos: epistemologia não cartesiana, pensamento baseado na flexibilidade, na mobilidade, no esforço de uma nova cultura científica; valorização da imaginação e do poder de crítica; retificação dos erros históricos, eliminação das impressões primeiras e do conhecimento estabelecido; rupturas com o conhecimento anterior, tanto do senso comum quanto do científico; precedência do pensamento racional à observação de provas empíricas; pensamento científico simultaneamente como racionalista e realista; superação dos obstáculos epistemológicos; o traçado nítido de uma fronteira como uma região de pensamento (Interdisciplinaridade) (Ver item 2.3.2).

Para além de intervenções dos professores ao longo da exposição dialogada, transcrevem-se, na sequência, fragmentos de respostas que se sucederam à questão formulada pelo pesquisador mediador: *Esses pressupostos da epistemologia racionalista-crítica e histórica de Bachelard, que fundamentam o fazer científico, podem igualmente fundamentar o pensamento pedagógico contemporâneo? E no trabalho com o Turismo?*

Das verbalizações de P1, mostra-se possível inferir aproximações com proposições bachelardianas, tais que flexibilidade, rupturas com o conhecimento anterior afetas à ideia de erro. Essas considerações vêm ao encontro do que se institui prerrogativa essencial para uma “pedagogia científica” bachelardiana, ou seja, entre outros aspectos, a possibilidade de alcance de uma atitude científica crítica interpretativa e não conservadora quando da formulação racional de enunciados gradualmente problematizadores e do desenvolvimento de reflexões capazes de ilimitar o pensamento científico. P1, ao questionar-se sobre os critérios e o sentido de “certo” ou “errado”, implicitamente, questiona o próprio estatuto epistemológico do ensino e da aprendizagem.

(P1) Sobre essa concepção epistemológica, nas aulas da minha disciplina, por exemplo, a gente trabalha com texto, com a interpretação, com o aluno podendo interpretar como ele quiser, né? E eles perguntam: Mas, afinal, qual é a resposta certa [...] É um outro olhar, [...] mas eles têm dificuldade de entender que não existe um certo e um errado [...] Que existe o certo e o errado [...] assim aprenderam na escola, que é assim.

De outra parte, os tópicos selecionados da proposição teórica de Bachelard (1968; 1977; 1996) sobre os quais se promoveu a exposição dialogada, reportam P2 a movimentos reflexivos sobre sua prática pedagógica, nela encontrando

convergências particularmente no que se refere à vigilância epistemológica, a rupturas com o senso comum, ao desenvolvimento da criticidade.

(P2) *Por exemplo, nas ciências sociais que a gente trabalha aqui no Brasil, normalmente elas vêm muito de uma influência francesa, de Pierre Bourdieu.... **que é, de certa forma, bachelardiana: a questão da vigilância epistemológica, de romper com o senso comum;** com a ideia de que o objeto não é uma coisa que está lá fora, mas é construído pelas categorias, e **o processo de construção de categorias tem uma mediação racional, reflexiva.** E eu acho que isso pode fundamentar, sim, [a prática pedagógica], porque **um lado das questões, dos nossos objetivos, talvez seja justamente fazer que os alunos rompam com o senso comum, que eles desenvolvam uma abordagem crítica sobre os fenômenos que eles vão estudar e sobre a realidade com que eles vão interagir** - que é o relacionamento crítico do Bachelard - que o conhecimento que vem de uma tradição ... que esse conhecimento precisa antes de um processo interno de verificação da pertinência das categorias do nosso [...] Eu acho que sim, tem uma coisa que, sem explicitamente desenvolver todo esse raciocínio, o que eu faço normalmente quando eu apresento um conceito, esses conceitos que a gente trabalha, que são categorias do senso comum. [...] **A gente usa essas palavras toda hora. A primeira coisa que eu peço é que eles me definam ali, na hora, os conceitos. E aí a pessoa vê: Poxa, uma palavra que eu uso toda hora, mas que eu não entendo, e quando me perguntam o que é, eu tenho dificuldade de definir. Daí, eu tento construir com eles [...]** Então eu acho que, da minha parte e por ter feito ciências sociais dentro dessa tradição muito francesa, que é bachelardiana, a minha atividade pedagógica é muito isso de tentar desenvolver algum tipo de criticidade, e aí, no Turismo, são as áreas que se aplicam. (grifos nossos)*

Outro fragmento que merece atenção é o de P3, no qual refere obstáculos pessoais e institucionais à efetivação do que seria a proposição bachelardiana da necessária “reorganização total do saber”, em que não há lugar para estruturação do conhecimento em gavetas. Por extensão, é trazido implicitamente, o que, para Bachelard (1996), encaminharia ao desenvolvimento de uma “cabeça bem feita”.

(P3) *Isso que eu percebo que é necessário qualquer curso fazer, que é desenvolver essa capacidade, essa habilidade de compreensão, da construção do conhecimento, em que ninguém constrói pelo outro, e só o sujeito que constrói. **Então qualquer curso tem que fazer isso. Quando o curso consegue fazer esse processo, eu digo que o aluno chega a ser universitário. Antes disso, ele é um estudante em processo. [...]** E que é difícil. Eu diria o seguinte: **muitas vezes se esbarra na estrutura vigente. Se você tem um curso que é todo estruturado em gavetinhas**, isto é, em disciplinas, em unidades, enfim, e não em um projeto, você pode ter a melhor das ideias e das intenções, mas quando você procura construir de uma forma muito fechada, já segmentada, você já está demonstrando uma separação. (grifo nosso)*

Finalizando a sessão e buscando previamente estabelecer um elo com a sessão 5 (fechamento com retomada de todas as anteriores), introduziu-se questão que seria então ali abordada, envolvendo, na prática pedagógica, mudança da cultura experimental para proposição de metodologia de aprendizagem que possa

oportunizar ao aluno condições de superar obstáculos epistemológicos e o desenvolvimento de processo crítico-criativo de construção de saberes.

4.5 SESSÃO 5: REPENSAR DE RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE TURISMO E OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO QUE COM ELE ESTABELECEM INTERFACE

Neste encontro, que remete ao objetivo geral da oficina, intentou-se promover uma síntese crítico-criativa da oficina, revisitando sessões individuais e coletiva e eventualmente depreender novas sinalizações de movimentos reflexivos no sentido de uma releitura da prática pedagógica.

Rememorando o desenvolvimento da oficina, se buscou inicialmente, com os professores, reconstruir a evolução e a articulação temática das sessões: história profissional dos professores e de sua inserção na Universidade e no curso de graduação em Turismo (Sessão 1); rede de relações entre dimensões do fenômeno turístico (Sessão 2); universo histórico-conceitual do Turismo e suas relações com outras áreas do conhecimento (Sessão 3); proposição bachelardiana de ciência, conhecimento científico e interdisciplinaridade (Sessão 4); releituras de práticas pedagógicas (Sessão 5).

O diálogo se estabeleceu por meio do convite à construção de uma síntese oral coletiva sobre as vivências de cada um durante as sessões. Relembrou-se que o programa dos encontros havia sido pensado para o desenvolvimento de dois pontos específicos: de um lado, a dimensão histórico-conceitual e epistemológica do Turismo; e, de outro, a interdisciplinaridade e o conhecimento científico, perspectivados a partir da relação entre o Turismo e outras áreas do conhecimento, na direção de estabelecer vínculos com a prática pedagógica e movimentos reflexivos de releitura dessa prática.

Uma observação aqui se faz importante antes de trazer alguns fragmentos ilustrativos das manifestações dos professores. Como se trata de uma sessão de síntese na perspectiva de propiciar outros movimentos reflexivos de releitura da prática pedagógica, se houve por bem reproduzir intervenções do mediador, as quais, se entende, facilitam discursivamente acompanhar o transcorrer da sessão em interações mediador/professor e professor/professor, como também identificar expressões que apontam para essas interações - neste caso, marcadas com sublinha.

(Mediadora) *Então, se sou professora e tenho formação técnica em alguma área de conhecimento, mas eu dou aula no curso de Turismo, agora, tendo participado das sessões, seria possível um repensar das nossas práticas a partir de pontos que foram tocados durante esse processo?*

(P1) *A questão da interdisciplinaridade, acho que é o forte, né? no sentido de pensar a disciplina. Eu acho, o que obviamente precisa marcar é a área do Turismo, que é interdisciplinar, então geralmente [na prática dos professores] deveria ser pensado, vamos fazer por módulo, por projeto?*

(P2) *Eu acho que, no meu caso específico, **acho que me ajudou a me inteirar mais sobre as discussões no campo do Turismo, que, embora já tenha sido a segunda vez que dou a disciplina para o curso, ainda não tinha tanto contato, tá, eu já tinha contato com a bibliografia, alguma coisa, mas não tinha contato com aquela linha do tempo que tu apresentaste do histórico conceitual nos encontros individuais, também as aproximações da minha área com o Turismo, justamente pelo recorte epistemológico bachelardiano.** Para mim, sempre pareceu um momento reflexivo, de conhecimento de discussão do campo...* (grifo nosso)

(P3) *Sim, eu sim. Ainda bem. Mas assim, sempre que alguém tem um contato com uma pessoa, um objeto, uma ideia, não tem como sair igual. De alguma maneira, aquilo no ser pensante [Pausa] eu considero é impossível, do meu ponto de vista, da minha pessoa, sair igual, isso é impossível. Na minha opinião, é impossível. Eu sempre faço uma reflexão: por um lado, uma reflexão de ação, que eu acho que tem a ver com a minha pessoa, eu às vezes penso demais. **Obviamente, mexe na reflexão que tu tens, em face das atividades. Este semestre não tenho essa disciplina. Mas não tem como olhar para ele sem lembrar do que falaste, do teu ponto de vista, do ponto de vista da área do conhecimento, das inter-relações que tu trouxeste, então sempre dá para repensar.** Tenho que me informar. Eu acho também, Professor (P1), que não dá para sair sem interagir, sem uma reflexão.* (grifo nosso)

4.6 NA DIREÇÃO DE RESPONDER À QUESTÃO-PROBLEMA

Em sequência à análise aqui apresentada, é momento de retornar à questão-problema e buscar sintetizar sinalizadores considerados expressão de movimentos reflexivos realizados por professores com outras formações acadêmicas, atuantes nos cursos de graduação em Turismo, movimentos esses que indiciam releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos. Como substrato dos referidos movimentos estaria a imbricação de pontos nodais constitutivos do problema de pesquisa, catalisada com o contributo da mediação voltada à apropriação do universo histórico-conceitual do turismo, à reflexão sobre conceitos de interdisciplinaridade e respectiva prática; à vivência de interdisciplinaridade; à efetivação de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por uma matriz pedagógica relacional.

Para a síntese pretendida, a lente analítica recairá particularmente sobre superação de obstáculos epistemológicos, como também desenvolvimento de funções psicológicas superiores, para o que teriam concorrido situações pedagógicas

de aprendizagem deliberadamente planejadas na oficina, no quadro referencial da pedagogia científica.

Relembre-se que, em Bachelard (1996), superação dos obstáculos epistemológicos significa superação de dificuldades psicológicas de quem busca o conhecer por meio do processo de conhecimento no escopo do “novo espírito científico”, contrapondo-se esse conhecimento àquele do senso comum ou ao próprio conhecimento científico, mediante processo dialético de retificações. Em outras palavras: contraposições a obstáculos epistemológicos, entre outros: experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista. Essas mesmas reflexões propiciaram aproximações com supostos conceituais de interdisciplinaridade, retonalizando relações interdisciplinares tornadas objeto de estudo (conteúdo) da oficina realizada.

De outra parte, como já reiteradamente observado, também as proposições bachelardianas reportam ao que o filósofo denomina “pedagogia científica”. Esta, por sua vez, para além de tornar-se igualmente objeto de estudo, sustentou epistemologicamente a própria dinâmica pedagógica da oficina.

A questão-problema marca da mesma forma, como referente teórico para a oficina, uma matriz pedagógica relacional, vinculada à proposição sociointeracionista de Vygotsky (1979; 1984), na presença da qual, consoante denotam as descrições e análises das sessões, procurou-se uma dinâmica de ciclos pedagógicos centrada na observância de zonas proximais de desenvolvimento, com papel ativo do pesquisador mediador – dinâmica essa que implica reflexão por parte dos sujeitos professores “aprendentes” e o entendimento do conhecimento sempre como um devir, em movimentos progressivos de complexidade, amplitude e abstrações.

Ainda com relação ao balizamento teórico vygotskyano, mesmo nas sessões individuais, procurou-se assegurar o enfoque sociocultural/sociointeracionista no planejamento de condições práticas para a aprendizagem, por meio de retomadas das “vozes” dos sujeitos pela mediação do pesquisador, sendo, posteriormente essas vozes novamente trazidas/rediscutidas nas sessões coletivas.

Isso equivale a dizer que se buscou favorecer a sociointeração, nas sessões individuais, por discurso direto entre mediador e professor participante e por discurso indireto do mediador afeto a narrativas, descrições, comentários feitos pelos outros participantes em sessão(ões) anterior(es). Nas sessões coletivas, essa sociointeração

é marcada por discurso direto entre os professores participantes e entre esses e o mediador. Iniciava-se a sessão coletiva com a retomada das que as precederam.

(P1) *O meu texto também veio sobre **essa questão econômica** [Pausa] porque parece que só a economia é que importa; eu vejo **até pela apresentação que tu fizeste a perspectiva econômica** [Discussão sobre matérias jornalísticas]. (grifos nossos)*

(P2) *Eu acho uma estratégia interessante você pegar, a partir de um ponto do todo, você vê como ele espelha o complexo de relações e não tentar, sei lá, seria como se eu pegasse **esse nó aqui e fizesse uma análise detalhada desse nó pra mostrar do que ele é composto, esse entrecruzamento de linhas** [pausa]. Acho que **essa metáfora** é interessante [Verbalização concernente à atividade desenvolvida na sessão 3 sobre a rede conceitual de Turismo: metáfora do Filé]. (grifos nossos)*

(P2) *Acho **esse tipo de exemplo** aqui muito emblemático para pensar como o turismo tem consequências políticas [Verbalização indicativa à amplitude dimensional do turismo]. (grifo nosso)*

(P3) *Então, a minha pergunta é **se o que tu queres aqui** é a minha perspectiva da minha área de conhecimento ou como eu vejo o turismo dentro do turismo [mediador e professor participante na sessão 3 referentemente à elaboração de uma representação gráfica da rede conceitual do Turismo]. (grifo nosso)*

(P1) *Eu acho que a primeira pergunta o que que o estudante deve estar apto a saber fazer, eu acho que ali é bem importante a conceituação que têm que entender o conceito de turismo como um todo, e **aquelas questões que a gente conversou, né, sobre os tecidos e os “nós”** [Discussão sobre conceito de Turismo e implicações na prática, Sessão 4]. (grifo nosso)*

(P2) *Eu já tinha contato com a bibliografia, alguma coisa, mas não tinha contato com **aquela linha do tempo que tu apresentaste do histórico conceitual nos encontros individuais**, também as aproximações da minha área com o Turismo, justamente pelo recorte epistemológico bachelardiano [Autorreflexão sobre percurso profissional e novas aprendizagens, Sessão 5]. (grifo nosso)*

Esta última verbalização igualmente se mostra um exemplo ilustrativo de que, se os conhecimentos científicos estão inter-relacionados e suas concepções formam sistemas de conhecimentos articulados, na ótica vygotskyana, isso será tanto mais presente e tenderá uma complexidade de processos, quanto mais estão em articulação diferentes áreas do conhecimento.

Poder-se-ia ainda afirmar que as novas relações construídas, ainda vinculando à manifestação de P2, estariam expressando uma atitude metacognitiva que implica o (re)pensar o próprio domínio de conceitos de sua área de conhecimento e relações já estabelecidas, estabelecendo outras relações com outros/novos conceitos. Essa atitude metacognitiva também permite aproximações com obstáculos epistemológicos encerrando possíveis movimentos da respectiva superação.

Ainda como um subsídio complementar no sentido de responder à questão-problema, retomam-se, desta feita, alguns fragmentos discursivos concernentes, separadamente, a cada sujeito participante, de modo a delinear, individual e diacronicamente, movimentos reflexivos no conjunto das sessões, tendo como tópicos principais Turismo, Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas, postos em evidência ora separadamente, ora imbricados.

No intento de facilitar a identificação desses movimentos discursivamente depreendidos, elaborou-se a seguinte legenda:

- a) Fonte azul: Conceito de turismo
- b) Fonte vermelha: Interdisciplinaridade
- c) Fonte roxa: Imbricação

(P1) *Eu tentava levar eles mais pra leitura, uma coisa mais aprofundada. E daí, na minha disciplina, eles têm um aproveitamento melhor nesse sentido, **para fazer uma interdisciplinaridade, para pensar outras coisas**.* [Sessão 1; prática pedagógica e interdisciplinaridade]. (grifos nossos)

(P1) *Então, é, tem a **perspectiva econômica**, que eu acho que, ainda que a gente não goste e não [...] Eu gosto. Por chamar o **Turismo de indústria, de pensar o turismo só como uma forma de obter ganhos, do desenvolvimento só econômico*** [Sessão 2; conceito de turismo].

(P1) *Eu tive dificuldade quando comecei a trabalhar no Turismo em especificar esse lugar, porque o **Turismo está em tudo**, não é? Porque **o turismo, de todas as áreas, até nós vimos outro dia quando conversamos, que todas as áreas estão entrelaçadas** e se a gente vai a fundo, vai achar uma conexão, mas, ao mesmo tempo, **o lugar específico do turismo, não é? Como uma área do conhecimento, uma área de estudo**.* [Sessão 3; conceito de turismo e interdisciplinaridade; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P1) *Eu acho que a primeira pergunta o que que o estudante deve estar apto a saber fazer ... eu acho que ali é bem importante a conceituação, que têm que entender o conceito de turismo como um todo, e aquelas questões que a gente conversou, né, sobre os tecidos e os “nós” e todo o contexto para ele poder, por exemplo, não se recusar a fazer um trabalho em minha disciplina.* [Sessão 4; prática pedagógica/conceito de turismo/interdisciplinaridade; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P1) *Tem um potencial para gente trabalhar junto até pela própria característica de ser um fenômeno amplo que abrange várias áreas e vários fazeres digamos, né? O que seria tranquilamente possível de trabalhar em conjunto, com projetos.* [Sessão 5; interdisciplinaridade/conceito de turismo/prática pedagógica; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

Observe-se que, se de um lado, as predicções que P1 atribui ao turismo ao longo das sessões encerram um progressivo de redimensionamento conceitual, de outro, também a concepção de interdisciplinaridade (termo apenas mencionado na

primeira sessão) vai sendo ressignificada na sua relação com o turismo. Quanto ao repensar da prática pedagógica que se dá em movimentos pontuais no decurso da oficina, é também explicitamente marcado quando, na última sessão, faz referência, como numa decorrência do processo vivenciado, à possibilidade de recorrer a trabalho conjunto e por projetos.

(P2) *Era um tema diferente, eu pude explorar o tema de paisagem, território, que era algo que eu já tinha desenvolvido no doutorado sob outra forma.* [Sessão 1; conceito de turismo].

(P2) *E eu tenho que situar o turismo como uma parte da indústria dentro das discussões da minha grande área do conhecimento. Então, lá no início da disciplina, quando eu penso no turismo como prática cultural, me refiro a uma construção que é da minha grande área, como desenvolvimento industrial, individualismo, tema de lazer, bem-estar social.* [Sessão 2; conceito de turismo/interdisciplinaridade; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P2) *O que eu tento fazer um pouco na disciplina também vai um pouco nessa linha. Do aluno tentar se apropriar de discussões que vem da minha área, principalmente de contato cultural, que o turismo é hoje, talvez, um dos principais vetores que fazem com que haja um lado cultural.* [Sessão 2; prática pedagógica/interdisciplinaridade/conceito de turismo superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P2) *Eu acho que eu tenho bastante a ver ... muito relacionadas. Isso é um caso que eu gosto de tratar bastante em aula que é a turismofobia que acaba sendo um efeito colateral disso, né?. Da sobrecarga, da capacidade de carga, enfim...* [Sessão 2; interdisciplinaridade/conceito de turismo/prática pedagógica; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P2) *O que eu acho em relação ao Turismo assim com essas questões que tu colocas aqui, assim como acontece um pouco com o a outra área que eu trabalho. A pesquisa e o que a gente pode fazer para desenvolver a formação do aluno, para que ele tenha uma formação que não seja só técnica naquela área, para ele não virar um operador daquela atividade econômica pura simplesmente, no caso do turismo, sei lá, um operador de agência, para que ele consiga eventualmente ter uma visão crítica e até científica. [...] E, nesse sentido, a contribuição da minha área para a formação em Turismo é um pouco isso aí.* [Sessão 3; interdisciplinaridade/conceito de turismo/prática pedagógica; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P2) *Aí eu pergunto que definição é possível para o turismo? Para o turismo? Como campo de conhecimento? como ciência? O conhecimento como ciência? Isso que acontece, é curioso. Turismo, talvez tenha um problema de definição conceitual geral do que é o turismo, quanto uma prática, o turismo das pessoas que fazem turismo e [Pausa] turismo como indústria, o turismo como um negócio.* [Sessão 3; conceito de turismo; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P2) *Por exemplo, nas ciências sociais que a gente trabalha aqui no Brasil, normalmente elas vêm muito de uma influência francesa, de Pierre Bourdieu.... que é, de certa forma, bachelardiana: a questão da vigilância epistemológica, de romper com o senso comum; com a ideia de que o objeto não é uma coisa que está lá fora, mas é construído pelas categorias, e o processo de construção de categorias tem uma mediação racional,*

reflexiva. [Sessão 4; interdisciplinaridade; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P2) *Eu acho que, no meu caso específico, acho que me ajudou a me inteirar mais sobre as discussões no campo do Turismo, que, embora já tenha sido a segunda vez que dou a disciplina para o curso, ainda não tinha tanto contato, tá, eu já tinha contato com a bibliografia, alguma coisa, mas não tinha contato com aquela linha do tempo que tu apresentaste do histórico conceitual nos encontros individuais, também as aproximações da minha área com o Turismo, justamente pelo recorte epistemológico bachelardiano.* [sessão 5; conceito de turismo e interdisciplinaridade; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

O que se pode observar nesta sequência de fragmentos é que as aproximações que P2 faz com o Turismo, ele as faz sempre desde o lugar de sua área de formação. No entanto, conforme denota a sequência de verbalizações, essas aproximações, ao longo da oficina, ganham novas tonalizações a partir da apropriação do processo histórico-conceitual do Turismo, das discussões sobre a epistemologia bachelardiana e da abordagem da pedagogia científica – o que o remete a explicitar vínculos estabelecidos com sua prática (*O que eu tento fazer na minha disciplina vai um pouco nessa linha*). Quanto ao conceito de turismo, este é redimensionado progressivamente nas predicções que lhe são atribuídas (tema, vetor cultural, prática cultural) ou mesmo no próprio questionamento que faz sobre o estatuto do turismo como campo de conhecimento ou como ciência.

(P3) *É uma relação que ela é potencialmente muito forte, porque o Turismo e minha área [Pausa] de certa maneira, se baseiam em deslocamento.* [Sessão 1; interdisciplinaridade/conceito de turismo].

(P3) *Pensar aplicado ao turismo, eu precisava me apropriar do turismo para saber como fazer a transposição do conhecimento da minha área para o turismo. A minha leitura é que poderia ter no Turismo uma apropriação maior dos conceitos da minha área, e isso não é possível.* [Sessão 2; interdisciplinaridade].

(P3) *Então, a minha pergunta é? Se, o que tu queres aqui é a minha perspectiva da minha área de conhecimento ou como eu vejo o turismo dentro do turismo? Porque eu parto da perspectiva da minha área, mas quando [pausa] eu penso que sou um pouco melhor se eu me expressar a partir da minha construção, então vou olhar isso a partir da minha área. Eu não tenho a competência de olhar a partir do turismo, então, é nessa perspectiva que eu vou, quem sabe [pausa] vamos ver.* [Sessão 3; interdisciplinaridade/conceito de turismo; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P3) *Quando eu olho a partir da minha área de conhecimento e do turismo [...] eu considero que existe uma relação de duas vias entre as duas áreas, portanto, e não vou colocar nem embaixo, nem em cima, nem no lado, nada, mas, e, é construir a relação da minha área com o turismo.* [Sessão 3; interdisciplinaridade; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

(P3) *Eu penso que a primeira coisa, como primeiro item, é o que a minha disciplina pode contribuir nesse processo, que é interdisciplinar, na formação do sujeito do Turismo, profissional do Turismo, eu acho que é a observação. [...] a gente precisa aprender a observar: desde o ponto de vista da minha disciplina aplicada ao Turismo, é desenvolver a observação.* [Sessão 4; interdisciplinaridade/prática pedagógica/conceito de turismo].

(P3) *Sim, eu sim. Ainda bem. Mas assim, sempre que alguém tem um contato com uma pessoa, um objeto, uma ideia, não tem como sair igual. De alguma maneira, aquilo no ser pensante [Pausa] eu considero é impossível, do meu ponto de vista, da minha pessoa, sair igual, isso é impossível. Na minha opinião, é impossível. Eu sempre faço uma reflexão: por um lado, uma reflexão de ação, que eu acho que tem a ver com a minha pessoa, eu às vezes penso demais. Obviamente, mexe na reflexão que tu tens, em face das atividades. Este semestre não tenho essa disciplina. Mas não tem como olhar para ele sem lembrar do que falaste, do teu ponto de vista, do ponto de vista da área do conhecimento, das inter-relações que tu trouxeste, então sempre dá para repensar. Tenho que me informar. Eu acho também, Professor [P1], que não dá para sair sem interagir, sem uma reflexão.* [Sessão 5; interdisciplinaridade/conceito de turismo/prática pedagógica; superação dos obstáculos experiência primeira, obstáculo generalista, obstáculo verbal, obstáculo unitário e pragmático, obstáculo substancialista].

Chamam a atenção nessa sequência de fragmentos as diferentes formas de P3 referir-se, no decurso da oficina, as relações entre sua área de formação e o Turismo: de uma única via de relação, antes enfaticamente marcada – de sua área para o Turismo (Sessão 2) – para uma relação de duas vias, embora, esta seja mencionada como não facilmente passível de ser ou ter sido levada à prática (Sessão 3). Destaca-se o reconhecimento da interdisciplinaridade nesse processo, e a reiteração da possível contribuição de sua área na formação do sujeito do Turismo, do profissional do Turismo (Sessão 4). De outra parte, deixa marcada a clareza que tem sobre a inevitável possibilidade de releitura (repensar) de sua prática pedagógica a partir do que fora desenvolvido na oficina (Sessão 5).

Equacionando os fragmentos destacados, por meio dos discursos dos professores, foi possível marcar processualmente a tomada de consciência por parte deles, quando perceberam relações entre suas vivências (psicopedagógicas) e suas experiências (epistemológicas via pedagogia científica), possibilitadas pelas sessões da oficina. Ainda, vale destacar que os movimentos de superações dos obstáculos epistemológicos acontecem em tempos, modos e formas diferentes para cada professor. A questão-problema não intentou construir modelo epistemológico de formação psicopedagógica como um fim em si mesmo, mas possibilidades de construção releituras e outras leituras nos cursos de graduação em Turismo, por professores de outras áreas de conhecimento que atuam nesse cenário.

Equacionando os fragmentos referidos, vale destacar não só relações estabelecidas processualmente pelos professores em suas vivências

(psicopedagógicas) e experiências (epistemológicas, via pedagogia científica), fomentadas pelas sessões da oficina, como também movimentos de superações dos obstáculos epistemológicos que acontecem em tempos, modos e formas diferentes para cada professor. A questão-problema não intentou construir modelo epistemológico de formação psicopedagógica como um fim em si mesmo, mas possibilidades de construção de releituras e outras leituras nos cursos de graduação em Turismo, por professores de outras áreas de conhecimento que atuam nesse cenário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: HOSPITALIDADE CIENTÍFICA – MAIS QUE A DENOMINAÇÃO DE UMA OFICINA

Interdisciplinaridade e hospitalidade científica

“Eu, gostei muito da expressão ‘hospitalidade científica’ do título”. Eis como inicia, na oficina, o último comentário de P3, que, na sequência, assim o complementa:

(P3) Eu comentei contigo: quando eu comecei, nos anos 90, em Canela, eu comentei contigo, que eu busquei outros profissionais que estavam trabalhando, porque não tinha nenhuma referência desses profissionais na universidade, nesse sentido. E aí eu lembro claramente desse movimento. Eu fiz o movimento, porque eu sentia a necessidade de me apropriar do Turismo para poder mostrar para o Turismo como a minha área podia ser aplicada. Mas ali eu não estava entendendo de como o Turismo entendia a minha área, e eu tive que buscar isso, né. E aí eu fiz a experiência com amigos que trabalham com o Turismo. Eu fiz esse movimento de buscar, porque é muito importante, porque eu acredito. Quando eu quero que o outro me entenda, eu preciso ver como o outro me entende. Então eu fiz esse exercício. Neste momento, eu diria que [a hospitalidade científica] é esse processo direcional e relacional. Eu preciso perceber, ter essa consciência, não só ciência, mas consciência de que... A ideia de uma hospitalidade científica, eu entendo que tem contexto. Então, porque se não existe a empatia... Eu acho que aqui tem que trazer a palavra “empatia”, pra um sentido mais amplo. [Dirigindo-se à orientadora] Você sabe mais filologia do que eu, né? mas aqui, na raiz, acho que isso precisa existir. (grifos nossos)

Destaco essa verbalização, pois aí se encontram aspectos importantes que pautaram este trabalho e que redundaram na denominação da oficina, mas que vão para além dela.

Desde o processo de construção da questão de pesquisa, sempre esteve presente meu entendimento, como um suposto teórico e operacional, sobre a importância do diálogo entre áreas de conhecimento. Foi assim que, ao introduzir o percurso do estudo a ser realizado, voltei a experiências empíricas vividas como professora do ensino superior, as quais encaminham à busca de projetos pedagógicos de cursos de graduação em Turismo, à análise das designações de disciplinas nesses cursos e, por sua vez, ao processo de revisão de literatura.

Entendia que ali estavam, como substrato desse diálogo, concepções de interdisciplinaridade, essas, associadas, no escopo destas reflexões, à apropriação do universo histórico-conceitual do Turismo: apropriação no sentido literal e psicológico do “tornar próprio”, o que pressupunha caminhos metodológicos traçados e efetivados em terreno banhado pela vivência de experiências pedagógicas balizadas por uma abordagem epistemológica contemporânea e por uma proposição

pedagógica relacional. Mais ainda: entrevia que esses caminhos contribuiriam para propiciar movimentos reflexivos dos quais viessem a derivar, por parte de professores com formação em diferentes áreas do conhecimento e que atuassem em cursos de graduação em Turismo, releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos.

Foi assim também que, pragmaticamente, vim a idealizar a realização de uma oficina por mim mediada e que se constituísse em espaço de diálogo reflexivo entre os professores participantes. Não fosse essa a concepção da oficina, estaria indo na contramão dos caminhos pela interdisciplinaridade. Isso significava possibilitar um espaço facilitador de interação, de escuta e de fala: um espaço “entre”, cuja geografia se instituisse na “troca”, redesenhando-se permanentemente: um espaço nem lá, nem cá, mas em cujo trânsito emergissem ressignificações para cá e para lá. Em outros termos, um espaço de abertura para o Outro, espaço de hospitalidade instituído na dinâmica do acolhimento, gerador de modificações e de aprendizagens cognitivas, afetivas e relacionais.

Nessa expectativa de aprendizagens a que conduziriam relações genuínas de hospitalidade/acolhimento, tinha como referente proposição conceitual de Perazzolo, Santos e Pereira (2013, p. 146), para quem hospitalidade ou acolhimento seria “[...] um fenômeno complexo e ativo, que ocorre numa área constituída na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem, necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos do acaso”. Assim, ainda segundo as autoras, a alternância mobilizada na dialética dos desejos, quando se inaugura uma relação de acolhimento, modifica as formas originais desses desejos, emergindo novas demandas e saberes tanto para o acolhedor quanto para o acolhido. Isso significa que, para que ocorra o acolhimento, ambos os sujeitos “[...] têm que se ajustar mutuamente às necessidades do outro, o que exige, de cada um, o olhar do olhar do outro, o abdicar da tranquila certeza do saber prévio, o exercício empático da compreensão, ainda que não necessariamente de forma sincrônica no tempo e no espaço.” Em decorrência, “[...] no horizonte de um acolhimento exitoso, há inevitavelmente o desmoronamento do status formal da hospitalidade e a emergência de uma relação que aciona dimensões do desenvolvimento e da mudança em ambos os polos da interação” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p.146-150, tradução nossa).

Sob essa perspectiva da dialética do desejo, entendo ser oportuno aqui trazer os próprios dizeres das pesquisadoras e preservar, com precisão, algumas de suas considerações, as quais, eu penso, vêm ao encontro da relação que estabeleci entre a oficina e hospitalidade/acolhimento. Lembremo-nos mais uma vez que ela foi assim intitulada: *Oficina Turismo: Hospitalidade Científica e Releitura de Práticas Pedagógicas em Cursos de Graduação em Turismo*.

Sob esse referencial, a dialética “acolher/ser acolhido”, inerente à hospitalidade, precisa ser concebida, na sua gênese, como uma relação que é processual e incessantemente realizada/construída, por meio da participação ativa dos diferentes protagonistas, originada em estados iniciais de desejos. Assim, simultaneamente, aqueles que olham/perscrutam são também transformados a partir da mudança que fazem operar sobre a realidade do outro. Ambos são protagonistas do acolhimento, na medida em que apreendem e se escutam de forma sensível, (re)construindo a realidade e (re)construindo-se mutuamente. Ambos induzem a mudanças internas (sujeito epistêmico-psíquico) e externas [...]. E ambos emergem enriquecidos e fortalecidos da incursão no mundo interior daquele que acolhe/é acolhido. [Nesse sentido, afirmam ainda que] toda acolhida genuína carrega o potencial pedagógico de ser agente de aprendizagem, catalisador de saberes, promotor de transformações de processos psicoafectivos, cognitivos, relacionais. (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 150-151, tradução nossa)

Nesse sentido, partilho com as pesquisadoras, a ideia de que estaria inscrito nessa proposição teórica “[...] um possível paradigma pedagógico sustentado na experiência transformadora das relações”, no âmbito do qual os protagonistas “[...] possam se construir e desconstruir, possam permanentemente transformar os ingredientes da ‘massa constitutiva’ de sua subjetividade”, possam todos ensinar e aprender (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 151-152, tradução nossa).

Embora numa outra lógica argumentativa, não há como não nos reportarmos aqui a Isabel Baptista (2005), em seu texto *Por uma geografia de proximidade humana*, esta, a seu ver, assentada em práticas relacionais marcadas pelo valor da hospitalidade. Esse valor se faz tanto mais significativo, quanto mais nos damos conta de uma situação de característica paradoxal para a qual ela nos chama a atenção, na medida em que “[...] o ponto de união, de identidade entre seres humanos, reside no fato de cada um ser sujeito de uma separação, dizendo o mesmo, sujeito de uma soberania” (BAPTISTA, 2005, p. 14). Isso implicaria que o entrar em contato com o outro, aprender com ele, requer a promoção de laços de proximidade, uma proximidade de caráter dialogal, observa a autora. Aí estaria a razão do permanente esforço de aproximação do outro a que somos chamados.

Neste momento, não me parece então que seria equivocada essa aproximação entre interdisciplinaridade e hospitalidade/acolhimento, pela relação dialogal que ambos pressupõem, pela exigência que lhes é inerente de uma atitude de abertura e disposição para o outro, para a troca, para a alternância de papéis na relação: acolhido como acolhedor, acolhedor como acolhido. Relação em que se aproximam, se entrecruzam e se permeiam, processualmente, o conhecimento, o conhecido, o a conhecer, o conhecer, o conhecendo e o conhecer-se: “[...] não há ‘preservação’ possível do estado original daqueles que se envolvem na busca do conhecimento mútuo, ou do conhecimento que o outro pode portar/metabolizar para que se torne compreensível”, reiteram Perazzolo, Santos e Pereira (2013, p. 148).

Como não relembrar aqui novamente a fala de P3 marcada pelo modalizador “obviamente”, o qual encerra a qualidade do que é – ou do que se torna – evidente, como também a isenção de dúvida quanto a possíveis mudanças: *Obviamente, mexe na reflexão que tu tens, em face das atividades. Este semestre não tenho essa disciplina. Mas não tem como olhar para ele sem lembrar do que falaste, do teu ponto de vista, do ponto de vista da área do conhecimento, das inter-relações que tu trouxeste, então sempre dá para repensar.*

Entendo que o fragmento, assim como os apontamentos anteriores, não excluem a existência ou permanência de territórios de expertise acadêmica (disciplinares) associados, quer a critérios institucionais reconhecidos e mantidos pelas práticas administrativas universitárias, quer a critérios afetos aos processos de formação/atuação científico-profissional e de pesquisa homologados pelas diferentes áreas de conhecimento e reiteradas pelo “contrato social da ciência” (SANTOS; KÖCHE; RIZZON, 2010, p. 740). Eles nos remetem a algumas repercussões em termos de mudanças e aprendizagens que teriam se tornado possíveis via experiências de hospitalidade/acolhimento propiciadas e vivenciadas no decurso da oficina – as quais, tomando emprestada a expressão metafórica de Santos (2014, p. 14), identifiquei como vivências de **“hospitalidade acadêmica”**. Penso que aqui se poderiam aplicar os dizeres de Jean-Paul Resweber (2011), citado por Charaudeau (2010, p. 23, tradução nossa), para quem o pesquisador, mesmo sem renunciar à lógica específica de sua disciplina pode passar a “[...] adotar um outro olhar que subverte o seu próprio e pode levá-lo a posicionar-se diferentemente no seio de sua própria disciplina”.

Hospitalidade científica e conceito de turismo: imanência da transdisciplinaridade na interdisciplinaridade

Na continuidade dessas ideias que venho aqui ensaiando, nas quais identifiquei elos entre interdisciplinaridade e a metáfora “hospitalidade científica”, me reporto a uma das ponderações que Olga Pombo (2008) faz a respeito da interdisciplinaridade, a qual, conforme salienta a autora, pressupõe o afastamento da rotina disciplinar e, com isso, a fecundação recíproca que uma disciplina pode exercer sobre outra, possibilitando o atingimento de camadas mais profundas da realidade cognoscível. “Uma aproximação interdisciplinar não é uma aproximação que deva ser pensada unicamente do lado do sujeito, daquele que faz a ciência. É algo que tem a ver com o próprio objeto de investigação e com a sua complexidade” (p. 14). Esse entendimento, relaciona-o a Piaget (1971), para quem “[...] um dos fundamentos da interdisciplinaridade deve ser procurado na unidade e complexidade do próprio objecto da ciência” (POMBO, 2008, p. 22). O paradoxo do uno e do múltiplo é também abordado por Morin (1990, p. 21, tradução nossa), em sua referência à complexidade, como um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: “[...] a complexidade é efetivamente um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, que constituem nosso mundo fenomênico”.

É sob essa perspectiva de imanência da transdisciplinaridade na interdisciplinaridade, de relação do uno e do múltiplo, que o turismo, conforme trabalhado na oficina, conceitualmente se institui no tecido e no tecer de uma rede de inter-relacionamentos de “nós” conceituais (áreas de conhecimento envolvidas) e pragmático-contextuais (múltiplas dimensões), os quais não se definem apenas *de per se*, mas se reinstituem/retonalizam como “nós” em uma relação complexa em rede – tal como, metaforicamente, é possível entrever na forma e dinâmica da renda do filé.

Parece-me que valeria mais uma vez deixar o registro da definição conceitual de turismo trabalhada nessa direção:

Fenômeno que se institui no tecido e no tecer de uma rede de inter-relacionamentos de “nós” conceituais e pragmático-contextuais, os quais não se definem apenas de per se, mas se reinstituem/retonalizam como “nós” em uma relação complexa em rede.

Findas essas considerações – e, por ora, tendo de dar por concluído este trabalho – é momento de novos movimentos reflexivos, desta vez, de minha parte,

dividindo alguns questionamentos avaliativos de percurso, algumas dúvidas, ressalvas, conclusões, até mesmo ideias que acabam surgindo, tendo por horizonte que o conhecimento é sempre um devir. É o que farei a seguir.

Do nascer da tese à Oficina Turismo e Hospitalidade Científica: espaço de repensar processos e resultados e entrever perspectivas futuras

Início o desenvolvimento deste tópico conclusivo, desde já destacando a importância que atribuo à crítica intersubjetiva da produção bibliográfica que temos a pretensão de caracterizar como científica. Esta é a razão primeira da socialização desta pesquisa e de sua submissão formal à avaliação pela Banca examinadora. Mas também devo ressaltar, no sentido de ser congruente com os referenciais teóricos que a balizaram, abrir espaço para voltar a alguns momentos do percurso realizado e, metacognitivamente, repensá-los e também me repensar em todo o processo vivido. Se assim não fosse, estaria sendo deixada de lado uma oportunidade de (auto) avaliação formativa e de regulação de aprendizagens, lembrando o que Fernandes (2005) nos acena a esse respeito.

Vejo ainda este momento como um esforço de levar à prática uma nova cultura científica, como nos propõe Bachelard (1996), de dar lugar à flexibilidade de pensamento, de ensejar retificação de possíveis “erros”. Dito de outra forma, de superar alguns dos obstáculos epistemológicos.

Antes, uma ressalva: por coerência com meus pressupostos epistemológicos e pela natureza do trabalho, não há qualquer pretensão de apresentar a oficina como modelo a ser seguido, tampouco pretensão de generalização indutiva dos resultados para os quais possa apontar a pesquisa. Esses devem ser tomados apenas por sinalizadores discursivamente depreendidos ou construídos – o que, no entanto, não diminui sua relevância para desenvolvimento de outros estudos científicos por aproximações, convergências, contrapontos, por exemplo.

Sob essa perspectiva, julgo ser pertinente e oportuno trazer à consideração, apesar dos cuidados metodológicos observados, repercussões possíveis de variáveis intervenientes, quer na proposição da pesquisa, nos processos e procedimentos desenvolvidos, quer na própria leitura dos resultados. Pergunto se haveria como dimensionar com precisão repercussões dessas variáveis. Nesse sentido, pontualmente, destaco algumas delas.

O número e a duração das sessões e sua distribuição em individuais e coletivas

Apesar de, na qualidade de mediadora, ter sempre procurado levar, via narrativas, as vozes dos demais participantes tanto nas sessões individuais como coletivas, foi somente nas coletivas que o processo de sociointeração, envolvendo simultaneamente os três professores participantes se deu de forma síncrona e favoreceu a simetria relacional.

Não se pode igualmente deixar de ter presente que, em função da necessária adequação às disponibilidades de agenda dos professores, foram apenas cinco sessões de cerca de uma hora e vinte minutos, em média, cada uma delas, não tendo sido também por eles realizadas atividades que precederiam as sessões. Além disso, estava diante de sujeitos com histórias de vida pessoal e profissional distintas (segundo informações particularmente obtidas na primeira sessão), com igualmente distintos quadros em termos cognitivos e afetivos, dificultando ainda mais, por exemplo, dimensionar e considerar as respectivas zonas potencial e proximal sob a perspectiva do desenvolvimento de funções psicológicas superiores no contexto da complexa rede histórico-conceitual do turismo.

Mesmo que, segundo as respectivas verbalizações, eles já tivessem, ao iniciar suas trajetórias no curso, buscado informações científicas sobre o turismo em alguns livros indicados por colegas ou, principalmente, junto a estes, as incursões no universo histórico-conceitual do turismo, em sua multidimensionalidade, a que foram convidados pressupunham processos cognitivos envolvendo funções psicológicas superiores de relação com novos/outros sistemas conceituais. Ora, aí estavam em contraposição cerca de seis horas de atividades na oficina e toda uma vivência formativa e profissional já consolidada como especialistas em suas “áreas-mãe” de conhecimento. Porém, fica a pergunta: Como confluiria para esse processo um maior número de encontros e, particularmente, maior número ou exclusividade de encontros coletivos? Por outro lado, como dimensionar, como variável interveniente nesse processo, a abertura desses docentes em participar, em meio às suas numerosas ocupações acadêmicas, de uma oficina conduzida por uma doutoranda ou, dito metaforicamente de outro modo, sua abertura à hospitalidade científica?

Assim, entendo que o conjunto de todos esses aspectos – e outros mais que escapam a análises e interpretações neste momento –, devam estar anelados aos

percursos diversos dos professores participantes na oficina, à ausência de uma linearidade comum nos movimentos reflexivos na direção de releituras da prática pedagógica (como vimos, há marcas explícitas ou implícitas de cada um) – o que vem ao encontro dos supostos teóricos e metodológicos assumidos como referenciais nesta investigação.

Não poderia também deixar de trazer a estas reflexões, possíveis variáveis intervenientes afetas à atuação do mediador, a qual, por diferentes razões, em momentos específicos, pode não ter correspondido, na práxis, ao que lhe é atribuído como função e execução, seja por dificuldades emergentes ou não de aplicação de pressupostos teóricos, seja por necessidade de compatibilizar o número de sessões previsto e o período institucionalmente definido para implementação da oficina com adaptações requeridas no decurso das sessões. Em outros contextos, esta é, aliás, uma constante no cotidiano do professor.

Não obstante, porém, todas essas ponderações acerca de repercussões de variáveis intervenientes, penso serem cabíveis os movimentos reflexivos identificados nas análises e interpretações discursivas de cada uma e no conjunto das sessões e, por via de consequência, releituras de práticas pedagógicas assinaladas. Penso também haver elementos para corroborar as hipóteses subjacentes ao problema de pesquisa, como também a validade das oficinas (piloto e alvo) como *modus operandi* metodologicamente selecionado com vistas à consecução dos objetivos propostos, conquanto tenha clareza da imprescindibilidade de permanentes questionamentos e reavaliações. Afinal não há verdades indiscutíveis em ciência.

Por outro lado, parece-me importante trazer à tona algumas reflexões e ações que empreendi como professora pesquisadora – ou pesquisadora professora – em todo esse processo, desde as experiências primeiras já relatadas, a formulação e implementação do projeto de tese, até este momento que eu denominaria de metacognitivo com relação à trajetória que tracei e efetivei e a perspectivas futuras.

Inquietações sobre ciência, conhecimento científico, ensino, aprendizagem e pesquisa no âmbito da minha área de formação e de suas articulações com outras áreas; inquietações sobre o meu próprio fazer docente, sempre me levaram, numa leitura crítico-criativa, a buscar maior embasamento epistemológico e qualificação teórica, pedagógica e metodológica.

Fosse como professora ou pesquisadora, procurava – e procuro – me pautar por uma práxis que concretize a indissociabilidade da teoria e da prática, porquanto

não entendo teoria como abstração, uma vez que não se teoriza “fora da relação de transformação tanto da natureza, do mundo cultural/social, como, conseqüentemente, de si mesmo” (PEREIRA, 1988, p. 70). Isso me incentiva a desbravar terrenos teóricos, buscar inter-relações – do que, Bachelard e Vygotsky poderiam ser um exemplo neste trabalho.

Transformar processos científicos em processos pedagógicos, desbordar territórios disciplinares e o traçado nítido de uma fronteira como uma região de pensamento (interdisciplinaridade), romper com conhecimentos anteriores, tanto do senso comum quanto do científico, preceder o pensamento racional à observação de provas empíricas, compreender o pensamento científico como simultaneamente racionalista e realista, são movimentos, entre outros, de superação de obstáculos epistemológicos como propostos por Bachelard (1996) – que se constituíram em desafios a serem enfrentados e que se podem depreender no decurso desta tese.

Se todos esses vetores convergiram para a concepção e desenvolvimento da pesquisa, na qual foi proposta e implementada a oficina-alvo com a preocupação central de ensinar um repensar de práticas pedagógicas por parte de professores com formação em outras áreas atuando em cursos de graduação em Turismo, assim como sobre repercussões formativas de cunho epistemológico, pedagógico e metodológico, entendo ser um desdobramento requerido estender os questionamentos ao território da pós-graduação, em que esses professores transitam e são formados, adquirindo, *stricto sensu*, expertises especializadas em diferentes áreas do conhecimento.

Isso me instiga a tecer alguns questionamentos, tais que: Como, nesse nível de ensino, se dariam relações dialogais entre os professores dessas áreas e o turismo? Vivências de inter/transdisciplinaridade estariam marcando o cotidiano das atividades de ensino e de pesquisa? Sob que paradigmas científicos estariam sendo aprofundados ou alinhados fundamentos epistemológicos, pedagógicos, metodológicos? Haveria espaços para abertura à “hospitalidade científica”?

Dito de outra forma: se o processo vivenciado na oficina, fundamentado em uma epistemologia contemporânea e numa pedagogia relacional, produziu os resultados já descritos e analisados, esses se mostram suficientes para autorizar a ousadia de novas interrogações e proposições de conjecturas mais ambiciosas, as quais conduziriam à seguinte questão de pesquisa:

É possível construir programa institucional de formação de capital humano na pós-graduação stricto-sensu que oportunize processos pedagógicos inter e

transdisciplinares, via uma práxis teórico-prática de caráter processual, distante do mero ativismo e do privilegiamento técnico, ou do uso de ferramentas tecnológicas entendido como sinônimo de inovação, e, assim, contribuir para a desconstrução conceitual positivista e a reconstrução de uma epistemologia histórico-crítica associada a processos pedagógicos de base sociointeracionista?

Recordando, porém, a conhecida frase da escritora Tatiana Belinky e de Júlio Gouveia, como já ocorreu ao término da dissertação de Mestrado, “esta é uma história que fica para uma outra vez”.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, Miguel A. **Administração do Turismo**. v. 1. São Paulo: EDUSC, 2002.
- ANDRADE, Joana de J. de; SMOLKA, Ana Luiza B. A construção do conhecimento em diferentes perspectivas: contribuições de um diálogo entre Bachelard e Vigotski. **Ciência & Educação (Bauru)**, Bauru, v. 15, n. 2, p. 245-268, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132009000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 out. 2019.
- AYUNTAMIENTO calcula que Barcelona recibió 14,5 millones de turistas en 2017. **La Vanguardia**. Barcelona, España, n. p. 10 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/politica/20180110/434201717970/ayuntamiento-calcula-que-barcelona-recibio-145-millones-de-turistas-en-2017.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do pensamento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).
- BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAPTISTA, Isabel. Para uma geografia de proximidade humana. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 11-22, 2005.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 15.ed. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção turismo)
- BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B. I. **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**: Fundamentos, Desenvolvimento e Aplicação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ministério da Educação. **Plataforma Sucupira**. 2016. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

BRASIL. **Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf>. Acesso em: 20 de ago de 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Pour une interdisciplinarité "focalisée" dans les sciences humaines et sociales. **Questions de communication**, v.17, n. 31, p. 195-222, 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/questionsdecommunication/385>>. Acesso em: 14 out. 2019.

CIU aboga por un "crecimiento sostenible" del turismo en Barcelona. **La Vanguardia**. Barcelona, España, n. p. 12 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/ocio/viajes/20170112/413298884108/ciu-aboga-por-un-crecimiento-sostenible-del-turismo-en-barcelona.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.

CONCEJO, Edurne. El vandalismo contra el turismo en Barcelona llega a la prensa extranjera: Los pasajeros del autobús asaltado creyeron que se trataba de un ataque terrorista, según destacan estos medios. **La Vanguardia**. Barcelona, España, n. p. 01 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20170801/43266673395/prensa-extranjera-ataques-antiturismo-barcelona.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.

CUNHA, Celso F.; CINTRA, Luis Filipe L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DENCKER, Ada F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 2011.

FERNANDES, Domingos. Avaliação Alternativa: perspectivas teóricas e práticas de apoio. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO, 3., 2005, Curitiba. **Livro do 3.º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação**. Curitiba: Futuro Eventos, 2005. p. 79 - 92.

GAXIOLA, Napoleón C. Hacia una epistemologización del discurso turístico. In: NECHAR, Marcelino Castillo; NETTO, Alexandre Panosso. **Epistemología del Turismo: Estudios críticos**. México: Trillas, 2010. p. 41-52.

GIOANNOTTI, José Arthur; MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 3 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KADRI, Boualem. La question du statut scientifique du tourisme: présentation. **Téoros**, v. 27, n. 1, p.1-84, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/teoros/345>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14.ed. [rev. e ampl.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KÖCHE, José Carlos. **Pesquisa científica – critérios epistemológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

MOESCH, Marutschka M. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOLINA, Sergio. **O Pós-turismo**. Tradução Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **Introduction à la pensée complexe**. Paris: Éditions ESF, 1990.

MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Redação Acadêmica**: princípios básicos.1. ed. Santa Maria, RS: Imprensa Universitária, 2001.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela R. Explorando modalidades retóricas sob a perspectiva da multimodalidade. **Letras**, V. 20, n. 40, p.43-66, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12025>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

NECHAR, Marcelino Castillo. Epistemologia crítica do turismo: que é isso? **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 516-538, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14261>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

OLIVEIRA, Marta K. de. Vigotski e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta K. de; DANTAS, Heloysa (Orgs.). **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 13. ed. São Paulo: Summus, 1992.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo**: Teoria e epistemologia. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 2011.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino C. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.120-144, 2014. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/719>>. Acesso em: 14 out. 2019.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino Castillo. **Turismo**: perspectiva crítica textos reunidos. São Paulo: Triunfal, 2016.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NOGUERO, Félix T.; JÄGER, Margret. Por uma Visão Crítica nos Estudos do Turismo. **Turismo em análise**, v. 22, n. 3, 2011.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceito e distinções. Porto Alegre: Edições Pyr, 2005.

PERAZZOLO, Olga A.; PEREIRA, Siloe; SANTOS, Marcia Maria C. dos. Desenvolvimento humano e acolhimento psicoeducativo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 11., 2011, La Coruña. **Libro de Actas**. La Coruña, España: Universidad de La Coruña, 2011.

PERAZZOLO, Olga A.; SANTOS, Marcia Maria C. dos; PEREIRA, Siloe. Dimensión relacional de la acogida. **Estudios y Perspectivas en Turismo**. Buenos Aires, Argentina, v. 22, n. 1, p. 138-153, 2013.

PEREIRA, Otaviano. **O que é teoria?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PIRES, Paulo S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Ideação**, Cascavel-PR, v. 10, n. 1, p. 9-40, 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>>. Acesso em: 14 out. 2019.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. Traduzido por Ruan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RICOUEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Traduzido por Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. São Leopoldo: Unisinos, 2003. (Coleção Idéias 7).

SANTOS, Marcia Maria C. (Coord.). **Projeto Dimensões relacionais e psicopedagógicas da hospitalidade – Hosperel**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, 2009.

SANTOS, Marcia Maria C. dos.; KÖCHE, José Carlos; RIZZON, Luiz Antônio. Formación del licenciado en turismo: investigación, epistemología y lenguaje. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, Argentina, v. 19, n. 5, p. 740-760, 2010. Disponível em: <<https://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V19/v19n5a09.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019.

TRIBE, John. The indisciplin of tourism. *Annals of tourism research*, Amsterdam, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997.

TRIGO, Luiz G. G. **A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1998. (coleção turismo).

UNICRIO. Centro de Informação das Nações Unidas. **Parceria Global pretende tornar turismo mundial econômico, social e ambientalmente sustentável**. Rio de Janeiro: UNICRIO, 2010b. Disponível em: <<http://unicrio.org.br/parceria-global-pretende-tornar-turismo-mundial-economico-social-e-ambientalmente-sustentavel/>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

UNICRIO. Centro de Informação das Nações Unidas. **Secretário-Geral sublinha papel do turismo para conservação do meio ambiente e redução da pobreza**. Rio de Janeiro: UNICRIO, 2010a. Disponível em: <<http://unicrio.org.br/secretario-geral-sublinha-o-papel-do-turismo-para-a-conservacao-do-meio-ambiente-e-reducao-da-pobreza>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984. (Psicologia e pedagogia (Martins Fontes)).

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. Traduzido por M. Resende. Lisboa, Portugal: Edições Antídoto, 1979.

**APÊNDICE A – CONJUNTO DE DISCIPLINAS DE ESTRUTURAS
CURRICULARES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO, POR REGIÃO
DO BRASIL, ORGANIZADAS EM SINTAGMAS**

X APLICADA/O AO TURISMO		
Região	Disciplina	Número
SUL	Psicologia	3
	Sociologia e Antropologia	1
	Estatística	3
	Economia	4
	Legislação	2
	Geografia	4
	Inglês	2
	História	1
	Antropologia	1
	Lógica	1
	Legislação	3
	Direito e Legislação	2
	Administração	2
	Filosofia	1
	Logística	1
	Relações Internacionais	1
SUDESTE	Administração	7
	Marketing	4
	Legislação	2
	Psicologia	5
	Metodologia	3
	Informática	6
	Língua Inglesa	1
	Língua Espanhola	1
	Patrimônio Cultural	2
	História	5
	Economia	9
	Geografia	4
	Estatística	7
	Contabilidade	1
	Direito	4
	Educação Ambiental	1
	Sociologia	3
CENTROESTE	Legislação	3
	Meio Ambiente	1
	Contabilidade	1
	Logística	1
	Filosofia	1
	Economia	1
	Metodologia	2
	Estatística	1
	Inglês	2
	Informática	1
	Psicologia	1
	Geografia	1
	Gestão de Pessoas	1
	Espanhol	1
NORDESTE	Geografia	7

	Economia	6
	Matemática Financeira	2
	Psicologia	7
	Informática	5
	Arquitetura e Urbanismo	1
	Direito	3
	História	3
	Sociologia	2
	Estatística	10
	Legislação	7
	Administração	3
	Contabilidade	7
	Metodologia	6
	Tecnologia	1
	Língua Inglesa	11
	Sistemas de Automação	1
	Língua Espanhola	6
	Gestão Financeira	1
	Marketing	4
	Hotelaria	1
	Gestão de Pessoas	1
NORTE	Geografia	2
	Estatística	2
	Psicologia	1
	Economia	2
	Controladoria e Finanças	1
	Metodologia	2
	Sustentabilidade	1

X DO TURISMO		
Região	Disciplina	Número
SUL	Economia	9
	Políticas Públicas	3
	Psicologia	2
	Direito	1
	Geografia	9
	Marketing	1
	Antropologia e Sociologia Cultural	1
	História	2
	Gestão	2
	Sociologia	4
	Política	1
	Antropologia	3
SUDESTE	Economia	7
	Geografia	4
	Sociologia	4
	Antropologia	1
	Mercado e Política	2
	Semiótica	1
CENTROESTE	Políticas Públicas	1
	Geografia	4
	Sociologia	2
NORDESTE	Políticas Públicas	1
	Legislação	1
	Sociologia	12
	Geografia	11
	Estudos Sistêmicos	1

	Direito	2
	Psicologia	3
	Gestão Pública	2
	Gestão	3
	Ética, Direito e Legislação	4
	Sistema	2
	Economia	9
	Antropologia	3
NORTE	Economia	1
	Geografia	3
	Sociologia	2
	Psicologia	1

X NO TURISMO		
Região	Disciplina	Número
SUL	Hospitalidade	2
	Antropologia e Cultura	1
	Comportamento do Consumidor	2
	Informática	1
	Animação	1
	Alimentação	1
	Comunicação	1
	Estatística	1
	Empreendedorismo e Gestão	1
	Administração Financeira e Orçamentária	1
	Políticas Públicas	1
	Ambiente Natural	1
SUDESTE	Sustentabilidade	1
	Comportamento do Consumidor	3
	Políticas Públicas	3
	Informática	4
	Recursos Humanos	1
	Geografia	3
	Comunicação Social	1
	Administração	2
CENTROESTE	Comportamento do Consumidor	6
	Informática	1
NORDESTE	Comportamento do Consumidor	7
	Informática	4
	Gestão de Pessoas	2
	Legislação e Ética	2
	Comunicação Social	1
	Gestão de Qualidade	1
NORTE	Comportamento do Consumidor	4
	Informática	2
	Acessibilidade	1
	Gestão de Crises	1
	Hospitalidade e qualidade	1

X EM TURISMO		
Região	Disciplina	Número
SUL	Informática	2
	Gestão de Pessoas	5
	Administração	8
	Contabilidade	3

	Gestão Pública	1
	Área mais Urbana	1
	Metodologia	4
	Áreas Naturais	2
	Sociologia	1
	Marketing	3
	Recursos Humanos	1
	Psicologia	1
	Políticas Públicas	1
	Lazer e Recreação	1
	Projeto e Consultoria	1
SUDESTE	Estudos Interdisciplinares	1
	Estudos Superiores	1
	Gestão de Negócios	1
	Gestão de Pessoas	14
	Administração	4
	Contabilidade	7
	Ambientes Rurais	1
	Legislação	1
	Gerenciamento de Projetos	1
	Transporte	2
	Metodologia	6
	Eventos	1
	Administração	11
	Interpretação do Patrimônio	1
	Marketing	1
	Segmentação	1
CENTROESTE	Contabilidade	6
	Gestão de Pessoas	7
	Administração	5
	Consultoria	1
	Lazer e Recreação	3
	Políticas Públicas	1
NORDESTE	Contabilidade	10
	Gestão de Pessoas	10
	Informática	1
	Metodologia	1
	Relações Internacionais	1
	Administração	10
	Gestão de Políticas Públicas	1
	Antropologia	1
	Gestão de Qualidade	1
	Áreas Naturais	1
	Políticas Públicas	1
	Meio ambiente	1
	Marketing	2
NORTE	Gestão de Pessoas	5
	Administração	4
	Metodologia	2
	Recursos Humanos	1
	Contabilidade	2
	Recreação e Animação	1

X E TURISMO		
Região	Disciplina	Número
SUL	Comunicação	1
	Meio Ambiente	8

	Tecnologia	2
	Desenvolvimento Regional	2
	Hospitalidade	1
	Contemporaneidade	1
	Patrimônio	1
	Gastronomia	1
	Marketing	3
	Gastronomia	2
	Comunicação	2
	Natureza	1
	Legislação	2
	Cultura	5
	Patrimônio Cultural	2
	Custos	1
	Compromisso Social	1
	Planejamento	1
	Espaço Rural	1
	Transporte	1
	Sociologia do Lazer	1
	Hospitalidade	2
	Sociologia	1
	Estatística	1
	Noções de Direito	1
	Educação Ambiental	1
	Tempo e Espaço	1
	Gestão, Turismo e Entretenimento	1
	Responsabilidade Social	1
	História da Cultura	1
	História do Brasil	1
	Lazer	1
	Gestão da Qualidade em Produtos e destino Turístico	1
	Educação	1
	Sustentabilidade	1
	Hotelaria	1
SUDESTE	Legado Cultural	1
	Compromisso Social	1
	Ética	1
	Lazer	1
	História e Cultura	1
	Geografia	1
	Economia do Lazer	1
	Metodologia	1
	Meio Ambiente	1
	Direito	1
	Recursos Culturais	1
	Administração	1
	Marketing	1
	Animação Cultural	1
	Transportes	1
	Tecnologia da Informação	1
	Gestão de Pessoas	1
	Arquitetura	1
	Produção Artística	1
	Contemporaneidade	1
	Espaço	1
CENTROESTE	Natureza	2
	Tecnologia	1

	Marketing	1
	Consultoria	1
	Ambiente Virtual	1
	Patrimônio	1
	Geografia	1
	Culinária	1
	Sociedade	1
	Unidades de Conservação	1
	Educação	1
	Inclusão Social	1
	Fotografia	1
NORDESTE	Natureza	4
	Tecnologia	8
	Sociologia do Lazer	2
	Meio Ambiente	10
	Animação	3
	Produção do Espaço	1
	Desenvolvimento	1
	Marketing	4
	Patrimônio Cultural	9
	Meios de Hospitalidade	1
	Legislação Turística	5
	Território do Brasil	1
	Informática	1
	Órgão de fomento e financeira turísticos	1
	Cultura	4
	Antropologia	3
	Comunicação	2
	Empreendedorismo	2
	Gestão Ambiental	2
	Gastronomia	2
	Gestão Pública	1
	Semiótica	1
	Relações internacionais	1
	Consultoria empresarial	1
	Políticas Públicas	1
	Sistemas de transportes	1
	Cinema	1
	Geografia	1
	Hospitalidade	1
	Homossexualidade	1
NORTE	Meio Ambiente	1
	Natureza	1
	Tecnologia	1
	Legislação	1
	Marketing	1
	Direito	1
	Patrimônio Cultural	1
	Gestão Ambiental	1
	Desenvolvimento Local	1

OUTRAS COMBINAÇÕES		
Região	Disciplina	Número
SUL	Patrimônio Turístico	2
	Marketing Turístico	7
	Legislação Turística	6
	Transporte Turístico	1

	Geografia Turística	2
	Turismo Contemporâneo	1
	Turismo, Folclore e Cultura Popular	1
	Serviços Turísticos	1
	Turismo Interdisciplinar	4
	Turismo Integrado	4
	Ecoturismo	1
	Transportes Turísticos	1
	Animação Turística	1
SUDESTE	Animação Turística	1
	Geografia Turística	1
	Legislação Turística	10
	Turismo integrado	14
	Turismo Interdisciplinar	14
	Marketing Turístico	13
	Turismo Sustentável	1
	Administração Turística	1
	Turismo Criativo	1
	Gestão Turística	1
	Gestão de empresas turísticas	1
	Turismo Gastronômico	1
CENTROESTE	Marketing Turístico	5
	Turismo Urbano	1
	Geoturismo	1
	Turismo integrado	7
	Turismo Interdisciplinar	7
	Legislação turística e hotelaria	2
	Marketing e comunicação de produção Turística	1
NORDESTE	Marketing Turístico	26
	Legislação Turística	11
	Ecoturismo	2
	Turismo integrado	11
	Turismo interdisciplinar	11
	Geografia Turística	2
	Turismo Regional	1
	Comunicação e promoção turístico	1
	Turismo em áreas naturais protegidas	1
	Turismo Urbano	1
	Gestão de Pessoas	1
	Elementos Geográficos do Turismo	1
	Transporte turístico	1
	Animações turística	1
	Enoturismo	1
	Mercados Turísticos Mundiais	1
	Gestão de empreendedores turísticos	1
	Projetos ecoturismo	1
NORTE	Sistemas de Transportes Turísticos	1
	Marketing Turístico	3
	Patrimônio Turístico	1
	Turismo Interdisciplinar	5
	Turismo Integrado	5
	Legislação Turística	4

X PARA O TURISMO		
Região	Disciplina	Número
SUL	Inglês	1
SUDESTE	Políticas Públicas	1

	Introdução à História Geral da arte	1
	Noções de Direito	1
	Geografia do Brasil	1
	Turismo, Informação e Comunicação	1
	Inglês	1
	Pesquisa e Estatística	1
CENTROESTE	Espanhol	1
	Gestão de Sistema de Informação Gerencial	1
	Gestão de Pessoas	1
NORDESTE	Bases ideológicas	1
	Novas Tecnologias	1
	Gestão Políticas Públicas	1
	Educação	1
	Inglês	1
	Espanhol	1
NORTE	Gestão de Pessoas	1

APÊNDICE B – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE REVISÃO DE LITERATURA

INCURSÕES NA BASE DE DADOS SCOPUS

Na primeira busca efetuada, em 2015 (início da pesquisa), a partir da articulação das três grandes áreas, *Tourism*, *Education* e *Interdisciplinarity*, três artigos foram encontrados: *Interdisciplinarity, Participatory Learning and the Geography of Tourism*. (SCHMELZKOPF, 2002) *The Ecotourism Concept and Tourism-Conservation Symbioses* (FENNELL; WEAVER, 2005); *Interdisciplinarity in High Education Courses for Tourism: the case of Croatia* (MRNJAVAC; PAVIA; VUJIĆ, 2012).

O primeiro esboça um curso interdisciplinar, na Geografia do Turismo, por meio da apresentação da base conceitual, da estrutura curricular e de objetivos, examinando a interdisciplinaridade e sua relação entre geografia e o estudo do turismo. Sinaliza como crucial, para resultados bem-sucedidos, atividades de aprendizagem participativa e resolução de problemas. Cursos de base interdisciplinar podem ser instrumentos para motivar os alunos a se envolverem em práticas sociais (SCHMELZKOPF, 2002).

O segundo propõe o desenvolvimento de uma rede internacional de áreas protegidas, as *ecotouriums*, concebidas para estimular mudanças socioeconômicas positivas nas comunidades locais e garantir a manutenção e melhora da saúde ecológica de áreas protegidas (FENNELL; WEAVER, 2005), mediante princípios da complexidade, do conhecimento compartilhado e da interdisciplinaridade e do papel da educação e da pesquisa.

O terceiro busca demonstrar as semelhanças e diferenças entre os currículos de graduação em Turismo na Europa e na República da Croácia, a partir de perspectiva inter e multidisciplinar (MRNJAVAC; PAVIA; VUJIĆ, 2012).

Embora os artigos façam algumas aproximações entre as três grandes áreas, nenhum contemplou suficientemente o objeto deste estudo. Optou-se, então, pela redefinição de termos de busca, mantendo-se, entretanto, o campo semântico atinente à pesquisa. Esses termos foram selecionados com base em menções que a eles foram feitas nos três artigos encontrados. Assim, os termos *Pedagogical Practice*, *Interdisciplinarity*, *Higher Education*, e *Concepts of tourism* foram articulados, na base

Scopus, à palavra *Tourism*. Das combinações, resultaram, para análise inicial, 354 artigos assim distribuídos:

Quadro 1 – Número, por termo de busca, de artigos identificados

Termo de busca	Número de artigos
<i>Tourism and Higher Education</i>	256
<i>Tourism and concepts of tourism</i>	62
<i>Tourism and Pedagogical Practice</i>	24
<i>Tourism and Interdisciplinarity</i>	12
Total	354

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Finalizada essa etapa, devido à diversidade temática, foi estabelecido novo critério de seleção, para fins de posterior análise; a saber: os artigos deveriam conter a palavra *Tourism* tanto no título, quanto no resumo e nas palavras-chave. Resultaram, desse novo recorte, 108 artigos, sobre os quais foram elaborados outros quadros. Por esse novo critério, dos 03 artigos inicialmente identificados na articulação *Tourism, Education and Interdisciplinarity*, apenas 02 deles permaneceram para análise. Chama a atenção a redução para menos da metade das produções inicialmente identificadas, após processo de clivagem. Veja-se o Quadro 2.

Quadro 2 – Número, por termo de busca, de artigos após clivagem

Termo de busca	Número inicial de artigos	Número de artigos após clivagem
<i>Tourism and Higher Education</i>	256	63
<i>Tourism and concepts of tourism</i>	62	30
<i>Tourism and Pedagogical Practice</i>	24	07
<i>Tourism and Interdisciplinarity</i>	12	06
<i>Tourism, Education and Interdisciplinarity</i>		02
Total	354	108

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Conforme se constata no Quadro 2, um pouco mais da metade das produções versava sobre Turismo e ensino superior, com 63 incidências. A outra metade ficou dividida entre os demais termos de busca: *Tourism and concepts of tourism* (30 incidências); *Tourism and Interdisciplinarity* (06 incidências); *Tourism and Pedagogical Practice* (07 incidências); *Tourism, Education and Interdisciplinarity* (02 incidências).

Porém, não foram esses os dados finais para análise, visto que, mediante leitura inspecional dos resumos das publicações selecionadas, constatou-se que alguns artigos não tratavam diretamente sobre Turismo, embora, nas palavras-chave,

no título e no próprio resumo, o termo *Tourism* fosse mencionado. Tal constatação obrigou o descarte de 15 artigos, resultando para análise final 93 publicações, nas incluído um dos artigos restantes da primeira triagem (a partir da articulação “Turismo, Educação e Interdisciplinaridade”), conforme figurado no Quadro 2.

Quadro 3 – Número final de artigos, por termo de busca, após leitura inspecional

Termo de busca	Número de artigos após clivagem	Número de artigos após leitura inspecional
<i>Tourism and Higher Education</i>	63	63
<i>Tourism and concepts of tourism</i>	30	17
<i>Tourism and Pedagogical Practice</i>	07	07
<i>Tourism and Interdisciplinarity</i>	06	05
<i>Tourism, Education and Interdisciplinarity</i>	02	01
Total	108	93

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A modificação mais significativa ocorreu na relação *Tourism and concepts of tourism*: das 30 incidências inicialmente marcadas, apenas 17 foram mantidas, ou seja, quase a metade foi descartada por não tratar de temática afeta ao que as palavras-chave indicavam. Quanto às demais alterações, um artigo foi subtraído de cada um dos itens: *Tourism and Interdisciplinarity* e da relação *Tourism, Education and Interdisciplinarity*. Ressalta-se que se mantiveram os 63 registros/estudos sobre *Tourism and Higher Education*, bem como foram mantidos os sete estudos que versavam sobre práticas de *Tourism and Pedagogical Practice*.

Na sequência, com vistas a um registro desta feita qualitativo da produção identificada quantitativamente, procedeu-se a uma nova leitura dos resumos, considerados cada um dos termos de busca utilizados. Retoma-se agora o registro qualitativo da produção identificada quantitativamente.

Articulação *Tourism and Higher Education*

Dos 63 registros encontrados sobre a relação entre *Tourism and Higher Education*, apesar da diversidade temática, três eixos analíticos puderam ser identificados: **Turismo na perspectiva de curso (36 publicações)**; **Ensino superior e impacto no turismo e na inserção profissional (13 publicações)**; e **Contextos outros (14 publicações)**.

No primeiro eixo, grande parte das publicações tem como temática central o currículo, o próprio curso ou práticas pedagógicas. Ou seja, identificam-se produções que buscam entender um dos espaços de formação, por excelência. Nesse eixo, a extensão temporal de publicações é vasta, abrangendo o período de 1991 a 2015, com maior incidência de artigos publicados nos anos de 2009 e de 2013 (quatro publicações). De fato, de acordo com Sogayar e Rejowski (2011), no cenário evolutivo, os cursos de ensino superior de Turismo, começaram a se consolidar, nos países desenvolvidos, nas décadas de 1980-1990. A presença de artigos cuja autoria é de pesquisadores chineses também pode ser justificada pelo crescimento da oferta de cursos de 88% na década de 1990 na China.

Em geral, nos objetivos de estudos, anuncia-se a perspectiva de analisar, investigar, examinar cursos, currículos e práticas pedagógicas. Numa segunda instância, os verbos empregados são os que se voltam para a descrição ou relato de cursos.

As produções mais atuais propõem, inclusive, estudos sincrônicos, em que é possível, por exemplo, “resumir o desenvolvimento dos currículos de turismo nos últimos 20 anos” (WATTANACHAROENSIL; WALANCHALEE, 2014). Ou seja, o *status* conferido à área já permite produção científica que trace a própria trajetória do conhecimento em relação ao ensino superior em Turismo. Obviamente estudos dessa natureza acabam por validar o Turismo como área de conhecimento, pois revelam que aí já existe consistência em pesquisa, fator que caracteriza o desenvolvimento de qualquer área científica.

Também chamam a atenção os estudos que se voltam para as tecnologias digitais e para a própria formação a distância. Questões relacionadas à sustentabilidade também surgem com certa ênfase, a partir de 2013.

Abaixo segue quadro elaborado pelas autoras com as produções atinentes ao primeiro eixo.

Quadro 4 – Eixo analítico “Turismo na perspectiva de curso”

Autor	Ano	Objetivo do estudo	Periódico
FUCHS; IOANNIDES FREDMAN;	2015	Relatar o desenvolvimento do 1º programa de doutorado da Escandinávia em estudos turísticos.	<i>Emerald Insight</i>
BOYLE; DIMMOCK WILSON;	2015	Analisar a relação entre o entendimento dos professores de Turismo e formas como a sustentabilidade é ensinada e desenvolvida nos currículos.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>

WATTANACHAROENSIL; WALANCHALEE	2014	Resumir o desenvolvimento dos currículos de cursos de Turismo nos últimos 20 anos a partir da perspectiva global, buscando, assim, propor um quadro genérico para um futuro currículo com base na revisão da literatura americana, britânica e europeia.	<i>International Education Studies</i>
MORELLATO A	2014	Propor abordagem experimental de desenvolvimento da competência digital na educação turística, novas tecnologias e um paradigma de aprendizagem cooperativa.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
LAI; WANG	2013	Estudar preferências de estilos de aprendizagem de novas formas de hospitalidade em programas de Turismo na Austrália e no Reino Unido.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
KIM	2013	Examinar programas de educação turística em nível universitário nos países em desenvolvimento.	<i>Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research</i>
WILSON; VON DER HEIDT	2013	Desenhar, com base em achados em Educação para Sustentabilidade, currículo de turismo na Austrália.	<i>Education of Tourism and Hospitality Management</i>
LIBURD; CHRISTENSEN	2013	Explicar como as mídias sociais podem ajudar a fornecer um quadro para a preparação do aluno, apoiar os métodos de trabalho do projeto e ativar e desafiar os alunos a atividades de ensino e aprendizagem envolventes e motivadoras que resultam em aprendizado <i>in-dept</i> .	<i>Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education</i>
STERGIOU; AIREY	2012	Analisar propriedades psicométricas do instrumento de pesquisa para testar sua aplicabilidade no contexto de ensino superior em Turismo da Grécia.	<i>Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education</i>
ZEHRER; GRAMBMULLER	2012	investigar uma instituição de ensino superior na Áustria que se relaciona com seus alunos por meio de uma rede social, apresentando resultados dessa prática.	<i>Journal of Vacation Marketing</i>
ALBRECHT	2012	Examinar o potencial das palestras como ferramentas para aprendizagem, nominando-as, no seu estudo, de ferramentas “autênticas”.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
AFIFI GALAL	2011	Traçar, por meio do ensino a distância, estratégia para educação superior no Egito. Objetiva estudar o estado do ensino a distância no país e buscar esclarecer quais as vantagens e desvantagens da aplicação do <i>e-learning</i> no turismo.	<i>Cultural Heritage and Tourism</i>
LIU et al.	2010	Apresentar quadro para a avaliação do programa de educação turística em Taiwan.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>

BUSTELO, FERNANDEZ, TOMÁS	2010	Descrever o ensino superior, objetivos, competências, disciplinas e principais universidades que oferecem o curso de Turismo na Espanha/Europa. Também apresentam modelos descritos por pesquisadores.	<i>Revista de Administração Pública</i>
GALAL; AFIFI; WAHAB	2010	Explicar o tipo de pesquisa desenvolvida pelos autores. Avaliar comparativamente resultados de aprendizagem pretendidos (ILOs) em cursos de Turismo oferecidos no Egito contra aqueles recomendados por uma entidade altamente reconhecida, a British Quality Assurance.	<i>Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research</i>
PORTEGIES; DE HAAN; PLANTENKAMP	2009	Revisar argumentos sobre o campo da Gestão de Turismo / Estudos de Turismo requererem abordagem contextual para lidar com a crescente complexidade do “conhecimento em produção” em pesquisas e ensino internacionais ao redor do desenvolvimento do turismo.	<i>Tourism and Analysis</i>
O’CONNOR	2009	Descrever a atividade acadêmica de turismo e hospitalidade atualmente em curso nas instituições de ensino superior na Irlanda	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
PENFOLD	2009	Descrever como <i>Second Life</i> tem sido usado para ensinar e aprender hospitalidade em escola de turismo de Hong Kong.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
ZHANG, ET AL.	2009	Examinar a internacionalização de 29 programas SW Gestão do turismo na China.	<i>Journal of Human Resources in Hospitality & Tourism</i>
STERGIOU; AIREY; RILEY	2008	Avaliar o ensino do turismo no ensino superior, baseado em um estudo do Reino Unido.	<i>Annals of Tourism Research</i>
ARAMBERRI; LIANG	2007	Discutir sobre modelos de ensino superior proposto nos currículos de programas em Turismo na China, em vista de um rápido crescimento do turismo, o que parece impactar os estudos universitários.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
LESLIE; RUSSELL	2006	Sustentar que as mídias sociais podem ajudar a fornecer um quadro para a preparação do aluno, apoiar os métodos de trabalho do projeto e ativar e desafiar os alunos.	<i>Tourism Management</i>
ZHANG; FAN (2005)	2005	Examinar as origens e o desenvolvimento do turismo na China. Discutir objetivos, configurações do programa, desenho do currículo, entre outros elementos.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
OKUMUS; YA	2005	Discutir e avaliar o ensino superior em Turismo na Turquia.	<i>Journal of Tourism and Hospitality Research</i>
REICHEL	2005	Apresentar o passado e o presente do ensino superior em Turismo e Gestão de hospitalidade em Israel, a fim de discutir o crescimento do ensino superior em Hospitalidade e Turismo.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>

KING	1994	Apresentar estudo que visa compreender melhor o <i>Internacional Cooperative Learning (ICL)</i> .	<i>Tourism Management</i>
ZHAO	1991	Examinar o desenvolvimento do ensino superior em Hotelaria e Turismo na China.	<i>Hospitality Management</i>
MIHALIC; LIBURD; GUIA	2015	Discutir a importância dos valores no ensino superior em Turismo e Negócios, na visão de ex-alunos do Mestrado Europeu em Gestão do Turismo, cujo processo de formação se desenvolveu no quadro de valores propostos no <i>Tourism Educational Future Initiative</i> .	<i>Mihalic; Liburd; Guia</i>
LO	2012	Revisar história e o status atual do ensino superior em Hospitalidade e Turismo em Hong Kong.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
MORAIS; CUNHA; GOMES	2013	Analisar a relevância dada pelas diferentes instituições de Ensino superior em Portugal às TIC's nas licenciaturas.	<i>Innovation, Development Sustainability, and Economic Growth</i>
MORAIS; CUNHA; GOMES	2013	Analisar a relevância dada pelas várias instituições portuguesas e espanholas de Ensino superior às TIC's.	<i>CISTI 2013</i>
COLES; HALL; DUVAL	2006	Sugerir que os estudos em Turismo se beneficiem gradativamente da perspectiva epistemológica "pós-disciplina" ou "para além da disciplina".	<i>Current Issues in Tourism</i>
COLES	2009	Debater o impacto da pesquisa de exercício de avaliação (Research Assessment Exercise - RAE) no sector do ensino superior no Reino Unido.	<i>Journal of Tourism Geographies</i>
LASHLEY; BARRON	2006	Analisar preferências de estilos de aprendizagem de estudantes de Hospitalidade e Turismo em um estudo internacional e transcultural.	<i>International Journal of Hospitality Management</i>
BAUM	2005	Discorrer sobre experiências do turismo global nas ilhas britânicas abordando o desenvolvimento da educação em Turismo em cinco unidades educacionais, para demonstrar o impacto da autonomia jurisdicional em programas educacionais, sua filosofia e estrutura.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
HOLME; Papageorgiou	2009	Apresentar e discutir a opinião de estudantes de gestão de Turismo sobre práticas de avaliação e de feedback.	<i>Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Cabe ainda destacar que a grande maioria dos estudos presentes no Quadro 5 foram publicados em revistas conceituadas dentro da área do Turismo, o que confere maior aderência ao campo de investigação científica, sendo o Turismo apresentado como área autônoma.

No segundo eixo analítico da relação “Turismo e Ensino Superior”, com 13 publicações, o Ensino Superior apresenta-se como meio de promoção e de qualificação do turismo, conforme dados disponibilizados no quadro abaixo.

Quadro 5 – Eixo analítico “Ensino superior e impacto no Turismo e na inserção profissional”

Autores	Ano	Objetivo de estudo	Periódico
LUPU; TANASE; NICA	2014	Analisar a importância de uma educação empresarial bem estruturada com vistas a preparar futuros empregados para as exigências do mercado de trabalho na Romênia.	<i>Revista: Business Education in the Tourism Domain and the Hospitality Industry</i>
BENTO	2014	Analisar aspectos econômicos e outros aspectos determinantes da procura turística na Europa, quando considerada a mobilidade estudantil para estudar na região.	<i>Tourism Economics</i>
GÓMEZ-MARTIN; ARMESTO-LÓPEZ	2014	Investigar como estudantes universitários da Espanha percebem alterações climáticas e os seus efeitos e como o setor de turismo espanhol se relaciona frente a essa questão.	<i>Sustainable Tourism</i>
HAWKINS	2013	Focalizar o papel do ensino superior na transferência de conhecimento para a prática.	<i>The Haworth Press</i>
EURICO et al.	2015	examinar o papel da empregabilidade no processo de satisfação e fidelização relativo às instituições de ensino superior quando considerados os graduados em Turismo. Explora como a empregabilidade tem sido abordada dentro das IES e como a satisfação e a lealdade dos graduados têm sido avaliadas no ensino superior. Um modelo estrutural de equação incluindo o construto da empregabilidade foi proposto e validado, e os resultados obtidos confirmam que a imagem da Instituição é fortemente influenciada pela empregabilidade. Tais resultados representam uma importante fonte de informação para as IES no processo de encontrar o equilíbrio entre o que oferecem e as necessidades dos stakeholders.	<i>Academic agency, leadership, tourism studies, higher education, social action</i>
COSTA et al.	2013	Examinar percursos profissionais de formados em turismo, a partir de variáveis relacionadas ao ensino superior em Portugal e no Brasil, considerando diferenças de gênero.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
CHANG	2013	Apresentar estudo sobre avaliação de desempenho explorando melhorias qualitativas do ensino/educação e turismo e hospitalidade e impacto operacional na performance.	Não localizado ou não identificado
RODRIGUES-ANTÓN et al.	2013	Analisar a aquisição, por alunos universitários, das competências transversais necessárias à indústria turística questionando se a academia reforça as competências que a indústria valoriza	<i>Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education</i>
DREDGE; SCHOTT	2013	Apresenta a agência de liderança das faculdades de turismo no ensino superior e recomenda ações para melhorar essa liderança no sentido de mudança social.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>

AGA	2011	Avaliar o papel do turismo educativo no norte de Chipre, Turquia, por meio do número de estudantes estrangeiros que entram para o ensino universitário e impulsionam o crescimento do PIB do país.	НОВИНИ ЗАРУБІЖНОЇ НАУКИ
WANG	2010	Analisar a importância de professores qualificados, com formação superior para atender a necessidades de mudança da indústria da hospitalidade e do turismo, qualificando os serviços.	<i>Journal of China Tourism Research</i>
SALIH KATIRCIOĞLU; SALIH FETHI; CEYHUN KILINÇ	2010	Empregar teste de limites para cointegração e testes de causalidade de Granger para investigar uma relação de equilíbrio de longo prazo entre o turismo internacional, o setor de ensino superior e o crescimento da renda real, e a direção de causalidade para a República Turca do Norte de Chipre.	<i>Economic Research- Ekonomiska Istraživanja</i>
CERVERA- TAULER; RUIZ- MOLINA	2008	Descrever através da análise estratégica o grau de turismo, a fim de detectar seus pontos fortes e áreas de melhoria no contexto do Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES), tendo em conta a importância da qualificação dos funcionários.	<i>Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A extensão temporal, diferentemente do primeiro eixo, concentra-se entre **2008-2015**, sendo relativamente recente. Nessas publicações, há predomínio de estudos de caso, em que se identifica um viés claramente pragmático: estudos acadêmicos voltam-se para o mercado profissional, inclusive para análise de quanto a Academia impacta ou pode impactar no Turismo ou na vida profissional do turismólogo. Ou seja, como já ressaltavam Sogayar e Rejowsky (2011, p. 286) em suas pesquisas, “o processo evolutivo do ensino superior em turismo no Exterior [...] acompanha a profissionalização do setor, que se inicia na área da hotelaria e depois em turismo, muito voltada aos negócios e ao desenvolvimento turístico [...]”.

Observa-se, pois, que nesse eixo, o foco maior recai sobre a perspectiva pragmática dos estudos de Turismo no Ensino superior, como dá conta, a título de exemplo, o trabalho de Hawkins (2013), tendo como objeto de estudo o papel do ensino superior na transferência de conhecimento para a prática. Destaca-se a seleção do vocábulo “transferência”, que não só indica uma forma de pensar a apropriação do conhecimento, como também ratifica a ideia de que os conhecimentos acadêmicos precisam ser transformados em práticas.

Finalizando os achados na relação *Tourism and Higher Education*, apresenta-se o terceiro eixo, denominado **Contextos outros**, com 14 incidências de publicações.

Quadro 6 – Eixo analítico “Contextos outros”

Autores	Ano	Objetivos	Periódico
HARTMAN; MORRIS; BLACHE-COHEN	2014	Articular um conjunto de padrões éticos para o turismo voluntário internacional. Os padrões estão focados na promoção de princípios de Aprendizagem do Comércio Justo (Fair Trade Learning - FTL) na gestão e operação de programas voluntários.	<i>Tourism and Hospitality Research</i>
SANCHEZ-RUIZ; MAVROVELLI; POULLIS	2013	Investigar relações entre desempenho acadêmico e capacidade, traços de personalidade e traço de inteligência emocional em amostra de Chipre.	<i>Personality and Individual Differences</i>
LUKA; VAIDESVARANS; VINKLERE	2013	Estudar as necessidades dos empregadores e estudantes de turismo da Letônia, para avaliar currículo atual e oferecer oportunidades para o seu desenvolvimento.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
ÇETIN	2010	Avaliar pensamentos de pessoas da aldeia Cumalıkızık (Turquia) relacionadas com a cultura, património, turismo cultural e turismo.	<i>Uluslararası Kültür Araştırmaları Dergisi (Revista de pesquisa de cultura Uluslararası)</i>
QIN et al.	2011	Analisar os fatores do desenvolvimento do turismo noturno (projetos de iluminação e baixo carbono).	<i>Energy Procedia</i>
COLES	2009	Identificar alterações prováveis e mapear potenciais impactos sobre a natureza e prática da bolsa de estudos no Turismo.	<i>Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment</i>
XING, XIA; DAI	2009	Analisar a situação atual da colonização e a influência do desenvolvimento do Turismo na China.	<i>Research Article</i>
CHO; KANG	2005	Apresentar visão geral e evolutiva do Turismo na Coreia, referente a 04 décadas e à educação no século XXI.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>
RUSSELL	2005	Discutir a necessidade de uma universidade adotar uma estratégia de marketing claramente definida para aumentar a população estudantil internacional e gerar receita adicional.	<i>International Journal of Contemporary Hospitality Management</i>
PAGE	2003	Comentar criticamente as medidas que estão sendo empregadas para avaliar a qualidade da pesquisa em Turismo no Reino Unido.	<i>Tourism and Manager</i>
JEFFERSON	1991	O objetivo do estudo é olhar para os impactos dos jovens no turismo e a indústria turística e não apenas como viajantes, mas como empregados.	<i>Tourism and Management</i>
JIAN-CHANG	2013	Analisar a percepção da comunidade em relação a “desastres” no turismo considerando destinos turísticos intimamente relacionados com o desenvolvimento e a economia, tendo como estudo de caso as montanhas de Taibai, na China.	<i>Advance Journal of Food Science and Technology</i>
COSTA et al.	2012	Diagnosticar disparidades entre homens e mulheres graduados em Turismo, no que diz respeito aos salários, área de atividade e posicionamento.	<i>Journal of Teaching in Travel & Tourism</i>

LOPA; BECK; GHISELLI	2009	Explorar o papel dos dados biográficos e de “âncoras de carreira” nas intenções de rotatividade entre os educadores de hospitalidade e turismo.	<i>Journal of Culinary Science & Technology</i>
----------------------	------	---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A partir das publicações disponibilizadas relativamente a esse eixo, é possível identificar quão diversificados são os estudos e pesquisas na área Turismo e aqui, mais precisamente, nas publicações encontradas a partir da articulação dos termos *Tourism* e *Higher Education*.

Articulação *Tourism and pedagogical practices*

Dos sete artigos que versavam sobre prática pedagógica, novamente a multiplicidade temática dá a tônica: em um dos artigos investiga-se como a série de TV animada “The Simpsons” poderia servir de recurso para se refletir sobre o turismo (Edelheim, 2009); em outra publicação, discute-se como instrutores podem usar o turismo para ensinar a sociologia do turismo e assim ajudar a desenvolver compreensão do assunto por meio do exame reflexivo na prática da sala de aula (Kelner; Sanders, 2009). Ainda associado à articulação *Tourism and Pedagogical Practices*, encontra-se artigo que analisa abordagens educacionais voltadas aos voluntários, participantes do chamado “turismo voluntário” (Hemmersley, 2013). Em outra produção, a expressão *Pedagogical Practices* associa-se à análise da compreensão do ensino e do currículo, numa perspectiva de sustentabilidade (por parte do professor) (Boyle; Wilsona; Dimmock, 2015). Analisar como a criticidade foi conceituada e considerar implicações do poder-conhecimento, das relações que sustentam as formas de pensamento convencionais ou normalizadas no turismo e na hospitalidade, foi o que fizeram Fullagar; Wilson (2012); focalizar como os professores integram o conceito de outras práticas, além das convencionais, entre alunos dos cursos de Turismo e Hospitalidade foi o estudo de Kyoung; Kim; Davies (2014). Por fim, na diversidade de produções sobre a temática de práticas pedagógicas, Yingli (2013) explora a reforma da educação profissional de gestão turística perspectivada na aprendizagem experiencial.

O aspecto mais interessante, porém, não parece confinar-se à diversidade temática; ao contrário, causa estranheza o número quase inexpressivo de trabalhos que foram listados na base de dados *Scopus*, quando da busca com os termos

Tourism and Pedagogical Practices”, visto saber-se da existência de uma série de trabalhos que versam sobre essa temática e cujas incidências apareceram quando da relação *Tourism and Higher Education*. Observa-se, pois, um problema que, a princípio, pode ser tão somente de seleção/inserção de palavras-chave. Era de esperar aqui duplicação da menção a artigos que apareceram quando utilizado o termo de busca *Tourism and Higher Education* e que claramente refletem pesquisas sobre práticas pedagógicas.

Articulação *Tourism and concepts of tourism*

Das publicações que versam sobre o conceito de turismo, cuja incidência de 17 registros ocupa o segundo lugar no levantamento realizado na base de dados Scopus, constata-se que o conceito de Turismo se interliga a outros: turismo e *e-business* (CHUANTONG; JUAN, 2010); turismo e patrimônio cultural (CONDESSO, 2011); turismo e *marketing* (ERAQI, 2005); Turismo dark (DRVENKAR; BANOŽIĆ; ŽIVIĆ, 2015); Turismo e peregrinação (PLAFFENBERGER, 1983); Turismo e transporte (SHU; YIN, 2013) são exemplos da diversidade temática. Apesar de haver dois trabalhos da década de 1980 (1986 e 1989), a maior parte das publicações são recentes (2000-2015), sendo que o número de artigos é bem maior a partir de 2011.

Embora muitos trabalhos tenham sido publicados em *Annals of Tourism Research* e *Tourism*

Management, revistas reconhecidas como “top” na área de Turismo, conforme estudos de Rejowski (2010), também surgem publicações em outros periódicos, cujo foco primeiro não parece ser o Turismo como área de conhecimento: Institute of Electrical and Electronic Engineers (IEEE), *Cuadernos de Desarrollo Rural*, *Chinese Geographical Science*, *Annals of Journal of Environmental Management*, *Applied Mechanics and Materials*.

Abre-se aqui, novamente, a possibilidade de maiores reflexões sobre o Turismo na perspectiva interdisciplinar.

Articulação *Tourism and interdisciplinarity*

Nessa articulação de palavras-chave, apenas 5 artigos foram encontrados: Gill (2012) tem como foco maior reconhecimento do turismo como componente do

estudo geográfico, ao mesmo tempo em que utiliza debates atuais nessas áreas para refletir sobre questões de disciplinaridade, Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e, até mesmo, pós-disciplinaridade. Giovine (2013) refere a publicação do novo Manual “Sage” de Estudos de Turismo (2009), editado por Tazim Jamal e Mike Robinson, o qual representa um passo relevante para construção mais unificada de estudos de turismo sob a ótica interdisciplinar. Além de servir como um texto de referência para os pesquisadores do turismo em diferentes disciplinas, o revisor argumenta que o manual explicitamente ajuda a estabelecer um novo campo de pesquisa que transcende limites disciplinares. Os estudos de Schmelzkopf (2002) centram-se na avaliação da importância e das peculiaridades da qualidade da pesquisa em curso interdisciplinar na Geografia. Já Darbellay e Stock (2012) buscam refletir sobre o turismo a partir de uma perspectiva epistemológica interdisciplinar. Para ele, o turismo é atualmente um fenômeno complexo e globalizado, de importância socioeconômica. Embora seja um fenômeno socialmente reconhecido, seu caráter científico está ainda em questão na Academia. Fennell e Weaver (2005) baseiam-se nos princípios de complexidade, partilha de conhecimentos e interdisciplinaridade, propondo o desenvolvimento de uma rede internacional de “ecoturismo” de áreas protegidas, visando estimular mudanças socioeconômicas dentro das comunidades locais, a fim de manter e melhorar a saúde ecológica dessas áreas protegidas. Por fim, Oviedo-Garci (2016) intenta gerar novos conceitos e métodos e, assim, novos conhecimentos em Turismo, iniciando com uma revisão das definições de pesquisa interdisciplinar.

Os artigos foram publicados, entre os anos de 2002 e 2016 nos seguintes periódicos: *The Canadian Geographer*, *Journal of Geography in Higher Education*, *Annals of tourism research* e *Tourism Management*.

Face ao número de trabalhos a que se teve acesso e com o entendimento de que a interdisciplinaridade pressupõe jogo dialético entre unidade e multiplicidade; que não se resume a deslocar conceitos, fazer empréstimos teóricos ou metodológicos, tampouco a justapor pesquisadores ou professores cujas indagações não ultrapassem os limites de suas disciplinas; que pressupõe recriação conceitual e teórica na direção de uma “ecologia de ideias”; discussões sobre o caráter interdisciplinar do Turismo como objeto de estudo mostram-se mais do que necessárias, senão urgentes, tornando-se um imperativo para o próprio avanço do Turismo. Assim, parece possível

depreender que trazê-la à reflexão no escopo deste trabalho vem imprimir-lhe maior oportunidade e pertinência.

Articulação Tourism and Higher Education and Pedagogical Practice and Interdisciplinarity

Quando articuladas, conjuntamente, as palavras-chave *Tourism, Higher education, Pedagogical practices, Interdisciplinarity* – as quais constituem variáveis presentes no problema de pesquisa –, a inexistência de referências a pesquisas que as contemplasse todas simultaneamente⁵.

No sentido de encaminhar a uma síntese dessa etapa inicial de revisão de literatura, podem ser pontuados alguns aspectos a partir dos recortes metodológicos definidos para a pesquisa sobre a relação “turismo, ensino superior, prática pedagógica e interdisciplinaridade”.

No que tange à relação entre “Turismo e Educação Superior”, há duas vertentes de pesquisa que já parecem estar estabelecidas: uma, em que são apresentados estudos nos quais se analisa o Turismo na perspectiva de curso superior, os limites e desafios que aí se apresentam (nessa linha, situam-se também os trabalhos que tratam de práticas pedagógicas). A outra vertente já apresenta clara relação entre ensino superior e mercado (o que para alguns também é abordado como a relação entre teoria e prática). Em ambos os casos, o número de publicações encontradas é indicial da preocupação com a formação superior na área de Turismo, para o que também se volta este projeto. Cabe ainda registrar que é a partir desse espaço educacional – Ensino Superior – que se abrem possibilidades de formação *lato* e *stricto sensu*, o que amplia o espectro de pesquisas e de pesquisadores. Há de se ter presentes as múltiplas relações que se estabelecem quando se discute sobre a formação superior em Turismo, pois, como ocorre em diferentes áreas do conhecimento, essa formação sempre trará as marcas do modo como se tece a rede de relações da universidade com a realidade histórico-social, cultural e política e também trará os modos de produção e disseminação de conhecimento científico.

⁵ Os mesmos resultados foram obtidos em revisão de literatura efetuada complementarmente em 2017, durante o estágio doutoral na Universidade Católica Portuguesa/Porto, precedendo ao planejamento e realização da oficina piloto.

Já, no que tange à relação “Turismo e conceitos” e “Turismo e interdisciplinaridade”, os resultados obtidos vêm reiterar o desafio de efetivamente levar à discussão científica o diálogo do Turismo com outras áreas de conhecimento e suas repercussões nos processos pedagógicos desenvolvidos nos cursos de nível superior.

INCURSÕES EM DISSERTAÇÕES E TESES

De acordo com a Plataforma Sucupira, no Brasil estão em funcionamento **sete** mestrados acadêmicos e dois profissionais; e **quatro** doutorados. Sua maior representatividade está localizada na região Sul do país, com a Universidade de Caxias do Sul (mestrado e doutorado), a Universidade do Vale do Itajaí (mestrado e doutorado) e a Universidade Federal do Paraná (mestrado). Na sequência vem a região Sudeste, com a Universidade Anhembi Morumbi (mestrado e doutorado), a Universidade Estadual de São Paulo (mestrado) e a Universidade Federal Fluminense (mestrado). A região Nordeste possui quatro programas, sendo eles oferecidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (mestrado e doutorado), Universidade Estadual do Ceará (mestrado), Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado) e pelo Instituto Federal de Sergipe (Mestrado).

A região Centro-Oeste possui apenas um programa na Universidade de Brasília (mestrado). A região Norte não possui, ainda, programas *Stricto Sensu* em turismo.

Entre os programas, até o final do ano de 2016⁶, foram identificadas 03 teses de doutorado, pois os programas são recentes. Nenhuma tese se aproxima do escopo da presente pesquisa. Entretanto, foram identificadas 18 dissertações de Mestrado, cujo objeto de estudo, mesmo vinculado à educação não abarca igualmente a problemática ora em discussão. São elas, em ordem cronológica: Visão Estrutural da Evolução dos Cursos Superiores de Turismo: a realidade atual (NASCIMENTO, 2002), Interdisciplinaridade no Ensino Superior em Turismo: Percepção de Docentes e Discentes do Curso de Bacharelado em Turismo da UNIFRA – Santa Maria (RS)

⁶ No ano de 2017, durante o estágio doutoral na Universidade Católica Portuguesa/Porto, precedendo ao planejamento e implementação da oficina piloto, procedi a uma complementação da revisão bibliográfica referente a publicações de teses, dissertações, artigos nas revistas abrigadas pelos programas de pós-graduação *Stricto Sensu*, assim como a trabalhos completos publicados nos anais dos eventos Semintur e Seminário Anual da Anptur.

(DIAS, 2005), Educação para o Turismo: o Programa Educando para o Turismo na cidade de Canela – RS (CASTELLI, 2005), Avaliação Institucional e Formação Superior em Turismo: significados para a requalificação do Bacharelado em Turismo da UNIFRA, Santa Maria (RS) (COELHO, 2006), A educação patrimonial e o turismo: o caso da aula no Museu do Museu Municipal de Caxias do Sul – RS (SALES, 2006), Os Desafios Metodológicos para uma Abordagem Científica do Turismo: o inventário turístico (PINTO, 2007), Formação superior em turismo da UNIFOR (CE): proposta, realidade e reflexos (MOTA, 2007), A metodologia de projeto no ensino superior de turismo: uma alternativa para o desenvolvimento de comportamentos e habilidades empreendedoras (ESPINDOLA, 2008), O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção como objeto de estudo na graduação em Turismo (MARINHO, 2010), Formação e atuação do turismólogo no cenário das agências e turismo: contrapondo competências (BRIDI, 2010), Da pedagogia da hospitalidade no turismo ao turismo pedagógico pela hospitalidade (OLIVEIRA, 2011). A educação ambiental como objeto de estudos nos programas stricto sensu em turismo no Brasil (período 1997-2011) (DENICOL, 2013), Qualidade da educação do curso técnico de guia de turismo do IFRN: percepções dos educadores, ex-alunos e empregadores, Incursões Reflexivas Sobre o Conceito de Turismo (LOD, 2013) RN, Contribuições da educação profissional na prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo (DOS SANTOS, 2013) UNB, A Qualificação "Pedagógico" No Binômio "Turismo Pedagógico" (LIMA, 2014), Cursos Superiores de Turismo na Economia do Conhecimento – posicionamento estratégico de um curso de turismo no Rio Grande do Sul (DEGRAZIA, 2014). Educação profissional e tecnológica de turismo no Brasil: análise através da percepção de docentes da rede federal de educação (ALBUQUERQUE, 2015) RN, A educação patrimonial no centro histórico de Santarém-PA: possibilidades de conservação e revigoração do patrimônio edificado e formação do turismo cidadão (VASCONCELOS, 2015) UNB, Educação patrimonial e a formação do turista cidadão: um estudo de caso sobre o projeto re(vi)endo êxodos (SANT'ANA, 2015) UNB. O uso de dispositivos móveis como recurso didático em aulas práticas de gastronomia: uma contribuição (LOPES, 2016) UNIVALI, Turismo e educação ambiental: uma análise a partir de instrumentos legais e projetos pedagógicos de cursos de graduação (BONIN, 2016) UCS, utilização do recurso fílmico como estratégia metodológica de ensino-aprendizagem: um estudo de caso múltiplo com estudantes de turismo em IES. (ARAUJO, 2016) UFRN.

INCURSÕES EM PERIÓDICOS QUALIS VINCULADOS AOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

São identificados um total de 07 periódicos. Eles desenvolvem diversos olhares sob a influência dos docentes dos programas, linhas de pesquisa e seus respectivos editores chefes. Os programas e revistas são: Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade (B2) – Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul, RS); Turismo em Análise (B1) – Mestrado em Turismo, Universidade de São Paulo (São Paulo, SP); Revista Visão e Ação (B1) – Mestrado e doutorado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí (Balneário Camboriú, SC); Revista Cenário (B4) – Mestrado em Turismo (Profissionalizante), Universidade de Brasília (Brasília, DF); Revista Turismo e Sociedade (B4) – Mestrado em Turismo, Universidade Federal do Paraná (Curitiba, PR); Revista de Turismo Contemporâneo (B4) – Mestrado e doutorado em Turismo, Universidade do Rio Grande do Norte (Natal, RN); Caderno Virtual de Turismo (B1) – COPPE/ Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ).

Dos 63 artigos acessados e selecionados mediante utilização de palavras-chave alinhadas com os objetivos desta pesquisa, da mesma forma em que ocorreu com relação às dissertações e teses, não foram encontrados trabalhos que correspondessem, ainda que de forma tangencial, ao escopo de inter-relacionar Turismo, Ensino Superior, Prática Pedagógica e Interdisciplinaridade na formação superior em Turismo, envolvendo docentes de diferentes áreas atuantes nesses cursos. Maior detalhamento encontra-se em apêndice.

INCURSÕES NOS EVENTOS CIENTÍFICOS SEMINTUR E ANPTUR

O Seminário Internacional de Turismo do Mercosul (Semintur) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (Anptur) são os principais eventos em Turismo do país. O primeiro está vinculado à associação e foi fundado em 8 de novembro de 2002, em encontro promovido na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), em Balneário Camboriú (SC), onde reuniu docentes e pesquisadores das seguintes universidades com programas de pós-graduação *stricto sensu* na área:

Universidade do Vale do Itajaí, Universidade de Caxias do Sul, Universidade Anhembi Morumbi, Universidade Estadual de Santa Cruz e Universidade de São Paulo. Sua sede funcionou até 2005 na UNIVALI, sendo transferida a seguir para a cidade de Caxias do Sul (RS), na Universidade de Caxias do Sul, funcionando atualmente na cidade de São Paulo. Está na XIII edição. O segundo, promovido e organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul - PPGTURH, reúne pesquisadores de instituições brasileiras e estrangeiras que buscam socializar o conhecimento produzido sobre turismo e hospitalidade, a fim de contribuir para o amadurecimento do Turismo como campo de estudo interdisciplinar. Em 2017 realizou-se sua edição IX.

De forma recorrente, nos achados da revisão de literatura (9 artigos decorrentes da aplicação das palavras-chave) não houve correspondência com as variáveis atinentes ao problema posto para a presente investigação. Igualmente encontram-se em apêndice os respectivos objetivos.

APÊNDICE C – OBJETIVOS DAS INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS DA REVISÃO DE LITERATURA

BASE DE DADOS SCOPUS

INTERDISCIPLINARIDADE, EDUCAÇÃO, TURISMO

No presente item foi encontrado apenas um artigo, a partir das triagens já descritas.

Nesse artigo, Schmelzkopf (2002) descreve um curso interdisciplinar em Geografia do Turismo, examinando a interdisciplinaridade e sua relação com ambas as áreas. Apresenta um esboço do curso, sua base conceitual, sua estrutura e seus objetivos.

INTERDISCIPLINARIDADE

Na temática “interdisciplinaridade”, apenas 6 artigos foram encontrados; quando o assunto foi transdisciplinaridade, houve apenas uma incidência.

Com relação à interdisciplinaridade:

Primeiro, Gill (2012) intenciona proporcionar, entre os geógrafos, um maior reconhecimento do turismo como componente de estudo geográfico, no intuito de, no mundo de hoje, garantir integração de aspectos da investigação geográfica e também utilizar debates atuais dentro de estudos de turismo e geografia para refletir sobre questões de disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e, até mesmo, pósdisciplinaridade.

Segundo, Giovine (2013) explica que a publicação do novo Manual “Sage” de Estudos de Turismo (2009), editado por Tazim Jamal e Mike Robinson, representa um passo relevante para construção mais unificada, no gênero interdisciplinar de “estudos de turismo”. Além de servir como um texto de referência para os pesquisadores do turismo de muitas disciplinas, o revisor argumenta que ele explicitamente ajuda a estabelecer um novo campo de pesquisa que transcende limites disciplinares.

Terceiro, Schmelzkopf (2002), centra-se em avaliar a importância e as peculiaridades da qualidade da pesquisa em curso interdisciplinar na geografia. Ele

examina a interdisciplinaridade e sua relação com a geografia e o estudo interdisciplinar.

Quarto, Darbellay; Stock (2012), buscam refletir sobre o turismo a partir de uma perspectiva epistemológica interdisciplinar. Para eles, o turismo é atualmente um fenômeno complexo e globalizado, de importância socioeconômica. Embora o turismo seja um fenômeno socialmente reconhecido, o seu caráter científico dentro de um campo acadêmico parece estar ainda em questão.

Quinto, Fennell e Weaver (2005) baseiam-se nos princípios de complexidade, partilha de conhecimentos e interdisciplinaridade, propondo o desenvolvimento de uma rede internacional de "ecoturismo" de áreas protegidas, visando estimular mudanças socioeconômicas dentro das comunidades locais, a fim de manter e melhorar a saúde ecológica dessas áreas protegidas.

Por último, Oviedo-Garcia (2016) visou gerar novos conceitos e métodos e, assim, novos conhecimentos em turismo, iniciando com uma revisão das definições de pesquisa interdisciplinar.

TRANSDISCIPLINARIDADE

Quanto a Transdisciplinaridade, a partir dos parâmetros metodológicos situados, apresenta apenas um estudo, o de Molina-Azorin e Font (2015), o qual analisa o uso de métodos mistos em artigos publicados no "Journal of Sustainable Tourism" ao longo dos 10 anos, entre 2005 e 2014.

PRÁTICA PEDAGÓGICA E PRÁTICA DE ENSINO

Dos sete artigos que versavam sobre prática pedagógica e prática de ensino, observa-se novamente a multiplicidade temática:

O primeiro artigo (EDELHEIM, 2009), investiga-se como a série de TV animada "The Simpsons" poderia servir de recurso para se refletir sobre o turismo.

Na segunda publicação (KELNER; SANDERS, 2009), discute-se como instrutores podem usar o turismo para ensinar a sociologia do turismo e assim ajudar a desenvolver compreensão do assunto por meio do exame reflexivo na prática da sala de aula.

O terceiro artigo (HEMMERSLEY, 2013), ainda associado à expressão de práticas pedagógicas, analisa abordagens educacionais voltadas aos voluntários, participantes do chamado turismo voluntário.

O quarto artigo (BOYLEA; WILSONA; DIMMOCK, 2015), em outra produção, a expressão “prática de ensino” associa-se à análise da compreensão do ensino e do currículo, numa perspectiva de sustentabilidade (por parte do professor) do curso de turismo.

O quinto artigo (FULLAGAR; WILSON, 2012); Analisar como a criticidade foi conceituada e considerar as implicações do poder-conhecimento e relações que sustentam as formas de pensamento convencionais ou normalizadas, no turismo e na hospitalidade.

O sexto artigo (KIM; DAVIES, 2014), focou em como os professores integram o conceito de outras práticas, além das convencionais, entre alunos dos cursos de turismo e hospitalidade.

O último artigo (YINGLI, 2013), Por fim, na diversidade de produções sobre a temática de práticas pedagógicas, explora a reforma da educação profissional de gestão turística perspectivada na aprendizagem experiencial.

EDUCAÇÃO SUPERIOR

Boyle, Wilson e Dimmock (2015) analisam a relação entre os entendimentos dos professores de turismo sobre sustentabilidade, formas como a sustentabilidade é ensinada e desenvolvida em currículo.

Fuchs, Fredman e Ioannides (2015) relatam o desenvolvimento do 1º programa de doutorado da Escandinava em estudos turísticos

Morellato (2014) propõe uma abordagem experimental de desenvolvimento da competência digital na educação turística, novas tecnologias e um paradigma de aprendizagem cooperativa.

Wattanacharoensil (2014) resume o desenvolvimento dos currículos de turismo nos últimos 20 anos a partir da perspectiva global, buscando, assim, a propor um quadro genérico para um futuro currículo com base na revisão da literatura americana, britânica e europeia.

Kim (2013) examina programas de educação turística em nível universitário nos países em desenvolvimento.

Lai e Wang (2013) estudam preferências de estilos de aprendizagem de novas formas de hospitalidade e programas de turismo na Austrália e no Reino Unido.

Eurico, Silva e Valle (2015) examinam o papel da empregabilidade no processo de formação de satisfação e fidelização em relação às instituições de ensino superior.

Rodriguez-Antón et al. (2013) analisam a aquisição, por alunos universitários, das competências transversais necessárias à indústria turística. Questionam se a academia reforça as competências que a indústria valoriza

Hawkins (2013) concentra-se sobre o papel do ensino superior na transferência de conhecimentos para a prática

Wilson e Von der Heidt (2013) desenham sobre os achados em educação para sustentabilidade em currículo de turismo na Austrália.

Liburd e Christensen (2013) apresentam quadro de avaliação do programa de educação turística de Taiwan.

Zehrer e Grambmuller (2012) investigam uma instituição de ensino superior na Áustria que se relaciona com seus alunos por meio de uma rede social, apresentando resultados dessa prática.

Liburd e Christensen (2013) explicam como as mídias sociais podem ajudar fornecer um quadro para a preparação do aluno, apoiar os métodos de trabalho do projeto e ativar e desafiar os alunos a atividades de ensino e aprendizagem envolventes e motivadoras. Que resultam em aprendizado in-dept.

Albrecht (2012) examina o potencial das palestras como ferramentas para aprendizagem, nominando-as, no seu estudo, de ferramentas “autênticas”.

Stergiou; Airey (2012) analisam propriedades psicométricas do instrumento de pesquisa para testar sua aplicabilidade no contexto do ensino superior de turismo da Grécia.

Afifi (2011) objetiva, por meio do ensino a distância, traçar estratégias para educação superior no Egito. Estuda o estado do ensino a distância no país e ainda busca esclarecer vantagens e desvantagens da aplicação do “e-learning” no turismo.

Afifi e Wahab (2010) explicam, no seu artigo, que a pesquisa por eles desenvolvida centra-se na avaliação comparativa dos Resultados de Aprendizagem Pretendidos (ILOs) e cursos de turismo fornecidos no Egito contra aqueles recomendados por uma entidade altamente reconhecida, a British Quality Assurance Agency (BQAA). Os autores pretendem identificar lacunas entre os dois modelos, que

deverão então facilitar a reposição dos cursos de turismo no Egito. A pesquisa faz parte de um processo contínuo de inovação da educação no Egito.

Bustelo, Fernandez e Tomás (2010) descrevem o ensino superior, objetivos, competências, disciplinas, principais universidades que oferecem o curso de turismo na Espanha/ Europa. Também apresentam modelos descritos por pesquisadores.

Liu et al. (2010) reveem a história e o desenvolvimento do ensino superior em gestão do turismo e hospitalidade em Hong Kong.

O'Connor e Baum (2009) descrevem a atividade acadêmica do turismo e da hospitalidade atualmente em curso nas instituições de ensino superior Irlandesas.

Penfold (2009) descreve como Second Life tem sido usado para ensinar e aprender hospitalidade em escola de turismos de Hong Kong. E novamente aqui ter-se-ia a possibilidade de apresentar esse artigo no eixo das práticas pedagógicas/práticas de ensino. Mas, na recuperação dos termos para agrupamento, como anteriormente mencionado, não há referência à prática pedagógica ou a práticas de ensino.

Portegies, Haan e Platenkamp (2009) argumentam que o campo de gestão de turismo/estudos turísticos exige uma abordagem contextual mais dividida para lidar com a crescente complexidade da “produção do conhecimento” nas unidades internacionais de pesquisa e educação em torno do desenvolvimento.

Zhang et al. (2009) examinam a internacionalização de 29 programas de gestão do turismo na China.

La Lopa, Beck e Ghiselli (2009) visam estudar as necessidades dos empregadores e estudantes do turismo para avaliar currículo e desenvolvê-lo.

Holmes e Papageorgeous (2009) discutem sobre a qualidade do feedback e das avaliações em relação à visão dos alunos de turismo.

Stergiou, Airey e Riley (2008) fornecem detalhes sobre o estudo de avaliação do ensino superior de turismo

Aramberri e Liang (2007) discutem o tipo de ensino superior proposto nos currículos de programas em turismo na China, em vista de um rápido crescimento do turismo, o que parece impactar os estudos universitário.

Lashley e Barron (2006) focalizam seus estudos em atitudes e percepções de estudantes de turismo para o desenvolvimento de linguagem.

Leslie e Russel (2006) sustentam que as mídias sociais podem ajudar a fornecer um quadro para a preparação do aluno, apoiar os métodos de trabalho do

projeto e ativar e desafiar os alunos. Ressalta-se que a referência é feita a práticas pedagógicas, haja visto o termo “métodos de trabalho do projeto”, mas novamente esse artigo não é citado quando o termo que rege a busca é “prática pedagógica.

Coles, Hall e Duval (2006) sugerem que os estudos em turismo se beneficiam gradativamente da pós-disciplina ou para além da disciplina.

Okumus e Yagci (2005) discutem e avaliam o ensino superior do turismo na Turquia.

Zhang e Fan (2005) examinam as origens e o desenvolvimento do turismo na China e, com base nos documentos estudados, ainda discutem objetivos, configurações do programa, desenho do currículo, entre outros elementos.

Reichel (2005) apresenta o passado e o presente do ensino superior em turismo e gestão de hospitalidade em Israel, a fim de discutir o crescimento do ensino superior em hospitalidade e turismo.

Baum (2005) discorre sobre experiências do turismo global nas ilhas britânicas. Aborda o desenvolvimento da educação em turismo em cinco unidades educacionais, para demonstrar o impacto da autonomia jurisdicional em programas educacionais, sua filosofia e sua estrutura.

King (1994), em seus estudos, visa compreender melhor o Internacional Cooperative Learning (ICL)

Por último, Zhao (1991) examina o desenvolvimento do ensino superior em hotelaria e turismo na China.

Mihalic, Liburd e Guia (2015) discutem performance e valores no ensino superior no turismo e negócios vistos pelos alunos de mestrado. Examinam empiricamente a relevância do modelo.

Lupu, Tanase e Nica (2014) ligam as competências sinalizadas pelo sistema e ensino superior às unidades dos empregadores do setor do turismo e da hotelaria.

Jian-Chang (2014) investiga a relação de equilíbrio entre o turismo internacional no setor de educação superior e o crescimento da renda real.

Bento (2014) analisa aspectos econômicos e outros aspectos determinantes da procura turística na Europa, quando considerado a mobilidade estudantil para estudar na região.

Gómez-Martin e Armesto-López (2014) exploram como estudantes universitários da Espanha percebem alterações climáticas e os seus efeitos e como o setor de turismo espanhol se relaciona frente a essa questão.

Dredge e Schott (2013) exploraram a agência de liderança do turismo no cenário do ensino superior e recomendam melhorias a partir dessa exploração sugerindo mudanças sociais

Costa et al. (2013) examinam percursos profissionais de formandos em turismo, a partir de variáveis relacionadas ao ensino superior em Portugal e no Brasil, considerando diferenças de gênero.

Chang (2013) apresenta estudo sobre avaliação de desempenho, explorando melhorias qualitativas do ensino/educação em turismo e hospitalidade e impacto operacional na performance.

Morais, Cunha e Gomes (2013) analisam a relevância dada pelas diferentes instituições de ensino superior em Portugal às TIC's nas licenciaturas.

Sanchez-Ruiz, Mavrovelli e Poullis (2013) investigam relações entre desempenho acadêmico e capacidade, traços de personalidade e traço de inteligência emocional em amostra de Chipre.

Costa et al. (2012) diagnosticam disparidades, entre homens e mulheres graduandos em turismo, no que diz respeito aos salários, área de atividade e posicionamento no mercado de trabalho.

Lo (2012) explora o papel de “Ancoras de carreiras” sobre intenções de volume de negócios entre educadores de turismo.

Aga (2011) busca avaliar o papel do turismo educativo no norte de Chipre, Turquia, por meio do número de estudantes estrangeiros que entram para o ensino universitário e impulsionam o crescimento do PIB do país.

Wang (2010) visa observar os professores enquanto prestadores de serviço na China.

Coles (2009) identifica alterações prováveis e mapeia potenciais impactos sobre a natureza e prática da bolsa de estudos no turismo.

Cervera-Taulet e Ruiz-Molina (2008) descrevem o grau de turismo na Europa, no que diz respeito ao ensino superior, detectando pontos fortes e áreas de melhorias, considerando a importância da qualificação dos trabalhadores da área.

Rodriguez, Martinez-Raget e Powlowska (2012) justificam a escolha do termo “turismo acadêmico” para descrever tal forma de turismo.

Xing, Xia e Dai (2009) analisam a situação atual da colonização e a influência do desenvolvimento do turismo na China.

Cho e Kang (2005) apresentam visão geral e evolutiva do turismo na Coreia, referente a 04 décadas e à educação no século XXI.

Page (2003) comenta criticamente sobre as medidas que estão sendo usadas agora para avaliar a qualidade da pesquisa em turismo no Reino Unido.

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM TURISMO

Neste item, foram encontrados um total de 20 dissertações de mestrado no Brasil, que correspondem ao período de 2002 até 2016. Desses 22, dois resumos não foram encontrados (DIAS, 2005) e (CASTELLI, 2005).

A primeira dissertação, apresentada na USP (NASCIMENTO, 2002), discute a qualidade dos cursos superiores de turismo no Brasil, comprova a hipótese levantada de que há deficiências nesses cursos, que são motivadas pela falta de professores qualificados, a visão estereotipada dos cursos de turismo e, também, a falta de investimento das instituições de ensino superior.

A segunda dissertação, também apresentada na UCS, (COELHO, 2006), apresenta a avaliação institucional enquanto instrumento para detectar a situação em que se encontra o curso avaliado e facilitar a tomada de decisões que possibilitem a constante requalificação do curso.

O terceiro trabalho, igualmente apresentado na UCS (SALES, 2006), realiza um estudo sobre a teoria e a prática da Educação Patrimonial, no intuito de buscar associações entre este processo e o fenômeno turístico.

O quarto seguinte, também da UCS, (PINTO, 2007), analisa a eficácia da metodologia do inventário, sinalizando métodos que permitam a compreensão enquanto um instrumento dinâmico, que subsidia o planejamento sustentável do Turismo.

O quinto, (MOTA, 2007), demonstra o modelo de formação superior em turismo da Universidade de Fortaleza UNIFOR, em comparação ao seu discurso oficial, à sua realidade formativa e aos seus reflexos no mercado de trabalho.

A sexta dissertação, apresentada na UCS, (ESPINDOLA, 2008), visa contribuir para o debate em torno do desafio de oferecer metodologias mais adequadas à atual sociedade do conhecimento nas instituições de ensino superior, no que diz respeito à formação do egresso numa realidade dinâmica, complexa,

competitiva e em constante mutação. Focaliza a relação entre empreendedorismo, metodologia do projeto e as Diretrizes Curriculares Nacionais.

A sétima dissertação, apresentada na UCS, (MARINHO, 2010), contribui para a discussão e (re)construção do conceito de turismo sexual, na perspectiva de abordá-lo pedagogicamente na formação superior em turismo.

O oitavo trabalho (BRIDI, 2010), contribui com subsídios para a discussão sobre o tema “formação e atuação do turismólogo no âmbito das agências de turismo”, abordando competências profissionais que seriam e vêm sendo requeridas para atuação nesse segmento de mercado.

A nona dissertação, (OLIVEIRA, 2011), contribui com empreendimentos turísticos para que disponham de uma ferramenta pedagógica para a formação permanente de gestores e colaboradores nas relações de hospitalidade ou acolhimento, para que pudesse transcender o caráter meramente informativo.

A décima dissertação, (DENICOL, 2013), tem como objetivo mapear como a Educação Ambiental é contemplada na produção do conhecimento nas dissertações dos programas Stricto Sensu em Turismo no Brasil, reconhecidos e recomendados pela Capes no período de 1997 a 2011.

A décima primeira dissertação, foi apresentada na UFRN, (LOD, 2013) RN, faz uma análise a partir das percepções dos educadores, ex-alunos e empregadores quanto à qualidade da educação técnica dos cursos de Guia de Turismo oferecidos pelo IFRN, realizados entre os anos de 2008 e 2012.

A décima segunda dissertação, apresentada na UnB, (SANTOS, 2013), pesquisa o tema exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo, sob o ponto de vista da educação profissional da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, nos cursos técnicos do eixo tecnológico Turismo, hospitalidade e lazer.

A décima terceira, Qualificação "Pedagógico" No Binômio "Turismo Pedagógico" (LIMA, 2014), trabalha o conceito de Turismo pedagógico, focando em relações conceituais que emergem da análise desse binômio, levando o fato de “Turismo” configurar-se como termo núcleo da expressão. Visa identificar as configurações conceituais sobre “Turismo pedagógico” em conjecturas teóricas ou teórico-práticas presentes na literatura científica.

O décimo quarto trabalho, (DEGRAZIA, 2014), fala sobre o posicionamento estratégico de mercado que os cursos de Turismo devem adotar para atender às

necessidades da sociedade atual, e se tem suas estratégias formuladas para superar os desafios e se posicionar no mercado competitivo.

A décima quinta, (ALBUQUERQUE, 2015), focaliza no processo de educação no que diz respeito à atividade turística, utilizando como premissa a melhoria na qualidade dos serviços, tendo o ensino superior tecnológico da rede federal de educação (IF) como parâmetro de análise, observando os conceitos, a similaridade e as divergências entre os cursos ofertados de Turismo, Hospitalidade e Lazer.

O décimo sexto trabalho, apresentado na UnB, (VASCONCELOS, 2015) analisa as representações que os alunos do Ensino Fundamental e os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Frei Ambrósio construíram sobre o Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade de Santarém/PA e suas compreensões sobre Educação Patrimonial, na perspectiva da formação do Turista Cidadão.

A décima sétima dissertação, também apresentada na UnB, (SANT'ANA, 2015), analisa o Projeto Re(vi)vendo Êxodos a partir da Educação Patrimonial como meio de conscientização do educando para atentar-se à importância da valorização de sua cultura e, ainda, servir de incentivo para a prática responsável de preservação do Patrimônio.

O décimo oitavo trabalho, apresentado na UNIVALI, (LOPES, 2016), visa investigar as possíveis contribuições do uso de dispositivos móveis como recurso didático em aulas práticas de gastronomia.

O décimo nono corresponde à dissertação apresentada na UCS, (BONIN, 2016) que analisa a inserção da educação ambiental nos cursos de bacharelado em Turismo do Rio Grande do Sul.

Por último, a dissertação apresentada na UFRN, (RODRIGUES, 2016), que visa compreender o emprego do recurso fílmico no ambiente de sala de aula, diante da percepção dos alunos de turismo como uma estratégia metodológica de ensino-aprendizagem para trabalhar os conteúdos multidisciplinares do turismo.

Na busca por dissertações que versavam sobre “educação e interdisciplinaridade”, no período de 2002 a 2016, foram encontradas 20 incidências, considerando os 09 programas de Mestrado/ Doutorado em Turismo. As questões norteadoras para investigação incidiram sobre diferentes temáticas, entre elas: avaliação, formação do turismólogo, qualificação dos cursos de formação, educação patrimonial, turismo sexual. Destaca-se que boa parte dos estudos volta-se para a qualificação dos cursos em relação às necessidades do mercado de trabalho (seis

dissertações). Outras quatro pesquisas analisaram diferentes metodologias, aproximando-se dos estudos sobre a qualificação nos cursos em Turismo. Uma dissertação estudou as percepções que professores, ex-alunos e empregadores têm sobre a qualidade dos cursos de Guia de Turismo. Dessa forma, de 20 dissertações, 11 podem ser agrupadas no eixo de formação e qualificação para o mercado de trabalho. No outro eixo, estudos sobre Turismo Sexual (duas incidências, mas com abordagens diferenciadas); Educação Patrimonial, Educação Ambiental, Turismo Pedagógico. Não houve nenhum registro direto sobre os estudos que aqui são feitos.

PERIÓDICOS VINCULADOS AOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM TURISMO.

UCS – ROSA DOS VENTOS

Nesse item, foram encontrados 06 artigos que corresponderam às especificidades já descritas.

O primeiro artigo, (GONÇALVES et al., 2016), tem como objetivo geral propor a atividade turística nas perspectivas do turismo rural e da agricultura familiar na região do Totoró, no município de Currais Novos, Rio Grande do Norte.

O segundo artigo, (CISNE, 2016), apresenta experiência de ensino/aprendizagem/avaliação realizado numa instituição de ensino superior da Região Metropolitana de Recife no Curso de Guia de Turismo do Pronatec.

O terceiro artigo, (SALES; ZAGO; OLIVEIRA, 2013), discute a relação entre a gastronomia e o turismo, identificando a influência da gastronomia enquanto fator promocional do turismo em um festival cultural, na visão de diversos stakeholders.

O quarto artigo, (URANO et al., 2015), visa compreender como a atividade turística atua e interfere no processo de desenvolvimento das comunidades litorâneas do Nordeste brasileiro, mais precisamente nas comunidades de Canoa Quebrada-CE e Maracajaú-RN.

O quinto artigo (SILVA; PEREIRA; MOREIRA; PERINOTTO, 2011), discute o cinema enquanto ferramenta para a promoção turística, analisando o filme *Sete Anos no Tibete* sob o viés da divulgação de destinos turísticos.

O sexto artigo selecionado deste periódico, (SOUZA; MELO; PERINOTTO, 2011), analisar como as atividades de campo, denominadas como aula-passeio,

promovidas por uma escola particular de Parnaíba (PI), podem exercer influência positiva na educação de seus alunos.

USP – TURISMO EM ANÁLISE

Neste tópico, foram encontrados 22 artigos que atenderam aos aspectos de busca já mencionados.

O primeiro artigo, (GHIRALDELLO; MERCURI, 2015), tinha como objetivo identificar e analisar as características das vivências acadêmicas de estudantes ingressantes em um curso de Turismo e sua relação com o semestre e o turno do curso.

O segundo trabalho, (SANTOS; COSTA; MALERBA, 2015), apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com os egressos do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do campus São Paulo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

O terceiro artigo, (SILVEIRA; GÂNDARA, 2012), é um estudo de caso que segue é resultado da participação dos autores e posterior análise do relatório da Reunião do Fórum dos Coordenadores dos Cursos Superiores de Turismo e/ou Hotelaria, ocorrido em Curitiba em 2008.

O quarto artigo encontrado, (ANSARAH; REJOWSKI, 1996), faz uma caracterização geral do ensino superior em Turismo no Brasil, fazendo uma breve análise quantitativa deles, destacando dados referentes a cursos de pós-graduação lato sensu (especialização) em realização no Brasil.

O quinto artigo, (FORTUNATO; NEFFA, 2014), procura refletir sobre as potencialidades de o turismo solidário contribuir para o desenvolvimento local funciona na análise da “Horta Comunitária do Morro da Coroa”, influenciada pelas concepções da “Rede Brasilidade Solidária”.

Em seguida, o sexto artigo, (OLIVEIRA; SILVA, 2016), visa avaliar a imagem dos turistas quanto ao desenvolvimento do turismo nos recifes de corais de Perobas no município de Touros-RN.

Posteriormente, o sétimo artigo, (TEIXEIRA, 2001), tem como objetivo analisar os diversos aspectos de funcionamento dos cursos de graduação de turismo/hotelaria, as razões para sua criação e enfoques, o currículo, os métodos de

ensino, os planos de expansão, a qualidade de ensino e o relacionamento entre as universidades e as empresas.

O oitavo artigo, (TEIXEIRA; FLETCHER; WESTLAKE, 2000), analisa o ensino superior em turismo no Reino Unido, apresentando a estrutura, o funcionamento e o enfoque dos cursos de graduação em turismo/hotelaria nesse país.

Seguindo, o nono artigo (REJOWSKI; KOBASHI, 2011), apresenta parâmetros e requisitos para a elaboração de um Tesouro Brasileiro de Turismo, instrumento terminológico para padronizar, por meio de um vocabulário controlado sistêmico, as formas de representar os conteúdos de trabalhos acadêmicos.

O décimo trabalho, (BARBALHO; BARBOSA, 1997), aborda o turismo como serviço; os princípios teóricos e considerações básicas sobre qualidade; a ISO 9000 e, em especial, a norma de prestação de serviços - ISO 9004-2 - e suas implicações para o setor de Turismo.

O décimo primeiro artigo (REJOWSKI, 2010), visa discutir a relevância e o estágio evolutivo do conhecimento turístico, apresenta uma amostra de estudos referenciais sobre o tema no exterior e mapeia 24 estudos produzidos nessa temática no Brasil de 1993 a 2008.

A seguir, o décimo segundo artigo (LEAL; TRIBE; HOLANDA, 2013), que realiza um estudo empírico com professores brasileiros para verificar as suas percepções sobre a importância da voz do estudante na educação, apresentando as peculiaridades da pesquisa sobre o tema no contexto da qualidade do ensino superior de turismo.

O décimo terceiro artigo (GUERREIRO; MENDES; DO VALLE; SILVA, 2008), que tem como objetivo de analisar a satisfação e as atitudes dos residentes em relação ao turismo numa área destino, localizada no Algarve, considerada o mais importante destino turístico português.

O décimo quarto artigo (GOMES; RAMOS; SEREJO, 2010), com o objetivo de diagnosticar e analisar os conhecimentos desenvolvidos sobre o Lazer nos cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais.

O décimo quinto (GOMES, 2010), que discute o Paradigma do Acesso Aberto (ou Open Access - OA), traçando um panorama geral sobre os movimentos e iniciativas, como e em quais contextos surgiram, quais os conceitos envolvidos nos debates sobre a temática, dentre outros aspectos.

O décimo sexto trabalho (BENI, 1992), aborda o ensino em Turismo e Hotelaria, destacando a formação superior nessas áreas, em vários países da Europa, América do Norte e América Latina.

Seguindo, o décimo sétimo artigo (GOMES; SILVA; SANTOS, 2008) que tem como objetivo analisar a política de implantação e o desenvolvimento dos circuitos turísticos de Minas Gerais a partir da concepção de cluster.

O décimo oitavo artigo (LIMA, 2010), procura analisar resultados empíricos e em abordagens interpretativas visando verificar e entender os fenômenos, eventos e processos de real significado nas parcerias, redes, cooperação técnica ou não, e das alianças estratégicas no destino turístico Itacaré-BA.

Posteriormente, vem o décimo nono artigo (OLIVEIRA FILHO; MONTEIRO, 2009), que analisa o ecoturismo enquanto atividade geradora de melhorias econômica, social e de preservação ambiental nos municípios piauienses de Coronel José Dias e São Raimundo Nonato, onde se localiza o Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC).

O vigésimo artigo (REJOWSKI, 1994), que é um estudo sobre a pesquisa acadêmica em Turismo (dissertações e teses), produzida em instituições de ensino superior brasileiras, visando o seu levantamento, sistematização e análise.

O vigésimo primeiro artigo (BROCCHI; SOLHA, 2008), identifica os modelos de organização e atuação utilizados pelo organismo estadual de turismo de São Paulo na promoção do desenvolvimento turístico, realizando uma revisão de documentos oficiais relativos ao tema, que foram analisados entre o período de 1965 até 2007.

Por último, o vigésimo segundo artigo (FRANÇA, 2016), que tem como objetivo o estudo da área portuária da cidade de Santa Fé que foi transformada em um complexo de lazer e turismo seguindo uma tendência internacional de reconfiguração de espaços *waterfronts* (frente de águas).

UNIVALI – VISÃO E AÇÃO

Neste periódico, foram encontrados 12 artigos que atenderam às especificidades descritas.

O primeiro artigo (SOGAYAR; REJOWSKY, 2011), é uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo compreender cenários evolutivos do ensino

superior de Turismo, onde se fazem presentes forças de pressão em defesa de novos paradigmas educacionais.

O artigo segundo (MEDAGLIA; SILEIRA; GANDARA, 2012), visa levantar e discutir o contexto em que o surgimento e a multiplicação de cursos superiores de turismo aconteceram no Brasil e, com especial enfoque nas políticas, as influências sobre o mercado de trabalho e a consolidação de uma área acadêmica.

No terceiro artigo (TEIXEIRA; FLETCHER; WESTLAKE, 2001), tem como principal objetivo, fazer uma análise comparativa entre os cursos de graduação em turismo/hotelaria no Brasil e Reino Unido, destacando as suas principais características, diferenças e similaridades.

O quarto artigo (MIRANDA; ZOUAIN, 2008), tem como objetivo analisar a relação entre as áreas do conhecimento, turismo e administração, sob a ótica de contribuições em diferentes instâncias, estabelecendo analogias e reflexões, tendo como campo empírico, o caso do município de São Luís, no estado do Maranhão.

Em seguida, o quinto artigo (GRIMM et al., 2013), que visa descrever as políticas públicas de turismo no Brasil, enfocando o Estado de Santa Catarina e, especificamente, analisando as políticas desenvolvidas no município de Pomerode (SC).

O sexto artigo (AMORIM; UMBELINO; COSTA, 2013), tem como objetivo relacionar a educação do profissional de gestão e planejamento turístico com a prática laboral. Trata-se de um ensaio teórico sobre o tema e que precede uma pesquisa empírica que está sendo desenvolvida no âmbito do doutoramento de um dos autores.

O sétimo artigo (SILVA, 2006), tem como objeto de estudo desse artigo, o Curso de Turismo e Hotelaria da UNIVALI / SC, o qual está inserido no processo da interdisciplinaridade em toda a sua matriz curricular, mas especialmente no seu projeto mais significativo que vem a ser o PIMH – Projeto Interdisciplinar do Módulo Hoteleiro.

O oitavo artigo (FERREIRA; SILVEIRA; CARVALHO, 2011), tem como objetivo analisar as disciplinas do ensino do empreendedorismo em cursos de graduação em turismo, no estado de Santa Catarina, quanto às ementas, conhecer o entendimento dos coordenadores e professores sobre a inclusão do enfoque do empreendedorismo na formação de turismólogos, e as tendências dos cursos de turismo

O nono artigo (MEDAGLIA; SILVEIRA, 2010) aborda uma visão de como o turismo foi utilizado num contexto integracionista, e como ideias e formas de desenvolvimento turístico, tão inerentes ao contexto da sociedade industrial europeia, estão tardiamente e com consequências perigosas sendo retomadas em pleno século XXI nas metas do turismo brasileiro atual.

Posteriormente, vem o décimo artigo (CORDEIRO; KÖRÖSSY; PARTIDÁRIO, 2010), que tem como objetivo discutir o Método da Pegada Ecológica do Turismo como uma ferramenta útil para avaliar a sustentabilidade de um destino turístico na Região Autônoma dos Açores.

No décimo primeiro artigo (FERRI; TOMASULO; SOUZA, 2002), objetivou analisar as contribuições da metodologia de projetos interdisciplinares para formação do profissional do Turismo e caracterizar as percepções dos alunos e docentes do curso de graduação em Turismo e Hotelaria do Centro de Educação Superior Balneário Camboriú da Universidade do Vale do Itajaí – Univali sobre os projetos interdisciplinares desenvolvidos no curso.

Por último, o décimo segundo artigo (COSTA; LOPES JÚNIOR; SARAIVA-LOBO, 2010), analisa o interesse e a atitude de estudantes de graduação em turismo pela área de métodos quantitativos.

UFRJ – CADERNO VIRTUAL DO TURISMO

No presente item, foram encontrados 07 artigos que atenderam aos parâmetros designados.

O primeiro artigo (SANTOS; MARCHESINI; CRUZ, 2015), apresenta-se um relato de experiência de turismo empreendida pela agência de viagens e turismo Caiçara Expedições em parceria com o projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, realizado em Cubatão – São Paulo. O projeto é parte do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”.

O segundo artigo, (SILVEIRA, 2007), levantar a situação atual da disciplina e buscar relações entre os conteúdos e métodos aplicados nas diferentes Instituições de Ensino Superior e a visão dos respondentes acerca da atuação dos egressos no mercado de trabalho.

O terceiro artigo, (CATRAMBY; COSTA, 2005), apresenta a atual situação da Educação em Turismo, em nível superior, no Estado do Rio de Janeiro. Analisa a

capacitação docente enquanto um dos fatores que influenciam na qualidade da formação profissional.

O quarto artigo, (SANTOS; GUZMÁN, 2014), realizada entre os anos de 2010 e 2011, busca analisar se essa perspectiva teórica pode representar uma nova alternativa socioeconômica e ambiental para o destino de Itacaré-BA.

O quinto artigo, (PIRES; ALCANTARINO, 2008), aborda de forma conceitual e empírica aspectos acerca das questões relativas ao planejamento do desenvolvimento de base local por via de uma estrutura participativa de turismo, com base no exame do caso Programa Turismo Solidário do Governo do Estado de Minas Gerais.

O sexto artigo, (NEIMAN; MARTINS, 2009), visa detectar se nos currículos dos cursos de graduação em Turismo, nas instituições públicas de ensino superior, há espaços para a discussão de práticas de desenvolvimento sustentável na formação do profissional de turismo da atualidade.

E o sétimo, (PERINOTTO, 2008), artigo que enfoca o turismo pedagógico em espaço rural como ferramenta de educação ambiental para diversos públicos.

UFPR – TURISMO E SOCIEDADE

Neste periódico, foram encontrados 10 artigos que atenderam aos parâmetros de seleção especificados anteriormente.

No primeiro artigo, (VIANNA, 2014), analisa-se as questões referentes ao turismo rural pedagógico e como ele pode ser um mecanismo eficaz na complementação do ensino da educação ambiental, isto fazendo uma inter-relação entre a teoria vista em sala de aula com a prática vivenciada em um local.

O segundo artigo, (MARQUES; MANCINI, 2014), analisa de forma qualitativa o turismo sexual no carnaval brasileiro de 2013, especificamente em três cidades, sendo elas o Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

O terceiro artigo, (PEREIRA; SILVA; PERINOTTO, 2011), analisa a atratividade turística do festejo de São Francisco, abordando a temática do turismo religioso e como pode desenvolver-se na cidade de Parnaíba (Piauí, Brasil).

O quarto artigo, (GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012), visa verificar a visão dos professores de um Colégio Estadual localizado em Parnaíba (Piauí, Brasil), acerca da educação patrimonial por meio do turismo pedagógico.

O quinto artigo, (LOPES; MOLA, 2015), procura entender como as demandas dos hóspedes organizacionais eram atendidas pelos meios de hospedagem e pelos intermediários desse processo, comparando e discutindo a evolução do setor de turismo e hospitalidade no Brasil, contando para isso tanto com publicações nacionais quanto material internacional.

O sexto artigo, (SILVA; HOLANDA; SILVA; LEAL, 2013), fala sobre o grande potencial educativo do turismo, tendo em vista seu caráter sociocultural, econômico, ambiental e político, investigou-se como o turismo tem sido trabalhado no Ensino Fundamental II das escolas públicas municipais de Recife e Olinda, principais destinos turísticos do Estado de Pernambuco, Brasil.

O sétimo artigo, (FEGER; ALVES, 2016) fala sobre a administração estratégica, com o recorte na fase de implementação e controle no transcurso da gestão estratégica discutindo-se a utilização do instrumento *balanced scorecard* (BSC), para o gerenciamento estratégico de uma agência de viagens localizada em Curitiba (Paraná, Brasil). Visando descrever o processo e o resultado alcançado pela referida agência ao implementar o seu planejamento estratégico por meio do BSC.

O oitavo artigo, (BARBOSA; LOPES; TEIXEIRA, 2015), busca inventariar os temas e autores na área de turismo e meio ambiente, suas pesquisas e lacunas existentes neste campo de pesquisa (do ano 1987 para o ano 2006).

O nono artigo, (MADAGLIA; SILVEIRA, 2010), foi uma pesquisa realizada com os egressos de cursos de bacharelado em Turismo de Curitiba, cujo objetivo foi comparar as expectativas que possuíam os turismólogos na época em que estudavam e suas atividades vigentes.

Finalizando o item, o décimo, (MARUJO, 2013), artigo que busca analisar a importância da Sociologia do Turismo na estrutura dos planos curriculares dos cursos superiores de turismo e/ou suas áreas afins (hotelaria, ecoturismo, animação, dentre outras) nas instituições de ensino superior em Portugal.

UFRN – TURISMO CONTEMPORÂNEO

No presente item, foram encontrados 06 artigos que atenderam aos parâmetros designados.

O primeiro, (CORREIA, 2014), caracteriza o ensino à distância, analisando o *e-Learning*, e suas características, funcionalidades e formas de utilização, e como atualmente se enquadra esse meio.

O segundo artigo, (PIMENTEL; PAULA, 2014), apresenta um levantamento realizado junto alunos do curso de turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, para descrever as percepções e expectativas dos graduandos quanto à formação profissional e qualificação em turismo.

O terceiro artigo, (ALGEMIRO; REJOWSKI, 2015), visa compreender, por meio das características dos cursos técnicos e superiores em Turismo do estado Rio de Janeiro, a oferta de formação profissional e superior nesse destino turístico.

O quarto artigo, (CUNHA; ROCHA; PERINOTTO, 2015), analisa a possibilidade de desenvolvimento do turismo rural na comunidade Lagoa da Prata, em Parnaíba, Piauí, a partir de uma abordagem sustentável.

O quinto artigo, (MINASI, 2015), visando contribuir para as discussões na área do planejamento e gestão pública do turismo, no contexto do desenvolvimento regional, o referido artigo tem como objetivo analisar a compreensão do território por agentes públicos no contexto do planejamento e da gestão do turismo na região Extremo Sul do RS.

O sexto e último artigo, (SCHIRMER; DAL'ONGARO, 2015), discutir a importância do planejamento das propriedades e paisagens rurais do município de Agudo-RS, visando a potencialidade do desenvolvimento turístico no município diante da estruturação do seu atual modelo produtivo.

EVENTOS CIENTÍFICOS: SEMINTUR E ANPTUR

Assim, compondo estruturalmente o presente projeto na sequência deste item situando o leitor, serão desenvolvidos os seguintes itens: A formação profissional de nível superior em Turismo, o complexo universo conceitual do Turismo, pressupostos epistemológico-pedagógicos, interdisciplinaridade.

ANAIS DO SEMINTUR DAS EDIÇÕES DE 2003 ATÉ 2015

Foram analisadas as publicações de todas as 8 edições do Seminário de Turismo do MERCOSUL (Semintur), de 2003 até 2015. Somaram-se 913 artigos

publicados. Usando os critérios de escolha já antes mencionados, foram encontrados apenas dois artigos com o termo “ensino superior” e um com “interdisciplinaridade”. São eles, respectivamente:

O primeiro, (DIAS, 2003), tem como objetivo abordar o ensino superior em turismo sob a ótica do seu planejamento, refletindo sobre a implantação de um modelo de gestão interdisciplinar, levando-se em consideração o turismo como campo de estudo de várias ciências.

O segundo artigo, (CACETE; MACHADO, 2010), que apresenta um percurso formativo constituído por duas dimensões da Educação: uma não formal, em um bairro periférico de Guarulhos (SP); outra formal, no curso de Turismo de um empreendimento de ensino superior.

O artigo que atendeu ao critério do termo “interdisciplinaridade” (GAMA; MASCARENHAS; MORAES, 2010), que visa desenvolver uma reflexão sobre a prática interdisciplinar no processo de formação dos profissionais de turismo, realizando uma pesquisa junto ao curso de graduação tecnológica em gestão de turismo do CEFET/RJ, na UnED de Nova Friburgo, para avaliar qual a percepção dos alunos sobre a disciplina de Trabalho de Análise Interdisciplinar (TAI).

ANAIS DA ANPTUR DAS EDIÇÕES DE 2005 ATÉ 2016

No ANPTUR, foram analisadas as publicações de 11 edições do evento, somando um montante de 1535 artigos publicados. Atendendo aos critérios de busca, apenas 9 artigos com o termo “ensino superior” e um “interdisciplinaridade”. Por ordem cronológica:

O único artigo sobre interdisciplinaridade (MARGONI, 2007), tem como objetivo o trabalho com a interdisciplinaridade sob a ótica do docente que atua no curso de turismo em diversas instituições de ensino superior.

O primeiro artigo sobre Ensino Superior (SILVEIRA; GANDARA; MEDAGLIA, 2007), busca analisar a disciplina de Planejamento Turístico baseado nas interfaces com as áreas que a influenciaram originalmente, e as práticas docentes nos cursos superiores de turismo na cidade de Curitiba.

O segundo artigo (TRENTIN; SOARES, 2008), que tem como objetivo identificar os processos críticos para orientar a implantação da gestão pela qualidade em instituições de ensino superior, analisando os processos de busca por melhoria

nos processos gerenciais e do ensino e a aprendizagem do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O terceiro artigo, (BASSINELLO; CRUZ, 2008) que tem como objetivo analisar quais os sentidos atribuídos pelos docentes nas relações/articulações entre produção do conhecimento e formação do turismólogo.

O seguinte artigo (VALDUGA, 2009), refere-se à proposta pedagógica do curso de Turismo de uma Instituição de Ensino Superior Privada, do sul do país, que objetiva promover a construção do conhecimento junto à realidade do entorno da Universidade, promovendo o desenvolvimento do Turismo, em parceria com poder público Municipal, comunidade e empresariado, baseado nas premissas da sustentabilidade.

O artigo seguinte (SOUSA; GONÇALVES, 2009), objetiva analisar os planos de ensino da disciplina lazer (considerando as variações de nomenclatura) nos cursos de bacharelado em turismo da cidade do Natal/RN, tendo em vista identificar como são concebidas e ministradas a relação entre o turismo e o lazer pelos docentes e coordenadores desses cursos.

Em seguida (TAMIÃO; SANCHEZ, 2010), artigo que tem como objeto de estudo os bacharelados em turismo ativos no primeiro semestre de 2010 na cidade de São Paulo e tem-se por objetivo geral levantar e analisar as propostas de formação superior desses bacharelados, com ênfase na matriz curricular.

O próximo artigo (SHIROSHIMA; MASSUKADO-NAKATANI; BRITO, 2013), analisa as percepções sobre o ensino superior em turismo, sob o ponto de vista dos alunos e os empresários no setor de turismo na cidade de Curitiba-PR, e suas adaptações às necessidades do mercado.

O último artigo (VELASQUEZ, 2013), tem como objetivo refletir sobre o papel das universidades, o processo de formação de suas matrizes curriculares, analisando as Diretrizes Curriculares e dois Projetos Pedagógicos de duas Instituições Paranaenses: uma pública e outra privada.

REFERÊNCIAS

AFIFI, Galal M. H.; WAHAB, Soha Abdel. Benchmarking the Egyptian Tourism Higher Education Scheme. **Anatolia**, [s.l.], v. 21, n. 2, p.363-378, dez. 2010.

AFIFI, Galal M. H. E-learning as an alternative strategy for tourism higher education in Egypt. **Latest Trends On Cultural Heritage And Tourism**, Sultan, v. 7, n. 5, p.35-44, jun. 2011.

AGA, Mehmet. Role of universities in turkish cypriot economy: higher education as a means of promoting tourism. **Н Овини Зарубіжної Наук**, S.I, v. 117, n. 3, p.271-280, 2011.

ALBRECHT, Julia N.. Authentic Learning and Communities of Practice in Tourism Higher Education. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 12, n. 3, p.260-276, jul. 2012.

ALBUQUERQUE, Jaci Câmara de. **Educação profissional e tecnológica de turismo no Brasil**: análise através da percepção de docentes da rede federal de educação. 2015. 93f. Dissertação de Mestrado em Turismo/Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: Natal, RN, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20625/1/JaciCamaraDeAlbuquerque_DISSERT.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2017.

ALGEMIRO, Marcia; REJOWSKI, Mirian. Formação técnica e superior em turismo e hospitalidade no Rio de Janeiro. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 3, n. 2, p.318-338, jul. 2015. Disponível em:
<<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/7710/6157>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

AMORIM, Ericka; UMBELINO, Jorge; COSTA, Carlos. Reflexões sobre a Relação entre a Educação Superior em Turismo com a Função de Gestão e Planejamento dos Destinos Turísticos. **Turismo: Visão e Ação, Universidade do Vale do Itajaí-SC**, v. 15, n. 3, p.312-321, 2 dez. 2013. Disponível em:
<<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/5109/2674>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; REJOWSKI, Mirian. Panorama do ensino em Turismo no Brasil: graduação e pós-graduação. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.36-61, 6 maio 1996. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63256>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

ARAMBERRI, Julio; LIANG, Chunmei. The Scissors Crisis in Tourism Studies. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.25-43, mar. 2007.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; BARBOSA, Paulo Roberto Simonetti. Turismo & qualidade: referenciais teóricos para uma prática. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.34-43, 5 nov. 1997. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/62895>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

BASSINELLO, Patricia Zaczuk; CRUZ, Maria Nazaré da. O docente do ensino superior em turismo: trilhando o pensar sobre a área. In: ANPTUR, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. Belo Horizonte: UFF, 2008. p. 1 - 15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/84.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

BAUM, Tom. Global Tourism Higher Education—The British Isles Experience. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 5, n. 1-2, p.27-38, 13 jun. 2005.

BENI, Mário Carlos. Experiência internacional do ensino de turismo e hotelaria: modelos para avaliação. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.3, n.2, p.7-21, 1992. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/64153>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

BENTO, J. P. C. The determinants of international academic tourism demand in Europe. **Tourism Economics**, S.l, v. 20, n. 3, p. 611–628, 2014.

BONIN, Sara Massotti. **Turismo e educação ambiental**: uma análise a partir de instrumentos legais e projetos pedagógicos de cursos de graduação. Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1389/Dissertacao%20Sara%20Massotti%20Bonin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

BOYLE, A., WILSON, E., DIMMOCK, K. Transformative Education and Sustainable Tourism: The Influence of a Lecturer's Worldview. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**. v.15, n.3, p. 252-263, 2015.

BOYLE, Andrea; WILSON, Erica; DIMMOCK, Kay. Transformative Education and Sustainable Tourism: The Influence of a Lecturer's Worldview. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.252-263, 3 jul. 2015.

BRIDI, Guilherme. **Formação e atuação do turismólogo no cenário das agências de turismo**: contrapondo competências. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/729/Dissertacao%20Guilherme%20Bridi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

BROCCHI, Raquel Gallo; SOLHA, Karina Toledo. Institucionalização do turismo no poder público estadual: a experiência de São Paulo. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.19, n.2, p.241-254, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14152>>. Acesso em: 04 mai 2017.

BUSTELO, Francisco Espasandín; FERNANDEZ, Carmen Díaz; TOMÁS, Francisco Javier Quirós. Higher education of tourism in Spain and its adaptation to the European higher education area. **Rap**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 44, p.1191-1223, set. 2010.

CACETE, Núria Hanglei; MACHADO, Rodrigo. Ensino superior privado e a formação em turismo: possibilidade e as limitações de experimentar a pesquisa como princípio pedagógico e a extensão como diálogo. In: VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p.1-16. Disponível em:

<[https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/01/Ensino superior privado e a formacao em turismo.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/01/Ensino%20superior%20privado%20e%20a%20formacao%20em%20turismo.pdf)>. Acesso em: 04 mai. 2017.

CASTELLI, Silvana Gutierrez Catelli. **Educação para o Turismo**: o Programa Educando para o Turismo na cidade de Canela – RS. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2005.

CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros; COSTA, Stella Regina Reis da. Estudo de caso sobre a capacitação docente na área de turismo no Estado do Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p.11-18, mar. 2005.

Disponível em:

<<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/84/79>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

CERVERA-TAULET, Amparo. Tourism education: a strategic analysis model. **The Journal Of Hospitality Leisure Sport And Tourism**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.59-70, 31 out. 2008.

CHANG, Te-yi. Enhancing E-learning Management Systems to Promoting the Management Efficiency of Tourism and Hospitality Education. **Anthropologist**, S.l, v. 16, n. 3, p.473-485, mai. 2013.

CHO, Mi-hea; KANG, Soo K. Past, Present, and Future of Tourism Education. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 5, n. 3, p.225-250, 13 jun. 2005.

CHUANTONG, Z. JUAN, L. The Study of the Development of Tourism E-Business in China and the Countermeasures. v. 3, n. 1, s/p, 2010.

CISNE, Rebecca. Processos entre ensino, aprendizagem e avaliação: uma experiência em curso no turismo. **Revista Rosa dos Ventos**: Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, RS, v.8, n.4, p.555-574, 2016. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4270>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

COELHO, Eliane Martins. **Avaliação institucional e formação superior em Turismo**: significados para a requalificação do Bacharelado em Turismo da UNIFRA, Santa Maria (RS). Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/171/Dissertacao%20Eliane%20Martins%20Coelho.pdf;jsessionid=6F0F0498497CBD53CD40A05FFFE4A8C8?sequence=1>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

COLES, Tim. Tourism Studies and the Governance of Higher Education in the United Kingdom. **Tourism Geographies**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.23-42, 29 jan. 2009.

COLES, Tim; HALL, C. Michael; DUVAL, David Timothy. Tourism and Post-Disciplinary Enquiry. **Current Issues In Tourism**, [s.l.], v. 9, n. 4, p.293-319, 15 jul. 2006.

CONDESSO, F. Desenvolvimento rural, património e turismo. **Cuadernos de Desarrollo Rural**, Bogotá, Colombia, v. 66, n. 8, p.197-222, 2011.

CORDEIRO, I. D.; KÖRÖSSY, N.; PARTIDÁRIO, M. R. Metodologia da pegada ecológica para avaliar o turismo sustentável: uma aplicação ao caso da Região Autónoma dos Açores (Portugal). **Turismo: Visão e Ação**, v. 12, n. 3, art. 1, p. 236-257, 2010. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/652/1781>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

CORREIA, Marisol de Brito. E-Learning associado ao Turismo: caso de estudo numa unidade curricular de uma licenciatura do ensino superior. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 2, n. 1, p. 136-160, 2014. Disponível em: <http://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/6895/3/2014_RTC.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2017.

COSTA, Carlos et al. Future Higher Education in Tourism Studies and the Labor Market: Gender Perspectives on Expectations and Experiences. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.70-90, jan. 2012.

COSTA, Carlos et al. The Influence of Gender and Education-Related Variables on Career Development: The Case of Portuguese and Brazilian Tourism Graduates. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.148-169, abr. 2013.

COSTA, Francisco José; LOPES JÚNIOR, Elias Pereira; SARAIVA-LOBO, Rodolfo Jakov. Métodos quantitativos em cursos de bacharelado em turismo: uma análise da atitude e do interesse dos estudantes. **Turismo: Visão e Ação**, Universidade do Vale do Itajaí, SC, v. 12, n. 2, p.216-229, maio 2010. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1162/1589>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

CUNHA, José Maria Alves da; ROCHA, Ricardo Rayan Nascimento; PERINOTTO, André Riani Costa. O desenvolvimento do turismo rural com perspectivas sustentáveis para a comunidade Lagoa da Prata – Parnaíba/Piauí. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 3, n. 1, p.54-74, jan. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6047/5519>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

DARBELLAY, Frédéric; STOCK, Mathis. Tourism as complex interdisciplinary research object. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.441-458, jan. 2012.

DEGRAZIA, Carolina Figueiró. **Cursos superiores de turismo na economia do conhecimento** - posicionamento estratégico de um curso de turismo do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/167/Dissertacao%20Carolina%20F%20Degrazia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

DENICOL, Maria Salete Goulart Martins. **A educação ambiental como objeto de estudos nos programas stricto sensu em turismo no brasil (período 1997-2011)**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/745/Dissertacao%20Maria%20Salete%20Denicol.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2017.

DIAS, Franciane M. R. Gestão do ensino superior em Turismo uma proposta interdisciplinar. In: I SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 1., 2003, Caxias do Sul, RS. **Anais do I SeminTur**. Caxias do Sul. RS: Universidade de Caxias do Sul, 2003. p.1-10. Disponível em:

<<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/39-gestao-do-ensino.pdf>>. Acesso em: 04 mai 2017.

DIAS, Franciane Maria Ramos. **Interdisciplinaridade no Ensino Superior em Turismo**: Percepção de Docentes e Discentes do Curso de Bacharelado em Turismo da UNIFRA – Santa Maria (RS). Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2005.

DREDGE, Dianne; SCHOTT, Christian. Academic Agency and Leadership in Tourism Higher Education. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.105-129, abr. 2013.

DRVENKAR, N., BANOŽIĆ, M., ŠIVIĆ, D. Development of memorial tourism as a new concept – possibilities and restrictions. **Tourism and Hospitality Management**, Barcelona, v. 21, n.1, p. 63-77, 2015.

EDELHEIM, J. R. With the Simpsons as tour guides: How popular culture sources can enhance the student experience in a university tourism unit. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 16, p. 113-119, 2009.

Eraqi, M. I. Tourism strategic marketing planning: challenges and opportunities for tourism business sector in egypt. **Tourism Analysis**, v. 10, n. 1, p. 197-201, 2005.

ESPÍNDOLA, Pablo Guilherme. **A metodologia de projeto no ensino superior de turismo**: uma alternativa para o desenvolvimento de comportamentos e habilidades empreendedoras. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2008. Disponível em:

<<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/337/Dissertacao%20Pablo%20G%20Espindola.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

EURICO, Sofia Teixeira; SILVA, João Albino Matos da; VALLE, Patrícia Oom do. A model of graduates' satisfaction and loyalty in tourism higher education: The role of employability. **Journal Of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, [s.l.], v. 16, p.30-42, jun. 2015.

FENNELL, David; WEAVER, David. The Ecotourism Concept and Tourism-Conservation Symbiosis. **Journal Of Sustainable Tourism**, [s.l.], v. 13, n. 4, p. 373-390, 15 jul. 2005.

FERREIRA, Ana Maria; SILVEIRA, Amelia; CARVALHO, Luciano Castro de. Ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em turismo no estado de santa catarina, brasil. **Turismo: Visão e Ação**, Camboriú, SC, v. 13, n. 1, p.35-51, jan. 2011. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/2315/1862>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

FERRI, Cássia; TOMASULO, Simone Batista; SOUZA, Luciana. Turismo e interdisciplinaridade: reflexões sobre a formação profissional. **Turismo: Visão e Ação**, Camboriú, SC, v. 4, n. 9, p. 101-107, fev. 2002. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1260/971>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

FORTUNATO, Rafael Ângelo; NEFFA, Elza. Abordagem Complexa e Desenvolvimento Local por meio do Turismo Solidário: o caso da rede "Brasilidade Solidária". **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.51-74, 15 maio 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/80672/84324>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

FRANÇA, Jéssika Paiva. Lazer, Turismo e Espaço Urbano: a reconversão portuária na cidade de Santa Fé, Argentina. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.27, n.2, p.299-322, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/99229>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

FUCHS, Matthias; FREDMAN, Peter; IOANNIDES, Dimitri. Tourism PhD Studies: A Swedish Experience-Based Perspective. **Tourism Social Science Series**, [s.l.], p.61-79, 23 set. 2015.

FULLAGAR, S.; WILSON, E. Critical Pedagogies: A Reflexive Approach to Knowledge Creation in Tourism and Hospitality Studies. **Journal Of Hospitality And Tourism Management**, v. 19, n. 1, p.1-6, 2012.

GAMA, Gheysa Lemes Gonçalves; MASCARENHAS, Marcelo Augusto; MORAES, Bianca de França Tempone Felga de. Interdisciplinaridade e Turismo: um estudo sobre a experiência da disciplina de trabalho de análise interdisciplinar. In: VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p.1-15. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/01/Interdisciplinaridade_e_turismo_um_estudo_sobre_a_experiencia_da.pdf>. Acesso em: 04 mai 2017.

GHIRALDELLO, Luciane; MERCURI, Elizabeth Nogueira Gomes da Silva. Integração Acadêmica de Estudantes do Ensino Superior: um estudo sobre ingressantes de um curso de turismo. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 403-425, 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i2p403-425>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

GILL, Alison. Travelling down the road to postdisciplinarity? Reflections of a tourism geographer. **Canadian Geographer / Le Géographe Canadien**, [s.l.], v. 56, n. 1, p.3-17, 27 fev. 2012.

GIOVINE, Michael A. di. The Sage Handbook of Tourism Studies and the construction of a unified field of tourism research. **Tourism**, S.l, v. 61, n. 3, p. 317-323, jun. 2013.

GOMES, Bruno Martins Augusto; SILVA, Valdir José da; SANTOS, Antônio Carlos dos. Políticas públicas de turismo: uma análise dos circuitos turísticos de Minas Gerais sob a concepção de cluster. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 201-220, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14150>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

GOMES, Christianne; RAMOS, Alicia Maricel Oliveira; SEREJO, Hilton Fabiano Boaventura. Conhecimentos sobre o lazer nos cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 21, n. 2, p.357-380, 1 ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14221>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

GOMES, Cristina Marques. Paradigma do Acesso Aberto (Open Access): alguns apontamentos para os estudiosos do turismo no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.21, n.2, p.247-270, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14216>>. Acesso em: 04 mai 2017.

GOMES, Daiana Silva; MOTA, Karol Monteiro; PERINOTTO, André Riani Costa. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo e Sociedade**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.82-103, 16 abr. 2012. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v5i1.25326>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/25326/17713>>. Acesso em: 04 maio 2017.

GÓMEZ-MARTÍN, M. B.; ARMESTO-LÓPEZ, X. A. Assessing knowledge of social representations of climate change and tourism. **Sustainable Tourism Vi**, [s.l.], p. 307-321, 8 jul. 2014.

GONÇALVES, Anna Laurytha Carlos et al. Turismo rural na agricultura familiar: uma proposta para região do Totoró, Currais Novos, RN, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, RS, v.8, n.4, p.464-479, 2016. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3735>>. Acesso em: 04 mai 2017.

GONÇALVES, Anna Laurytha Carlos et al. **Turismo Rural na Agricultura Familiar: Uma Proposta para a Região do Totoró, Currais Novos, RN, Brasil.** Artigo Revista Rosa dos Ventos – Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3735/pdf>>.

Acesso em: 04 mai. 2017.

GRIMM, Isabel Jurema et al. Políticas públicas do turismo e sustentabilidade: a interrelação na esfera nacional, estadual e local. **Turismo: Visão e Ação**, Camboriú, SC, v. 15, n. 1, p.95-111, jan. 2013. Disponível em:

<<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/3546/2492>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

GUERREIRO, Maria Manuela et al. Análise da satisfação dos residentes com o turismo: o caso de uma área-destino no Algarve, Portugal. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 19, n. 3, p.488-504, 1 dez. 2008. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14166>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

HAMMERSLEY, Laura Ann. Volunteer tourism: building effective relationships of understanding. **Journal Of Sustainable Tourism**, [s.l.], v. 22, n. 6, p.855-873, 26 set. 2013.

HAWKINS, Donald E. Transferring Tourism Knowledge. **Journal of Quality Assurance In Hospitality & Tourism**, [s.l.], v. 7, n. 1-2, p.13-27, 29 ago. 2006.

HOLMES, Kirsten; PAPAGEORGIOU, Georgios. Good, bad and insufficient: Students' expectations, perceptions and uses of feedback. **The Journal Of Hospitality Leisure Sport And Tourism**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.85-96, 1 maio 2009.

JIAN-CHANG, Zhao. Community Cognition Investigation and Research on Tourists Disaster of Mountain Tourism-taking Taibai Mountain as a Case Study. **Advance Journal of Food Science And Technology**, [S.l.], v. 6, n. 6, p. 812-818, jun. 2014.

KELNER, Shaul; SANDERS, George. BEYOND THE FIELD TRIP: TEACHING TOURISM THROUGH TOURS. **Teaching Sociology**, [S.l.], v. 37, n. , p.136-150, abr. 2009.

KIM, Aise Kyoungjin; DAVIES, Jenny. A teacher's perspective on student centred learning: Towards the development of best practice in an undergraduate tourism course. **Journal Of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, [s.l.], v. 14, p. 6-14, abr. 2014.

KIM, Jong-hyeong. A cross-cultural comparison of memorable tourism experiences of American and Taiwanese college students. **Anatolia**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.337-351, nov. 2013.

KING, Brian. Tourism higher education in island microstates: The case of the South Pacific. **Tourism Management**, [S.l.], v. 15, n. 4, p.267-272, out. 1994.

LA LOPA, Joseph M.; BECK, Jeffrey; GHISELLI, Richard. The Role of Biodata and Career Anchors on Turnover Intentions Among Hospitality and Tourism Educators. **Journal Of Culinary Science & Technology**, [s.l.], v. 7, n. 2-3, p.196-206, 30 nov. 2009.

LAI, Kun; WANG, Suosheng. International Cooperative Learning and Its Applicability to Teaching Tourism Geography: A Comparative Study of Chinese and American Undergraduates. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.75-99, jan. 2013.

LASHLEY, Conrad; BARRON, Paul. The learning style preferences of hospitality and tourism students: Observations from an international and cross-cultural study. **International Journal Of Hospitality Management**, [s.l.], v. 25, n. 4, p.552-569, dez. 2006.

LEAL, Sérgio Rodrigues; TRIBE, John; HOLANDA, Luciana Araújo de. Percepções de docentes sobre a voz dos estudantes em relação à qualidade no Ensino Superior em Turismo no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 24, n. 2, p.459-478, 12 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/64190>>. Acesso em: 04 maio 2017.

LESLIE, David; RUSSELL, Hilary. The importance of foreign language skills in the tourism sector: A comparative study of student perceptions in the UK and continental Europe. **Tourism Management**, [s.l.], v. 27, n. 6, p.1397-1407, dez. 2006.

LIBURD, Janne J.; CHRISTENSEN, Inger-marie F.. Using web 2.0 in higher tourism education. **Journal Of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.99-108, abr. 2013.

LIBURD, Janne J.; CHRISTENSEN, Inger-marie F.. Using web 2.0 in higher tourism education. **Journal Of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.99-108, abr. 2013.

LIMA, Francielle de. **Incursões reflexivas sobre o conceito de turismo e a qualificação “pedagógico” no binômio “turismo pedagógico”**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/840/Dissertacao%20Francielle%20de%20Lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2017.

LIMA, Ismar Borges de. As dinâmicas e relevância dos arranjos colaborativos na gestão do turismo ecológico: experiências de Itacaré, Bahia. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.21, n.1, p.130-148, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14209>>. Acesso em: 04 mai 2017.

LIU, Yuan-an Anna et al. An Initial Inquiry of Program Evaluation Framework for Tourism Higher Education in Taiwan. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.1-21, 4 mar. 2010.

LO, Ada. The Past, Present, and Future of Hospitality and Tourism Higher Education in Hong Kong. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 5, n. 1-2, p.137-166, 13 jun. 2005.

LOD, Messalina Karoline Oliveira. **Qualidade da educação do curso técnico de guia de turismo do IFRN**: percepções dos educadores, ex-alunos e empregadores. Dissertação de Mestrado em Turismo/ Centro de Ciências Sociais Aplicadas - Universidade de Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: Natal, RN, 2013.

LOPES, Anderson Soares; MOLA, Jeferson Luís. Hotéis e Operadoras de Viagens e Turismo: percepções distintas para um mesmo serviço. **Turismo e Sociedade**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.99-123, 30 abr. 2015. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v8i1.36912>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/36912/26069>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

LOPES, Thiago Henrique. **O uso de dispositivos móveis como recurso didático em aulas práticas de gastronomia**: uma contribuição. 2016. 117 f., il. Dissertação de Mestrado em Turismo e Hotelaria – Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI: Balneário Camboriú, SC, 2016. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Thiago%20Henrique%20Lopes.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

LUPU, Nicolae; TĂNASE, Mihail Ovidiu; NICA, Ana-maria. PERCEPTION ABOUT BUSINESS EDUCATION IN THE TOURISM DOMAIN AND THE HOSPITALITY INDUSTRY. **Business Education In The Tourism Domain And The Hospitality Industry**, [S.l.], v. , n. , p.800-810, jun. 2014.

MARGONI, Catherine Cavalcanti. Reflexões sobre a prática da interdisciplinaridade em cursos de Turismo. In: ANPTUR, 4., 2007, São Paulo. **Anais IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2007. p. 1 - 15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/22.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MARINHO, Marcela Ferreira. **O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção como objeto de estudo na graduação em turismo**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/596/Dissertacao%20Marcela%20Ferreira%20Marinho.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MARQUES, Nicole Kira; MANCINI, Lorena Angélica. Turismo sexual: Carnaval, os prazeres da carne. **Turismo e Sociedade**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.335-358, 30 abr. 2014. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v7i2.33491>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/33491/22947>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MARUJO, Noemi. A Sociologia do Turismo na Educação Superior em Portugal. **Turismo e Sociedade**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.490-507, 25 ago. 2013. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v6i3.31352>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/viewFile/31352/20896>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MEDAGLIA, Juliana; SILVEIRA, Carlos Eduardo. O papel histórico do turismo de massa na consolidação da união europeia e suas relações com a política nacional de turismo no Brasil. **Turismo: Visão e Ação**, Universidade do Vale do Itajaí-sc, v. 12, n. 2, p.159-171, maio 2010. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/643/1585>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MIHALIČ, Tanja; LIBURD, Janne J.; GUIA, Jaume. Values in Tourism: The Case of EMTM. **Tourism Social Science Series**, [s.l.], p.41-59, 23 set. 2015.

MINASI, Sara. Planejamento do turismo na perspectiva territorial na região extremo sul do RS/Brasil. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, RN, v. 3, n. 1, p.138-165, jan. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6737/5523>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MIRANDA, Anderson Lourenço; ZOUAIN, Deborah Moraes. A Aproximação entre o Estudo do Turismo e a Ciência da Administração a Luz do Modelo Tedqual: Caso São Luís. **Turismo: Visão e Ação, Universidade do Vale do Itajaí-SC**, v. 10, n. 1, p.113-132, jan. 2008. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/29/32>>. Acesso em: 04 maio 2017.

MOLINA-AZORÍN, José F.; FONT, Xavier. Mixed methods in sustainable tourism research: an analysis of prevalence, designs and application in JOST (2005–2014). **Journal Of Sustainable Tourism**, [s.l.], v. 24, n. 4, p.549-573, 4 set. 2015.

MORAIS, Elisabete Paulo; CUNHA, Carlos Rompante; GOMES, João O arquiteto. As Tecnologias de Informação e Comunicação nas licenciaturas de Turismo – a realidade em Portugal. **Cisti**, [S.l.], p.59-63, jun. 2013.

MORELLATO, Massimo. Digital Competence in Tourism Education: Cooperative-experiential Learning. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.184-209, 3 abr. 2014.

MOTA, Karol Monteiro. **Formação superior em Turismo da UNIFOR (CE): proposta, realidade e reflexos**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/266/Dissertacao%20Karol%20Monteiro%20Mota.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2017.

NASCIMENTO, Renê Corrêa. **Visão Estrutural da Evolução dos Cursos Superiores de Turismo**: a realidade atual. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação/Universidade de São Paulo – USP: São Paulo, SP, 2002. Disponível em: <<http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/disserta%C3%A7%C3%B5es-e-teses/65-disserta%C3%A7%C3%B5es/780-visao-estrutural-da-evolucao-dos-cursos-superiores-de-turismo--a-realidade-atual.html>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

NEIMAN, Zysman; MARTINS, Mayara Roberta. A Questão da Qualidade na Formação dos Profissionais para o Turismo Sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p.128-147, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/334/214>>. Acesso em: 04 maio 2017.

O'CONNOR, Noelle. An investigation into the tourism and hospitality scholarly activity currently being undertaken in Irish higher education institutions. **The Journal Of Hospitality Leisure Sport And Tourism**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.15-23, 31 out. 2008.

OKUMUS, Fevzi; YAGCI, Ozcan. Tourism Higher Education in Turkey. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 5, n. 1-2, p.89-116, 13 jun. 2005.

OLIVEIRA FILHO, Raimundo Coelho de; MONTEIRO, Maria do Socorro Lira. Ecoturismo no Parque Nacional Serra da Capivara: trata-se de uma prática sustentável?. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.20, n.2, p.230-250, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14183>>. Acesso em: 04 mai 2017.

OLIVEIRA, Ana Carolina Rodrigues Melo de. **Da pedagogia da hospitalidade no turismo ao turismo pedagógico pela hospitalidade**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/631/Dissertacao%20Ana%20Caroline%20R%20M%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2017.

OLIVEIRA, Wagner Araújo; SILVA, Clébia Bezerra da. Análise da Imagem dos Turistas quanto ao Desenvolvimento do Turismo em Perobas, Touros-RN. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 27, n. 2, p.414-428, 8 set. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/114882>>. Acesso em: 04 maio 2017.

OVIEDO-GARCÍA, M. Ángeles. Tourism research quality: Reviewing and assessing interdisciplinarity. **Tourism Management**, [s.l.], v. 52, p.586-592, fev. 2016.

PAGE, Stephen J.. Evaluating research performance in tourism: the UK experience. **Tourism Management**, [s.l.], v. 24, n. 6, p.607-622, dez. 2003.

PENFOLD, Paul. Learning Through the World of Second Life—A Hospitality and Tourism Experience. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 8, n. 2-3, p.139-160, 13 fev. 2009.

PEREIRA, Bruno Tiago da Silva; SILVA, Luis Fernando Oliveira; PERINOTTO, André Riani Costa. Festejo de São Francisco: análise sobre uma alternativa de desenvolvimento do Turismo Religioso em Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo e Sociedade**, [s.l.], v. 4, n. 2, p.363-380, 23 out. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/24768/16606>>. Acesso em: 04 maio 2017.

PERINOTTO, André R. C.. Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p.100-103, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/261/186>>. Acesso em: 04 maio 2017.

PIMENTEL, Thiago Duarte; PAULA, Sara Conceição de. A inserção profissional no mercado de trabalho face às habilidades adquiridas na formação superior em turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, RN, v. 1, n. 2, p.49-73, jan. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/5474/4454>>. Acesso em: 04 maio 2017.

PINTO, Débora Beron. **Os desafios metodológicos para uma abordagem científica do turismo**: o inventário turístico. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/283/Dissertacao%20Debora%20Beron.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2017.

PIRES, Ewerthon Veloso; ALCANTARINO, Marcos Delgado. A participação das comunidades autóctones no turismo e o capital social no processo de desenvolvimento local: um exame do Programa Turismo Solidário – MG. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p.1-15, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/221/170>>. Acesso em: 04 maio 2017.

PORTEGIES, Ariane; HAAN, Theo de; PLATENKAMP, Vincent. Knowledge Production in Tourism: The Evaluation of Contextual Learning Processes in Destination Studies. **Tourism Analysis**, [s.l.], v. 14, n. 4, p.523-536, 1 dez. 2009.

REICHEL, Arie. Tourism and Hospitality Higher Education in Israel. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 5, n. 1-2, p.61-88, 13 jun. 2005.

REJOWSKI, Mirian. Pesquisa em Turismo nas universidades brasileiras. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.5, n.1, p.49-66, 1994. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63139/0>>. Acesso em: 04 mai 2017.

REJOWSKI, Mirian. Produção científica em Turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 21, n. 2, p.224-246, 1 ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14215>>. Acesso em: 04 maio 2017.

REJOWSKI, Mirian; KOBASHI, Nair Yumiko. Subsídios para elaboração de um Tesouro Brasileiro de Turismo. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 22, n. 3, p.579-598, dez. 2011. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14264>>. Acesso em: 04 maio 2017.

RODRIGUES, O arquiteto Aníbal de Brito. **Utilização do recurso fílmico como estratégia metodológica de ensino-aprendizagem: um estudo de caso múltiplo com estudantes de turismo em IES**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: Natal, RN, 2015.

RODRÍGUEZ, Xosé A.; MARTÍNEZ-ROGET, Fidel; PAWLOWSKA, Ewa. Academic tourism demand in Galicia, Spain. **Tourism Management**, [s.l.], v. 33, n. 6, p.1583-1590, dez. 2012.

RODRÍGUEZ-ANTÓN, José Miguel et al. Are university tourism programmes preparing the professionals the tourist industry needs? A longitudinal study. **Journal Of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.25-35, abr. 2013.

SALES, Fabiana de Lima. **A educação patrimonial e o turismo: o caso da aula no Museu do Museu Municipal de Caxias do Sul – RS**. Dissertação de Mestrado em Turismo/Universidade de Caxias do Sul – UCS: Caxias do Sul, RS, 2006. Disponível em:
<<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/228/Dissertacao%20Fabiana%20Sales.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SANCHEZ-RUIZ, Maria-jose; MAVROVELI, Stella; POULLIS, Joseph. Trait emotional intelligence and its links to university performance: An examination. **Personality And Individual Differences**, [s.l.], v. 54, n. 5, p.658-662, abr. 2013.

SANT'ANNA, Fernanda da Silva. **Educação patrimonial e a formação do turista cidadão: um estudo de caso sobre o projeto re(vi)vendo êxodos**. 2015. 131 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília – UnB: Brasília, 2015. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18362/1/2015_FernandadaSilvaSant%E2%80%99Anna.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2017.

SANTOS, A. F. L; MARCHESINI, R.; CRUZ, R.A. Turismo e suas implicações socioambientais: a experiência do projeto Ateliê Arte nas Cotas, em Cubatão (SP), Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. v. 15 n.1., p. 69-80, abr. 2015. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/954/432>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; COSTA, Brenno Vitorino; MALERBA, Rafaela Camara. Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo: empregabilidade, perspectivas e percepções do egresso do IFSP. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.719-742, 28 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/90889>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SANTOS, Idevaldo José dos; GUZMAN, Sócrates Jacobo Mosquete. Turismo de experiência: Uma alternativa socioeconômica para Itacaré(BA)? **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, p.117-132, ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/796/394>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SANTOS, Juliana Viegas Pinto Vaz dos. **Contribuições da educação profissional na prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo**. 2013. 111 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14352/1/2013_JulianaViegasPintoVazSantos.pdf>. Acesso em: 04 maio 2017.

SCHIRMER, Gerson Jonas; DAL'ONGARO, Marisa. Proposta de propriedades e paisagens planejadas no desenvolvimento do turismo no município de Agudo/RS. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 3, n. 1, p.75-97, jan. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6774/5520>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SCHMELZKOPF, Karen. Interdisciplinarity, Participatory Learning and the Geography of Tourism. **Journal Of Geography In Higher Education**, [s.l.], v. 26, n. 2, p.181-195, jul. 2002.

SHIROSHIMA, Helder; MASSUKADO-NAKATANI, Marcia S.; BRITO, Maria del Pino Medina. La enseñanza superior en el área de turismo y su adecuación a las necesidades del mercado laboral: percepciones de los estudiantes y empresas del sector turístico de Curitiba/PR. In: ANPTUR, 10., 2013, São Paulo. **Anais X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2013. p. 1-15. Disponível em: <[https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[128\]x_anptur_2013.pdf](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[128]x_anptur_2013.pdf)>. Acesso em: 4 maio 2017.

SHU, B. YIN, H. The Literature Review of Tourism Industry Cluster Polarization and Expansion. **Applied Mechanics And Materials**, v. 412, n. 10, p.448-453, 2013.

SILVA, Maria Emília Martins da. Projetos Interdisciplinares Como uma Proposta Pedagógica: caso do Curso de Turismo e Hotelaria – UNIVALI / SC. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, SC, v. 8, n. 2, p. 331-340, maio 2006. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/477/416>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SILVEIRA, Carlos Eduardo. Planejamento (e organização) do turismo: reflexões sobre a disciplina nos cursos superiores de turismo de Curitiba. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, n. 3, p. 111-121, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115416285011>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. O Planejamento do Turismo como Disciplina: estudo de caso com os cursos superiores de turismo no Paraná, Brasil. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.128-142, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/52414>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; GANDARA, José Manoel Gonçalves; MEDAGLIA, Juliana Silveira. A disciplina de planejamento turístico no ensino superior de turismo: das influências às tendências. In: ANPTUR, 4., 2007, São Paulo. **Anais IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2007. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/38.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. Quatro décadas de ensino superior de turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, SC, v. 14, n. 1, p. 6-18, jan. 2012. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/2659/2163>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SOGAYAR, Roberta Leme; REJOWSK, Mirian. Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, SC, v. 13, n. 3, p. 282-298, set. 2011. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/2501/2068>>. Acesso em: 04 maio 2017.

SOUSA, André Lacerda Batista de; GONÇALVES, Salete. Os Planos de Ensino da Disciplina Lazer nos Cursos de Turismo: Um Estudo nas Instituições de Ensino Superior da Cidade do Natal. In: ANPTUR, 6., 2009, São Paulo. **Anais VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2009. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/158.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

STERGIOU, Dimitrios P.; AIREY, David. Using the Course Experience Questionnaire for evaluating undergraduate tourism management courses in Greece. **Journal Of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 41-49, abr. 2012.

STERGIOU, Dimitrios; AIREY, David; RILEY, Michael. Making sense of tourism teaching. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 631-649, jul. 2008.

TAMIÃO, Talita Segato; SANCHEZ, Thais Cabral. Ensino Superior em Turismo: o Bacharelado nas Universidades da Cidade de São Paulo no ano 2010. In: ANPTUR, 7., 2010, São Paulo. **Anais VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/66.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

TEIXEIRA, Rivanda Meira. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 12, n. 2, p.7-31, nov. 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63539>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

TEIXEIRA, Rivanda Meira; FLETCHER, John; WESTLAKE, John. A educação superior em turismo: um estudo comparativo Brasil e o Reino Unido. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, SC, v. 4, n. 8, p. 9-28, 2001. Disponível em: <<http://spell.org.br/documentos/ver/22287/a-educacao-superior-em-turismo--um-estudo-comparativo-brasil-e-o-reino-unido/i/pt-br>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

TEIXEIRA, Rivanda Meira; FLETCHER, John; WESTLAKE, John. Ensino superior em turismo: experiência do Reino Unido. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.14-37, nov. 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63515>>. Acesso em: 04 maio 2017.

TRENTIN, Fábila; SOARES, Carlos Alberto Lidizia. Gestão da qualidade no ensino superior: a experiência do Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense. In: ANPTUR, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. Belo Horizonte: UFF, 2008. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/88.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

VALDUGA, Vander. Território, patrimônio e turismo: o vinho em Bento Gonçalves/RS. In: ANPTUR, 6., 2009, São Paulo. **Anais V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2009. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/41.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

VASCONCELOS, Elias Mota. **A educação patrimonial no centro histórico de Santarém-PA**: possibilidades de conservação e revigoração do patrimônio edificado e formação do turismo cidadão. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília – UnB: Brasília, 2015.

VELASQUEZ, Guilherme Garcia. Ensino superior em turismo no Brasil: avanço ou retrocesso. In: ANPTUR, 10., 2013, São Paulo. **Anais X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: UAM, 2013. p. 1-15. Disponível em: <[https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[135\]x_anptur_2013.pdf](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[135]x_anptur_2013.pdf)>. Acesso em: 4 mai. 2017.

VIANNA, Thaisa Emanuelli. O turismo rural pedagógico focado na educação ambiental como ferramenta complementadora do ensino fundamental. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 755-774, out. 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/36366/25653>> Acesso em: 04 mai. 2017.

WANG, Min. Faculty Development in China: An Essential Strategy for Tourism Education Service. **Journal Of China Tourism Research**, [s.l.], v. 6, n. 4, p.428-438, dez. 2010.

WATTANACHAROENSIL, Walanchalee. Tourism Curriculum in a Global Perspective: Past, Present, and Future. **International Education Studies**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.9-20, dez. 2013.

WILSON, Erica; HEIDT, Tania von Der. Business as Usual? Barriers to Education for Sustainability in the Tourism Curriculum. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.130-147, abr. 2013.

XING, Yaoyun; XIA, Zhujiu; DAI, Jian. Conservation and tourism development of house settlements in Moso matriarchate in Lugu Lake area. **Frontiers Of Architecture And Civil Engineering In China**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.204-210, abr. 2009.

YINGLI, Yu. Research on Higher Tourism Vocational Education and Management Based on the Factor Analysis. **Research Journal Of Applied Sciences**, [S.l.], v. 5, n. 24, p.5542-5549, nov. 2012.

ZEHRER, Anita; MÖSSENLECHNER, Claudia. Industry Relations and Curricula Design in Austrian Tourism Master Programs: A Comparative Analysis. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.73-95, out. 2008.

ZHANG, Lili et al. An Exploratory Study of the Internationalization of Tourism Higher Education in China. **Journal Of Human Resources In Hospitality & Tourism**, [s.l.], v. 9, n. 1, p.33-46, dez. 2009.

ZHANG, Wen; FAN, Xixia. Tourism Higher Education in China. **Journal Of Teaching In Travel & Tourism**, [s.l.], v. 5, n. 1-2, p.117-135, jun. 2005.

ZHAO, Jin-lin. A current look at hospitality and tourism education in China's colleges and universities. **Ht. J. Hospitality Management**, [S.l.], v. 10, n. 4, p.357-367, out. 1991.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE – MESTRADO E DOUTORADO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Projeto de pesquisa: Releitura de práticas docentes na formação superior em Turismo na perspectiva de relações entre o universo histórico-conceitual do Turismo e a Interdisciplinaridade

Eu, _____ fui convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa supracitada, realizada pela doutoranda Marcela Ferreira Marinho, sob orientação da Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos.

Fui esclarecido de que a pesquisa pretende construir subsídios de cunho epistemológico-pedagógico envolvendo o complexo universo histórico-conceitual do turismo, no sentido de favorecer o repensar da prática pedagógica de/por docentes de outras áreas atuando em cursos de graduação em Turismo.

Além disso, fui informado(a) de que minha colaboração na pesquisa não resultará em qualquer remuneração ou benefício pessoal de qualquer outra ordem e de que os resultados dela advindos poderão propiciar o desenvolvimento científico na área, principalmente por meio de publicações em textos acadêmicos (periódicos científicos, congressos e eventos similares). Nenhum outro dado obtido deste estudo, além dos acima citados, será publicado sem minha prévia autorização. Nesse processo, fica garantido sigilo absoluto de dados que possam identificar a mim e aos demais participantes.

O procedimento de investigação que envolve minha participação consiste na participação em uma oficina caracterizada como um espaço para oferecer a professores com outras áreas de formação atuantes nos cursos de graduação em Turismo, a oportunidade da vivência de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por um modelo pedagógico relacional, na qual se busca favorecer a apropriação do universo histórico-conceitual do turismo

associada a reflexões sobre conceitos de interdisciplinaridade e suas práticas correspondentes. Na confluência dessas variáveis, reside a hipótese de que a oficina poderá contribuir para o repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface, disso derivando, via processo metacognitivo, releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos.

A oficina desenvolver-se-á em três sessões (de forma coletiva), cada uma com a duração de duas horas.

Tenho ciência de que são mínimos os riscos de minha participação, como, por exemplo, eventuais desconfortos derivados das atividades previstas, podendo, contudo, optar por interrompê-la a qualquer tempo, se assim o desejar.

Fui informado(a), igualmente, de que as sessões serão gravadas e transcritas e que, após a utilização dos dados para o estudo, as gravações serão destruídas.

Por fim, tenho clareza de que poderei, se assim o quiser, ter acesso aos resultados da pesquisa, e de que, em caso de dúvidas, poderei, a qualquer momento, consultar a pesquisadora ou a professora orientadora, cujos dados para contato encontram-se neste Termo.

Declaro que o presente Termo foi lido por mim na sua totalidade, que estou suficientemente esclarecido(a) a respeito da pesquisa, e que não fui forçado(a) ou constrangido(a) a assiná-lo.

Local Data

Pesquisadora: Doutoranda Marcela Ferreira Marinho
Universidade de Caxias do Sul – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado
R. Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bloco F – 3º andar
95070-560 – Caxias do Sul/RS
Fone: (54) 3218 2621

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado
R. Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bloco F – 3º andar
95070-560 – Caxias do Sul/RS
Fone: (54) 3218 2621

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE – MESTRADO E DOUTORADO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Projeto de pesquisa: Releitura de práticas docentes na formação superior em Turismo na perspectiva de relações entre o universo histórico-conceitual do Turismo e a Interdisciplinaridade

Eu, _____ fui convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa supracitada, realizada pela doutoranda Marcela Ferreira Marinho, sob orientação da Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos.

Fui esclarecido de que a pesquisa pretende construir subsídios de cunho epistemológico-pedagógico envolvendo o complexo universo histórico-conceitual do turismo, no sentido de favorecer o repensar da prática pedagógica de/por docentes de outras áreas atuando em cursos de graduação em Turismo.

Além disso, fui informado(a) de que minha colaboração na pesquisa não resultará em qualquer remuneração ou benefício pessoal de qualquer outra ordem e de que os resultados dela advindos poderão propiciar o desenvolvimento científico na área, principalmente por meio de publicações em textos acadêmicos (periódicos científicos, congressos e eventos similares). Nenhum outro dado obtido deste estudo, além dos acima citados, será publicado sem minha prévia autorização. Nesse processo, fica garantido sigilo absoluto de dados que possam identificar a mim e aos demais participantes.

O procedimento de investigação que envolve minha participação consiste na participação em uma oficina caracterizada como um espaço para oferecer a professores com outras áreas de formação atuantes nos cursos de graduação em Turismo, a oportunidade da vivência de uma dinâmica pedagógica balizada por uma abordagem epistemológica contemporânea e por um modelo pedagógico relacional, na qual se busca favorecer a apropriação do universo histórico-conceitual do turismo associada a reflexões sobre conceitos de interdisciplinaridade e suas práticas correspondentes. Na confluência dessas variáveis, reside a hipótese de que a oficina

poderá contribuir para o repensar de relações interdisciplinares entre Turismo e outras áreas de conhecimento que com ele estabelecem interface, disso derivando, via processo metacognitivo, releituras de práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos.

A oficina desenvolver-se-á em cinco sessões (de forma coletiva e individual), cada uma com a duração de duas horas.

Tenho ciência de que são mínimos os riscos de minha participação, como, por exemplo, eventuais desconfortos derivados das atividades previstas, podendo, contudo, optar por interrompê-la a qualquer tempo, se assim o desejar.

Fui informado(a), igualmente, de que as sessões serão gravadas e transcritas e que, após a utilização dos dados para o estudo, as gravações serão destruídas.

Por fim, tenho clareza de que poderei, se assim o quiser, ter acesso aos resultados da pesquisa, e de que, em caso de dúvidas, poderei, a qualquer momento, consultar a pesquisadora ou a professora orientadora, cujos dados para contato encontram-se neste Termo.

Declaro que o presente Termo foi lido por mim na sua totalidade, que estou suficientemente esclarecido(a) a respeito da pesquisa, e que não fui forçado(a) ou constrangido(a) a assiná-lo.

Local Data

Pesquisadora: Doutoranda Marcela Ferreira Marinho
Universidade de Caxias do Sul – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado
R. Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bloco F – 3º andar
95070-560 – Caxias do Sul/RS
Fone: (54) 3218 2621

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado
R. Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bloco F – 3º andar
95070-560 – Caxias do Sul/RS
Fone: (54) 3218 2621

APÊNDICE F – PLANO DE ESTUDOS: OFICINA PILOTO – PORTO/PT

PLANO DE ESTUDOS
Professora: Mestra Marcela Ferreira Marinho Tema: Oficina a professores de curso de Turismo: promoção de releituras de relações interdisciplinares envolvendo Turismo e outras áreas do conhecimento, para o repensar de práticas pedagógicas cotidianas. Ementa: Caracterização panorâmica e análise de aspectos histórico-conceituais do turismo, de interdisciplinaridade e de paradigmas epistemológicos, assim como da respectiva relação com a prática pedagógica. Releitura de práticas pedagógicas desenvolvidas por docentes que atuam no curso de graduação em Turismo consideradas as dimensões interdisciplinar, epistemológica e pedagógica. Objetivo A oficina tem como objetivo contribuir para que o docente participante da oficina possa desencadear o repensar das respectivas práticas pedagógicas, a partir do aprofundamento de reflexões teórico-práticas sobre os universos histórico e conceitual do Turismo, de interdisciplinaridade e de ciência, situando as respectivas áreas de conhecimento e de atuação em relação ao Turismo. Focos temáticos 1. Turismo e Interdisciplinaridade: dimensão histórico-conceitual e epistemológica 2. Hospitalidade científica: Relações entre Turismo e áreas de conhecimento na prática pedagógica Metodologia A oficina piloto desenvolver-se-á por meio dos processos de construção de conhecimento pelos docentes. Partindo de reflexões conjuntas sobre o que entendem por Turismo, por interdisciplinaridade e paradigmas científicos, as observações e análises dos professores serão conduzidas, a partir da problematizações, a cenários relacionais teórico-práticos – disso decorrendo, por processo de metacognição, reflexões sobre os fazeres nas disciplinas do curso de Turismo, tendo presentes as dimensões interdisciplinar, epistemológica e pedagógica. Sínteses orais e escritas poderão ser solicitadas, assim como outros recursos avaliativos, tendo sempre presente os objetivos traçados. Como recurso didático será utilizado um case na área de Arquitetura. Avaliação formativa (processual)

- Objeto: Sinalizadores de releitura da prática docente
- *Procedimento*: Elaboração, individual e coletiva, de sínteses discursivas e gráficas construídas oralmente com a turma sobre os conceitos abordados e suas relações com a prática pedagógica.
- *Critério de avaliação*: Aproximações aos objetivos traçados de manifestações verbais no decurso da oficina e das sínteses parciais e final elaboradas.
- *Instrumentos de Avaliação*: Mapas conceituais e memoriais.

Bibliografia

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. 24^a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo**: Teoria e epistemologia. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 2011.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de filosofia da educação**. 3.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceito e distinções. Porto Alegre: Pyr Edições, 2005. 139 p

TRIGO, Luiz Gonzaga G. **A sociedade Pós-industrial e o profissional em Turismo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

**ANEXO A – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM TURISMO**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

RESOLUÇÃO Nº 13, DE 24 DE NOVEMBRO DE 2006 ^(*)

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências.

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no art. 9º, § 2º, alínea “c”, da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, tendo em vista as diretrizes e os princípios fixados pelos Pareceres CNE/CES nºs 776, de 3/12/97, e 583, de 4/4/2001, e as Diretrizes Curriculares Nacionais elaboradas pela Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo – CEETur/DEPES, propostas ao CNE pela SESu/MEC, considerando o que consta dos Pareceres CNE/CES nºs 67, de 11/3/2003, 288, de 6/11/2003, e 210, de 8/7/2004, homologados pelo Senhor Ministro de Estado da Educação, respectivamente, em 2/6/2003, em 12/4/2004, e em 23/9/2004.

RESOLVE:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo, Bacharelado, a serem observadas pelas Instituições de Educação Superior em sua organização curricular.

Art. 2º A organização do curso de que trata esta Resolução se expressa através do seu Projeto Pedagógico, abrangendo o perfil do formando, as competências e habilidades, os componentes curriculares, o estágio curricular supervisionado, as atividades complementares, o sistema de avaliação, a monografia, o projeto de iniciação científica ou o projeto de atividade como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, componente opcional da IES, além do regime acadêmico de oferta e de outros aspectos que tornem consistente o referido projeto pedagógico.

§ 1º O projeto pedagógico do curso, além da clara concepção do curso de graduação em Turismo, com suas peculiaridades, seu currículo pleno e sua operacionalização, abrangerá, sem prejuízo de outros, os seguintes elementos estruturais:

- I - objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções-institucional, política, geográfica e social;
- II - condições objetivas de oferta e a vocação do curso;
- III - cargas horárias das atividades didáticas e da integralização do curso;
- IV - formas de realização da interdisciplinaridade;
- V - modos de integração entre teoria e prática;
- VI - formas de avaliação do ensino e da aprendizagem;
- VII - modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver;
- VIII - incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica;
- IX - concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado, suas diferentes formas e condições de realização, observado o respectivo regulamento;
- X - concepção e composição das atividades complementares.

§ 2º O Projeto Pedagógico do curso de graduação em Turismo poderá admitir Linhas de Formação Específicas, direcionadas para diferentes áreas ocupacionais relacionadas com o turismo, abrangendo os segmentos ecológicos e ambientais, econômicos, culturais, de lazer, de intercâmbio de negócios e promoção de eventos e serviços, para melhor atender as necessidades do perfil profissiográfico que o mercado ou a região exigirem.

§ 3º Com base no princípio de educação continuada, as IES poderão incluir no Projeto Pedagógico do curso o oferecimento de cursos de pós-graduação *lato sensu*, nas respectivas modalidades, de acordo com as efetivas demandas do desempenho profissional.

Art. 3º O curso de graduação em Turismo deve ensejar, como perfil desejado do graduando, capacitado e aptidão para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação profissional.

Art. 4º O curso de graduação em Turismo deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

- I - compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;
- II - utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
- III - positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;
- IV - domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;
- V - domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;

- VI - adequada aplicação da legislação pertinente;
- VII - planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
- VIII - intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
- IX - classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;
- X - domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;
- XI - domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
- XII - comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;
- XIII - utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;
- XIV - domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;
- XV - habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;
- XVI - integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- XVII - compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;
- XVIII - profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico; XIX - conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética.

Art. 5º Os cursos de graduação em Turismo deverão contemplar, em seu Projeto Pedagógico e em sua organização curricular, os seguintes campos interligados de formação:

- I - Conteúdos Básicos: estudos relacionados com os aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, filosóficos, geográficos, culturais e artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas;

II - Conteúdos Específicos: estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do turismo com a administração, o direito, a economia, a estatística e a contabilidade, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira;

III - Conteúdos Teórico-Práticos: estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios.

Art. 6º A organização curricular do curso de graduação em Turismo estabelecerá expressamente as condições para a sua efetiva conclusão e integralização curricular, de acordo com os seguintes regimes acadêmicos que as Instituições de Educação Superior adotarem: regime seriado anual; regime seriado semestral; sistema de créditos com matrícula por disciplina ou por módulos acadêmicos, com a adoção de pré-requisitos, atendido o disposto nesta Resolução.

Art. 7º O Estágio Curricular Supervisionado é um componente curricular obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do formando, devendo cada Instituição, por seus colegiados superiores acadêmicos, aprovar o respectivo regulamento de estágio, com suas diferentes modalidades de operacionalização.

§ 1º O estágio de que trata este artigo poderá ser realizado na própria IES, mediante laboratórios especializados, sem prejuízo das atividades de campo, nos diversos espaços onde possam ser inventariados e coligidos traços significativos do acervo turístico, segundo as diferentes áreas ocupacionais de que trata o § 2º do art. 2º desta Resolução, abrangendo as diversas ações teórico-práticas, desde que sejam estruturadas e operacionalizadas, de acordo com a regulamentação própria prevista no *caput* deste artigo.

§ 2º As atividades de estágio poderão ser reprogramadas e reorientadas de acordo com os resultados teórico-práticos gradualmente revelados pelo aluno, até que os responsáveis pelo estágio curricular possam considerá-lo concluído, resguardando, como padrão de qualidade, os domínios indispensáveis ao exercício da profissão.

Art. 8º As Atividades Complementares são componentes curriculares que possibilitam o reconhecimento, por avaliação, de habilidades, conhecimentos e competências do aluno, inclusive adquiridas fora do ambiente acadêmico, abrangendo a prática de estudos e atividades independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, especialmente nas relações com o mundo do trabalho, com as peculiaridades das diversas áreas ocupacionais que integram os segmentos do mercado do turismo, bem assim com as ações culturais de extensão junto à comunidade.

Parágrafo único. As Atividades Complementares se constituem componentes curriculares enriquecedores e implementadores do próprio perfil do formando, sem que se confundam com estágio curricular supervisionado.

Art. 9º O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é um componente curricular opcional da Instituição que, se o adotar, poderá ser desenvolvido nas modalidades de monografia, projeto de iniciação científica ou projetos de atividades centrados em

áreas teórico-práticas e de formação profissional relacionadas com o curso, na forma disposta em regulamento próprio.

Parágrafo único. Optando a Instituição por incluir, no currículo do curso de graduação em Turismo, Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, nas modalidades referidas no *caput* deste artigo, deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, além das diretrizes técnicas relacionadas com a sua elaboração.

Art. 10. As Instituições de Educação Superior deverão adotar formas específicas e alternativas de avaliação, internas e externas, sistemáticas, envolvendo todos quantos se contenham no processo do curso, observados os aspectos considerados fundamentais para a identificação do perfil do formando.

Parágrafo único. Os planos de ensino, a serem fornecidos aos alunos antes do início do período letivo, deverão conter, além dos conteúdos e das atividades, a metodologia do processo de ensino-aprendizagem, os critérios de avaliação a que serão submetidos e a bibliografia básica.

Art. 11. A carga horária dos cursos de graduação será estabelecida em Resolução específica da Câmara de Educação Superior.

Art. 12. As Diretrizes Curriculares Nacionais desta Resolução deverão ser implantadas pelas Instituições de Educação Superior, obrigatoriamente, no prazo máximo de dois anos, aos alunos ingressantes, a partir da publicação desta.

Parágrafo único. As IES poderão optar pela aplicação das DCN aos demais alunos do período ou ano subsequente à publicação desta.

Art. 12. Tratando-se de curso de graduação, licenciatura plena, destinada à formação de professores para atuação na educação básica, os projetos pedagógicos observarão as Diretrizes Curriculares Nacionais próprias.

Art. 13. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se a Resolução s/nº, de 28 de janeiro de 1971.

ANTÔNIO CARLOS CARUSO RONCA
Presidente da Câmara de Educação Superior